

**MICHEL GOMES DO CARMO**

**IMPrensa E REPRESENTAÇÕES: Imagens de crianças e mulheres  
no contexto da Guerra do Paraguai (1864 - 1870)**

**Dourados – MS**  
2020

**MICHEL GOMES DO CARMO**

**IMPrensa E REPRESENTAÇÕES: Imagens de crianças e mulheres  
no contexto da Guerra do Paraguai (1864 - 1870)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em História.

Área de concentração: Sociedade, Política e Representações.

Orientadora: Profª Drª Adriana Aparecida Pinto

**Dourados – MS**

2020

**MICHEL GOMES DO CARMO**

**IMPrensa E REPRESENTAÇÕES: Imagens de crianças e  
mulheres no contexto da Guerra do Paraguai (1864 - 1870)**

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH/UFGD

**Aprovada** em 18 de dezembro de 2020.

BANCA EXAMINADORA:

Presidente e orientador:

Adriana Aparecida Pinto (Dr. UFGD) \_\_\_\_\_

2º Examinador:

Anibal Herib Cabalero Campos (Dr. UNA) \_\_\_\_\_

3º Examinador:

Leandro Baller (Dr. UFGD) \_\_\_\_\_

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C287i Carmo, Michel Gomes Do

IMPrensa E REPRESENTAÇÕES: Imagens de crianças e mulheres no contexto da Guerra do Paraguai (1864 - 1870) [recurso eletrônico] / Michel Gomes Do Carmo. -- 2021.

Arquivo em formato pdf.

Orientador: Adriana Aparecida Pinto.

Dissertação (Mestrado em História)-Universidade Federal da Grande Dourados, 2020.

Disponível no Repositório Institucional da UFGD em:

<https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio>

1. Guerra, Paraguai. 2. Mulheres, Crianças. 3. Imprensa. 4. imagens. I. Pinto, Adriana Aparecida. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.

## AGRADECIMENTOS

Tendo a oportunidade de fazê-los, não poderia de deixar de agradecer primeiramente aos meus pais, por sempre me incentivarem e nunca medirem esforços para me apoiar nos estudos, reconhecendo assim, a importância do conhecimento como condição transformadora da realidade.

A minha esposa e amiga Aldinéia Silva Sant'Ana, que esteve comigo em todo o caminho e foi fundamental para que eu chegasse até aqui, devo agradecer a ela também todos os esforços feitos em meu favor quando precisei estar envolvido com a pesquisa. A ela devo agradecer também por ouvir desabafos, vivenciar comigo momentos de frustração e além de muitas histórias de guerra.

A minha filha Helena Silva do Carmo, obrigado por, mesmo sem saber, aceitar meus momentos de ausência nesta fase da sua vida.

A minha orientadora professora Dr<sup>a</sup>. Adriana Aparecida Pinto, quem sempre esteve atenta ao meu trabalho e soube como ninguém me orientar desde o começo, a ela também devo agradecer, pela força e incentivos ao longo do processo de pós-graduação, bem como todas as contribuições e ensinamentos que me foram transmitidos.

Aos professores do PPGH/UFGD Eudes Fernando Leite, Fernando Perli, Linderval Augusto Monteiro, Fabiano Coelho, Nauk Maria de Jesus, João Carlos de Souza e especialmente o professor Paulo Roberto Cimó Queiroz, por praticamente “plantar” a ideia inicial desta dissertação de mestrado em minha mente.

Aos membros da banca de qualificação Dr. Herib Cabalero Campos e o Dr. Leandro Baller, bem como minha orientadora professora Adriana já mencionada.

Seria bem improvável conseguir lembrar de todos os envolvidos neste trabalho, mas além dos mencionados meus agradecimentos se estendem para todos que colaboraram direta ou indiretamente, desde os intelectuais das Universidades aos atendentes dos arquivos por onde pesquisei, aos tantos que nem saberia dizer o nome que encontrei em eventos e conversamos sobre o Paraguai e sua história.

A todos, muito obrigado por tudo!

*“O homem não é nada além daquilo que a educação faz dele”*

(Immanuel Kant)

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1.</b> Fontes primárias: as imagens de crianças entre 1861 e 1870 .....	87
<b>Quadro 2.</b> Fontes primárias: as imagens de mulheres entre os anos de 1864-1878 .....	127

## LISTA DE IMAGENS

<b>Imagem 1.</b> Américo, Pedro: A Batalha de Campo Grande .....	46
<b>Imagem 2.</b> A Reprodução. Batalha de Avahy .....	47
<b>Imagem 3.</b> Primeira edição do <i>Cabichuí</i> .....	70
<b>Imagem 4.</b> Primeira página da primeira edição do <i>El Centinela</i> .....	72
<b>Imagem 5.</b> Capa do <i>Cabrião</i> N° .....	79
<b>Imagem 6.</b> Capa <i>A Vida Fluminense</i> N° .....	81
<b>Imagem 7.</b> Capa da primeira edição do <i>Semana Illustrada</i> .....	83
<b>Imagem 8.</b> Capa da primeira edição do <i>Paraguay Illustrado</i> .....	85
<b>Imagem 9.</b> O Progresso Infantil.....	89
<b>Imagem 10.</b> Dr Semana conversa sobre o recrutamento com o “Moleque” .....	93
<b>Imagem 11.</b> Para provar o patriotismo paraguaio .....	96
<b>Imagem 12.</b> Corpo Provisório de São Paulo .....	99
<b>Imagem 13.</b> Amostra dos Últimos defensores da Pátria .....	101
<b>Imagem 14.</b> Tumulto em Jundiah.....	103
<b>Imagem 15.</b> Crianças paraguaias sendo advertidas .....	105
<b>Imagem 16.</b> O negócio do Pacote inglês La Plata .....	107
<b>Imagem 17.</b> Criança paraguaia prisioneira das tropas aliadas .....	110
<b>Imagem 18.</b> Crianças tem seus bens atirados ao mar .....	113
<b>Imagem 19.</b> Mulher se despede do companheiro que foge para a mata .....	128
<b>Imagem 20.</b> A astúcia infantil frente aos assuntos proibidos .....	130
<b>Imagem 21.</b> Noções de recrutamento feminino .....	133
<b>Imagem 22.</b> O Herodes de nosso tempo .....	137
<b>Imagem 23.</b> Doação das joias .....	140

<b>Imagem 24.</b> Mulher entrega arma para crianças .....	142
<b>Imagem 25.</b> Mulheres paraguaias solicitam armas .....	144
<b>Imagem 26.</b> Mulheres paraguaias seguem a marcha do exército .....	145
<b>Imagem 27.</b> Mulheres e crianças comemoram o aniversário de Francisco Solano López .....	148
<b>Imagem 28.</b> Mulheres paraguaias no acampamento brasileiro .....	150
<b>Imagem 29.</b> Atual posição de Solano López .....	154



## RESUMO

Esta dissertação de mestrado objetiva apresentar maneiras de como crianças e mulheres do Brasil e Paraguai foram representadas na imprensa periódica desses países durante a Guerra do Paraguai (1864-1870). Para isso tomamos como fonte histórica textos imagéticos contido nos periódicos brasileiros: *A Vida Fluminense* (1868-1875), *Semana Illustrada* (1860-1875), *Cabrião* (1866-1867) e *Paraguay Illustrado* (1865) e os de origem paraguaia: *El Centinela* (1867-1868), *Cabichuí* (1867-1868), as imagens contidas nesses materiais representam por vezes, crianças e mulheres em situações quotidianas daquele período, além disso, os textos imagéticos possuem muita eficácia na transmissão de ideias, com isso os autores por vezes criticaram um sistema de guerra vigente à época que incluía crianças em seus batalhões. Destarte buscou-se compreender aspectos do Paraguai por meio de uma historiografia com versões que remetem ao contexto de guerra e parte do desenvolvimento do processo que culminou no evento. Adiante, um estudo sobre o conceito de *Infância* ao longo dos séculos e como a percepção adulta sobre a criança é flexível e sofre modificações ao longo do tempo de acordo com as sociedades, o estudo também abarca parte do envolvimento infantil paraguaio na contenda e suas proporções. Apoiados pela perspectiva teórica da História Cultural, desenvolvemos o procedimento metodológico a partir da criação um acervo digital contendo as imagens selecionadas, em seguida, procedeu-se com análises conotativas e denotativas, de forma a perceber quais os assuntos estavam relacionados às crianças e mulheres entre 1864 e 1870, as crianças foram vistas exercendo atividades como negociações, tentativas de inserção em outros grupos, brincadeiras e inclusive na condição de soldados, já a figura feminina surge por vezes suprimindo a ausência dos homens que foram para a guerra ou para longe dela, outrora como voluntárias e involuntárias, participam da guerra de forma indireta segundo os autores dos periódicos.

## SUMMARY

This master's dissertation aims to present ways in which children and women from Brazil and Paraguay were represented in the periodic press of these countries during the Paraguayan War (1864-1870). For this we take as historical source imagery texts contained in Brazilian periodicals: *A Vida Fluminense* (1868-1875), *Semana Illustrada* (1860-1875), *Cabrião* (1866-1867) and *Paraguay Illustrado* (1865) and those of paraguayan origin: *El Centinela* (1867-1868), *Cabichuí* (1867-1868), the images contained in these materials sometimes represent children and women in everyday situations of that period, in addition, imagery texts are very effective in transmitting ideas, with this the authors sometimes criticized a war system in force at the time that included children in their battalions. Thus, we sought to understand aspects of Paraguay through a historiography with versions that be related to the context of war and part of the development of the process that culminated in the event. Furthermore, a study on the concept of Childhood over the centuries and how adult perception of the child is flexible and changes over time according to societies, the study also encompasses part of paraguayan child involvement in contention and its proportions. Supported by the theoretical perspective of Cultural History, we developed the methodological procedure from the creation of a digital collection containing the selected images, then proceeded with connotative and denotative analyses, in order to understand which subjects were related to children and women between 1864 and 1870, the children were seen performing activities such as negotiations, attempts to insert into other groups, playing games and even as soldiers, the female figure sometimes appears to supply the absence of men who went to war or away from it, once as voluntary and involuntary, participate in the war indirectly according to the authors of the journals.

## RESUMEN

Esta disertación de maestría tiene como objetivo presentar las formas en que niños y mujeres de Brasil y Paraguay estuvieron representados en la prensa periódica de estos países durante la Guerra del Paraguay (1864-1870). Para ello, tomamos como fuente histórica textos imaginarios contenidos en revistas brasileñas: *A Vida Fluminense* (1868-1875), *Semana Ilustrada* (1860-1875), *Cabrião* (1866-1867) y *Paraguay Ilustrado* (1865) y los de origen paraguayo: *El Centinela*. (1867-1868), *Cabichuí* (1867-1868), las imágenes contenidas en estos materiales representan en ocasiones a niños y mujeres en situaciones cotidianas de esa época, además, los textos imaginarios son muy efectivos en la transmisión de ideas, con lo que los autores por en ocasiones criticaron un sistema de guerra vigente en ese momento que incluía niños en sus batallones. Así, buscamos comprender aspectos de Paraguay a través de una historiografía con versiones que hacen referencia al contexto de la guerra y parte del desarrollo del proceso que culminó en el evento. A continuación, un estudio sobre el concepto de infancia a lo largo de los siglos y cómo la percepción de los adultos sobre los niños es flexible y cambia con el tiempo según las sociedades, el estudio también cubre parte de la participación de los niños paraguayos en la contienda y sus proporciones. . Apoyados en la perspectiva teórica de la Historia Cultural, desarrollamos el procedimiento metodológico a partir de la creación de una colección digital que contenga las imágenes seleccionadas, luego se procedió a análisis connotativos y denotativos, con el fin de comprender qué temas estaban relacionados con la niñez y la mujer entre En 1864 y 1870 se veía a los niños realizando actividades como negociaciones, intentos de inserción en otros grupos, juegos e incluso como soldados, ya que la figura femenina a veces parece suplir la ausencia de hombres que iban a la guerra o se alejaban de ella. anteriormente como voluntarios e involuntarios, participan en la guerra de manera indirecta según los autores de las revistas.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	13
CAPÍTULO 1.....	20
A HISTORIOGRAFIA DO/SOBRE O PARAGUAI: CONTEXTOS E ABORDAGENS. ....	20
1.1.    Glórias ou decepções: dois passados e versões em disputa.....	20
1.2 A busca pelo culpado: a superada teoria imperialista .....	30
CAPÍTULO 2.....	41
INFÂNCIA E IMPRENSA ATÉ O PERÍODO ENTRE GUERRA .....	41
2.1 A construção histórica da infância .....	51
2.2 Infância, imagem e imprensa: possibilidades de investigação.....	62
CAPÍTULO 3.....	87
CRIANÇAS NA IMPRENSA: UM ESTUDO SOBRE AS REPRESENTAÇÕES DA INFÂNCIA ENTRE 1861 A 1870.....	87
3.1 Aspectos da história da educação e civismo da infância paraguaia .....	115
CAPÍTULO 4.....	121
MULHERES NA HISTORIOGRAFIA SOBRE DA GUERRA DO PARAGUAI	121
4.1 Mulheres na imprensa periódica: estudo histórico sobre a presença de mulheres no contexto da Guerra do Paraguai (1864-1870).....	127
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	156
REFERÊNCIAS.....	161

## INTRODUÇÃO

Iniciei a graduação em 2010, cursando História na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Nova Andradina. À época ocupava o cargo de músico auxiliar de maestro na Banda Marcial na prefeitura de Batayporã, onde tive as primeiras experiências com o ato de ensinar, ministrando aulas de instrumentos de sopro.

Já nos anos finais da faculdade ainda não havia elaborado uma ideia para o Trabalho de Conclusão de Curso, e durante as aulas de Projeto de TCC me propus a estudar questões ligadas à musicalidade indígena, relacionando essa questão com algum momento histórico. Também pensava ser importante refletir sobre a Lei 11.769 de 18 de agosto de 2008, que tornou obrigatório o ensino de música nas escolas de educação básica.

Naquela ocasião comecei a desenvolver a ideia de que, uma vez que o ensino de música passou a ser obrigatório nas escolas da rede pública, seria pertinente ensinar música tomando como base referencial a musicalidade indígena particular de Mato Grosso do Sul, em especial, a música dos índios Ofayé, residentes da região conhecida como Vale do Ivinhema. No entanto, o curso de História que frequentei foi marcado por grandes tensões que polarizaram o pequeno quadro de professores que atuavam naquela instituição, levando ao desligamento do meu orientador.

Nestas circunstâncias, passei a pensar em outras propostas de trabalho para o TCC, mas a ideia da prática histórica de ensinar, educar crianças como que semeando para uma colheita futura, não saía de minha cabeça, talvez por estar em constante contato com crianças em meu trabalho na prefeitura de Batayporã. Mediante isso passei a pesquisar o tema na internet, e encontrei uma animação com o seguinte título: *Education for Death*<sup>1</sup> de 1943. Essa animação mostra de maneira sarcástica, jocosa e animada, como se davam algumas questões ligadas à ideologia do Estado Nazista na Alemanha, mostrando como os indivíduos passavam a pertencer ao *III Reich* desde pequenos, integrando-se por meio de diversas estratégias educativas.

Aprofundi as pesquisas sobre a educação de crianças na Juventude Hitlerista, movimento nazista destinado às crianças alemãs, e como Adolf Hitler conseguira convencer toda uma massa com sua ideologia expressa em seus discursos e grandes espetáculos de oratória. Então, ao conhecer o novo professor do curso, Dr. Eduardo

---

<sup>1</sup> No Brasil: Aprendizado para a Morte é um curta metragem de animação produzido pelos Estúdios Disney e originalmente lançado em 15 de janeiro de 1943 pela RKO Pictures nos cinemas nos EUA. Dirigido pelo ítalo-americano Clyde Geronimi, é baseado no livro *Education for Death: The Making of the Nazi*, de Gregor Ziemer. Disponível online em: <https://www.youtube.com/watch?v=6vLrTNKk89Q>. Acesso em 10.out 2020

Martins apresentei minhas ideias iniciais para o TCC, ele prontamente se dispôs a me orientar nesse trabalho.

Instigado a pensar as questões educacionais, refletindo sobre a obra de Theodor Adorno (2011) *Educação e Emancipação* e tendo como fonte o *Mein Kampf* escrito por Adolf Hitler, foi possível compreender como a educação pode ser ferramenta de alienação e neste caso, sendo um interessante viés para entender como foi possível Hitler conseguir enviar crianças para seu exército nos anos finais da segunda Guerra Mundial.

Em meio aos estudos referentes a essa proposta, participei de um evento da ANPUH em Aquidauana, com uma apresentação de pôster sobre minha pesquisa a respeito das crianças nazistas. Nesta ocasião conheci o Prof. Dr. Paulo Roberto Cimó Queiroz, professor e pesquisador pela Universidade Federal da Grande Dourados, que demonstrou interesse sobre o tema e falou sobre a participação de crianças na Guerra do Paraguai, e os relatos em jornais da época.

De volta ao preparo do TCC comentei com meu orientador sobre os comentários feitos sobre minha pesquisa, e a possibilidade de continuar este tema na Pós-graduação.

Tendo concluído a graduação em 2014 UFMS continuei com o ensino de música na prefeitura, e também me dediquei à escrita de um projeto para o ingresso no mestrado. No ano de 2016 tive a oportunidade de cursar uma das disciplinas do curso de Pós-graduação em História, na UFGD como aluno especial, em “Tópicos Especiais de Fronteiras Identidades e Representações: Imprensa e Fontes Imagéticas”, turma do professor Dr. João Carlos.

A experiência como aluno especial também foi válida para compreender o ritmo de um curso de pós-graduação, visto que durante a graduação a dedicação aos estudos não foi uma prática cotidiana, sendo que, por vezes fomos às ruas fazer manifestações, uma experiência de militância pela universidade pública.

Apesar disto, o professor Dr. João Carlos soube guiar-me na disciplina, e propôs um estudo por meio de fontes imagéticas, como um trabalho avaliativo baseado em uma dissertação de mestrado construída a partir de imagens da Guerra do Paraguai, retiradas de periódicos brasileiros do século XIX, nesta ocasião tive contato com as primeiras imagens dos periódicos brasileiros.

Depois de meses preparando um projeto, e participando do processo seletivo ingressei em 2018 o Programa de Pós-graduação em História da UFGD, tendo como orientadora a professora Dr<sup>a</sup>. Adriana Aparecida Pinto, com o projeto de pesquisa

intitulado: *As crianças da Guerra do Paraguai e suas representações na imprensa e iconografia brasileira nos anos de 1865 a 1870*.

Nos primeiros dois semestres identificamos que o tema sobre o qual versam estes estudos tem atraído interesse dos historiadores e ampliado o campo de estudos da história da educação. Assim, este trabalho apresenta elementos que possibilitam a investigação de formas de representação da infância, especificamente aquelas relacionadas às crianças que estavam envolvidas no contexto da Guerra do Paraguai, ocorrida entre 1864 a 1870. O estudo se desenvolveu tendo como fontes os impressos de natureza periódica produzidos pela imprensa do Brasil e Paraguai, simultaneamente ao conflito entre os países, sendo uma pesquisa bibliográfico-documental<sup>2</sup>.

Após as primeiras orientações com a Prof.<sup>a</sup> Adriana, pude participar de um evento que aconteceria em Assunção, capital do Paraguai, cujo texto faz parte deste trabalho. A viagem a Assunção proporcionou, além do contato direto com historiadores e pesquisadores do tema que estão do outro lado da fronteira, a possibilidade de realizar algumas pesquisas no vasto acervo do *Archivo Nacional de Asunción* (ANA). Nesta oportunidade, juntamente com minha orientadora, realizei uma busca pelos catálogos, para coletar todas as localizações dos arquivos, experiência que serviu para esclarecer a forma como são feitas as solicitações oficiais, tarefas que são próprias do ofício do historiador.

Em uma segunda visita a Assunção, realizei a digitalização dos documentos pertinentes ao trabalho, além de pesquisar os arquivos da *Biblioteca Nacional de Asunción* (BNA) e conseguir cópias dos periódicos *El Centinela* e *Cabichuí*, encontrei outros títulos de várias épocas do Paraguai. Infelizmente não foi possível manusear as versões originais dos periódicos, pois, estes materiais já não podem ser apresentados ao público devido a precariedade de seu estado de conservação, considerando seus aproximadamente cem anos.

A partir da seleção da documentação que seria objeto de exame, ou seja, as fontes históricas para este trabalho, consideramos pertinente como prática metodológica, construir um acervo digital sobre essas fontes coletadas, com a pretensão de organizá-las

---

<sup>2</sup> DE LUCA, Tania Regina. Fontes impressas. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla B. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005; PINTO, Adriana Aparecida. **Nas páginas da imprensa**: a instrução/educação nos jornais em Mato Grosso: 1880-1910. 249 p. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras. Campus de Araraquara, 2013; PINTO, Adriana Aparecida. **Imprensa e Ensino**: catálogo de fontes para o estudo da história da educação mato-grossense. Dourados: Editora UFGD, 2017.; PINTO, Adriana Aparecida. **Relatório de Estágio de Pós-Doutorado em História**. UNESP, Assis. 2018. (Mimeo).

de forma objetiva e de fácil acesso. Assim foi criado um banco de dados que contém a relação de periódicos brasileiros selecionados, a saber: *Cabrião* (1866-1867), *Semana Ilustrada* (1860-1875), *A Vida Fluminense* (1868-1874), *Paraguay Ilustrado* (1865) e outros periódicos de origem paraguaia, sendo o *El Centinela* (1867-1868) e o *Cabichuí* (1867-1868).

Vale lembrar que os periódicos *Vida Fluminense*, *Semana Ilustrada* e *Paraguay Ilustrado*, estão digitalizadas na BND (Biblioteca Nacional Digital) e prontas para análise a partir do site da hemeroteca.

Os títulos brasileiros foram mapeados em acervos digitais, porém um deles foi trabalhado por meio de uma versão impressa pela editora da UNESP, trata-se do *Cabrião*<sup>3</sup>.

Os de origem paraguaia puderam ser acessados através da Biblioteca Nacional de Assunção. Existem também outras possibilidades de fontes, segundo Seiferheld: No Paraguai, nesse sentido, a chamada imprensa de guerra – os periódicos *Cabichui*, *La Estrella*, *El Semanario de Avisos y Conocimientos Útiles*, *El Centinela* e *Cacique Lambaré*- tem sido objeto importantes estudos sobre as representações do inimigo nestes ditos periódicos. Outro tanto se pode dizer de estudos contemporâneos da imprensa regional do Brasil em tempos de guerra<sup>4</sup>.

Alguns desses periódicos se encontram disponíveis e também digitalizados no CDR (Centro de Documentação Regional) do campus da Universidade Federal da Grande Dourados, possibilitando assim um fácil acesso a algumas obras, sendo que alguns deles exibem também em suas páginas algumas ilustrações referentes ao confronto, é interessante a análise dessas fontes geradas pela imprensa paraguaia, pois mostram uma visão diferenciada do conflito, repletas de outras significações.

Dentre os títulos citados por Seiferheld, foram selecionados para análise o periódico paraguaio intitulado *Cabichuí* e o *El Centinella*, por conter imagens baseadas em suas visões sobre a desavença.

Em um momento posterior à pesquisa com os impressos brasileiros, foi realizada uma nova pesquisa na cidade de Assunção. A documentação levantada compõe outro

---

<sup>3</sup> CABRIÃO: **Semanário humorístico** editado por Ângelo Agostini, Américo de Campos e Antônio Manoel dos Reis: 1866- 1867/ Edição Fac-Similar. 2. Ed. rev. e ampl. – São Paulo: Editora UNESP: Imprensa Oficial do Estado, 2000.

<sup>4</sup> SEIFERHELD, V, David. In.. **Mas allá de La Guerra**: Aportes para el debate contemporâneo. Asunción, 2016. p. 95.



banco de dados, e trata em sua maior parte de documentação referente a questões educacionais, sendo que pode ser objeto de pesquisas futuras.

O marco histórico desta pesquisa é a batalha de *Acosta Ñu*, que aconteceu em 16 de agosto do ano de 1869<sup>5</sup>. Este episódio ficou conhecido pelo registro da presença de crianças na frente de combate, decorrente do elevado número de baixas em combates anteriores ocasionando grande diminuição do contingente militar.

Conforme um dos registros históricos sobre o período<sup>6</sup>, o exército paraguaio incorporou crianças através da redução da idade mínima para o alistamento militar, por meio de comunicados oficiais.

Nesse sentido observou-se elevado número de crianças nas batalhas subsequentes, na condição de soldados contra as tropas imperiais brasileiras, em uma das últimas batalhas importantes para o exército de Solano López<sup>7</sup>.

A questão que se busca esclarecer é saber se existiram materiais impressos entre 1864 e 1870 que buscavam induzir as crianças a se alistarem no Paraguai.

Como suporte teórico capaz de orientar o processo de pesquisa e análise das fontes relacionadas ao objeto nos apoiaremos inicialmente em Erwin Panofsky (1991), Peter Burke(2008) e Roland Barthes (2007). Para a análise e leitura crítica das imagens, os autores citados mostram em suas obras maneiras de como se faz a história por meio de fontes imagéticas; os autores explicam a diferença entre Iconologia e Iconografia, métodos aos quais iremos recorrer para a realização do trabalho proposto. Entendemos que podemos usar o que Panofsky chama de história dos tipos, que entendemos como sendo a possibilidade de suplementar e corrigir nosso conhecimento das fontes literárias, investigando o modo pelo qual, sob diferentes condições históricas, temas específicos ou conceitos eram expressos por objetos e fatos.<sup>8</sup>

De uma maneira minuciosa, olhar através da imagem permite-nos notar os motivos que levaram a produção daquelas figuras e em que momentos e contextos

---

<sup>5</sup> GUTIÉRREZ, Andrés C. *Acosta Ñu*. Le Lector. Asunción. 2013.; CHIAVENATTO, Julio José: **Genocídio Americano: A Guerra do Paraguai**. 6 ed. São Paulo: Brasiliense. 1979. DORATIOTO, Francisco. **Maldita Guerra**: nova história da guerra do Paraguai. SP. Editora: Cia das Letras, 2002. CASTRO, Adler, H.F. Os aprendizes menores do arsenal de Guerra. In: SQUINELO, Ana Paula. **150 anos após a guerra do Paraguai**: entreolhares do Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai. Campo Grande: Editora da UFMS, 2016. AGUIRRE, Andres. *Acosta Ñu*, epopeya de los siglos. Asunción: Patria, 1979. RODRIGUES, Marcelo S. Participação de jovens e crianças na Guerra do Paraguai (1864-1870). In: RISCAROLI, Eliseu (org.). **Epistemologia da infância**. Curitiba: Appris, 2017.

<sup>6</sup> GUTIÉRREZ, A. *Acosta Ñu*, 2013

<sup>7</sup> GUTIÉRREZ, A. *Acosta Ñu*, 2013

<sup>8</sup> PANOFSKY, Erwin. **Significado nas artes visuais**. Trad. Maria Clara F. Kneese e J. Guinsburg. 3.ed. São Paulo-SP: Perspectiva S.A, 1991, p. 61.

históricos elas foram produzidas e reproduzidas ou não para a massa, com determinada finalidade. É possível até mesmo, por esse viés complementar a historiografia com dados e/ou signos contidos nas imagens, que podem nos revelar objetos de reflexão relevantes para a melhor compreensão deste tema.

Vislumbramos a possibilidade de nos apoiarmos nas teorias de Barthes (2007), seguir seu caminho pela semiótica e desvendar possíveis códigos contidos nas imagens, usando seu processo de significação visual. Barthes (2007) dividiu o processo em duas partes, sendo uma denotativa, que seria a primeira análise, ou seja, uma visão superficial da imagem, o que de fato se vê na imagem, de maneira literal; e outra chamada de conotativa, que por sua vez trata de desvendar as mitologias ou segredos que na imagem se encontram<sup>9</sup>.

Nesta análise passamos a observar os traços, a composição de linhas, sombras, rabiscos e ausências desses elementos, que quando apresentados de maneira ordenada pelo artista, são associados como imagens sobre algo, pois expressam situações, momentos ou atos de maneira estática. Em outro tipo de análise se faz necessário considerar as entrelinhas da figura composta, entender os símbolos imaginados através dos riscos e sombras, como no exemplo de Panofsky (1991), em que há uma figura de um homem com a mão para cima e inclinado de frente para outra pessoa. Segundo o autor, este homem não estaria nesta posição por acaso, mas sim cumprimentando outra pessoa com cortesia.<sup>10</sup>

Para trabalharmos com a imprensa, temos como base inicial o texto de Tania de Luca que reforça as teorias a respeito da mídia escrita, os jornais e periódicos, e a sua correta utilização no processo de pesquisa histórica. A autora mostra que as fontes impressas podem nos revelar importantes dados acerca do passado. Entretanto devemos questionar coerentemente para obtermos respostas satisfatórias sobre o tema em estudo, a fim apreender as intenções dos que produziam jornais e suas ilustrações<sup>11</sup>.

Além das questões já indicadas, consideramos pertinente estudar aspectos da historiografia paraguaia, em especial os eventos relacionados à guerra, para entendermos as causas dos conflitos e do alistamento de crianças.

A guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai foi um dos conflitos mais marcantes da América do Sul, no qual o Brasil aliou-se ao Uruguai e Argentina formando

---

<sup>9</sup> BARTHES, Roland. **Elementos de semiologia**. 21. ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2007.

<sup>10</sup> PANOFSKY, E. **Significado nas artes visuais**. 1991, p. 61.

<sup>11</sup> LUCA, T. R. **Fontes impressas**, 2005.

a Tríplice Aliança. O episódio modificou várias das estratégias políticas e sociais na região da bacia cisplatina. Ao longo da guerra, que durou de 1864 a 1870, diversas batalhas foram travadas, sendo uma delas o objeto de estudo deste trabalho, a que acontece já no final da guerra e com registros de crianças atuando como soldados.

Baseado em fontes periódicas selecionadas conhecemos a representação da infância nas imagens dos periódicos da época, a fim de criar um diálogo entre tais imagens e a historiografia. O objetivo ao buscar as fontes históricas é entender qual foi o sentido de mostrar crianças em batalhas, e saber se a infância paraguaia já estava sendo preparada para um possível embate, muito antes do conflito do dia 16 de Agosto.

## CAPÍTULO 1

### A HISTORIOGRAFIA DO/SOBRE O PARAGUAI: CONTEXTOS E ABORDAGENS.

A revisão da literatura acadêmica, ainda que torne o texto previsível aos olhos do leitor especializado, funciona, para os estudiosos iniciantes no tema, como ponto de partida e apoio na observância do cenário pertinente aos interesses de pesquisa. Assim, face à condição de pesquisador inicial no tema relativo à História do Paraguai cujos interesses foram evidenciados na introdução desta dissertação, o presente capítulo busca recuperar, a partir do delineamento da pesquisa, aspectos históricos do principal evento bélico ocorrido na América do Sul, durante o século XIX, a Guerra do Paraguai.

Ao longo do exame da bibliografia indicada, sugerida e levantada, percebeu-se que seria mais conveniente dividir sua sistematização em dois momentos, os quais configuram-se nas seções que seguem. Para dar forma às discussões foram mobilizadas as contribuições de Liliana Brezzo<sup>12</sup>, Júlio Chiavenatto<sup>13</sup>, Leon Pomer<sup>14</sup>, Gutierrez<sup>15</sup>, Aguirre<sup>16</sup>. Brezzo, por se debruçar aos estudos da historiografia paraguaia e os demais por serem considerados, neste momento como expoentes dessa época da historiografia sobre o Paraguai.

#### 1.1. Glórias ou decepções: dois passados e versões em disputa

*A priori*, o texto *La historiografía paraguaya: del aislamiento a la superación de la mediterraneidad* de Liliana M. Brezzo (2003) é importante no que tange ao conhecimento sistematizado sobre momentos da historiografia sobre a Guerra. A autora propõe uma história da historiografia sobre este evento, tendo como recorte temporal o final do séc. XIX, especialmente após 1870, até o início do século XXI.

Brezzo aponta mudanças no pensamento historiográfico que contribuíram para a formação de uma consciência histórica no Paraguai. A principal mudança apontada num primeiro momento trata do desencontro causado entre uma historiografia e a memória coletiva. Tal desencontro resultou em um choque entre a cultura popular paraguaia e a historiografia das academias internacionais, visto que no começo do século XX, por exemplo, as primeiras narrativas históricas são de historiadores dos países vizinhos ao

---

<sup>12</sup> BREZZO, Lilian M. *La historiografía paraguaya: del aislamiento a la superación de la mediterraneidad*. In: *Diálogos*, DHI/UEM, v. 7. p. 157-175. 2003.

<sup>13</sup> CHIAVENATTO, J. *Genocídio Americano: A Guerra do Paraguai*. 6.ed. São Paulo: Brasiliense, 1979.

<sup>14</sup> POMER, Léon. *A Guerra do Paraguai*, 1985.

<sup>15</sup> GUTIÉRREZ, A. *Acosta Ñu*, 2013.

<sup>16</sup> AGUIRRE, A. *Acosta Ñu, epopeya de los siglos*, 1979.

Paraguai, que narraram a história mostrando Solano López como o responsável pelo desencadeamento da guerra. Neste sentido há uma dicotomia na história que se refere à Guerra do Paraguai.

Outro aspecto apontado por Brezzo (2003) são os relatos de que, em 1870, os paraguaios mantiveram e celebraram a data de aniversário de Francisco Solano López (quatro meses após sua morte, em 1º de março de 1870) em sua memória, isso ocorreu em diversos lugares do Paraguai e o fato se repetiu nos anos seguintes causando os primeiros desencontros entre a memória popular e a bibliografia produzida, com uma versão depreciativa de López<sup>17</sup>.

Registra-se, conforme a autora, que a população até a década de 1920 comemorava a data de nascimento de Solano López, em memória ao homem visto pelo povo como herói, mas considerado vil, na visão dos autores da época. Tal fato evidencia como a história foi criada de forma antagônica naquela ocasião<sup>18</sup>. Assim, desde os primórdios de uma historiografia sobre a guerra é possível perceber a maleabilidade da história em suas diferentes faces, políticas e principalmente sociais, ao lidarem com a história do Paraguai.

Pautados nos conceitos de tempo e lugar<sup>19</sup> inferimos, com base na proposição de Brezzo (2003), de que o fato dos primeiros escritos não serem de autoria de historiadores deve ser levado em consideração, além de que, neste caso os meios pelos quais se desenvolvia a escrita histórica, eram assim como eles tomados pelos ideais de sua época.

Para melhor compreender esse momento no final do século XIX, podemos pensá-lo por meio de outra obra de Liliana Brezzo, o estudo crítico intitulado: *En el mundo de Ariadna y Penélope: Hilos, tejidos y urdimbre del nacimiento de la Historia en el Paraguai*, contido na obra, *Polemica sobre la historiografia del Paraguay*, Cecilio Báez y Juan E. O'Leary (2011). A obra refere-se a um momento em que uma elite cultural paraguaia começou a ganhar força no país, ao fim do século XIX e primeiros anos do século XX<sup>20</sup> e alterou algumas formas de se conceber o passado e usá-lo com propósitos específicos.

Nesta obra a autora sugere pensar sobre o contexto da época, em que o Paraguai era governado por líderes militares, sobreviventes da Guerra, como Juan Bautista

---

<sup>17</sup> BREZZO, Liliana, M. **En el mundo de Ariadna y Penélope**: Hilos, tejidos y urdimbre del nacimiento de la Historia en el Paraguai. In: YEGROS, Ricardo, S. & YEGROS, Sebastián S.(Org.), *Polémica sobre la historia del Paraguay*. 2. Ed. Asunción: Tiempo de Historia, 2011.

<sup>18</sup> BREZZO, L. **La historiografía paraguaya**, 2003.

<sup>19</sup> CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense, 1982.

<sup>20</sup> BREZZO, L. **En el mundo de Ariadna y Penélope**, 2011

Egusquiza. Surge neste momento, uma questão ligada aos bancos e os empréstimos realizados, que acarretaram a inflação na moeda paraguaia. Sob essas condições está o cenário onde se desenvolveram as primeiras pesquisas históricas baseadas em documentações oficiais, utilizando práticas balizadas por rigores metodológicos da época<sup>21</sup>.

Na dianteira deste movimento, os então considerados neste trabalho como *pré-novecentistas* aparecem “en un momento historiográfico crucial, cuando surge en Paraguay el oficio de historiador y se editan las primeras producciones de historia nacional”<sup>22</sup>. Foram responsáveis pela fundação do Instituto Paraguayo ainda em 1896, espaço onde poderiam expressar suas ideias e pensamentos de forma institucional.

O Instituto Paraguayo, em sua gênese, buscava fomentar a área da música e da literatura, contudo, remeter-se ao passado fazia parte dos *hábitus*<sup>23</sup> daquele campo ideológico e social daquele grupo de indivíduos, essa demonstração de domínio sobre a história era por vezes evocada, conforme a autora, no momento em que:

Las cuestiones sobre el pasado pasaron a constituirse, al poco tiempo, en materia predominante de las conferencias, de los discursos y de otras actividades llevadas a cabo por la institución, las que, en todos los casos, suponían un punto de referencia, [...] consagrado por esa élite intelectual<sup>24</sup>.

Desta forma, evidencia-se a preocupação dos envolvidos em apresentar ao público da época, as formas de compreensão mais coerentes sobre o passado por meio das atividades relacionadas ao Instituto Paraguayo, visando um horizonte futuro onde a história poderia agir positivamente para o Paraguai.

Para divulgar o pensamento intelectual dos integrantes do Instituto, surge em 1896 um periódico intitulado *Revista* que depois de algum tempo passou a chamar-se *Historia, Ciências, Letras*. Os membros do Instituto Paraguayo eram pessoas conscientes

---

<sup>21</sup> BREZZO, L. **En el mundo de Ariadna y Penélope**, 2011

<sup>22</sup> “em um momento historiográfico crucial, quando surge no Paraguai o ofício de historiador e se editam as primeiras produções de história nacional” (Trad. do autor). BREZZO, L., **En el mundo de Ariadna y Penélope**, 2011

<sup>23</sup> BOURDIEU, Pierre. A identidade e a representação. Elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de região *In*: BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. p. 107-131; BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. Trad. Denise Barbara Catani. São Paulo: Editora UNESP, 2004

<sup>24</sup> “As questões sobre o passado passaram a constituir-se, em pouco tempo, em matéria predominante das conferências, dos discursos e de outras atividades levadas a cabo pela instituição, as que, em todos os casos, supunham um ponto de referência, [...] consagrado por essa elite intelectual” (Trad. do autor). BREZZO, L. **En el mundo de Ariadna y Penélope**, 2011, p. 21

de seu papel como intelectuais, naquele momento era de extrema importância para o Paraguai, sobretudo, pelo seu dever em serem intérpretes do seu passado<sup>25</sup>.

Naquele mesmo ano de 1896, Blas Garay que era um dos jovens do grupo principal dos *pré-novecentistas* é enviado para a Espanha, sendo representante do governo de Juan Bautista Egusquiza (presidente entre 1894-98). Ficou encarregado de localizar e copiar dos arquivos de Sevilla, todos os documentos possíveis, contendo referências sobre a história do Paraguai. Brezzo explica que após suas consultas:

Garay publicó em Madri, en 1897 cuatro obras: *La Revolución de la independencia del Paraguay*, *Breve resumen de la Historia del Paraguay*, *Compendio Elemental de la Historia del Paraguay* y *El comunismo en las misiones de la compañía de Jesús*<sup>26</sup>.

Para a autora esses escritos são importantes do ponto de vista historiográfico, pois, pela primeira vez se tem uma versão da história paraguaia apoiada em consultas sistematizadas, com base em documentação de caráter oficial, aceito por um conjunto de pensadores instituídos por uma convenção, contendo códigos específicos de referência e sentidos<sup>27</sup> característicos deste campo.

Essa primeira geração de escritos históricos resultou em apresentar, por exemplo, a forma pela qual, na visão daqueles autores, as missões jesuíticas exploraram os indígenas. São também mencionados trechos sobre o governo de Dr. Francia, bem como dos Lopez, com críticas a um chamado despotismo. A autora cita ainda as informações nas obras sobre os incentivos à educação pública, durante o período em que ocuparam os espaços de poder<sup>28</sup>.

Assuntos como o mito da criação do povo paraguaio também são evocados nestes primeiros trabalhos, segundo Brezzo (2011), sendo que um deles diz respeito à chegada dos irmãos Tupi e Guarani ao continente Americano. Diz-se que eles vieram do outro lado, os irmãos se estabeleceram e se multiplicaram, porém, um dia houve uma disputa entre as mulheres dos dois irmãos, Guarani partiu com seu povo e deu origem ao povo paraguaio, Tupi por sua vez, originou o povo nativo do Brasil<sup>29</sup>.

---

<sup>25</sup> BREZZO, L. *En el mundo de Ariadna y Penélope*, 2011, p. 23

<sup>26</sup> Garay publicou em Madri, em 1897 quatro obras: *La Revolución de la independencia del Paraguay*, *Breve resumen de la Historia del Paraguay*, *Compendio Elemental de la Historia del Paraguay* e *El comunismo en las misiones de la compañía de Jesús* (Trad. do autor). BREZZO, L. *En el mundo de Ariadna y Penélope*, 2011, p. 23

<sup>27</sup> BREZZO, L. *En el mundo de Ariadna y Penélope*, 2011.

<sup>28</sup> BREZZO, L. *En el mundo de Ariadna y Penélope*, 2011.

<sup>29</sup> BREZZO, L. *En el mundo de Ariadna y Penélope*, 2011.

Outro destaque da autora sobre o que era apresentado nas primeiras obras de história do Paraguai, refere-se a chamada Idade de Ouro paraguaia, período em que Carlos Antônio Lopes governou o país<sup>30</sup>. Segundo Brezzo (2011), no final do século XIX o escritor paraguaio Blas Garay registrou que foi neste período (1844-1862) que o Paraguai mais conseguiu desenvolver algumas tecnologias, pois contava com fundição de ferro, estradas de ferro, escolas e arsenais. A autora conta ainda que Garay chegou a considerar o Paraguai como uma das maiores potências bélicas da América do Sul<sup>31</sup>, durante o começo da segunda metade do século XIX.

Contudo esse movimento de formação intelectual não partiu somente dos escritores paraguaios, mas também de alguns estrangeiros, especialmente do argentino Martin Goicoechea Menéndez, estudioso sobre o conflito entre Paraguai e a Tríplice Aliança. Percebe-se como a história paraguaia sobre a guerra, em meados de 1890 já era contada não somente pelos paraguaios.

Um trabalho interessante de Goicoechea, se refere a *Cuentos de los héroes y de las selvas guaraníes*, em que constava um texto intitulado *La noche antes* que buscava narrar as últimas horas de vida de Solano López em Cerro Corá. Brezzo (2011) apresenta a opinião de Juan E. O’Leary sobre uma poesia e comenta sobre seu impacto social naquele contexto pós guerra. Conforme a análise de O’Leary descrita pela autora: “esa breve poesia, dividida en cuatro estrofas, tuvo un impacto tremendo porque recogía la epopeya de un pueblo y la tragedia de un hombre que encarnó ese pueblo<sup>32</sup>.”

Apesar de produzir material relevante para a historiografia paraguaia, a carreira de Goicoechea foi curta, sua produção coincide com o momento inicial da produção intelectual de O’Leary que em 1898 já era sócio do Instituto Paraguayo, participando de homenagens a generais e de campanhas para ajudar veteranos. Tempos depois, começou a trabalhar na redação do *La Patria* com Enrique Solano López, filho de Francisco Solano López.

Além do Instituto Paraguayo e dos trabalhos comentados com base no trabalho de Brezzo (2011), consideramos a imprensa periódica da época como importante instrumento de disseminação de ideias, por meio de revistas e jornais. A partir de leituras de tais periódicos descobrimos uma polêmica entre dois escritores da história paraguaia.

---

<sup>30</sup> BREZZO, L. *En el mundo de Ariadna y Penélope*, 2011.

<sup>31</sup> BREZZO, L. *En el mundo de Ariadna y Penélope*, 2011.

<sup>32</sup> “essa breve poesia, dividida em quatro estrofes, teve um impacto tremendo porque recorria à epopeia de um povo e a tragédia de um homem que encarnou esse povo (Trad. do autor). BREZZO, L. *En el mundo de Ariadna y Penélope*, 2011, p 27.



No periódico *La Patria*, Juan E. O’Leary publicou, com pseudônimo de Pompeyo Gonzáles, uma série com vinte e seis textos em 2 de maio de 1902, que buscava exaltar os heróis da Guerra, mostrando para os jovens os feitos de uma época gloriosa. Esta série de textos foi chamada de *Recuerdos de gloria*.

Brezza (2011) expõe, de forma breve, alguns dos principais discursos empregados por Juan O’Leary ao longo da polêmica.

La causa exógena de la guerra por la intromisión del Imperio en las cuestiones del Río de la Plata, la exaltación de la raza mediante el relato de hazañas de heroísmo inaudito por parte del ejército paraguayo en las acciones de armas y la idealización del período anterior a la guerra como un tiempo que era necesario recuperar para superar el adverso presente<sup>33</sup>.

O momento da publicação dos textos de O’Leary no periódico, alinha-se ao regresso ao país de um dos intelectuais paraguaios, Cecilio Báez, professor de História e Sociologia, ex-reitor da Universidade Nacional de Assunção. Báez era um dos intelectuais paraguaios com maior prestígio dentre a então elite cultural paraguaia, realizava também grande atividade no meio periodista, e foi recebido com um cerimonial cuja fala principal ficou a cargo de Juan E. O’Leary.

Báez também escreveu alguns trabalhos de caráter histórico que ainda não haviam sido alvo de críticas, como por exemplo, um texto na *Ilustración Paraguaya* chamada “*El dictador Francia*” que segundo Brezza (2011):

Lo caracterizaba como el fundador de la nacionalidad paraguaya sin dejar de mostrarlo, a su vez, como una personalidad patológica: misántropo, vengativo, cruel, e chamou o governo de Francia e dos Lopez de “Idade Média Paraguaia”<sup>34</sup>.

Entendemos que parte dos apontamentos de Báez nestas obras segue o caminho sobre o despotismo de Francia, o que gera uma questão entre Paraguai e Espanha. Além disso, Báez usa o termo cretinismo paraguaio, ao tratar de temas relacionados à educação e/ou instrução pública e de linguagem e questões geográficas, temas pelos quais a dialética escrita de Báez e O’Leary foi desenvolvida nos periódicos da época.

Neste mesmo momento, mediante a difusão da imprensa informativa, sai o balancete anual do Banco Territorial, que se torna matéria prima para a produção de

---

<sup>33</sup> A causa externa da guerra pela ingerência do Império nas questões do Río de la Plata, a exaltação da raça pelo relato de feitos de heroísmo sem precedentes pelo exército paraguaio nas ações de armas e a idealização do período anterior a guerra como um tempo que era preciso recuperar para superar o presente adverso (Trad. do autor). BREZZO, L. **En el mundo de Ariadna y Penélope**, 2011, p. 28

<sup>34</sup> Ele o caracterizou como o fundador da nacionalidade paraguaia sem deixar de se manifestar, por sua vez, como uma personalidade patológica: misantrópica, vingativa, cruel (Trad. do autor). BREZZO, Idem.

*Estudios Económicos e Estudios Políticos* de Cecilio Báez, publicado entre julho e agosto de 1902, contendo sua visão a respeito dos ganhos bancários.

Vale mencionar que o embate não ficou somente entre os dois escritores, mas também resultou em publicações contendo opiniões dos leitores, neste caso surgem mensagens de apoio a Báez, e também a O’Leary em 1903. Apesar de terem sido poucas intervenções (uma para cada autor), as opiniões expressas nessas ocasiões, demonstram que se tratava de estudantes de graduação e outros representantes da então elite cultural, mediante a isso, é possível pensar quem eram os leitores interessados na disputa intelectual daquele momento.

Brezza (2011) chama a atenção para a importância deste debate e afirma que O’Leary ofereceu as visões históricas mais interessantes para aquele momento, olhares que mostravam um Paraguai que vinha seguindo um bom nível de desenvolvimento tecnológico, bélico, econômico e social, mas que foi interrompido pelos seus vizinhos durante os anos de contenda. Ou seja, O’Leary apresentava o Paraguai como uma vítima da situação; Báez, por sua vez, considerava que o Paraguai não era tão desenvolvido assim, e apontava a perspectiva sobre Francia, em qualificá-lo como cruel apesar de seus feitos.

Para Brezza (2011), O’Leary escreveu uma história patriótica com objetivo de “custodiar y reconstruir a la nación paraguaya después del drama bélico”<sup>35</sup>, ou que fosse uma história capaz de valorizar o passado sem precisar considerar arrependimentos, sem feridas, uma história para dignificar o espírito patriótico daquele povo, uma versão dos fatos capaz de construir uma memória coletiva que norteie o povo para determinado sentido, a construção de um patriotismo ou nacionalismo, pelo compadecimento e sentimento de pertença a essa importante história.

Apesar de todo o exposto, o debate entre os escritores não contribuiu diretamente para a consolidação nem para o aperfeiçoamento da historiografia paraguaia, pois os envolvidos não se embasaram em documentação ou experiências em arquivos para elaborar seus posicionamentos. Contudo, por meio da polêmica, fica claro que havia naquele momento, intelectuais preocupados com a nação e com sua influência como representantes de uma elite intelectual.

Entendemos que tanto O’Leary quanto Báez pretendiam expor sua visão sobre o ocorrido, apontando o desenvolvimento do processo histórico paraguaio, devemos

---

<sup>35</sup> (...) proteger e reconstruir a nação paraguaia após o drama da guerra (Trad. do autor). BREZZO, L., **En el mundo de Ariadna y Penélope**, 2011, p. 63.

também considerar o interesse de cada um em expor seu ponto de vista. Além disso, os recursos tecnológicos de imprensa periódica da época se relacionavam com a sociedade a fim de convencer o máximo de leitores sobre sua narrativa da história paraguaia, buscando estabelecer parâmetros para a construção da identidade de um povo apresentada em partes, neste debate por dois vieses (Báez ou O’Leary).

Brezza (2011) vai adiante e indaga sobre o papel do historiador, se este deve ser um sujeito neutro ou ativo no papel de reconstruir uma nação por meio da narrativa histórica, deve levar em consideração suas emoções ao analisar certa documentação? Ou deve se posicionar em um discurso conforme suas tendências (políticas, ideológicas, sociais)? No caso paraguaio, que foi praticamente arrasado ao fim da guerra, poderia o historiador narrar essa história de uma forma mais agradável, heroica ou até mesmo gloriosa para a posteridade com intuito de preservar ou anular algum debate ou até mesmo sentimento?

Apesar do importante debate sobre a prática historiográfica devemos considerar ainda que a geração de Juan E. O’Leary e outros escritores como Manuel Domínguez, Fulgencio R. Moreno, Arsenio López Decoud, deram base ao então chamado *Lopizmo*<sup>36</sup>, com forte influência ao longo das primeiras décadas do século XX, sendo compreendido como uma representação do passado paraguaio baseada no heroísmo de Solano López. Ressalta-se que esta era a visão dos escritores paraguaios. Mas demoraria ainda algumas décadas para que Solano López, não fosse mais considerado como culpado pela contenda nos ambientes além das fronteiras paraguaias.

Assim, fica evidente que as controvérsias e desencontros históricos existem, pois entendemos que não há uma verdade única sobre cada assunto, trata-se da existência de momentos (ou tempos históricos) e sentimentos (comoção, perturbação, medo, esperança), que levam os sujeitos a tomarem decisões, resultando em práticas operacionais no campo, que se mostram por meio de representações, aqui percebidas através da hermenêutica de Brezza (2011) sobre os periódicos estudados.

O mesmo vale para interessados em escrever sobre o tema e que compreendem, à sua maneira, o eco das agressões causadas por Solano López. De forma direta ou indireta, o lugar de fala influenciou e ainda influencia as narrativas, e da mesma forma como naquele momento, a reflexão sobre isto ainda não estava totalmente em consonância

---

<sup>36</sup> Movimento historiográfico de caráter revisionista que pretendeu reescrever a História do Paraguai com sentido de desmistificar a imagem criada em torno da figura de Solano Lopez como o “culpado da guerra desastrosa” para perpetuar a imagem de “herói” e sinônimo de “nacionalismo paraguaio” BREZZO, L., **En el mundo de Ariadna y Penélope**, 2011,.

entre os historiadores, basta imaginar as possibilidades de alterações mínimas da verdade dos fatos, conforme a perspectiva histórica de cada autor<sup>37</sup>.

Consideramos importante ressaltar que, estudiosos do tema que buscaram narrar os episódios da guerra não eram historiadores de ofício, de forma que não há como falar em regras ou métodos devido às adversidades em que se encontravam os que se propuseram a escrever essas versões da história.

As ferramentas metodológicas usadas pelos historiadores, entre o pós-guerra na segunda metade do século XX e início do XXI, são diferentes, variadas, sendo que existe na prática historiográfica o momento de seleção do discurso relacionado às situações narradas. Dessa forma, as metodologias mais recentes têm sido construídas de forma rigorosa pelos especialistas da área, com métodos expressos pela diversidade temática que advém de variadas correntes teóricas.

Conforme Bloch: “O passado é por definição, um dado que nada mais modificará. Mas o conhecimento do passado é uma coisa em progresso, que incessantemente se transforma e aperfeiçoa”<sup>38</sup>, assim a tendência é o aperfeiçoamento da compreensão sobre um passado morto.

A escrita histórica de Liliana Brezzo nos dois trabalhos aqui mencionados, mostra como a narrativa histórica criada a partir de um grupo de estudiosos serviu de ferramenta para estratégias de consolidação de um nacionalismo paraguaio. Vale ainda considerar que a visão nacionalista de O’Leary, influenciou diversos escritores<sup>39</sup> que se debruçaram sobre o assunto ao longo da primeira metade do século XX.

Assim, podemos considerar que, dos intelectuais paraguaios que escreveram interpretações do passado do país, destaca-se Cecilio Báez, que foi responsável por narrar uma parte da história do Paraguai como sendo um período em que a nação foi destruída devido a tirania de López. Porém, anos depois foi orientado por Enrique Solano López a exaltar a memória de Francisco Solano López no periódico *La Patria* e com a ajuda de Juan E. O’Leary.

Outro periódico intitulado *El Tiempo* também realizou essa empreitada, de produzir uma leitura do passado paraguaio baseada na figura do Marechal Francisco Solano López. Nos anos de 1920 a elite intelectual não mais atribui a López as

---

<sup>37</sup> CERTEAU, M. **A escrita da história**. 1982.

<sup>38</sup> BLOCH, March. **Apologia da história**, ou, O ofício do historiador. Trad. André Telles.- Rio de Janeiro: Zahar, 2001

<sup>39</sup> Podemos citar para este trabalho a obra sobre *Acosta Ñu*, de André Aguirre, que será discutida no próximo sub capítulo.

construções míticas de guerreiro, mas as camadas sociais populares ainda permaneceram com esta ideia.

Essa versão histórica gloriosa de López foi contestada, pois havia controvérsias geradoras de tensões políticas. Para resolver essa situação foi criada uma delegação, que em 1926 aprovou um projeto que analisou e considerou inexistente a documentação usada para qualificar López como traidor da pátria e acusá-lo de levar o Paraguai a uma guerra desastrosa, além dos seus atos contra cidadãos paraguaios ao final da guerra.

Una delegación de la Comisión Nacional de Celebración del Centenario solicitó al Congreso la derogación del decreto del 17 de agosto de 1869, que había calificado a Francisco Solano López de asesino de su patria; el 31 de agosto de 1926 se sancionó un proyecto que daba por inexistente o borrado de todos los papeles oficiales de la nación, inéditos o ya publicados, el calificativo de “traidor” con que los gobiernos posteriores a la guerra connotaron la memoria del Mariscal y se ordenaba proceder en idéntica forma en los casos en que el gobierno de Francisco Solano López había utilizado dicho calificativo contra eminentes ciudadanos civiles y militares del ejército nacional que fueron condenados por traidores, en virtud de sumarios calificados más tarde como de nulidad absoluta.<sup>40</sup>

Neste contexto, percebemos que o Paraguai do final do século XIX até meados de 1930 tem a história como objeto de disputa, por meio de relatos históricos que mitificaram personagens, sendo a base histórica que contribuiu expressivamente para o recrutamento paraguaio, por exemplo, na guerra contra a Bolívia em 1935<sup>41</sup>. Nota-se que a escrita sobre a Guerra durante os primeiros trinta anos do século XX, foi usada como ferramenta para a perpetuação de poder político, trazendo consigo nas memórias sobre a Guerra, as raízes de patriotismo e nacionalismo paraguaio.

Posteriormente, surgiram teorias de que por meio da geopolítica a Inglaterra teria influenciado os movimentos políticos e econômicos na região da Bacia Cisplatina, desfavorecendo consideravelmente economia do Paraguai. No entanto, segundo Brezzo (2003), existem estudos que consideram essas análises insuficientes, mostrando por meio

---

<sup>40</sup> Uma delegação da Comissão Nacional para a Celebração do Centenário pediu ao Congresso que revogasse o decreto de 17 de agosto de 1869, que havia descrito Francisco Solano López como um assassino de sua pátria. Em 31 de agosto de 1926, foi sancionado um projeto que considerasse inexistente ou apagasse de todos os papéis oficiais da nação, inéditos ou já publicados, a qualificação de "traidor" com que governos do pós-guerra conotavam a memória do Marechal e foi ordenado que procedesse da mesma forma nos casos em que o governo de Francisco Solano López utilizou este qualificador contra eminentes cidadãos civis e militares do exército nacional que foram condenados como traidores, em virtude de resumos posteriormente classificados como nulidade absoluta (trad. do autor). BREZZO, L. **La historiografía paraguaya**, 2003, p. 166.

<sup>41</sup> BREZZO, L. **La historiografía paraguaya**, 2003.

de documentação que essas hipóteses contra o Paraguai já devem ser esquecidas, pois teoricamente não se sustentam<sup>42</sup>. Porém essa interpretação, ainda que superada, revela um momento historiográfico de grande importância para a história dos países envolvidos na Guerra, ao considerar um quarto país (a Inglaterra) como culpado pela Guerra do Paraguai, os autores desconsideram a autonomia dos países envolvidos colocando-os como peões de um grande jogo, o Imperialismo.

## 1.2 A busca pelo culpado: a superada teoria imperialista

A vitória sobre a Bolívia na Guerra do Chaco (1932-1935), serviu para a nação paraguaia reavivar sua confiança e orgulho na nação. Após esse processo de formação nacionalista o *lopizmo* passa a ganhar mais força e nos anos seguintes, a visão da contenda do século XIX, passa a ser consolidada como mostra de patriotismo e heroísmo paraguaio contra as agressões da Tríplice Aliança ao país guarani<sup>43</sup>.

Vale mencionar o investimento de Alfredo Stroessner<sup>44</sup> em uma política pensada a partir de ideais paralelas às dos López, uma tentativa se relacionar melhor, historicamente falando, com outros países como, por exemplo, a Argentina, de Juan Domingo Perón, iniciando o fim das hostilidades entre os países por meio da imprensa<sup>45</sup>. É possível notar neste ínterim que, surgem itens que passam a ser considerados como fonte histórica, propícios às novas reflexões e métodos, que por sua vez, fizeram surgir outras versões sobre a Guerra do Paraguai, em especial a teoria imperialista, que culpou a Inglaterra pelo conflito.

A teoria imperialista será destacada no presente estudo, inserindo novas considerações e novas problemáticas geradoras de debates, sobre o evento. Entendemos que mesmo já sendo considerada superada, os autores desta teoria, influenciaram muitos interessados neste tema a partir de 1970.

A compreensão sobre a teoria imperialista perpassa por dois autores privilegiados neste trabalho, sendo um deles León Pomer com sua obra intitulada “*Paraguai: nossa guerra contra esse soldado*”, de 1985 e o outro se trata do brasileiro Júlio José Chiavenatto com “*Genocídio Americano: a Guerra do Paraguai*” publicado em 1979; por outra perspectiva, desta vez paraguaia, temos a obra do professor paraguaio

---

<sup>42</sup> BREZZO, L. *La historiografía paraguaya*, 2003.

<sup>43</sup> BREZZO, L. *La historiografía paraguaya*, 2003.

<sup>44</sup> Presidente paraguaio entre os anos de 1954 até 1989.

<sup>45</sup> BREZZO, L. *La historiografía paraguaya*, 2003.

André Aguirre “*Acosta Ñu Epopeya de los siglos*” edição de 1979, entendida como uma escrita que visa glorificar seus sujeitos históricos.

León Pomer, contemplado neste trabalho como expoente sobre a versão imperialista da contenda é um historiador argentino que caracteriza o evento como uma guerra suja, mantida por meio de interesses externos ao Paraguai e logo expõe sua tese de que a guerra teria sido ocasionada pela influência da Inglaterra na região do Prata. Para isso Pomer (1985) realiza uma análise comercial da Inglaterra, alguns anos antes do evento bélico, relacionando o grande aumento populacional inglês com o aumento da demanda sobre produtos considerados matéria prima para a indústria têxtil<sup>46</sup>.

Somado a isto, consta a guerra que aconteceu entre 1861 e 1865 nos Estados Unidos conforme cita Fernandes (2007)<sup>47</sup>, que afetou de forma intensa o abastecimento de algodão estadunidense aos ingleses, que por sua vez, além de aprenderem a lição de não dependerem apenas de um fornecedor, buscaram também expandir suas negociações com outros países, impondo-lhes sua forma de negociar, o chamado imperialismo inglês<sup>48</sup>.

Para facilitar a compreensão sobre essa imposição da forma de negociar inglesa, Pomer (1985) mostra, de forma irônica por vezes, o perfil histórico do país guarani, que adotara um modelo diferente do liberalismo econômico advindo do mercado externo. O autor apresenta, em seus escritos, José Rodrigues Gaspar de Francia e algumas peculiaridades de seu governo, sintetizando sua compreensão daquela época como um Paraguai fechado, que produzia seus próprios itens básicos, mesmo que de maneira mais rústica do que as concebidas por máquinas inglesas. Esse movimento faz parte de medidas de fortalecimento do mercado interno paraguaio e suas indústrias nacionais<sup>49</sup>.

Pomer (1985) comenta ainda sobre as dificuldades impostas pelo governo de Francia para não depender do comércio externo, principalmente para a importação de itens supérfluos ou que poderiam ser fabricados dentro do Paraguai.

Além disso, a manobra para controlar a concentração de terras por minorias se dava por meio da perseguição contra as elites da época e os traidores da pátria. E as terras confiscadas pelo governo, posteriormente eram redistribuídas por meio das Estâncias da

---

<sup>46</sup> POMER, L. **Paraguai**, 1985.

<sup>47</sup> FERNANDES, Luiz E.; MORAIS, Marcus V.: A “casa dividida” e a Guerra de Secessão. In: **História dos Estados Unidos**, das origens ao século XXI Leandro Karnal [et al.] - São Paulo, Contexto, 2007.

<sup>48</sup> POMER, L. **A Guerra do Paraguai**, 1985.

<sup>49</sup> POMER, L. **A Guerra do Paraguai**, 1985.

Pátria, além da utilização de antigas técnicas agrícolas indígenas, com demasiado sucesso<sup>50</sup>.

Para o autor “(...) a economia paraguaia muito incipiente, os recursos do Estado muito minguados e o desejo de se organizar com independência e autonomia eram coisas inconciliáveis com o Liberalismo econômico”<sup>51</sup>. Assim, entendemos a afirmação do autor no sentido de que, o modelo de Francia não condizia com a forma econômica inglesa, sendo que para ele: “(...) sem o liberalismo econômico, garantido pelo Estado, era igualmente impensável o liberalismo político, que pelo menos, no Prata, não passava de ficção e mentira, ou, no máximo, de sonho de alguns senhores”<sup>52</sup>. Entende-se assim que o autor classifica Francia como ditador perpétuo entre 1816 até sua morte em 1840, por isso em alguns momentos, refere-se à figura dele como um déspota.

Nota-se, pois, esforço do autor em propor a explicação da singularidade econômica do Paraguai, enraizada às políticas de Francia para com o mercado liberal. Produz, assim um ambiente empírico propício a uma política nacionalista, desde meados de 1816, com intenção de não manter relações de comércio com outros países, exceto em casos realmente necessários. Dessa forma, entende-se que a relação entre a guerra e a Inglaterra se daria por meio da tentativa britânica de abrir o Paraguai para o livre comércio.

Pomer (1985) menciona o governo de Carlos Antonio López, entre 1840-1862, que seguiu a linha de governo de Francia. Aborda a questão indígena da época de Carlos Antonio López, que em 1848 tomou suas terras, e segundo Pomer (1985) os índios foram para as matas pacificamente. Fala sobre a instalação do Arsenal de Assunção, destacando a importância deste espaço, pois produzia barcos a vela e a vapor, além de citar as importantes estradas de ferro, a questão do telégrafo como moderno rápido e eficaz meio de comunicação, a produção de papel, tinta, pólvora, melhorias realizadas na fundição de Caacapu e Ibicuy, que produziam tanto utensílios agrícolas quanto armas para o exército<sup>53</sup>.

Durante a década de 1840, surgiram especulações de comerciantes ingleses sobre a dificuldade em comercializar com o Paraguai, sendo que em 1845 alguns comerciantes ingleses enviaram uma apresentação para a Câmara dos Lordes, pedindo

---

<sup>50</sup> POMER, L. **A Guerra do Paraguai**, 1985.

<sup>51</sup> POMER, L. **A Guerra do Paraguai**, 1985, p. 14

<sup>52</sup> POMER, L. **A Guerra do Paraguai**, 1985, p. 14

<sup>53</sup> POMER, L. **A Guerra do Paraguai**, 1985.



acesso ao Paraguai<sup>54</sup>. Notamos então, que na verdade, quando o autor se refere à Inglaterra, devemos considerar uma classe de comerciantes que buscavam ampliar o alcance de seus produtos, por meio de uma espécie de busca por compradores.

Carlos Antonio López por sua vez, manteve alguns contatos com o exterior, principalmente no que diz respeito à mão de obra estrangeira posta a favor dos interesses paraguaios<sup>55</sup>. Mas quem aperfeiçoa toda essa estrutura é seu filho e sucessor, Francisco Solano López durante seu governo entre 1862-1870, inclusive enviando jovens para estudar na Europa. Estes jovens retornam ao Paraguai formados como engenheiros, técnicos e homens das ciências. Além do quantitativo humano, são importadas máquinas agrícolas, além das já produzidas e instrumentos de navegação sem impostos.

Este tipo de argumento daria embasamento para inserção de um novo modelo político e econômico no Paraguai: o liberal. Além de perceber o contexto histórico paraguaio, a obra traz em seu conteúdo, não somente uma narrativa sobre um determinado período da história paraguaia, mas mostra que por meio dela é possível perceber novas possibilidades da produção historiográfica, características de sua época. É interessante perceber que Pomer (1985) utilizou fontes impressas, manuscritos e mensagens de diplomatas ou oficiais da época, demonstrando uma perspectiva diferente, que considerou tanto fontes clássicas quanto novas possibilidades de fontes, principalmente os periódicos, caracterizando uma prática historiográfica de um segundo momento na historiografia sobre o Paraguai, que já seguia os novos temas propostos.

Este assunto é interessante de se comentar, pois é possível perceber o momento historiográfico particular daquele tempo histórico, entendido como adepto da teoria imperialista, que eleva o Paraguai a uma potência durante o século XIX. Tal período que passa a ser visto e pretendido às correntes comerciais inglesas, ou no entendimento da obra, submissão à compra de itens, impostos, taxas comerciais e principalmente, submissão aos interesses políticos externos.

Além disto, como mencionado acima, a obra traz em sua narrativa, a informação de fontes usadas para novas reflexões históricas, a saber, os de caráter impresso e periódico. Contudo, a maior denúncia da emergência de novas visões é notada na obra de Chiavenatto<sup>56</sup>, quando mostra que havia ainda uma história enraizada nos grandes heróis da nação.

---

<sup>54</sup> POMER, L. **A Guerra do Paraguai**, 1985.

<sup>55</sup> POMER, L., **A Guerra do Paraguai**, 1985.

<sup>56</sup> CHIAVENATTO, J. **Genocídio Americano**, 1979

Perceber o momento histórico da produção de Chiavenatto é desembocar em um período sombrio do Brasil. Nos termos do AI-5, a documentação sobre a Guerra do Paraguai, confiscada pelo Brasil, encontrava-se inacessível no momento, bastando aos interessados acolher a história pronta e acabada. O documento versava sobre estratégias bélicas, figuras importantes, deixando de considerar o fato econômico da guerra, que na perspectiva deste autor é o principal motivo do conflito.

Para dar base a seu argumento, Chiavenatto (1979) realiza quase o mesmo movimento que Pomer (1985), explicando as raízes históricas do Paraguai, desde a época de Francia, passando pelos López até o momento da contenda; em sua narrativa percebemos um Paraguai totalmente independente, com grande progresso econômico<sup>57</sup>.

Fora os interesses das outras nações da Bacia Platina na República Guarani, o autor considera o imperialismo inglês o principal fator da discórdia entre os países, envolvendo intrigas criadas por diplomatas, e os interesses da maçonaria que se instala no Paraguai em 1869<sup>58</sup>, pois segundo ele:

A partir de 1840, indústria inglesa transforma-se na maior expressão econômica do mundo, dando à coroa uma força de dominação que nunca os seus invencíveis navios conseguiram. Na metade do século XIX, a Inglaterra produz cinquenta vezes mais ferro *per capita* que o resto do mundo. E mais que todo o mundo junto, cem vezes mais tecido de algodão. Setenta por cento dessa produção é exportada; praticamente cem por cento da matéria-prima é importada de países atrasados, a baixíssimo custo.<sup>59</sup>

Chiavenatto (1979) mostra nesse trecho qual seria o caminho que Francia e os López evitavam, um Paraguai subjugado pelo capital estrangeiro, incapaz de operar sua própria política, justamente por ser atrelada a questões econômicas, consideram uma grande fração de sua produção com poucos retornos se considerarmos o baixíssimo custo<sup>60</sup>.

Ponto de reflexão interessante de se destacar na obra, diz respeito ao momento em que começam a surgir movimentos libertários, causando problemas aos ingleses. Isso ocorre, conforme informado por Chiavenatto (1979), na Índia em 1857, na Pérsia em 1857/8 e durante mais de vinte anos na China, desde 1848<sup>61</sup>. Além disso, o autor informa sobre outras resistências aos domínios coloniais, diga-se a Espanha e França, que se aliam aos ingleses para a manutenção de seus meios de exploração econômica.

---

<sup>57</sup> CHIAVENATTO, J. **Genocídio Americano**, 1979.

<sup>58</sup> CHIAVENATTO, J. **Genocídio Americano**, 1979.

<sup>59</sup> CHIAVENATTO, J. **Genocídio Americano**, 1979, p. 78.

<sup>60</sup> CHIAVENATTO, J. **Genocídio Americano**, 1979.

<sup>61</sup> CHIAVENATTO, J. **Genocídio Americano**, 1979.

Chiavenatto (1979) considera o sistema imperialista como uma máquina, que para operar plenamente, precisa estar com todas as peças em bom funcionamento e em sincronia, no caso a peça que não se alinhava era o Paraguai, sendo assim “(...) a grande máquina do capitalismo internacional não pode ter uma pequena peça destoando da engrenagem<sup>62</sup>”. Registra-se a preocupação do autor em contextualizar o tempo histórico de sua narrativa, mostrando uma preocupação em estabelecer um cenário para expressar sua ideia que não se limitava ao Paraguai.

Porém, havia a necessidade de resolver a situação na Bacia Platina, e o caminho mais fácil seria por intermédio do Império, e Chiavenatto (1979) aponta um acúmulo de empréstimos feitos pela Inglaterra ao Brasil de 1825 até 1865, chegando ao saldo de mais de dezessete milhões de libras, grande parte fornecida pelo banco dos Rothschild. Estes bancos bancavam os grandes testa de ferro brasileiros, como por exemplo, o Barão de Mauá que possuía influência na região sul do Império, sobretudo na fronteira com Uruguai<sup>63</sup>.

Para Chiavenatto (1979) a intervenção do Império no Uruguai foi um fator importante para o estopim da Guerra do Paraguai, principalmente por considerar que já havia um tratado mundialmente conhecido e com data de 1850, onde constava que se houvesse algum tipo de intervenção em solo uruguaio o Paraguai iria prezar pela liberdade uruguaia militarmente. Na opinião do autor, o interesse do Paraguai no Uruguai se dava, a princípio por se tratar da única saída para o mar. Assim se o Brasil ou Argentina dominassem o Uruguai, dominariam a única saída fluvial para o Paraguai, que segundo o autor, era uma questão já era considerada desde os tempos de Francia, tanto é que já existia um tratado desde 1850<sup>64</sup>.

Por outro lado, Chiavenatto (1979) relata a presença de brasileiros na fronteira entre Brasil e Uruguai, em condição de trabalho escravo existentes naquela região, principalmente por fazendeiros brasileiros que ultrapassavam as fronteiras. Havia um certo receio de que o presidente uruguaio Bernardo Berro permitisse uma “brasileiração” de sua fronteira, bem como o aumento no preço dos impostos sobre o gado e a proibição da escravidão, o que encareceria a criação bovina no Uruguai, onde se usava a mão de obra ainda escrava. Assim justificava-se uma intervenção pelos direitos das oligarquias. Não necessariamente um oligarca, o Barão de Mauá era um dos homens que detinham

---

<sup>62</sup> CHIAVENATTO, J. **Genocídio Americano**, 1979, p. 79

<sup>63</sup> CHIAVENATTO, J. **Genocídio Americano**, 1979.

<sup>64</sup> CHIAVENATTO, J. **Genocídio Americano**, 1979.

terras no Uruguai, banqueiro que possuía forte influência econômica, além de ser patrocinador de obras públicas e privadas por meio de seu banco<sup>65</sup>.

Chiavenatto (1979) e Pomer (1985) atentaram para as questões no Uruguai como sendo importantes para o processo de desenvolvimento da Guerra do Paraguai, porém deixaram clara a ideia de que o principal motivo da guerra foram os interesses ingleses<sup>66</sup>.

Chiavenatto (1979) chega a apontar os possíveis lucros financeiros que a Inglaterra obteve ao envolver o Brasil em uma contenda com o Paraguai, além da gigantesca soma em dinheiro, na compra de uniformes, armas dentre outros itens; os imensos juros, provavelmente advindos dos banqueiros daquela região; e ao destruir o sistema nacionalista paraguaio, impedindo os lucros do Imperialismo Inglês.

Porém é com base no texto de Brezzo (2003) que compreendemos que essa narrativa que versa sobre os interesses ingleses foi contestada e superada. Notamos ainda que as fontes para o argumento foram os investimentos feitos pelos setores econômicos algodoeiros do período pós guerra, onde se consta o mínimo de investimento no Paraguai<sup>67</sup>. Ou seja, a noção que a Inglaterra iria negociar intensamente, mesmo impondo seu poderio econômico no Paraguai, não faz sentido, pois as fontes levam a crer em outra realidade.

Parte da prática historiográfica de Chiavenatto (1979) e de Pomer (1985), sobretudo a que diz respeito aos materiais impressos, relaciona-se com um dos textos elementares de Tania Regina de Luca<sup>68</sup>, sendo expoentes dos que trabalharam esta possibilidade do fazer histórico que começa a ganhar força a partir de 1970. Considera-se historicamente próximo das edições usadas para nosso trabalho e que datam de 1979 e 1985. Antes disso o modelo de escrita da História buscava exibir o que autores consideram como utopia a verdade extraída por documentação oficial<sup>69</sup>, ou seja, o que estivesse timbrado era considerado a suposta verdade.

De Luca (2008) considera que já haviam sido levantados debates sobre a validade da produção historiográfica por meio dos materiais impressos desde 1930. Porém através de seu texto, entendemos que naquele momento ainda não era dada atenção

---

<sup>65</sup> CHIAVENATTO, J. **Genocídio Americano**, 1979.

<sup>66</sup> CHIAVENATTO, J. **Genocídio Americano**, 1979.

<sup>67</sup> BREZZO L. **La historiografía paraguaya**, 2003.

<sup>68</sup> LUCA, Tania, R. Fontes Impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla, B. (org): **Fontes Históricas**. 2.ed., 1 reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

<sup>69</sup> LUCA, T. R. **Fontes Impressas**, 2008.

para essa possibilidade de fonte, que veio a ser praticada com mais vigor, como já mencionado, a partir da década de 1970<sup>70</sup>.

Além de observar e anotar algumas das fontes usadas em cada produção, é possível perceber como algumas questões podem ser colocadas, nos fazendo pensar em finalidades da história. Notamos que Pomer (1985) e Chiavenatto (1979) foram motivados a pensar em uma perspectiva econômica, principalmente quando tratam do assunto ligado ao Imperialismo Inglês. Ambos buscam motivos para a contenda, assim como os resultados dela, e apesar disto as obras não se limitam a este tema, de forma que surgem novos sujeitos nas narrativas. Porém é perceptível a tentativa de vitimizar a uns e culpar outros.

Ainda que de maneira pontual, a questão da infância paraguaia é apresentada por Chiavenatto (1979) como uma tentativa de chocar o leitor, pois já no subtítulo do capítulo quinze, por exemplo, lê-se “matando até o feto no ventre da mulher”, possivelmente uma estratégia para impressionar o leitor<sup>71</sup>, criando uma subjetividade que gira entre o bem e o mal.

Sendo este o momento em que o responsável pelo exército brasileiro, Duque de Caxias se afasta do *Front*, entra em cena o Conde D’Eu, que é considerado pelo autor como um sádico, responsável por dirigir as operações militares. Diferentemente de Caxias, o Conde D’Eu estava disposto a acabar de vez com tudo no Paraguai, sendo que o conde possuía “a incrível [...] de destruir a fundição de Ibycuí”<sup>72</sup>, tanto que realiza dois ataques para certificar-se do feito, além disso, o Conde ainda teria sido responsável por destruir uma represa que inundou um vale.

As mortes dos engenheiros de Ibycuí representam, para Chiavenatto (1979), a impossibilidade paraguaia de se reerguer economicamente após o conflito. Assim os números apresentados nos fazem pensar em mais de 75% da população paraguaia morta ao longo da guerra, uma tentativa de sabotar a nação paraguaia. Vale comentar que as crianças estão nessa estatística, cidadãos a serem, nesta perspectiva, eliminadas<sup>73</sup>.

Entendemos que o Paraguai governado por Solano López era suficiente em vários sentidos, possuindo avanços como telégrafos, fundições arsenais, estradas de ferro, bem como um contingente militar. Chiavenatto (1979) encerra sua obra deixando de forma subjetiva, seu posicionamento ao lado paraguaio, pois sua forma de apresentar os

---

<sup>70</sup> LUCA, T. R. **Fontes Impressas**, 2008.

<sup>71</sup> CHIAVENATTO, J. **Genocídio Americano**, 1979.

<sup>72</sup> CHIAVENATTO, J. **Genocídio Americano**, 1979, p. 156.

<sup>73</sup> CHIAVENATTO, J. **Genocídio Americano**, 1979.

últimos acontecimentos se faz de maneira romântica, principalmente ao descrever situações relacionadas às crianças<sup>74</sup>.

O autor também emite clara opinião sobre a guerra, ao afirmar se tratar de uma guerra feita de ódio contra os paraguaios, apresentando ainda, vários desencadeamentos a partir da contenda. Porém, lembra que na verdade:

O importante é que o Imperialismo Inglês, destruindo o Paraguai, mantém seu *status quo* na América meridional, impedindo a ascensão do seu único Estado econômico livre, com uma estrutura industrial desenvolvendo-se rapidamente<sup>75</sup>

Percebe-se por meio do excerto acima, diluído em uma ironia, uma certa tendenciosidade em apresentar a visão de que o Paraguai foi vítima de uma trama econômica internacional,

As versões dos autores são resultado de seus trabalhos considerando uma história do Paraguai, pois mesmo se tratando de autores nativos dos países que obtiveram êxito na guerra, escreveram sobre o Paraguai e não cada um sobre seu país de origem. Nota-se uma fuga do que seria o ego do historiador, neste caso uma das características da segunda fase da história cultural, que é o distanciamento do objeto. Esta forma de escrita pode ser entendida como uma busca pela compreensão do diferente, além de ser considerado por nós como um indício de que poderia ser necessário analisar outras problemáticas sobre a guerra.

Tendo estes dois autores estrangeiros ao Paraguai como referência, acreditamos ser importante apresentar o trabalho de Andres Aguirre (1979), pois representa uma importante fase da historiografia paraguaia, conforme observaremos adiante.

A obra *Acosta Ñu, epopeya de los siglos*<sup>76</sup> traz uma versão interessante sobre o episódio das crianças mártires, uma versão rica em detalhes e informações sobre a batalha, detalhando o cenário alguns dias antes do combate de 16 (dezesesseis) de agosto de 1869. Andrés Aguirre, historiador, professor, paraguaio, membro da Academia Paraguaia de História<sup>77</sup>, da cidade Barrero Grande. Atualmente a cidade se chama Eusébio Ayala, e fica próximo ao local da batalha em estudo. Ele aponta, em seu trabalho, o modo pelo qual as crianças participaram da batalha, permitindo a compreensão de uma parte do ocorrido em *Acosta Ñu* com detalhes da movimentação das crianças dias antes e durante

---

<sup>74</sup> CHIAVENATTO, J. **Genocídio Americano**, 1979.

<sup>75</sup> CHIAVENATTO, J. **Genocídio Americano**, 1979, p. 163

<sup>76</sup> AGUIRRE, A. **Acosta Ñu**, epopeya de los siglos, 1979.

<sup>77</sup> Disponível em [http://www.portalguarani.com/2137\\_andres\\_aguirre.html](http://www.portalguarani.com/2137_andres_aguirre.html) Acesso em 12.abr 2019.

a batalha, contando, por exemplo, sobre as tentativas de atravessar rios sob fogo inimigo, além de outros momentos em que haviam crianças em posição para combate.

Partindo do estudo de Aguirre (1979) é possível identificar a presença de crianças no contexto da guerra em momentos distintos: Há informações sobre os registros de participação infantil em desfiles, demonstrações públicas de patriotismo, em combates vinculados à guerra, em aulas de patriotismo e outros. O autor registra, ainda, crianças que sobreviveram à Guerra, outras que acompanhavam suas mães, e indica que há registros de evasão escolar infantil por motivos de repressão, por exemplo, por conversar em guaraní. Sendo assim, podemos constatar que o controle social era exercido também sobre o sujeito infantil, sendo a escola, o exército e a marinha, espaços em que se operava. Tais instituições são como braços do governo e conseqüentemente, mecanismos de transmissão de ideias com capacidade educacional.

O estudo de Aguirre (1979) também leva a pensar nas manobras do Estado no que diz respeito à importância dada aos momentos do pós-guerra, em maior parte, as comemorações ou atos cívicos que dizem respeito à memória coletiva sobre *Acosta Ñu*, em especial as perpetuadas por meio de decretos do Estado. Um exemplo é o *Dia del Niño*<sup>78</sup> como data que reaviva a memória nacional, conectando de certa maneira os paraguaios a fatídica batalha. Aguirre (1979) também informa em seu trabalho sobre o decreto que tornou oficial o dia 16 de agosto como o Dia da Criança, reconhecida pelo presidente em 1948, "(...) destacava a importância de "fomentar por todos os meios a difusão e intensificação do sentimento nacionalista por meio das grandes memórias".

Esse dado se torna caro para este capítulo do trabalho, pois é possível perceber uma intenção do Estado em fomentar essa memória, tanto é que o autor recupera diversas falas de homenagens feitas em discursos, pronunciamentos e inclusive em uma carta para o então presidente paraguaio Alfredo Stroessner datada de vinte e oito de setembro de 1978.

Identifica-se, por fim, a repercussão positiva do trabalho de Aguirre (1979) sobre o Paraguai, rememorada pelo próprio autor ao apresentar, no corpo de seu texto, algumas mensagens de pesquisadores como Juan E'Oleary e Adela C. Vida de Solano Lopez<sup>79</sup>, em ambos os casos felicitando-o por seu trabalho antes mesmo da publicação de seu livro,

---

<sup>78</sup> Dia da Criança no Paraguai, celebrado anualmente em 16 de agosto em memória à épica batalha de *Acosta Ñu* e seus heróis mártires. Ao que se entende, a data foi instituída como uma forma de valorizar o nacionalismo paraguaio durante o governo de Alfredo Stroessner, que perdurou durante os anos de 1954 e 1989 no Paraguai.

<sup>79</sup> Membro da *Comissão de Homenaje* aos mártires de *Acosta Ñu*.

que somou aos valores patrióticos do Paraguai ainda em 1948<sup>80</sup>. Oleary já com 69 (sessenta e nove) anos de idade, mostra-se ainda interessado nesta epopeia descrita por Aguirre (1979), sobretudo quando escreve ao autor parabenizando-o pelo trabalho.

É importante também considerar que, segundo o próprio autor, a obra considerou algumas recomendações patrióticas do presidente Stroessner, e neste sentido o livro em questão se torna também, uma ferramenta que serve para mostrar como o Estado daquela época se preocupava com a pesquisa sobre uma versão da história de seu país, valorizando suas finalidades, que seriam as de salvar os jovens da falta de patriotismo neste caso<sup>81</sup>.

As fontes usadas por Aguirre (1971) partem da história oral feita através dos relatos de Isidora Rolón Valenzuela de Aguirre, avó do autor, Gregoria Sala moradora de Barrero Grande e os testemunhos do cabo Cipriano Crispiniano Franco, ex- combatente da guerra contra a Tríplice Aliança. Vale mencionar que entendemos ter o autor utilizado parentes como fonte histórica, porém ele também trabalhou com periódicos, atas e documentos oficiais, registros do arquivo da comissão de homenagem às crianças de *Acosta Ñu*. Percebemos assim, pelo menos três tipologias de fonte, que carecem de diferentes abordagens para sua compreensão.

A versão de Aguirre (1979) sobre este episódio não amplia tanto os horizontes do leitor quanto ao tema da Guerra propriamente, pois não abrange suas causas e diversos desdobramentos, principalmente por se tratar especialmente de *Acosta Ñu*; cronologicamente a obra se inicia já no final da guerra, entre janeiro e agosto de 1869. Desta forma o trabalho tem importância para quem busca compreender o que significou a batalha cerca de cem anos após o ocorrido.

Registram-se também as tentativas de perpetuação de uma memória coletiva por meio de símbolos, como por exemplo a data comemorativa já citada, além de festejos, discursos e cerimônias. Dessa forma notamos, ao longo da obra, os esforços realizados para atingir tais objetivos, e também como o Estado se interessou por essa narrativa heróica, criada por Andres Aguirre. Ressaltamos também a tentativa do autor em acrescentar a ideia de heroísmo ao passado, relacionado às crianças, a busca por torná-las imortais através da memória coletiva.

---

<sup>80</sup> AGUIRRE, A., *Acosta Ñu*, epopeya de los siglos, 1979.

<sup>81</sup> AGUIRRE, A., *Acosta Ñu*, epopeya de los siglos, 1979



## CAPÍTULO 2

### INFÂNCIA E IMPRENSA ATÉ O PERÍODO ENTRE GUERRA

O capítulo que segue é resultado do interesse que motivou a versão inicial do projeto que dá origem a esta dissertação, cujos esforços direcionaram-se em identificar e constituir uma narrativa histórica sobre a Guerra do Paraguai. Busca trazer à luz uma perspectiva pouco analisada sobre o evento, a presença participação de crianças, como combatentes, nos anos finais da contenda entre o Paraguai e os países da chamada Tríplice Aliança (1864-1870). As representações da “infância” foram analisados a partir de imagens presentes na imprensa periódica brasileira e paraguaia em circulação no período.

Neste momento a preocupação se dá em entender como a imprensa, que possui papel formativo e educativo, noticiou e possivelmente fomentou ou desalentou a população na adoção de um ideário patriótico capaz de levar as crianças paraguaias ao *Front* da Guerra.

Neste capítulo buscamos apresentar uma história baseada nos estudos da infância, embora inicie falando das crianças paraguaias e algumas abordagens já realizadas neste sentido. Será ressaltada uma discussão que remonta ao período medieval e serve como base para compreensão do desenvolvimento da percepção adulta sobre a infância, bem como algumas das características que distinguem ambas as categorias (adulto e infante) e que podem ser percebidas em outros estudos.

Outra questão debatida neste estudo diz respeito a constituição da imprensa no Paraguai e algumas de suas finalidades iniciais, como por exemplo, de representatividade, e no Brasil com seus autores por vezes críticos, outros nem tanto. É também neste capítulo que apresentamos nossas fontes para este trabalho.

De início pretendemos mostrar algumas pesquisas temporalmente próximas a nós, a fim de contextualizar nosso tema. Desta maneira percebemos que nosso objeto já foi posto em estudo por outros pesquisadores além de Andres Aguirre (1979) e Chiavenatto (1979), como por exemplo na narrativa de Andres Gutiérrez (2013) sobre as crianças paraguaias e seu envolvimento nos combates<sup>82</sup> na Guerra do Paraguai.

Trata-se de um dos autores escolhidos para representar momentos da historiografia, sendo possível avançar nos temas propostos no início do século XXI, época em que destacaram também mulheres, negros, indígenas e outros sujeitos, além de outros

---

<sup>82</sup> GUTIÉRREZ, A., Acosta Ñu, 2013.

objetos como a imprensa estudada na coleção de obras dirigidas pelo professor Dr. Herib Caballero Campos em 2013, intitulada “*Colección 150 años de la Guerra Grande*”.

A narrativa mais icônica desta pesquisa é a batalha de *Acosta Ñu*, no entanto a presença de crianças nos combates foi constada também em outros eventos, tais como *Piribebeuy* em 12 de Agosto de 1869. Essa foi uma das batalhas da guerra, onde os aliados encontraram a última grande resistência inimiga. Os movimentos do exército aliado naquele lugar começaram no dia 11 de agosto, ao cercar a cidade com os canhões. Ao final deste dia o Conde D’Eu, comandante geral das tropas brasileiras, enviou uma solicitação de rendição para Pedro Pablo Caballero o qual lhe deu resposta negativa. Na manhã do dia 12 de agosto outro mensageiro foi enviado, desta vez pedindo para que Caballero retirasse todas as mulheres e crianças da vila, pois o ataque iria começar. No entanto a resposta mais uma vez foi negativa e acompanhada da informação de que todos, inclusive as mulheres e crianças que lá se encontravam estavam seguros<sup>83</sup>. O resultado de tal decisão foi, conforme Gutiérrez:

Además de los 500 enfermos, que fueron quemados vivos dentro del hospital, hubo otros 683 combatientes muertos en el ejército paraguayo y 1.117 combatientes hechos prisioneros. Del lado aliado hubo 25 bajas entre los imperiales, 100 entre los porteños y 392 heridos.<sup>84</sup>

A queda de *Peribebeuy* fez com que Solano López percebesse de vez que os avanços dos inimigos estavam o alcançando, e procurou se retirar daquele lugar, organizando o exército em duas divisões.

Nas palavras de Gutiérrez (2013):

Una de vanguardia, el Primer Cuerpo, bajo el liderazgo del general Francisco Isidoro Resquín, con 6.700 hombres, y otra en la retaguardia, el Segundo Cuerpo, bajo el mando del general Bernardino Caballero, con unos 4.000 hombres, en su mayor parte integrado por niños y ancianos<sup>85</sup>.

Essa mobilização toda ocorreu durante o dia treze de agosto, e a saída de *Azcurrea* no mesmo dia ao entardecer. Devido a dificuldades de logística Solano López decidiu usar de uma de suas práticas de guerra mais comuns, que era inutilizar o que fosse deixado

---

<sup>83</sup> GUTIÉRREZ, A., *Acosta Ñu*, 2013.

<sup>84</sup> Além dos 500 doentes, que foram queimados vivos dentro do hospital, houve outros 683 combatentes mortos no exército paraguaio e 1.117 combatentes feitos prisioneiros. Do lado aliado, houve 25 vítimas entre os imperiais, 100 entre os de Buenos Aires e 392 feridos (Trad. do autor). GUTIÉRREZ, A., *Acosta Ñu*, 2013, p. 30.

<sup>85</sup> Uma de vanguarda, o Primeiro Corpo, sob a liderança do General Francisco Isidoro Resquín, com 6.700 homens, e outro na retaguarda, o Segundo Corpo, sob o comando do General Bernardino Caballero, com cerca de 4.000 homens, na sua maioria compostos por crianças e idosos (Trad. do autor). GUTIÉRREZ, A., *Acosta Ñu*, 2013, p. 31-32.

para trás. O destino da marcha era *Caraguatay*. Contudo, para chegar ao destino, os paraguaios precisariam passar por um lugar conhecido como *Ñu Guasu* (Acosta Ñu, Campo Grande). Durante a marcha Solano López enviava patrulhas para ver como estava a situação da tropa comandada por Bernardino Caballero. Segundo Gutiérrez (2013), na retaguarda estavam alguns equipamentos bélicos, entre outros itens como documentos militares, além de todos os soldados mais frágeis e por esse motivo, o segundo corpo se movia mais lentamente. Outro motivo que agravava a lentidão se dava pelas condições em que estavam seus animais<sup>86</sup>, muito magros, sem forças para puxarem as carretas com mais velocidade.

No dia 15 de agosto as tropas de Bernadino Caballero enviaram um mensageiro a Solano López, avisando que as tropas aliadas estavam próximas e certamente a única saída era o combate direto, e nesse sentido, solicitava ordens para realizar tal manobra. A resposta de Solano López exigia a firmeza na resistência ante a invasão aliada, além do empenho em não se deixar ser preso<sup>87</sup>.

Segundo Gutiérrez (2013), na noite do dia 15 e madrugada do dia 16 de agosto, os espiões paraguaios já sinalizavam à Caballero que as tropas aliadas estariam por perto e que inevitavelmente os alcançariam. Caballero sabia das condições de seu exército, mas não tinha outra escolha senão lutar, e foi o que aconteceu naquele dia.

Na manhã do dia 16 de agosto as tropas de Bernardino Caballero já estavam no lugar conhecido como *Ñu Guazú*, nas redondezas de *Barrero Grande*. Esse lugar ficou conhecido pelos brasileiros como Campo Grande:

La zona desde el estero Ypucú hasta el arroyo Piribebuy era conocido con ese nombre, Ñu Guazú, y el sector desde el Piribebuy hasta el inicio de la selva en Caaguy Yurú se denominaba Acosta Ñu (el campo de Acosta), porque en tiempos de la colonia española, la vasta propiedad había pertenecido a un ciudadano portugués, llamado Juan Blas de Acosta Freyre, exregidor y alcade provisional de la ciudad de Asunción.<sup>88</sup>

Esse era o campo onde estavam as tropas de Caballero, e devido a lentidão das tropas o grupo ficou muito atrás do Primeiro Corpo do seu exército, onde se encontrava

---

<sup>86</sup> GUTIÉRREZ, A., *Acosta Ñu*, 2013.

<sup>87</sup> GUTIÉRREZ, A., *Acosta Ñu*, 2013.

<sup>88</sup> A área que vai do estuário do Ypucú ao riacho Piribebuy era conhecida por esse nome, Ñu Guazú, e o setor de Piribebuy ao início da selva em Caaguy Yurú era chamado de Acosta Ñu (o campo de Acosta), porque em tempos de Colônia espanhola, a vasta propriedade havia pertencido a um cidadão português, chamado Juan Blas de Acosta Freyre, ex-governador e prefeito provisório da cidade de Assunção (Trad. do autor). GUTIÉRREZ, A., *Acosta Ñu*, 2013, p. 42.

Solano Lopez. Neste caso o isolamento fez com que o segundo corpo ficasse estrategicamente cercado pelas tropas aliadas que os alcançaram, iniciando o combate<sup>89</sup>.

A essa altura algumas crianças já estavam em combate ferrenho, segundo o Gutiérrez (2013): “En el retaguardia del ejército paraguayo, el combate seguía arreciando. Los niños soldados, entre ellos los alumnos de la escuelita de Pirity, del maestro Clemente Medina, recibían su bautismo de fuego.”<sup>90</sup>. Em dado momento da peleja, Ángel Moreno decide retirar-se e põe as crianças soldados em marcha rumo ao córrego *Yukyry*. O outro comandante Bernardo Franco acabou se atrasando para sair e quando o fez, em plena cavalgada, caiu mediante um tiro de fuzil que o acertou na cabeça.

As tropas brasileiras comandadas pelo Conde D’Eu chegam com seus quase vinte mil soldados, divididos em duas partes para cercarem o exército paraguaio. O ataque se deu simultaneamente pela direita e pela esquerda. Bernardino Caballero percebe essa manobra e decide posicionar sua tropa paralelamente ao córrego, com intenção de atravessá-lo, pois além de ser raso havia uma ponte<sup>91</sup>.

Vale lembrar que todas essas manobras para cruzar o *Yukyry* foram feitas sob constante troca de agressões, passando para o combate corpo a corpo e aproximadamente três horas depois, a estratégia de Caballero consegue repelir os primeiros ataques corpo a corpos realizados pelos inimigos<sup>92</sup>.

Apesar da manobra bem sucedida de Bernardino Caballero, logo se inicia outra ameaça, com a chegada da Quarta Brigada de Cavalaria sob o comando de Hipólito Ribeiro, que provoca um forte ataque pelo flanco esquerdo dos paraguaios. A estratégia do oficial paraguaio, após essa provocação é a de retirada até o córrego *Piribebuy*, pois a essa altura os paraguaios já estavam completamente cercados e muitos já haviam caído durante o combate corpo a corpo<sup>93</sup>.

Após grande volume de tropas aliadas cercarem Bernardino Caballero, está praticamente consumado o massacre, e Gutiérrez (2013) usa as palavras de Augusto Tasso Fragoso para denominar esse momento como o “círculo de fogo” ao redor aqueles paraguaios. Caballero conseguiu se embrenhar no meio da mata e fugiu para encontrar e

---

<sup>89</sup> GUTIÉRREZ, A., Acosta Ñu, 2013.

<sup>90</sup> Na retaguarda do exército paraguaio, a luta continuava violenta. As crianças soldados, entre elas os alunos da escola *Pirity*, dirigida pelo professor Clemente Medina, receberam seu batismo de fogo (Trad. do autor). GUTIÉRREZ, A. Acosta Ñu, 2013, p. 49.

<sup>91</sup> GUTIÉRREZ, A. Acosta Ñu, 2013.

<sup>92</sup> GUTIÉRREZ, A. Acosta Ñu, 2013.

<sup>93</sup> GUTIÉRREZ, A. Acosta Ñu, 2013.

dar as notícias a Francisco Solano López, que o parabenizou e agradeceu dizendo que seus esforços eram de extrema importância para a liberdade do Paraguai<sup>94</sup>.

No campo de batalha, ardiam em chamas os corpos das crianças, mulheres desesperadas gritavam tentando socorrer possíveis sobreviventes que agonizavam. Os números descritos pelo autor chegam a dois mil mortos e cerca de mil e duzentos prisioneiros<sup>95</sup>.

Antes desta batalha marcante na História do Paraguai, já era possível perceber certa pré-disposição para o uso de crianças no exército paraguaio, até mesmo alguns meses antes da batalha de 16 de Agosto, segundo a obra do professor Andrés Aguirre: “El 14 de marzo de 1869 el nuevo ejército está pronto para entrar en acción. Ese día hubo una gran revista militar a la que asistió le General Mac Mahon, que pasmado contemplaba el arrogante desfile de aquellos cuerpos infantiles”.<sup>96</sup>

Neste cenário de final de guerra, o marechal S. López, que de maneira alguma se rendeu às tropas inimigas, conseguiu formar mais uma coluna com os últimos remanescentes da região de Cerro León. Como cita o Coronel Beverina “en el acampamento de Cerro León fueron reuniéndose algunos dispersos de los últimos combates, como también los ancianos y niños”<sup>97</sup>. Este foi mais um dos momentos em que as crianças foram solicitadas, comprovando que não foi um caso isolado a presença infantil junto às colunas dos movimentos militares a batalha de *Acosta Ñu*. No entanto nenhuma dessas estratégias pode salvar Solano López e sua pátria da completa derrota.

Outra proposta de investigação sobre a participação de crianças em batalhas é de Marcelo Santos Rodrigues, brasileiro que escreveu um interessante texto<sup>98</sup> no qual realiza uma discussão sobre a ausência das crianças em uma das representações artísticas brasileiras mais relevantes para o tema - o quadro sobre a “Batalha de *Acosta Ñu*”<sup>99</sup>.

---

<sup>94</sup> GUTIÉRREZ, A., *Acosta Ñu*, 2013.

<sup>95</sup> GUTIÉRREZ, A., *Acosta Ñu*, 2013.

<sup>96</sup> Em 14 de março de 1869, o novo exército está pronto para entrar em ação. Naquele dia houve uma grande revista militar com a presença do general Mac Mahon, que ficou pasmo e contemplou o desfile arrogante daqueles corpos infantis. AGUIRRE, A. *Acosta Ñu, epopeya de los siglos*, 1979, p. 33.

<sup>97</sup> No acampamento de Cerro León, reuniram-se alguns dispersos dos últimos combates, bem como idosos e crianças (Trad. do autor). BEVERINA, Juan. *La Guerra del Paraguay (1865-1870): resumen historico*. Buenos Aires: Circulo Militar, 1973. p, 274.

<sup>98</sup> RODRIGUES, Marcelo S. A participação de jovens e crianças na Guerra do Paraguai (1864-1870). In: RISCAROLI, Eliseu (org.). *Epistemologia da infância*. Curitiba: Appris, 2017.

<sup>99</sup> Pedro Américo. *A batalha de Campo Grande*. 1871. (Óleo sobre tela, 530cm x 332cm). Museu Imperial de Petrópolis, RJ, Brasil.

**Imagem 1.** Américo, Pedro: **A Batalha de Campo Grande.** 1871. Óleo sobre tela.



Fonte: Petrópolis, RJ, Museu Imperial. Brasil<sup>100</sup>.

Rodrigues (2017) apresenta os resultados de sua análise feita sobre as personagens que compõem o quadro, atentando para a representação dos paraguaios, neste caso apresentados como fortes e prontos para a guerra. Cita a presença da figura religiosa, representada por um padre que segura um soldado brasileiro, além da fisionomia dos representantes do império, e comenta sobre a atmosfera criada pelo pintor<sup>101</sup>.

Para o autor, a composição de tais elementos representaria, para o futuro, a força do inimigo enfrentado pelo Império, inimigos que mesmo diante da derrota não se davam por vencidos. A ideia de que a guerra foi uma causa nobre e que valeria a pena quaisquer sacrifícios, além de mostrar o triunfo em uma batalha gloriosa<sup>102</sup>.

Ao fim da análise sobre a pintura Rodrigues (2017) se pergunta onde estão, de fato as crianças na imagem, pois elas de fato não foram retratadas. Algumas sugestões são colocadas pelo autor, uma delas diz que talvez não seria interessante para o Império,

---

<sup>100</sup> Disponível na internet em: [http://www.dezenovevinte.net/bios/bio\\_pa\\_arquivos/pa\\_1871\\_campogrande.jpg](http://www.dezenovevinte.net/bios/bio_pa_arquivos/pa_1871_campogrande.jpg). Acessado em: 15.abr 2019.

<sup>101</sup> RODRIGUES, M. S. **A participação de jovens e crianças na Guerra do Paraguai (1864-1870)**, 2017.

<sup>102</sup> RODRIGUES, M. S. **A participação de jovens e crianças na Guerra do Paraguai (1864-1870)**, 2017.



criar e deixar para a posteridade a noção de que o exército imperial triunfou sobre um exército composto por crianças paraguaias<sup>103</sup>.

Outra fonte analisada por Rodrigues (2017) é uma carta enviada por um soldado que presenciou o conflito de *Acosta Ñu*. Segundo ele, esta carta foi revelada por um informante do jornal do Rio de Janeiro a *Reforma*, falando sobre algumas estratégias bélicas postas em prática no dia 16 de agosto de 1869 e despretensiosamente, acaba relatando a presença de crianças nas alas militares paraguaias<sup>104</sup>.

Por meio da análise do autor, notamos, por exemplo, como se deu a movimentação do batalhão do Conde D'Eu. Além do informe sobre a morte do general João Manoel Menna Barreto, fato que teria desencadeado uma busca por vingança empreendida pelo Conde, situação que se soma ao lento desenvolvimento da marcha paraguaia, sobretudo a que estava na retaguarda e que resultou no encontro entre a frente aliada e a ala onde estavam as crianças.

Ensaíamos uma análise, inspirados no trabalho de Rodrigues (2017) sobre outra pintura de Pedro Américo, o quadro intitulado, *Batalha do Avaí* de 11 de dezembro de 1868, período em que a guerra ainda se desenvolvia

**Imagem 2.** Américo, Pedro. **Batalha do Avaí**, 1877. Óleo sobre tela.



**Fonte:** Arquivo pessoal<sup>105</sup>.

<sup>103</sup> RODRIGUES, M. S. *A participação de jovens e crianças na Guerra do Paraguai (1864-1870)*, 2017.

<sup>104</sup> RODRIGUES, M. S. *A participação de jovens e crianças na Guerra do Paraguai (1864-1870)*, 2017.

<sup>105</sup> Visita ao Museu Imperial de Belas Artes, Rio de Janeiro, 2018.

Há de se considerar que esta obra de Pedro Américo, Batalha do Avaí possui mais um indício da participação das crianças. No entanto consideramos que esta imagem não faz papel de fonte primária, mas secundária, por se tratar de uma obra de arte e não um objeto produzido pela imprensa. Mesmo assim é possível notar o modo denotativo proposto por Barthes (2007).

Notamos ao canto direito do quadro um menino com um cantil de água, usando uma espécie de lança para atacar, mas o autor da obra não deixou claro qual seria o alvo do ataque daquele jovem. A impressão que se tem é a de que ele está atacando algo atrás de uma vaca, ou até mesmo a vaca, que na imagem está em primeiro plano, o menino por sua vez, em segundo.

Vale ressaltar o fato de que esse espaço do quadro claramente foi destinado a representar algumas minorias do conflito, além das crianças, nota-se que há mulheres, bebês e o ancião, que estão em terceiro plano também compondo o espaço. Nesta breve representação, idosos e mulheres estão indefesos, dentro dos restos de uma carroça, provavelmente usado como esconderijo.

É possível ver a mulher com uma criança menor nos braços e outra procurando se apoiar na perna dela, o homem velho como se estivesse impressionado com a ação do menino empunhando uma lança, esticando o braço em sua direção. O curioso desta imagem é notar que tanto a mulher quanto o ancião e a criança pequena estão com seus olhos focados no alvo do jovem com a lança. A criança de colo está com o corpo virado para o fundo da imagem, de forma que não estaria conseguindo ver a cena, provavelmente a mãe pode ter-lhe poupado da visão.

Usando a análise conotativa proposta por Barthes (2007) obtivemos alguns resultados interessantes, que nos levam a novos questionamentos e caminhos. Ao estudar minuciosamente as imagens da obra de Pedro Américo consideramos pertinente realizar também a análise denotativa, pois uma não se completa sem a outra.

A imagem inicialmente nos mostra o menino atacando alguma coisa que estaria atrás de uma vaca, um velho escorado em um baú com a tampa vermelha branca e azul junto a uma mulher com uma criança no colo nos permite ver muito mais, principalmente quando aplicamos nosso conhecimento, nossa bagagem cultural ou como alguns autores dizem, nosso capital cultural na análise crítica das fontes.

Como já se sabe a representação da criança nesta pintura é muito preciosa, pois revela a intenção sutil do artista em mostrar a participação das crianças no conflito, não como sobreviventes, mas como combatentes. Pequenos detalhes como o cantil típico de



soldado, pendurado junto ao corpo do infante, a habilidade em portar a lança e o olhar do menino pode ser a comprovação de que ele realmente estava atacando, talvez para proteger os mais frágeis ao seu redor, como o idoso, a mulher e os bebês, sem contudo estar combatendo como um soldado.

Outra interpretação pode ser feita, ao perceber o olhar de espanto do homem velho, da mulher e da pequena criança, mas a criança menor não vê o que os outros personagens da obra vêem. Talvez neste sentido ainda impere resquícios da ideia de poupar a criança do mundo adulto, na visão da mãe, como já foi dito no começo do texto.

Levando em consideração o contexto historiográfico que a criança estaria lutando contra o que quer que fosse para tentar defender o ancião e a mulher com sua suposta prole. O baú aberto com algumas roupas pode nos remeter a ideia de fuga até certo ponto frustrada de algum lugar, ou indo mais além, uma esperança de que ao fim da guerra, se poderia recomeçar a vida com a pouca bagagem que foi possível recolher. O fato de a mulher com suas crianças e o ancião estarem escondido pode nos levar a intencionalidade do autor em fragilizar a figura da mulher e dos anciões, alimentando assim um estereótipo relacionado a mulher, muito presente também durante a segunda metade do séc. XVIII. É importante ressaltar que o autor preferiu representá-las em condição de fugitivos da guerra, pois como estão escondidas, é possível ter essa impressão.

Após a breve sinalização do tema abordado por Rodrigues (2017) e nossa observação sobre uma fonte secundária caracterizada pela mesma tipologia da analisada por Rodrigues (2017), notamos como é possível trabalhar um tema por diversas vertentes, sendo que nosso trabalho com a imprensa se distingue dos já apresentados. Assim, a proposta de estudo com esta tipologia de documentação pauta-se nas reflexões teóricas que se apoiam na perspectiva de trabalho baseadas na ampliação do sentido de fontes históricas, sobretudo aquelas ligadas aos impressos, alinhadas aos estudos da Nova História Cultural<sup>106</sup>.

Tais fontes nas últimas décadas, devido aos avanços tecnológicos vêm sendo favorecidas pela disponibilização de documentos digitalizados, contribuindo para realização de pesquisas com esta documentação, beneficiando investigações sobre temas que até então não constavam na agenda de debates históricos. O pressuposto que orienta

---

<sup>106</sup> CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1990. BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Trad. Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005, 191 p.

essa discussão tem, nesse sentido, na imprensa periódica sua fonte principal para promover estudos históricos<sup>107</sup>.

Em levantamento preliminar identificamos que o tema sobre o qual versam estes estudos tem atraído interesse dos historiadores e ampliando o campo de estudos da história e da educação.

Assim, apresentam-se elementos para a investigação, que busca conhecer as formas de representação das infâncias, especificamente aquelas relacionadas às crianças que estavam envolvidas no contexto da Guerra do Paraguai ocorrida entre 1864 a 1870. Na obra organizada por Ana Luiza Martins e Tania de Luca, *História da Imprensa no Brasil* (2012) as autoras consideram a imprensa do século XIX como parte do crescente processo civilizatório do segundo reinado iniciado em 1841. Quando sobe ao trono um imperador menino por meio da questão da Maioridade, a partir deste período, pretendeu-se introduzir um processo aos moldes culturais franceses e ingleses, países considerados inspiradores de uma sociedade de corte<sup>108</sup>.

A documentação acessada tem como fontes os impressos de natureza periódica produzidos pela imprensa do Brasil e do Paraguai, entremeados ao período em que o evento ocorria com exceção de uma. Constatamos que nesse mesmo período a produção de revistas ilustradas<sup>109</sup> ganhava força no século XIX, por meio de novas técnicas de gravura e advenços tecnológicos trazidos de fora do país, mudando a qualidade e a proporção em que eram editados os impressos. Dessa forma a guerra foi bem trabalhada por meio de imagens reproduzidas em páginas de alguns periódicos brasileiros da época destacando-se a *Semana Ilustrada* (1860-1875) e a *Vida Fluminense* (1868-1874), que trouxeram uma nova modalidade em noticiar acontecimentos usando imagens reproduzidas em xilografia e litografia com intuito de informar<sup>110</sup>, além do *Paraguay Ilustrado* (1865) e o *Cabrião* (1866-1867).

---

<sup>107</sup> DE LUCA, T. **Fontes impressas**, 2005; PINTO, Adriana Aparecida. **Nas páginas da imprensa: a instrução/educação nos jornais em Mato Grosso: 1880-1910**. 249 p. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras. Campus de Araraquara, 2013; PINTO, Adriana Aparecida. **Imprensa e Ensino: catálogo de fontes para o estudo da história da educação mato-grossense**. Dourados: Editora UFGD, 2017; PINTO, Adriana Aparecida. **Relatório de Estágio de Pós-Doutorado em História**. UNESP, Assis. 2018. (Mimeo).

<sup>108</sup> MARTINS, Ana, L. & LUCA, Tania, R.(org): *História da imprensa no Brasil*. 2. Ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2002.

<sup>109</sup>VEZZANI, Iriana Nunes. **Jornal Quinze de Novembro: forças educativas entre espaços de experiências e horizontes de expectativas** (Curitiba, 1889-1890). Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação, linha de história e historiografia da educação, setor de Educação, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2018.

<sup>110</sup> ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de. **História da fotorreportagem no Brasil: a fotografia na imprensa do Rio de Janeiro de 1839 a 1900**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

A metodologia adotada consistiu, inicialmente, na organização de um banco digital de imagens selecionadas a partir do exame das publicações dos periódicos mencionados. Foi elaborado um filtro, pois a quantidade de imagens referentes à guerra apresentada nos periódicos é ampla, sendo assim, estabeleceu-se que seriam selecionadas as imagens que possuem fragmentos que evidenciam a presença de crianças no contexto da Guerra do Paraguai. A organização foi baseada na classificação dos periódicos por nome, data e número de edição. Além do referido banco de imagens há um segundo arquivo digital contendo publicações de ambas as revistas com a mesma organização. Paralelamente à análise documental, um estudo teórico foi realizado, ampliando as possibilidades de compreensão do tema infância<sup>111</sup>, para melhor compreensão das representações contidas nas imagens.

## **2.1 A construção histórica da infância**

Por esse tema a infância passa a ser também objeto de estudo, com intuito de compreendermos um pouco sobre como eram vistas aquelas crianças, e quais algumas das práticas educacionais pensadas a seu respeito. Sendo assim, os estudos realizados sobre este tema nos permitem entender a infância durante o século XIX como sendo um dos vários elementos que se fazem presentes também dentro do processo histórico brasileiro e paraguaio. Destacamos o entendimento sobre a concepção de infância bem como de suas práticas, sendo expressões que se moldam conforme os sujeitos em determinadas épocas e lugares.

Para estudar a infância se faz necessário analisar o trabalho inaugural do historiador francês Philippe Ariès (1981), autor que se tornou referência para tratar o assunto. Sua obra *História social da criança e da família*, baseada em imagens a partir da Idade Média nos leva a pensar nas transformações na compreensão do termo infância e suas relações com a família e o meio social, apontando as fragilidades das crianças num contexto em que eram tratadas com certa inferioridade pelos adultos. Percebe-se a infância associada às intervenções sociais ao longo dos séculos e a noção de que a preocupação com o registro da idade nos documentos se deu pela imposição religiosa, nos levando a crer que antes disso não havia motivações para se contar os anos de vida dos indivíduos. Essa prática foi importante para haver a divisão entre as categorias criança

---

<sup>111</sup> KUHLMANN JR, Moysés. A circulação de ideias sobre a educação das crianças; Brasil, início do século XX. In: FREITAS, Marcos Cezar; KUHLMANN JR, Moysés. **Os intelectuais na história da infância**. São Paulo: Cortez, 2002. (p. 459-503).

e adulto<sup>112</sup>, corroborando para a compreensão contemporânea de que a infância “não é uma fase biológica da vida, mas uma construção cultural e histórica (...)”<sup>113</sup>. A obra tornou-se referência introdutória para tratar o tema, relacionado ao século XVII ligado à ideia de dependência<sup>114</sup>, em relação a família.

Sua obra baseada no estudo sobre imagens de crianças durante a Idade Média<sup>115</sup> possibilita conhecer transformações na compreensão do termo infância e suas relações com a família e o meio social, apontando fragilidades das crianças num contexto em que foram representadas com pouco interesse pelos adultos<sup>116</sup>.

Ainda que criticado por outro estudioso do tema<sup>117</sup>, sua obra tem importante papel nos estudos sobre a infância. Um dos críticos desta obra é Colin Heywood (2004), professor de História Social e econômica na universidade de Nottingham que aponta fragilidades contidas na obra de Ariès (1981). Bem como deficiências na prática metodológica adotada pelo autor ao se propor em, analisar a infância por meio de obras de arte do século XII, para Heywood (2004), Ariès não levou em consideração todas as possíveis intenções por parte dos artistas que registraram aqueles indivíduos<sup>118</sup>.

O autor aponta equívocos nas análises realizadas por Ariès às fontes de sua obra, sendo que umas delas diz respeito à conclusão de que faltaram alguns questionamentos, com sentido de buscar o entendimento sobre quais as possibilidades de visão dos artistas sobre o que eles representavam nas telas, o que queriam retratar e por que. Para Heywood (2004), Ariès (1981) considerou que as imagens pintadas retratavam a miniatura de um adulto, logo afirmou que não existia a percepção da infância nos autores pelo fato das obras retratarem a criança com aspectos de adultos. No entanto, a crítica feita por Heywood para essa afirmação, se baseia no argumento de que, antes de expressar a aparência real do sujeito, os artistas pensavam em ressaltar o status desse indivíduo, como se pode notar: “Mesmo ao retratarem adultos no início da época medieval, os artistas

---

<sup>112</sup> ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Trad. Dora Flaksman; 2.Ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

<sup>113</sup> LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. A infância no século XIX segundo memórias e livros de viagem *In*: FREITAS, Marcos Cezar de (org.). **História Social da Infância no Brasil**. São Paulo: 6ª Edição; Editora: Cortez, 2006. P 19.

<sup>114</sup> ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. 1981, p. 42.

<sup>115</sup> Período da história da humanidade compreendido entre os séculos V e XV. Para melhor entendimento ver a obra de Willian Carroll Bark intitulada *Origens da Idade Média* (1979).

<sup>116</sup> ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. 1981.

<sup>117</sup> HEYWOOD, Colin. **Uma história da infância**: da Idade Média à época contemporânea no Ocidente. Trad. Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2004. P 44.

<sup>118</sup> HEYWOOD, C. **Uma história da infância**, 2004.

estavam mais preocupados em transmitir os status e a posição de seus retratados do que com a aparência individual”<sup>119</sup>.

A sociedade da época medieval, posta em estudos por Heywood (2004) e Ariès (1981) estava baseada em um aprendizado por meio da família, onde os jovens possuíam poucas opções além de seguir os passos de seus pais em seus ofícios, o que gerou pouco espaço para diálogos sobre infância. A compreensão dos ciclos da trajetória humana é relevante para o tema, em três momentos a serem levantados. A *Infantia* referente ao período entre o nascimento e os sete anos de idade; a *Pueritia*, dos sete aos doze para meninas e para os meninos entre sete e quatorze anos e, na sequência, a *Adolescentia* que compreendia entre os anos de doze ou quatorze até os vinte e um anos de idade.

Para Heywood (2014) a infância não passou despercebida na Idade Média como afirma a obra de Ariès (1981), mas, foi antes compreendida e percebida de maneira distinta da qual a compreendemos hoje. A hipótese do autor sobre a presença das crianças é que:

Havia um óbvio nivelamento de responsabilidades que as de menos idade podiam assumir: desde trabalhos menores na casa até o pastoreio e, eventualmente, um aprendizado de ofício ou um trabalho formal no campo. Elas também tinham seus jogos, ao invés de participar das competições adultas<sup>120</sup>.

Além disso ele segue dizendo que Ariès é importante com sua obra, no entanto não é feliz ao dizer que a sociedade não percebia a diferença do desenvolvimento humano, tanto que sinaliza responsabilidades e atividades particulares de jovens e crianças. O que pode ser notado na obra é como a percepção sobre a infância e seus cuidados se transformaram ao longo dos séculos, no período medieval, criando a necessidade de instituições das ensino<sup>121</sup>. Em que pesem os argumentos contrários ao trabalho de Ariès (1981), bem como as severas críticas que vem sofrendo, por não ter incluído nos seus estudos, por exemplo, crianças pobres, a historiadora Mary Del Priori, sinaliza-as, mas reconhece, contudo, que “as teses de Ariès instigam o historiador brasileiro a procurar suas próprias respostas”<sup>122</sup>.

Torna-se importante levar em consideração a contribuição de Moyses Kuhlmann Jr e Marcos Cezar de Freitas para o entendimento histórico do lidar com “crianças”. Os autores produziram uma compilação de textos, *Os intelectuais na história da infância*,

---

<sup>119</sup> HEYWOOD, C. **Uma história da infância**, 2004, p 25.

<sup>120</sup> HEYWOOD, C. **Uma história da infância**, 2004, p 30.

<sup>121</sup> HEYWOOD, C. **Uma história da infância**, 2004.

<sup>122</sup> DEL PRIORE, Mary (org). **História das Crianças no Brasil**. 5. ed. São Paulo: Contexto. 2007, p 10.

que chama a atenção para a necessidade da compreensão etimológica da palavra *Infante*, que posteriormente nos remete ideia de outras palavras associadas à figura da criança. A definição dada em uma nota de rodapé nesta obra é bem explicativa, no texto de João Adolfo Hansen:

Etimologicamente, o termo *infante* deriva do verbo latino *fari*, “falar”. O particípio presente desse verbo é *fans*, significando “o que fala” ou “falante”; com o prefixo negativo *in*, forma-se *infans*, como o significado de “o que não fala” ou “o não-falante”<sup>123</sup>.

A historiadora da educação Carlota Boto (2002) explica que já existe uma preocupação com o comportamento social da criança há um bom tempo. A autora nos leva a refletir sobre a infância desde o final da Idade Média, momento em que “a criança, à partida, é destacada apenas por seu caráter incompleto; por um não-ser adulto”<sup>124</sup>. Por esta ótica notamos que a criança era privada do mundo dos adultos pela sua falta de consciência, pois os adultos pensavam que a falta de instrução poderia fazer com que a criança falasse coisas quando não se deveria, agisse de maneira incoerente com o lugar, ou determinado momento. Havia uma preocupação na questão da civilidade, neste caso ela não pode falar por questões sociais, basicamente era o que estava presente diferenciando o adulto da criança até final da idade média século XVI<sup>125</sup>.

Em seguida aponta o estudo de Neil Postman que, no ano de 1980 sustenta a ideia de ter havido uma mudança na percepção e no tratamento com o comportamento das crianças no final do séc. XIX, por causa de três fatores determinantes. O primeiro seria a inocência infantil, resultado do pudor do adulto perante a criança. Surgem então os segredos que devem ser mantidos pela sociedade adulta, pois as crianças não poderiam saber de certas conversas, momentos, ações, verem cenas de gente grande. Tudo isso com o intuito de resguardar a pureza da criança, sua ingenuidade, a respeito de como diz o autor, as maldades da vida adulta.

O segundo fator seria a diferença entre a visão do mundo medieval e o mundo moderno sobre o tema. Surge uma preocupação com o desenvolvimento da criança, aparecem teorias de ensino e desenvolvimento infantil, neste momento são criadas várias instituições pedagógicas e os colégios. E o terceiro fator que está diretamente ligado com os outros dois primeiros, trata-se da introdução das letras naquelas sociedades e esse é um

---

<sup>123</sup> HANSEN, João Adolfo. Educando príncipes no espelho. In: FREITAS, Marcos Cezar; KUHLMANN JR, Moysés. **Os intelectuais na história da infância**. São Paulo: Cortez, 2002, p. 62.

<sup>124</sup> BOTO, Carlota. O desencantamento da criança: entre a Renascença e o Século das Luzes. In: FREITAS, M. C. KUHLMANN JR, Moysés. **Os intelectuais na história da infância**. São Paulo: Cortez, 2002, p. 12.

<sup>125</sup> BOTO, C. **O desencantamento da criança**, 2002.

dos fatores que de um modo geral, contribuiu para várias áreas do conhecimento. Por ser uma sociedade cada vez mais letrada, que com a tipografia ampliava o raio de conhecimentos, com a imprensa e a transmissão de informações, aumenta a necessidade de saber ler, o que gerou uma barreira no que diz respeito aos conhecimentos que estavam nos livros. Ou seja, a criança que não podia desvendá-los por meio da leitura estaria privada do conhecimento, ampliando-se assim a distância entre o adulto e a criança<sup>126</sup>.

Essa mesma escola ou instituição de ensino, no caso citado na obra um colégio jesuíta, serviu também para definir ou estabelecer uma organização e subdivisão nas turmas que entravam e as que estavam há mais tempo engajadas com os estudos. O ideal do colégio, naquele contexto seria o de incutir na criança o que ela deveria se tornar, a partir do momento em que ela conseguisse compreender alguns pressupostos básicos do ser humano para o pensamento da época, tais como modos de se representar naquela sociedade<sup>127</sup>. Nota-se que é uma obra voltada para a análise da criança por meio da educação, tendo ligação com o desenvolvimento do ser humano nos seus primeiros anos de vida, pois segundo Postman (1999) “Refletir sobre a criança requer, (...) pensar nos modos de educar que historicamente são correlatos ao trajeto da existência infantil”<sup>128</sup>.

A sociedade moderna foi aos poucos deixando de lado o antigo modelo de educação da criança, baseado na convivência com a família, espaços comunitários, a vizinhança e a natureza da sociedade, sendo substituído ao longo do tempo pela aceitação de uma instituição de ensino, pensada para dar o melhor preparo intelectual para as crianças.

As obras *História das Crianças no Brasil*<sup>129</sup> e *História social da infância no Brasil*<sup>130</sup> representam os esforços inaugurais na composição de obras coletivas voltadas à criança e infância, congregando pesquisadores que se dedicaram ao tema, em áreas distintas do conhecimento. Tais obras compreendem estudos ligados à sociologia, à história da educação e à educação e nos guiando a temas e abordagens daqueles que pretenderam se enveredar em estudos relacionados.

Um exemplo de tema que se desdobra a partir da questão da infância diz respeito aos termos utilizados em determinadas épocas, seus sentidos e significados, como ocorre

---

<sup>126</sup> POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância**. Trad. Suzana Menescal Alencar de Carvalho e José Laurenio de Melo. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

<sup>127</sup> POSTMAN, N. **O desaparecimento da infância**, 1999.

<sup>128</sup> POSTMAN, N. **O desaparecimento da infância**, 1999, p. 33.

<sup>129</sup> DEL PRIORE, M. (org.). **História das Crianças no Brasil**. 2006.

<sup>130</sup> FREITAS, Marcos Cezar de (org.). **História Social da Infância no Brasil**. 6.ed. São Paulo: Cortez, 2006.

com a palavra moleque que “(...) foi compreendida de muitas formas diferentes. Podia ser um tipo de criado, o moleque ou moleca, nascidos em casa do senhor ou filhos de escravos”<sup>131</sup>.

A obra *História social da infância no Brasil* organizada por Marcos Cezar de Freitas (2006) que nos mostra, por exemplo, como se desenvolveu o termo moleque, buscando sua base referencial no Brasil colônia, além de comentar também sobre como a criança passa a ganhar visibilidade a partir do momento em que se integra com o mundo exterior a sua família que, quando isso ocorre, já não consegue mais administrar o desenvolvimento de seus pequenos<sup>132</sup>.

As crianças são vistas nesse sentido como já foi dito anteriormente, sendo parte de um processo histórico, representados pelos seus atos. Podemos notar também traços de uma sociedade armada e preparada para possíveis conflitos, na segunda década do século XIX, a exemplo segue o seguinte trecho:

Enquanto os militares atuaram de forma humana e louvável, [na Revolta de São Cristóvão de 09/06/1828] a plebe mostrou-se de uma ferocidade atroz. Os moleques atacavam com suas facas todos os estrangeiros que encontravam por perto e os mutilavam de forma selvagem<sup>133</sup>.

Além disso, como vimos em uma obra coletiva intitulada, *A guerra do Paraguai: entreolhares do Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai*<sup>134</sup>, que registra a contribuição de Adler Castro<sup>135</sup>, o autor sugere que haviam situações onde crianças exerciam atividades dos adultos, o que não gerava estranhamento. Sobretudo se considerarmos que o próprio Imperador do Brasil assumiu o trono com quatorze anos de idade, em 1841, outro dado que corrobora com a naturalização desse comportamento refere-se ao fato de crianças se casarem muito cedo e alguns casos de violência extrema. Sobre este assunto podemos imaginar crianças nas mais diversas situações, como por exemplo, neste trecho extraído do trabalho de Marcilio (2006):

Chegamos a uma porteira de pedra. (...), do lado de dentro ficava uma sentinela de mosquetão e baioneta. Era auxiliada por um companheiro de quepe, jaqueta azul, uma caixa de cartuchos ao lado, e uma espada à

---

<sup>131</sup>FREITAS, M. (org) **História social da infância no Brasil**. 2006, p.24.

<sup>132</sup> FREITAS, M. (org) *História social da infância no Brasil*, 2006.

<sup>133</sup> FREITAS, M. (org) *História social da infância no Brasil*, 2006, p. 32.

<sup>134</sup> SQUINELO, Ana Paula. **150 anos após A guerra do Paraguai: entreolhares do Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai**. Campo Grande: Editora da UFMS, 2016.

<sup>135</sup> CASTRO, Adler, H.F. Os aprendizes menores do arsenal de Guerra. In: SQUINELO, Ana Paula. **150 anos após - A guerra do Paraguai: entreolhares do Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai**. Campo Grande: Editora da UFMS, 2016.



mão. Nenhum desses guerreiros ia além de quatro pés de altura nem dez anos de idade<sup>136</sup>.

Devemos ressaltar que na época do conflito não existiam acordos assim como os de hoje em dia, que pelo menos teoricamente, é garantida a integridade física e moral de crianças, como por exemplo, o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), estatuto que somente surgiu com a Lei Nº 8.069, de 13 de Julho de 1990 (Casa Civil, 2015). Também reparamos que a restrição de crianças trabalhando, só surgiu no final do século XIX com a convenção de Berlim<sup>137</sup>.

É possível notar que no Brasil existe grande indefinição sobre as origens do termo criança, sendo que a explicação até então melhor compreendida nos leva a crer que suas raízes podem ser tomadas como resultado do Brasil colonial.

Marcilio (2006) também nos faz pensar sobre alguns momentos do desenvolvimento da criança, ao imaginar como se dá uma das transições do desenvolvimento humano pautado no convívio em sociedade e o aprendizado por meio das relações quotidianas. Quando a criança ganha visibilidade e se integra com o mundo exterior à sua família, esta já não consegue mais reger o desenvolvimento de seus filhos<sup>138</sup>, Imaginamos, assim que o alto índice de informações que vem de fora do ambiente familiar possa causar o afastamento em relação à família, que a partir de então perde o controle sobre algumas influências de seus filhos<sup>139</sup>. Neste sentido percebemos a existência de um aglomerado de informações, que por sua vez demandaram a organização de instituições de ensino que organizam os conhecimentos, direcionando-os por meio do ensino em instituições de assistência infantil e escolas.

O texto de Renato Venancio (2007) nos faz pensar a infância sendo vista por aquela sociedade que está pronta a exercer papéis mais próximos aos de adultos, no âmbito da capital do Império. A dissertação de Álvaro Mello (2009) por sua vez, nos remete à situação de uma Companhia de Aprendizes que foi instalada na Província de Mato Grosso, um dos lugares considerados como sendo de difícil acesso no Império<sup>140</sup>.

---

<sup>136</sup> EXPILLY, Charles, 1997, p. 401-5 APUD. In: FREITAS, Marcos Cezar de (org.). **História Social da Infância no Brasil**. 6.ed. São Paulo: Cortez, 2006, p. 42.

<sup>137</sup> EXPILLY, C., In: FREITAS, M.,(org) **História social da infância no Brasil**, 2006.

<sup>138</sup> MARCILIO, Maria Luiza. A roda dos expostos e a criança abandonada na história do Brasil, 1726-1950. In: FREITAS, Marcos Cezar de (org.). **História Social da Infância no Brasil**. 6.ed. São Paulo: Cortez, 2006.

<sup>139</sup> MARCILIO, M., L. **A roda dos expostos e a criança abandonada na história do Brasil**. 2006.

<sup>140</sup> MELLO, Saulo Álvaro. **O arsenal da marinha em Mato Grosso: projeto político, defesa nacional e de disciplinarização do trabalho: do planalto à planície pantaneira (1719 1873)**. Dourados, MS: UFGD, 2009.

Assim é fundamental para o entendimento do assunto a percepção de que, no Brasil Imperial, alguns anos antes da guerra já aconteciam recrutamentos infantis para incorporação nas fileiras da Marinha brasileira. O recrutamento poderia acontecer quando a criança vinha da Roda dos Expostos ou quando eram rejeitados nas comunidades de pescadores. Eram recrutadas sem preparo algum e no caso de ir para a Marinha, sem ao menos ensinar a nadar, pois seriam levados para trabalhar nos navios comerciantes. À essas crianças restava aceitar a rude vida no mar como sua escola, família e destino. Essa situação se dava com frequência até o final do séc. XVIII e sofreu uma mudança a partir do momento em que surgem as exigências de idade mínima e de preparo prévio para os futuros marinheiros<sup>141</sup>.

Consideramos que compreender as condições em que se desenvolveram as políticas de alistamento infantil no Brasil com as companhias de aprendizes é importante para o trabalho. Já no caso do Paraguai o fundamental é perceber que através de decretos de Francisco Solano López a idade mínima para o alistamento militar paraguaio chegou a ser de dez anos, e o papel da escola, a nosso ver, tornou-se preponderante, visto que existem os relatos de professores que ministraram aulas de patriotismo em agosto de 1869<sup>142</sup> no Paraguai.

O abandono da criança é outro dos temas da história da infância brasileira, sendo explanado por meio do artigo de Maria Luiza Marcilio (2006). A já citada Roda dos Expostos foi uma instituição criada para acolher crianças rejeitadas por seus progenitores<sup>143</sup>. O nome da instituição se dá pelo uso de um mecanismo que tem suas origens no período medieval, uma roda colocada nas paredes de alguns mosteiros, para que as mães que não quisessem seus filhos, por diversos motivos, os deixassem lá. Assim que o mecanismo girava a criança ia parar dentro do mosteiro, onde seria recolhida por algum monge ou freira se fosse o caso de um convento<sup>144</sup>.

A Roda dos Expostos foi uma instituição criada para atender crianças órfãs, pois boa parte dos que saíam delas, sobretudo aqueles do sexo masculino, iam trabalhar nos portos e acabavam ingressando na Marinha, como indica o historiador e professor Renato Pinto Venancio anteriormente mencionado. Em sua pesquisa constata o envio de crianças brasileiras para navios mercantes e arsenais de guerra<sup>145</sup>.

---

<sup>141</sup> VENANCIO, Renato Pinto. Os aprendizes da guerra. In: DEL PRIORI, Mary. **História das crianças no Brasil**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2007. p. 192-209.

<sup>142</sup> AGUIRRE, A., **Acosta Ñu**, 1979.

<sup>143</sup> MARCILIO, M., L. **A roda dos expostos e a criança abandonada na história do Brasil**, 2006

<sup>144</sup> MARCILIO, M., L. **A roda dos expostos e a criança abandonada na história do Brasil**, 2006.

<sup>145</sup> VENANCIO, R., P. **Os aprendizes da guerra**, 2007.

No mesmo sentido, a obra *História das crianças no Brasil* de Mary Del Priore (2006) reafirma o envio de crianças brasileiras para navios mercantes e arsenais de guerra, informando que não existia, de início nenhum tipo de formação ou treinamento para os jovens marujos. Somente após a independência é que o Império começou a copiar o modelo das Companhias de Aprendizes europeias, ainda que durante o século XIX a instituição passou a ser uma das formas de ascensão social para filhos de forros e negros livres, alguns homens livres também deixavam seus filhos, sendo que recebiam uma parcela em dinheiro, uma espécie de dote pelo ato<sup>146</sup>.

Desta feita, pensamos ser possível apresentar por meio destas obras parte de uma história relacionada aos estudos já mencionados sobre as infâncias no Brasil, neste caso foi possível contemplar um período que remonta ao século XVII.

Maria Carolina Zapiola (2018) em seu artigo contido na obra *La historia de las infancias en América*, analisa os processos culturais que deram base para conceituar como delinquentes, anormais ou de uma maneira mais ampla, menores. Nas palavras da autora, essas crianças passaram a ser, em algum momento: “(...) objeto de un tratamiento diferenciado (legal, jurídico, institucional, educativo, terapêutico) en respecto a los niños considerados normales.”<sup>147</sup>.

O texto em questão objetiva demonstrar como a apropriação de modelos teóricos influenciou as práticas profissionais e também algumas políticas públicas sobre a infância argentina<sup>148</sup>. Zapiola (2018) se propõe a analisar a trajetória da disciplina histórica dentro do processo de descobrimento da infância, apontando a relação entre Estado e infância como o ponto de vista privilegiado para se estudar o tema, além de oferecer uma lista representativa sobre alguns autores que já trilharam o caminho na busca pela compreensão do tema Infância.

Adiante, Zapiola (2018) constata que a história da infância começou a ser trabalhada na Argentina entre os anos de 1980-1990 por meio de estudos sobre como meninos e meninas participaram politicamente no movimento libertário, o trabalho citado é de Dora Barrancos, de 1987. Além desse existem também trabalhos sobre crianças e suas experiências no mercado de trabalho. Notamos também que surgiram pesquisas sobre o controle social da infância, e no que tange a aproximação ao tema proposto para

---

<sup>146</sup> DEL PRIORE, M., (org). **História das Crianças no Brasil**. 2006.

<sup>147</sup>(...) sujeito a um tratamento diferenciado (legal, jurídico, institucional, educacional, terapêutico) com respeito a crianças normais. (Trad. do autor). ZAPIOLA, M. C. Estado e infancia en Argentina: reflexiones sobre un recorrido historiográfico. In: LIONETTI, Lucía. **La historia de las infancias en América Latina**. Tandil: Universidad Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires, 2018. p. 91 – 110.

<sup>148</sup> ZAPIOLA, M., C. **Estado e infancia en Argentina**, 2018, p. 92.

a dissertação, sobre “La creación del sistema público de instrucción y a la educación patriótica de los niños escolarizados, mayoritariamente generada por los historiadores de la educación”<sup>149</sup>.

Tomamos conhecimento também de que existiam algumas dificuldades impedindo avanços de pesquisas em relação à história da infância, pois muitos acabavam se enveredando por outros temas mais interessantes, como por exemplo, a constituição do nacionalismo de Estado ou o impacto do positivismo no funcionamento de instituições, sendo que os temas que focavam a infância acabaram ficando isolados.<sup>150</sup>

Outra dificuldade relatada nos estudos sobre a infância se dava pela falta de espaços acadêmicos sobre essa perspectiva histórica, dificultando assim, a criação de diálogos entre pesquisadores, que abririam espaço para a fragmentação do assunto. Vale ressaltar que já nos anos 1990 essa temática, voltada a compreender a relação entre Estado com suas instituições, leis e seus agentes influenciando a experiência de vida das crianças, especialmente das que faziam parte dos setores populares, começou a ser substituída por uma visão das experiências culturais, políticas e de trabalho das crianças.

Zapiola (2018) aponta a existência também de estudos que objetivaram compreender as raízes do sistema penal para menores, localizando as intervenções normalizadoras ou estigmatizadoras do Estado sobre as crianças. Através de estudos sobre as instituições carcerárias em especial as destinadas aos menores, devemos ter em mente que cada sociedade representa a infância de determinada maneira e o Estado tem importante papel na consolidação dessas diferentes visões<sup>151</sup>. Essas instituições punitivas foram inspiradas em tendências filosóficas criadas nas principais potências ocidentais<sup>152</sup>.

Tais instituições aparecem já nos anos 1950, visto que na década seguinte aparecem críticas sobre essas instituições carcerárias educativas, psiquiátricas e os modernos processos de controle e disciplinamento social. A crítica sobre esses processos tomou força por meio da obra de Michel Foucault em especial a intitulada *Vigiar e Punir*.

En lo que hace a la infancia, esta influencia resultó crucial para que los historiadores y otros científicos sociales empezaran a visualizar a los niños y jóvenes que habitaron las instituciones de reforma o de castigo, así como a los escolarizados, como objetos de estudio.<sup>153</sup>

---

<sup>149</sup> “A criação do sistema público de ensino e a educação patriótica de crianças em idade escolar, gerada principalmente por historiadores da educação.” (Trad. do autor) ZAPIOLA, M., C. **Estado e infancia en Argentina**, 2018, p. 92.

<sup>150</sup> ZAPIOLA, M., C. **Estado e infancia en Argentina**, 2018.

<sup>151</sup> ZAPIOLA, M., C. **Estado e infancia en Argentina**, 2018, p. 93.

<sup>152</sup> ZAPIOLA, M., C. **Estado e infancia en Argentina**, 2018, p. 101

<sup>153</sup> No que diz respeito à infância, essa influência foi fundamental para que historiadores e outros cientistas sociais passassem a visualizar crianças e jovens que habitavam instituições de reforma ou punição, bem

Segundo a Zapiola (2018), a influência de Michel Foucault se faz presente para quem pretende trabalhar a infância por meio das instituições repressivas, assim, entendemos que, ao passo em que se criaram novas teorias de análise como as “foucaultianas”, se ampliaram as possibilidades de estudo a partir da infância. Além desta importante referência para o trabalho, a autora também comenta sobre a obra de Ariès (1981), dando ênfase a sua tese de que a infância não é uma condição natural do ser humano, mas, sim uma categoria historicamente construída e interpretada de diferentes maneiras em diferentes lugares. Como já comentamos anteriormente, para nossa proposta de pesquisa vale a afirmativa posta por Zapiola (2018) de que:

Los estudios sobre la infancia que se han venido produciendo desde la década de 1960 en Europa y Estados Unidos, y los que comenzaron a tomar forma dos o tres décadas más tarde en América Latina, asumen como punto de partida el hecho de que la infancia no es una etapa natural o biológica de la vida, sino una categoría históricamente construida y culturalmente connotada.<sup>154</sup>

Dos processos pelos quais a ideia de infância passou ao longo dos anos, a autora destaca o que ela chama de redefinição das representações criadas pela sociedade para esta categoria. Essas representações estão intimamente relacionadas com o implemento de diversos discursos e práticas que surgiram a partir de debates de caráter sanitário, educativo, penais e assistenciais, pensados como características dos novos Estados Nacionais<sup>155</sup>.

Ainda sobre os trabalhos que estudam a questão da infância na perspectiva histórica, a obra organizada por Moysés Kuhlmann Jr. e Marcos Cezar Freitas<sup>156</sup>, apresenta a ideia de criança e infância como objetivos de produção científica, ou seja, como objetos de pesquisa, evidenciando pesquisas nesta temática, envolvendo este público em diversos momentos da história do Brasil.

Vale destacar que a proteção à infância passa a ser, nas palavras de Kuhlmann Jr. “o motor que a partir do final do século XIX impulsiona todo o mundo ocidental a criação de uma série de associações e instituições para cuidar da criança, sob diferentes

---

como os da escola, como objetos de estudo (Trad.do autor). ZAPIOLA, M., C., **Estado e infancia en Argentina**, 2018, p. 96.

<sup>154</sup> Os estudos sobre a infância produzidos desde a década de 1960 na Europa e nos Estados Unidos, e os que começaram a se formar duas ou três décadas depois na América Latina, partem do fato de que a infância não é um estágio natural ou biológico da vida, mas uma categoria historicamente construída e culturalmente conotada (Trad. do autor). ZAPIOLA, M., C., **Estado e infancia en Argentina**, 2018, p. 97.

<sup>155</sup> ZAPIOLA, M., C. **Estado e infancia en Argentina**, 2018.

<sup>156</sup> FREITAS, Marcos Cezar; KUHLMANN JR, Moysés. **Os intelectuais na história da infância**. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

aspectos: da sua saúde e sobrevivência”<sup>157</sup>. Exemplificando essas preocupações, registra-se a presença de representantes de Mato Grosso e do Paraguai no Congresso Brasileiro de Proteção à Infância (CBPI) que ocorreu em 1922, bem como o 3º. Congresso Americano da Criança (CAC), realizado no Rio de Janeiro<sup>158</sup>.

O que temos até este momento sobre a infância, nos leva a crer que a ideia de infância para os adultos, vem se constituindo aos poucos e com muito custo ao longo dos séculos. Além disso percebemos que os avanços na compreensão do ser social criança tiveram seu apogeu somente a partir do século XX, fato que de certa forma desprivilegiou as crianças da Guerra do Paraguai, pois ainda estavam inseridas em uma sociedade que, de um modo geral, não possuía os aparelhos de apoio a infância como existem no século XXI.

## 2.2 Infância, imagem e imprensa: possibilidades de investigação

O estudo sobre o Paraguai nos permite vislumbrar um país com forte ideal militarista, desde a época de José Gaspar Rodríguez de Francia, que assumiu o poder com a ajuda de militares em 1813, instaurando uma ditadura que apoiou umas das melhores formas de ascensão social da época. O militarismo de seu governo resultou em um forte nacionalismo que influenciaria o governo de Carlos Antonio López entre 1840 a 1862. Ele investiu na fundição nacional que abastecia o arsenal que fabricava armas para o exército, além disso, os ideais nacionalistas de *El Supremo* (Dr. Francia) também influenciaram o governo de Francisco Solano López, presidente entre os anos de 1862 até 1870. No entanto, apesar da tendência à militarização, só se pensou em ter crianças com idade mínima de dez anos, mediante a emergência que surge durante o final da contenda

159

Vale ressaltar que, como sinalizado por Chiavenatto (1979) grande parte da população masculina sucumbiu durante a batalha, sendo que os números apontados por este autor nos remetem a uma população inicial de oitocentos mil habitantes, desconsiderando estatísticas de sua época que apresentam hipóteses com números que chegam a um milhão de habitantes. Ao fim da guerra sobraram cerca de quatorze mil do sexo masculino, sendo que deste número setenta por cento, representam a quantidade de

---

<sup>157</sup> FREITAS; KUHLMANN JR. **Os intelectuais na história da infância**, p. 464.

<sup>158</sup> FREITAS; KUHLMANN JR. **Os intelectuais na história da infância**, 2020, p. 463.

<sup>159</sup> CHIAVENATTO, J. J. **Genocídio Americano**, 1979.

crianças sobreviventes<sup>160</sup>. Em relação às mulheres o autor informa que, no início da Guerra havia um número de aproximadamente quatrocentos mil mulheres, e ao fim do conflito, contando cerca de cento e oitenta mil mulheres sobreviventes<sup>161</sup>.

Levando em consideração a biologia humana entendemos que a mulher é responsável pela geração da prole humana e os primeiros momentos de vida, supomos que sua condição favoreça a proximidade com o ser criança. Ainda que, os aspectos sociais que delimitam funções em cada sociedade se faziam presentes também no século XIX, imaginamos um ambiente em que as mulheres cuidam e protegem suas crianças, assim entendemos a importância da figura femininas nas imagens que selecionamos.

Desta forma para realização deste trabalho que visa expressar um entendimento sobre a realidade de crianças e de mulheres no contexto histórico, selecionamos imagens de alguns periódicos que serão apresentados a seguir. Assim tomou-se como fonte histórica os periódicos de origem paraguaia: *Cabichuí* (1867-1868) e o *El Centinela* (1867-1868); e os de origem brasileira nomeados como: *A Vida Fluminense* (1868-1875), *Semana Illustrada* (1860-1875), *Cabrião* (1866-1867) e o *Paraguay Illustrado* (1865). Ambos os periódicos mencionados compõem a fonte histórica de tipologia impressa, parte do leque de possibilidades que advém dos movimentos teóricos da História Cultural<sup>162</sup>.

Baseado nas fontes impressas periódicas<sup>163</sup> mencionadas acima, objetivamos compreender outras faces dessa história, trazendo à luz novas visões, identificando a representação acerca das crianças e mulheres no contexto de guerra, conforme hipóteses de pesquisas já levantadas. Buscamos ainda apresentar aspectos de crianças e mulheres brasileiras e paraguaias, mediados pelas fontes impressas da época, depreendendo desse cenário o conceito de infância que perpassava ao ideário brasileiro e paraguaio. Tais crianças, ao que tudo indica, já vinham sendo preparadas ideologicamente para um possível embate antes da batalha de *Acosta Ñu* em 16 de Agosto de 1869.

A imprensa periódica, neste estudo, alinha as discussões apresentadas nos primeiros momentos deste texto, oportunizando perceber e identificar as formas pelas quais as crianças foram representadas, bem como as formas de tratamento histórico dadas

---

<sup>160</sup> CHIAVENATTO, J. J. **Genocídio Americano**, 1979.

<sup>161</sup> CHIAVENATTO, J. J. **Genocídio Americano**, 1979.

<sup>162</sup> BLOCH, March. **Apologia da história** ou O ofício do historiador. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

<sup>163</sup> *Cabichuí* (1867-1868), *El Centinela* (1867-1868), *A Vida Fluminense* (1868-1875), *Semana Illustrada* (1860-1875), *Cabrião* (1866-1867) e o *Paraguay Illustrado* (1865)

a elas. Consideramos interessante compreender a história da imprensa paraguaia durante os anos que precedem à contenda armada.

Os estudos de Bernardo Farina (2013) apontam que a primeira máquina de imprensa a funcionar no Paraguai data da época das missões jesuíticas. No entanto ela servia com finalidades nas palavras do autor “catequístico-culturales misioneras”<sup>164</sup>. Apesar desta experiência e outras de uma imprensa manual dedicada a um menor número de notas, somente em 1844 surgiu a primeira imprensa de caráter nacional no Paraguai<sup>165</sup>.

A máquina usada para imprimir o primeiro periódico paraguaio está em exposição na Biblioteca Nacional de Assunção, fabricada na Alemanha em 1840, comercializada por um espanhol residente na Argentina chamado Benito Hertelano. Segundo as informações da peça a negociação se concretizou em 1843, mas a máquina só chegou em 1844<sup>166</sup>.

É no ano de 1845 que surge o primeiro periódico paraguaio, o *Paraguay Independiente* (1845-1852) com sua primeira edição datada de 26 de abril. Fundado por Carlos Antonio López que também era o redator chefe, com colaboração de Andrés Gelly e Manuel Pedro de la Peña, além do representante diplomático brasileiro no Paraguai José Pimenta Bueno<sup>167</sup>.

Farina (2013) apresenta uma visão sobre Pimenta Bueno que mostra como, durante um tempo, se pensou que ele fosse o principal elemento do grupo, no entanto o periódico continuou com o mesmo ritmo sem ele. Para o então presidente Carlos Antonio Lopez o *Paraguay Independiente* deveria:

Demonstrar palpablemente: 1º Que el Paraguay, desde el Congreso general de 1810 quedó libre de Buenos Aires; y que la Independencia paraguaya fue reconocida explícitamente por el gobierno de las Provincias Unidas del Río de la Plata en 1811.- 2º Que el gobierno de Buenos Aires, postergando el derecho de las gentes y la sagrada Fe publica, violó manifiestamente todas las condiciones convencionadas por el tratado de alianza del 12 de Octubre de 1811; que el Gobierno paraguayo lo declaró roto y se desprendió en 1813 de dicho tratado, y de todas las relaciones con Buenos Aires, y se declaró independiente de todo poder extraño.- 3º Que en 1842 nada más hizo que renovar y ratificar esa declaración absoluta y definitiva de su independencia y soberanía nacional, para el único fin de pedir el reconocimiento general de las naciones y que sólo por un acto de deferencia y amistad con el gobierno argentino, lo incluyó en esa generalidad no obstante su anterior reconocimiento.- 4º Que virtual y expresamente desde su

---

<sup>164</sup> FARINA, Bernardo, N. **El periodismo de guerra**. El Lector. Asunción. 2013, p. 26

<sup>165</sup> FARINA, B. **El Periodismo de guerra**. 2013.

<sup>166</sup> Em exposição na Biblioteca Nacional de Assunção. BIBLIOTECA NACIONAL. Visitado em: Fevereiro de 2019.

<sup>167</sup> FARINA, B. **El Periodismo de guerra**, 2013.



primer pronunciamiento ha sido, y es considerado el Paraguay por las diferentes y principales naciones, como un Estado soberano.- 5º Finalmente: que tiene incuestionable derecho tradicional derivado del régimen español para recorrer el Paraná con su pabellón nacional; y que Buenos Aires no tiene título alguno a oponer”<sup>168</sup>.

O excerto acima permite antever a finalidade do periódico paraguaio, fortemente marcada pela intenção de reforçar a independência do Paraguai, assim como de levar, a saber, que ali existia um Estado que deveria ser reconhecido e legitimado com seus direitos. Para Farina (2013) o periódico foi muito bem recebido, inclusive no Brasil, pois parecia interessante um jornal político paraguaio surgir em um momento em que Buenos Aires almejava impugnar a independência paraguaia, com intenção de reincorporá-los ao vice-reinado do Rio da Prata<sup>169</sup>.

A questão da necessidade em afirmar a independência do Paraguai, se dava pelas relações que possuía com Buenos Aires, que por sua vez, não reconhecia a independência paraguaia, recusa essa também expressada pela imprensa periódica argentina, conforme indicado por Beatriz Gonzalez de Bosio (2008). Segundo a autora, até 1852 a ideia de ceder ao reconhecimento da condição de Confederação ao Paraguai não era bem vinda, como podemos ver a *La Gaceta Mercantil* de Buenos Aires “preconizaba el mantenimiento de todas las provincias del antiguo virreinato como parte integrante de la Confederación”<sup>170</sup>. Este pode ser um exemplo da imprensa agindo pela defesa da manutenção de um território e em função das pretensões de um determinado governo.

As palavras daquele autor sobre a aparição do primeiro periódico paraguaio nos fazem pensar na importância da imprensa também como ferramenta de educação, pois segundo ele, o advento da tipografia sinalizou um dos principais avanços no âmbito

---

<sup>168</sup> Demonstrar palpavelmente: 1º Que o Paraguai, desde o Congresso Geral de 1810, estava livre de Buenos Aires; e que a Independência do Paraguai foi explicitamente reconhecida pelo governo das Províncias Unidas de Río de la Plata em 1811.- 2º Que o governo de Buenos Aires, adiando os direitos do povo e da sagrada Fé pública, violou manifestamente todas as condições acordadas pelo tratado de aliança de 12 de outubro de 1811; que o Governo paraguaio o declarou rompido e se desligou em 1813 do referido tratado, e de todas as relações com Buenos Aires, e se declarou independente de todas as potências estrangeiras. 3º Que em 1842 nada mais fez do que renovar e ratificar aquela declaração absoluta e definitiva de sua independência e soberania nacional, com o único propósito de solicitar o reconhecimento geral das nações e que somente por um ato de deferência e amizade com o governo argentino, Ele o incluiu nessa generalidade, apesar de seu reconhecimento anterior. 4º Que virtualmente e expressamente desde o seu primeiro pronunciamiento, o Paraguai tem sido, e é considerado pelas diferentes e principais nações, como um Estado soberano.- 5º Por último: que tem um direito tradicional indiscutível derivado do regime espanhol de viajar pelo Paraná com sua bandeira nacional ; e que Buenos Aires não tem título a se opor (Trad. do autor). FARINA, B. **El Periodismo de guerra**. 2013, p. 38

<sup>169</sup> FARINA, B. **El Periodismo de guerra**. 2013.

<sup>170</sup> defendeu a manutenção de todas as províncias do antigo vice-reinado como parte integrante da Confederação (Trad. do autor). BOSIO, Beatriz, G.: **Periodismo escrito paraguay 1845-2001: De la afición a la profesión**. Centro de Publicaciones Universidad Católica “Ntra. Sra. de la Asunción”- Editora: Intercontinental, Asunción, 2ª Edición, 2008.

cultural do Paraguai, levando informação e o conhecimento de que nem sempre o patriotismo se fazia por meio das armas, mas também de uma maneira inteligente, por meio de “*La Pluma*”<sup>171</sup>.

O *Paraguay Independiente* publicou sua última edição em 18 de setembro de 1852, o seu número cento e dezoito. Trata-se de uma importante fonte de estudos para quem pretende compreender aspectos do contexto do governo de Carlos Antônio López, entre os anos de 1844-1862. Apesar de importante órgão periódico, este não foi o único a ter a colaboração ativa de Carlos Antônio López. O *EL Semanario* (1853-1868) que apareceu em maio de 1853 foi outro periódico, com finalidade “explicar la orientación política del gobierno de Carlos Antonio Lopez, tal como disse él mismo em su mensaje de 1854 al Congreso”<sup>172</sup>, sendo que mais uma vez ficou evidente o propósito dos responsáveis pelo periódico, no sentido de ser útil ao Estado.

Esses foram alguns dos primeiros periódicos em circulação na então República paraguaia. Notamos a importância dada a eles quando percebemos também como o Estado de Carlos Antonio López investiu na aquisição da prensa para produção do material, sempre alinhado aos ideais do presidente e as finalidades práticas do Estado, apresentando decretos e outros informes. No *El Semanario* podem ser encontradas notícias e crônicas de arte, críticas de teatro ou artigos de costumes e hábitos da época, além de narrações e comentários, nos levando a crer que o Paraguai estava com expressões culturais alinhadas ao modelo europeu. O *El Semanario* teve sua última edição datada de 1868<sup>173</sup>, sendo que seu redator principal morreu na batalha de Pikysyry, cidade onde estava sendo editado o periódico<sup>174</sup>. Segundo Farina (2013), o periódico teve como principal finalidade “la defensa de la soberania nacional, la cual no era reconocida por la Buenos Aires regida por la ditadura de Juan Manuel de Rosas”<sup>175</sup>.

No começo da década de 1860 surge o *La Aurora (1860-1861)*, uma revista literária que abriu espaço para a participação da primeira mulher escritora na imprensa paraguaia: Marcelina Almeida, uruguaia que publicou poemas nesta revista. *La Aurora* publicava uma variedade de assuntos culturais, incluindo gravuras em litografia, que a

---

<sup>171</sup> FARINA, B. **El Periodismo de guerra**. 2013.

<sup>172</sup> “explicar a orientação política do governo de Carlos Antonio Lopez, como ele mesmo afirmou em sua mensagem de 1854 ao Congresso (Trad.do autor)”. FARINA, B. **El Periodismo de guerra**. 2013, p. 43.

<sup>173</sup> FARINA, B. **El Periodismo de guerra**, 2013.

<sup>174</sup> BOSIO, B. G. **Periodismo escrito paraguay 1845-2001: De la afición a la profesión**. Centro de Publicaciones Universidad Católica “Ntra. Sra. de la Asunción”. Editora: Intercontinental, Asunción, 2.ed, 2008.

<sup>175</sup> “a defesa da soberania nacional, que não foi reconhecida pelo Buenos Aires governado pela nomeação de Juan Manuel de Rosas (Trad.do autor).” FARINA, B. **El Periodismo de guerra**. 2013, p. 36.

caracterizam como a primeira revista com imagens do Paraguai. A revista pode ser tomada como uma forte expressão do movimento romancista que atingia o país naquele momento, e encerrou sua publicação um ano após a sua inauguração, em 1861<sup>176</sup>.

Este periódico estava muito relacionado a movimentos culturais em torno das universidades, pois seus colaboradores eram alunos das faculdades de filosofia e letras, jovens com idade de até vinte e cinco anos<sup>177</sup>.

Esses são alguns dos periódicos que podem ser usados para a compreensão da década de 1850 no Paraguai, pois como se viu, os primeiros periódicos estavam sob a supervisão do governo de Carlos Antonio López, os principais veículos de imprensa também dependiam do Estado.

Ressalta-se que desde 1844, o estabelecimento de prelos ou qualquer tipo de imprensa já possuía uma regulamentação por parte do governo, sendo que os particulares precisariam pagar a quantia de dois mil pesos, e se adequar aos regulamentos do governo, ou seja, tratava-se de um filtro sobre as mensagens impressas<sup>178</sup>.

Para Johansson (2014), a ausência de uma burguesia capaz de bancar esse custo ao Estado, além da compra de maquinário para produção impressa, fez com que essa possibilidade de estabelecimento de uma imprensa fosse, nas palavras de Johansson apenas “un barniz de modernidad”<sup>179</sup>, pensado por Carlos Antonio López para o Paraguai. Na verdade, somente o Estado conseguia publicar, criando assim, um monopólio de informações de seus órgãos, conforme Johansson: “dirigiendo, censurando y garantizando la uniformidad discursiva entre las diversas publicaciones”<sup>180</sup>.

Farina (2013) também apresenta a ideia de que em 1855, Carlos Antonio López assina o decreto de liberdade de imprensa, que para Ildefonso Antonio Bermejo significou a liberdade do pensamento, um bem alcançado pela nação paraguaia. Mas ao mesmo tempo advertia em um poema publicado aos nove de agosto de 1855: “No abuséis de esta dulce independencia”<sup>181</sup>. Vale sinalizar que Ildefonso foi contratado por Solano Lopez quando se encontravam em Paris, estando no Paraguai foi propulso de escolas, trabalhou em periódicos, escreveu peças de teatro, além disso, quando saiu do Paraguai escreveu

---

<sup>176</sup> JOHANSSON, M. L. **Soldados de papel**. La propaganda en la prensa paraguaya durante la guerra de la Triple Alianza (1864-1870). Cádiz: fundación Municipal de Cultura de Cádiz, 2014. CEADUC V.

<sup>177</sup> FARINA, B. **El Periodismo de guerra**. 2013

<sup>178</sup> FARINA, B. **El Periodismo de guerra**. 2013

<sup>179</sup> “um verniz de modernidade.” JOHANSSON, M., L. **Soldados de papel**, 2014, p. 37

<sup>180</sup> “dirigindo, censurando e garantindo uniformidade discursiva entre as diversas publicações” (Trad. do autor). JOHANSSON, M., L. **Soldados de papel**, 2014, p. 37

<sup>181</sup> “não abuse desta doce independência (Trad. do autor)”. BERMEJO, Ildefonso, A. Al Excmo. Señor Don Carlos Antonio López. Em ocasión del decreto de 1º de agosto sobre Libertad de Imprenta. 1855 *In*: FARINA, Bernardo, N. **El periodismo de guerra**. El Lector. Asunción. 2013, p. 47.

livros, segundo Farina (2013), contendo impressões negativas Paraguai, uma dessas obras circulou no Chile com o título de *Lá Tiranía de López* em 1883.

Para Johansson (2014) conforme a iniciativa de Carlos Antonio López ainda em 1844 a imprensa pode ser considerada como resultados de investimentos derivados da modernização nos âmbitos político e cultural do Paraguai. Paralelo a esse desenvolvimento surgiam estradas de ferro, linhas de telégrafo, fundições, além da de tipografias que funcionavam em Assunção<sup>182</sup>.

Como se pode perceber também, a imprensa paraguaia, desde seus primórdios esteve associada às ações do governo e após o decreto de 1855 também com atividades culturais. No entanto é durante a guerra contra Tríplice Aliança que o potencial dos materiais impressos é mais explorado e neste movimento, a imprensa é pensada como forte arma de combate a favor dos paraguaios.

No ano de 1866 o único periódico paraguaio em circulação era o *El Semanario* (1853-1868), que matinha seu estilo de escrita sério e oficial, por assim dizer. Afinal, todos os informes do governo eram transmitidos por esse periódico, contudo, esse não foi o único material impresso que circulou durante o período entre guerra, surgem também outros periódicos como o *El Centinela* (1867-1868), *Cabichuí* (1867-1868), *Cacique Lambaré* (1867-1868), e *La Estrella* (1869-1869).

Esses periódicos foram denominados por historiadores paraguaios como os periódicos de trincheira, pois estavam diretamente ligados aos eventos da guerra, levando informação e motivação para as tropas. É importante sinalizar o que Farina (2013) comenta sobre a importância dada a esses materiais por Solano López. Segundo ele “López entendio el valor que podrían tener estas publicaciones como motivadoras de las tropas.”<sup>183</sup>, nesse sentido, nota-se que Lopez estava ciente da potencialidade da imprensa em divulgar suas ideias, bem como de seu alcance na sociedade.

Nessa reflexão temos que as ideias transmitidas são a principal mercadoria dos periódicos, reflexão que nos faz crer que não era somente o poder do impresso que os tornavam importantes e sim as ideias que neles se inseriam e os conteúdos que divulgavam.

Uma de nossas fontes, o *Cabichuí* (1867-1868) é um ótimo exemplo do que se pretende tornar claro, o importante para o momento eram os informes e não o periódico

---

<sup>182</sup> JOHANSSON, M., L. **Soldados de papel**, 2014.

<sup>183</sup> “López entendeu o valor que essas publicações podem ter como motivadores das tropas” (Trad. do autor). FARINA, B. **El Periodismo de guerra**, 2013, p. 65.

que seria o veículo de transmissão das ideias. No estudo de Farina (2013) percebemos que o *Cabichuí* era um periódico que tinha como objetivo distrair as tropas com as suas ilustrações e animar seu espírito de guerra perante a situação. Apesar de tão importante finalidade não era bem aceito por todos os paraguaios, pois algumas pessoas o consideravam vulgar. No entanto, seus redatores continuavam com o trabalho da mesma maneira, pois possuíam a complacência de Solano López<sup>184</sup>.

O *Cabichuí* foi impresso pela primeira vez em *Paso Pucú*, onde foi fundado por Natalicio de Maria Talavera e Juan Crisóstomo Centurión. A origem foi escolhida a partir de uma vespa nativa do Paraguai, que ataca sua presa em bando, é o que se pode ver na capa do periódico, um bando de vespas atacando um homem. Uma das principais características deste periódico era a forte ligação com a figura de López, que filtrava as publicações não só deste, mas, de todos os periódicos de sua época. A principal vítima das publicações eram os brasileiros, sempre satirizados e tratados como covardes pelos editores do *Cabichuí*<sup>185</sup>.

---

<sup>184</sup> FARINA, B. **El Periodismo de guerra**. 2013.

<sup>185</sup> FARINA, B. **El Periodismo de guerra**. 2013.



Imagem 3. Primeira edição do *Cabichuí*.



Fonte: *Cabichuí*, nº 01, 13/05/1867.<sup>186</sup>

<sup>186</sup> In: Arquivo Digital da Biblioteca Nacional de Asunción.

Para nós, uma importante característica deste periódico são suas gravuras em *xilografia*<sup>187</sup> que contém importantes registros imagéticos que contribuem para novas reflexões. Merece atenção a análise de Johansson (2014) dedicada a algumas das ilustrações do periódico, dentre elas a imagem de uma mulher com uma espada na mão direita, simbolizando a justiça, na mão esquerda a pistola simbolizando, conforme a autora, o progresso. Ela está por cima do que poderia ser interpretado como um monstro, neste contexto representando o Brasil; em suas costas um círculo com outras nove mulheres que seriam os outros países da América. De um modo geral a imagem perpassa a mensagem de que o Paraguai, sozinho, dará conta de eliminar o monstro da América do Sul, e é isso que se confirma com a legenda que diz: “*El Paraguay sosteniendo solo el mundo Sud-Americano*”<sup>188</sup>.

Ainda conforme Johansson (2014), o periódico possuía também a finalidade de personificar Solano López como um homem genioso, um guia para a nação dotado de uma liderança não só militar, mas também moral e espiritual. A autora enfatiza que a imprensa paraguaia em 1867, chegou a informar que Solano López tentou negociar a paz, mas o Império brasileiro não aceitou a proposta. Segundo a autora essa seria uma estratégia de passar a mensagem de que Dom Pedro II estava com pretensões expansionistas para não aceitar a paz<sup>189</sup>.

O *Cabichuí* possuía três seções, das quais a primeira era dedicada ao editorial, seus desenhos e artigos; a segunda parte era destinada a correspondências de leitores do periódico, como se fosse uma seção dedicada aos interessados em se comunicar por meio dele, e a terceira parte se destinava a poemas em guarani e notícias breves<sup>190</sup>.

Este periódico teve efêmera duração, encerrando seus trabalhos em agosto de 1868. Os colaboradores do *Cabichuí* acabaram sendo acusados de conspiração contra Francisco Solano López e foram condenados ao fuzilamento:

Fueron fusilados Carlos Riveros, periodista de Cabichuí [...]; el boliviano Tristán Roca, quien había sido director de El Centinela y protegido de Francisco Solano López y Julián Aquino, el director de la imprenta [...]<sup>191</sup>.

---

<sup>187</sup> Xilogravura ou xilografia é a técnica de gravura na qual se utiliza madeira como matriz e possibilita a reprodução da imagem gravada sobre o papel ou outro suporte adequado. É um processo muito parecido com um carimbo.

<sup>188</sup> “O Paraguai detém sozinho o mundo sul americano.” JOHANSSON, M., L. **Soldados de papel**, 2014.

<sup>189</sup> JOHANSSON, M., L. **Soldados de papel**, 2014.

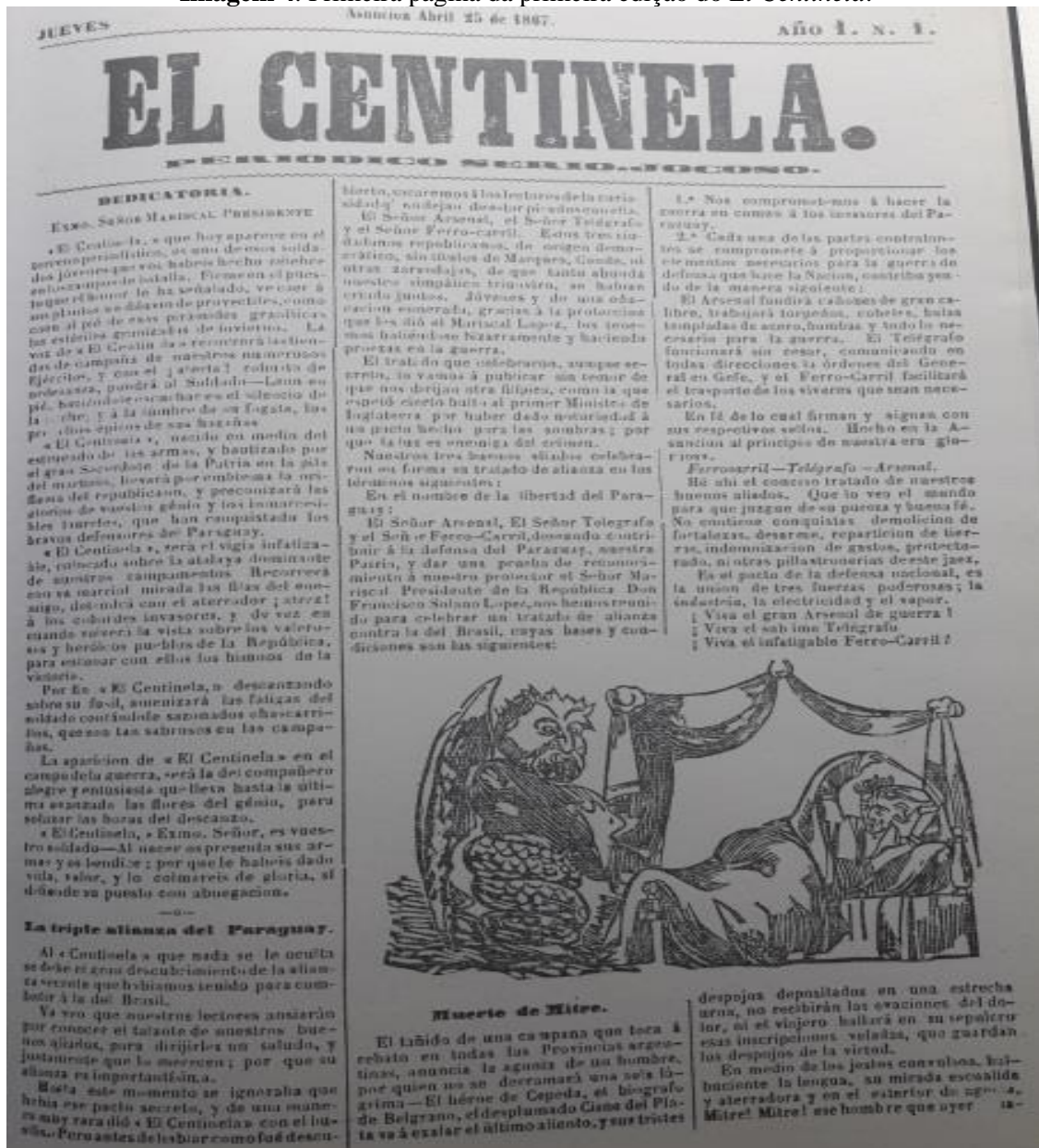
<sup>190</sup> JOHANSSON, M., L. **Soldados de papel**, 2014.

<sup>191</sup> “Foram fuzilados Carlos Riveros, jornalista de Cabichuí [...]; o boliviano Tristán Roca, que fora diretor do El Centinela e protegido de Francisco Solano López e Julián Aquino, diretor da gráfica” (Trad. do autor). FARINA, B. **El Periodismo de guerra**. 2013, p. 73.



Notamos que próximo ao fim da guerra Francisco Solano López suspeitou de várias pessoas, até mesmo das que faziam parte de seu círculo social, dentre elas seu amigo Tristán Roca, um político boliviano que foi prefeito de Santa Cruz de la Sierra. Com o golpe de Estado de Mariano Melgarejo em 1864 Roca foi exilado e acabou indo para Corumbá, à época ocupada por paraguaios, depois para Assunção em 1866, lugar onde constituiu uma carreira como escritor e colaborador também no *El Semanario* (1853-1868) e em 1867, assumindo a direção do *El Centinela* (1867-1868)<sup>192</sup>.

Imagem 4. Primeira página da primeira edição do *El Centinela*.



Fonte: *El Centinela*, nº 01, 25/04/1867.<sup>193</sup>

<sup>192</sup> FARINA, B. *El Periodismo de guerra*. 2013.

<sup>193</sup>In *El Centinela*, Periódico de la Guerra de la Triple Alianza. Cópia facsimilares sob a direção editorial de Vidalia Sánchez, 2016.



O periódico ficou caracterizado como um jornal sério-jocosos, possuía algumas páginas no idioma guarani e apresentava em seu conteúdo imagens ilustradas por meio de técnicas de xilogravura. Era a primeira vez no Paraguai que coexistiam dois periódicos. O *El Semanario* destinou um espaço em suas páginas e deu boas vindas ao *El Centinela*, tratando-o como importante avanço pela causa nacional e para a liberdade e direitos da República<sup>194</sup>, fazendo parecer mais uma ferramenta advinda dos avanços da modernidade que pairava sobre o Paraguai.

Detalhe caro a nossa pesquisa está no fato de o periódico em questão ser um dos que possuem imagens em suas páginas e no sentido dos escritos de Johansson (2014), as representações contidas neste periódico foram obras do italiano Alessandro Ravizza e as gravuras realizadas por Manuel L. Colunga e José Benitez, dois paraguaios. Seu ponto forte foi a utilização de arte em xilografia que faz referência aos naipes de baralho produzidos no Paraguai, desde a época da colônia. É possível notar que havia uma preferência pela xilografia em detrimento da litografia<sup>195</sup> que, segundo a autora, necessita de uma habilidade de desenho avançada. Apesar de ter existido uma academia de desenhos em Assunção criada por Alessandro Ravizza, os periódicos não se aproveitaram tanto desta técnica<sup>196</sup>.

Uma dessas imagens nos releva pontos interessantes a se pensar, visto que se trata de uma questão que pode ser entendida como de gênero e de educação. A imagem contida na edição do *Cabichuí* nº 45 de 1867 em sua página quatro, consta a imagem de uma mulher entregando um punhal a um menino. Conforme análise de Johansson:

Una imagen conservadora de las relaciones de género. Un claro ejemplo es el grabado que muestra a Francisca Cabrera haciendo entrega de un puñal a su pequeño hijo, acción que implicaba en el sexo masculino el acto final de la defensa.<sup>197</sup>

Francisca era uma mulher que havia ficado sozinha em uma região em que soldados inimigos se aproximavam, e nesta ocasião fugiu para se esconder nos montes. Esta imagem também passa a mensagem de que a luta atravessava gerações, passando neste caso, de mãe para filhos<sup>198</sup>.

---

<sup>194</sup> FARINA, B. **El Periodismo de guerra**. 2013

<sup>195</sup> Litografia ou litogravura é um tipo de gravura que envolve a criação de marcas sobre uma matriz com um lápis gorduroso. A base dessa técnica é o princípio da repulsão entre água e óleo.

<sup>196</sup> JOHANSSON, M., L. **Soldados de papel**, 2014.

<sup>197</sup> Uma imagem conservadora das relações de gênero. Um exemplo claro é a gravura que mostra Francisca Cabrera entregando um punhal ao filho pequeno, ação que implicou o ato final de defesa no sexo masculino. JOHANSSON, M., L. **Soldados de papel**, 2014, p. 238.

<sup>198</sup> JOHANSSON, M., L., **Soldados de papel**, 2014.

Apesar de parecer interessante a ideia de que o *El Centinela* era editado por pessoas que haviam tido, a exemplo de Ravizza, contato com os estudos e a arte europeia, é importante apontar que os periódicos eram concebidos e finalizados por soldados em meio aos campos de guerra. “De hecho, esos soldados artistas que vivían en las trincheras no habían recibido formación académica alguna”<sup>199</sup>.

Interessante notar na *Orden de la publicacion* do periódico o pedido de apreciação para os gravados na primeira edição do *El Centinela*<sup>200</sup>, em que pede que haja apreciação positiva do público, pois seus xilógrafos são pessoas que sofrem como todos os paraguaios e não desistem perante dificuldades quaisquer, e muito menos por estratégias inimigas, neste caso referindo-se aos bloqueios comerciais contra o Paraguai, muitas vezes causando a falta de papel para a imprensa:

Cada número contendrá dos gravados en madera, cuya obra debe estimarla el público; por que el artista es de esos que vencen toda dificultad-es de la misma raza de los que hacen camisetas de la joha del Coco, forman calzones de cuero curtido, y no se les mata de hambre con asedios y bloqueos.<sup>201</sup>

O periódico também informou que seria breve em suas publicações, sem reflexões filosóficas ou metafísicas, usando uma linguagem simples para dar a entender o seu conteúdo aos soldados.

Para Johansson (2014) a linguagem simples do *El Centinela* serviu para facilitar a compreensão das finalidades do material. No entanto, quando os artigos se referiam a pessoa de Francisco Solano López a linguagem se adequava à figura *d’El Supremo*. Todavia os assuntos referentes ao Império brasileiro e aos aliados permaneciam com a linguagem jocosa e depreciativa, e dessa forma entendemos a mensagem por uma via em que as referências ao governante remetiam a uma figura elevada e de estimada posição social. Quanto aos inimigos o estilo jocoso causava a aproximação do leitor com o *El Centinela* por meio do humor depreciativo:

El uso de expresiones coloquiales y vulgares facilitaba el fin de exponer a los soldados los más claramente posible las opiniones y reflexiones del periódico, buscando, además, a través del uso de ambos registros,

---

<sup>199</sup> “Na verdade, os soldados-artistas que viviam nas trincheiras não receberam nenhum treinamento acadêmico (Trad. do autor)”. JOHANSSON, M., L. **Soldados de papel**, 2014, p. 79.

<sup>200</sup> *El Centinela*, nº 1, 23/04/1867:4.

<sup>201</sup> Cada edição conterá duas xilogravuras, cuja obra deverá ser avaliada pelo público; porque o artista é um daqueles que superam todas as dificuldades - ele é da mesma raça dos que fazem camisetas de coco fazem calças de couro curtido e não morrem de fome com cercos e bloqueios. *El Centinela*, nº 1, 23/04/1867:4.

que se identificasen con su redactor ficticio el Centinela Mateo Matamoros.<sup>202</sup>

A partir desse encaminhamento analítico, uma série de questões surgem a respeito desta prática de discurso, que pretende inculcar nos leitores uma visão depreciativa sobre os países aliados. Linguagem empregada no sentido de promover distanciamentos entre os beligerantes e sobretudo, aproximações entre os semelhantes. Esse processo de inserção de estereótipo tem caráter educacional, que leva em consideração o potencial da imprensa periódica ilustrada para transmitir tais ideias com mais eficácia.

A partir da quarta edição, o periódico teve, assim como o *Cabichuí* três seções, uma que funcionava de acordo com o editorial, intitulada “*El Centinela*”, outra intitulada “*Correspondencia del Ejército Aliado*” e “*Variedades*”. Nesta última seção, a autora informa a presença de comentários sobre Assunção, além de alguns poemas em guarani<sup>203</sup>.

Na última seção intitulada “*Variedades*” existia um informe sobre uma reunião de senhoras que aconteceu no Clube Nacional, onde se proclamaram diversos discursos animadores e patrióticos das mulheres, a fim de que elas doassem suas joias, demonstrando seu apoio a causa nacional<sup>204</sup>. Entendemos essa publicação como um exemplo de civismo difundido para aquela sociedade através da imprensa.

Neste caso imaginamos a situação em que se encontravam os leitores da época, por um lado contavam com o *El Centinela*, uma visão cômica de alguns dos acontecimentos, por outro, a versão oficial apresentada de forma séria aos interessados. Farina (2013) se refere a José Antonio Vázquez para mencionar que o *El Semanario* possuía este caráter de imprensa tradicional, digamos a imprensa oficial e não poderia abrir mão desta característica<sup>205</sup>.

O *Cabichuí* e o *El Centinela* contavam, em suas páginas, com algumas imagens de mulheres paraguaias, contudo, as mulheres apresentadas em ambos os periódicos não são as mesmas. Uma primeira figura feminina que pode ser vista nas gravuras do *Cabichuí* diz respeito à representação da figura feminina criada para os países, que eram com

---

<sup>202</sup> O uso de expressões coloquiais e vulgares facilitou o propósito de expor as opiniões e reflexões do jornal aos militares da forma mais clara possível, buscando também, pelo uso de ambos os registros, que se identifiquem com seu editor fictício, o Centinela Mateo Matamoros (Trad.do autor). JOHANSSON, M., L. **Soldados de papel**, 2014, p. 95.

<sup>203</sup> JOHANSSON, M., L. **Soldados de papel**, 2014.

<sup>204</sup> *El Centinela*, nº 5, 24/05/1867:4

<sup>205</sup> FARINA, B. **El Periodismo de guerra**. 2013

algumas exceções apresentados como mulheres ou figuras femininas, como é o caso da imagem da mulher que representa o Paraguai lutando contra o monstro que é o Brasil.

Outro detalhe importante é a ideia de que o *Cabichuí* representava todas as mulheres, desde as mais pobres e campesinas de Assunção até damas que doavam joias caras ou pediam armas para irem lutar. Enquanto isso no *El Centinela* se publicou uma única vez imagens das mulheres ricas doando suas joias, mas em quase todos os seus números as mulheres eram felicitadas pelo patriotismo<sup>206</sup>.

Entre os dois periódicos paraguaios elencados como fonte (*Cabichuí* e *El Centinela*), constata-se que ambos possuíam, como já foi dito, algumas partes em guarani. Mediante o sucesso dessas colunas, foi possível imaginar um periódico inteiro em idioma guarani, conforme aponta Farina (2013): “La idea de lanzar un periódico por enterro em guaraní confirmó el visible éxito de las cartas y versos que en este idioma intercalaban em sus columnas El Centinela y el Cabichuí”<sup>207</sup>.

A partir disto surge então o *Cacique Lambaré* (1867-1868), primeira folha totalmente escrita em guarani, com objetivo de alcançar todos os paraguaios. Nas palavras do autor “a las clases más profundas y populares de la República que eran los motores de la resistencia nacional”<sup>208</sup>, apesar de ser uma ampliação da ideia dos outros dois periódicos, este não possuía ilustrações, somente na sua capa, mostrando um indígena apontando os dedos para o chão, e à frente o que seria o morro *Lambaré*<sup>209</sup>.

Esta folha, segundo Farina (2013), dependia da imprensa nacional paraguaia, que já estava cheia de tarefas e atividades do governo, o que dificultava precisar a regularidade da publicação, demonstrando seu desalinho com a periodicidade. A última edição do *Cacique Lamaré* foi lançada em setembro de 1868<sup>210</sup>.

Importa ressaltar que o idioma Espanhol foi introduzido aos paraguaios como língua oficial ainda durante o governo de Carlos Antonio López, que como vimos, considerava o guarani uma língua de baixo grau de erudição, ou seja, uma linguagem coloquial. Nesta perspectiva surge a pergunta: como um periódico poderia ser redigido em guarani durante um ano em condições de guerra? Algumas respostas podem ser comentadas, tais como o fato de a língua ser estranha aos inimigos, dificultado assim a

---

<sup>206</sup> JOHANSSON, M., L. **Soldados de papel**, 2014.

<sup>207</sup> “A ideia de lançar um jornal inteiro em guarani confirmou o sucesso visível das letras e versos que nessa língua foram inseridos nas colunas do El Centinela e do Cabichuí” (Trad. do autor). FARINA, B. **El Periodismo de guerra**. 2013, p. 74.

<sup>208</sup> “às classes mais profundas e populares da República que foram os motores da resistência nacional” (Trad. do autor). FARINA, B. **El Periodismo de guerra**. 2013, p. 75.

<sup>209</sup> FARINA, B. **El Periodismo de guerra**. 2013.

<sup>210</sup> FARINA, B. **El Periodismo de guerra**. 2013.

compreensão das mensagens; o sentimento de união do grupo por meio de um idioma único; o sentimento de nacionalidade advindo dessa prática linguística que era usada pela grande maioria da população paraguaia.

Outro periódico concebido em meio aos movimentos de guerra foi o *La Estrella* (1869-1869), no entanto Farina (2013) nos traz poucas informações sobre este título. Levando em consideração as condições e os movimentos militares, podemos supor que sua edição foi interrompida por não mais ser viável, pois era editada em *Piribebuy*, local onde aconteceu uma das últimas batalhas. Imagina-se que seus editores se retiraram abandonando seu trabalho, ou ainda pior, que tenham sido capturados ou mortos em meio ao conflito que aconteceu naquele lugar<sup>211</sup>.

Entendemos que estudos que utilizem a imprensa paraguaia como fonte podem colaborar para compreensão de aspectos da história do Paraguai, não revelados em documentação de outra natureza, sobretudo se considerarmos a importância deste dispositivo para o país, evidenciada no governo dos López. Ressalte-se que, no período entre guerras, com o fechamento das fronteiras, a imprensa paraguaia passou por sérias dificuldades em relação à escassez de papel e tinta. Contudo tais problemas foram superados pela insistência no desenvolvimento de outras técnicas para obtenção desses materiais, através de diferentes matérias primas peculiares do território paraguaio<sup>212</sup>, fato que nos revela a importância da imprensa para este país.

O Paraguai acompanhava muitos movimentos culturais que se faziam presentes em países europeus, pois as novidades chegavam primeiramente por meio daqueles que imigraram do Paraguai para estudar em Paris, mas mantiveram-se ativos na pátria-mãe, como é o caso de Saturio Ríos que ilustrava as páginas do *Cabichuí* e Aurelio García. Ambos saíram do país para realizar estudos artísticos, ressaltando-se que tiveram seus estudos financiados pelo governo paraguaio, comandado ainda por Carlos Antonio López que possuía grande apreço pela educação<sup>213</sup>.

Grande parte desses estudantes partiu de Assunção rumo a Europa para realizar seus estudos em 1858, com destino a Inglaterra e França. O objetivo era se especializar em Direito diplomático e administrativo, Engenharia Mecânica e Artes Plásticas, regressando em 1863, durante o governo de Francisco Solano López. Além de Saturio Ríos, outros nomes que aparecem, por exemplo, Juan Crisóstomo Centurión e Gaspar

---

<sup>211</sup> JOHANSSON, M., L. **Soldados de papel**, 2014.

<sup>212</sup> JOHANSSON, M., L. **Soldados de papel**, 2014.

<sup>213</sup> FARINA, B. **El Periodismo de guerra**. 2013.

Lopez<sup>214</sup>. Também em 1863, Francisco Solano López apóia o envio de outro grupo com 36 integrantes para estudar na Inglaterra e em Paris, demonstrando seu propósito em dar continuidade ao desenvolvimento da erudição no Paraguai.

Tão importante quanto conhecer parte da história da imprensa paraguaia é também realizar uma abordagem sobre a imprensa brasileira, que exerceu papel de suma importância na transmissão dos acontecimentos. Sendo assim a obra de Nelson Werneck Sodré (1983)<sup>215</sup> mostra a existência de uma variedade de artefatos produzidos durante o século XIX na imprensa do Império e em especial as que se utilizavam de caricaturas. A partir dos anos de 1830 pode-se identificar, segundo este autor, a primeira publicação ilustrada do Império, a caricatura criada por Manuel de Araújo Porto Alegre, primeiro e único Barão de Santo Ângelo. Este foi considerado o primeiro caricaturista brasileiro<sup>216</sup>.

O registro de imagens na imprensa brasileira data de 1837 de maneira avulsa. Já no ano de 1840, alguns periódicos começam a utilizar caricaturas, e na Capital do Império, em 1845 se viu publicar caricaturas impressas. No entanto foi entre 1860 e 1870 por meio de revistas ilustradas como, por exemplo: *Lanterna Mágica* (1844-1845), considerada como uma das precursoras nesse segmento onde as revistas ilustradas ganham força no Rio de Janeiro<sup>217</sup>.

Conforme apontado por Ramos (2008) em um artigo intitulado “*Origens da imprensa ilustrada brasileira (1820-1850)*” o *Lanterna Mágica* foi um periódico lançado no Rio de Janeiro em 1844 e um dos pioneiros dessa primeira leva de periódicos ilustrados<sup>218</sup>. E em 4 de Janeiro de 1853, adentrava ao Brasil maquinário para impulsionar as lides da imprensa, semelhantes às utilizadas na Europa. Com o advento da gravura e litografia novas produções começaram a ilustrar periódicos de moda e de notícias<sup>219</sup>.

No que tange as revistas ilustradas da época, destacamos então dois nomes importantes para nosso trabalho. Primeiramente Ângelo Agostini que chegou a São Paulo, vindo de Paris no ano de 1859 e alguns anos depois, iniciou seus trabalhos como cartunista fundando *O Diabo Coxo* (1864-1865), juntamente com seus companheiros Luís

---

<sup>214</sup> JOHANSSON, M., L. **Soldados de papel**, 2014.

<sup>215</sup> SODRÉ, N. **História da imprensa no Brasil**, 1983.

<sup>216</sup> SODRÉ, N. **História da imprensa no Brasil**, 1983.

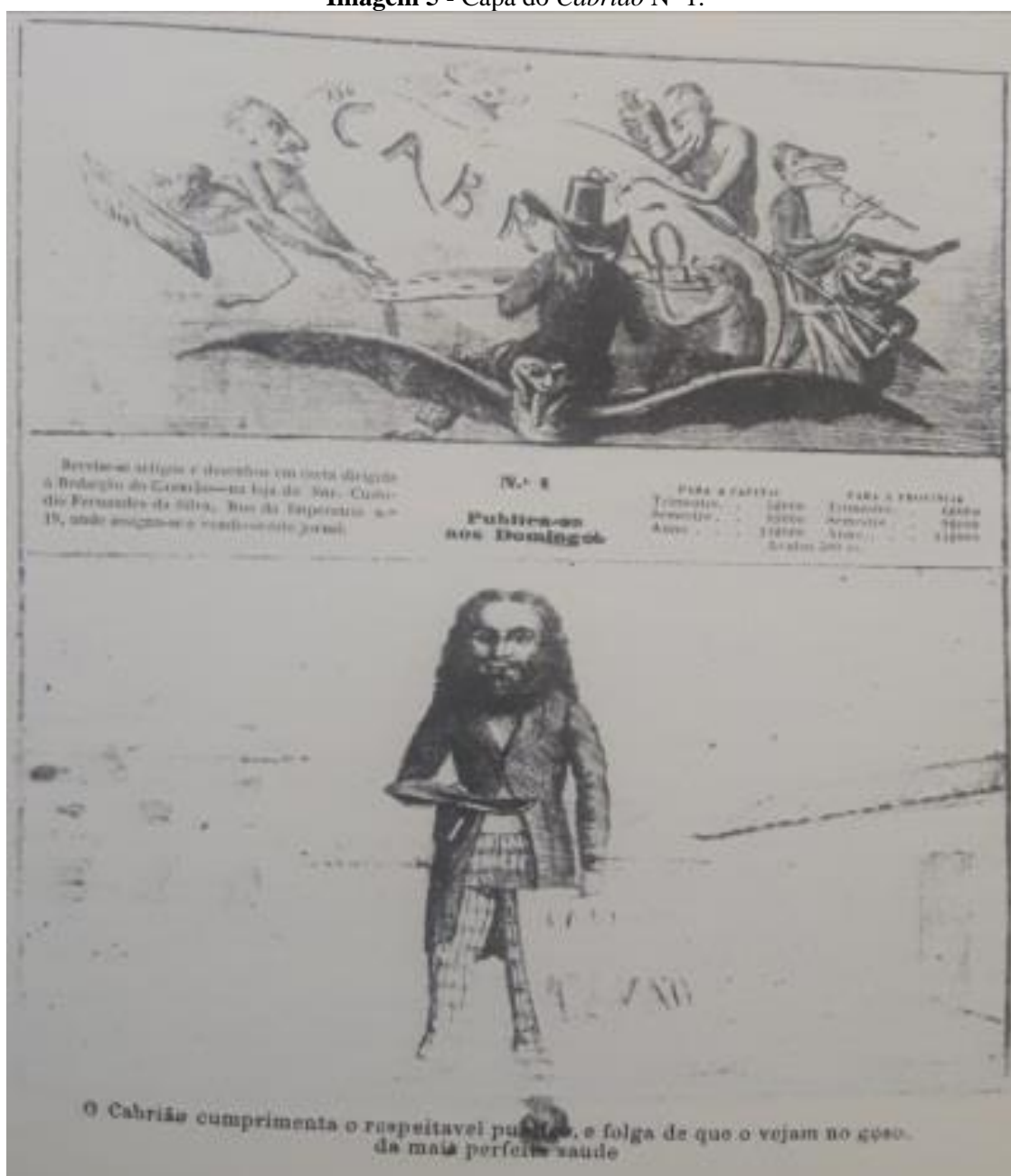
<sup>217</sup> SODRÉ, N. História da imprensa no Brasil, 1983.; ROCHA, D. A. C.; PELEGRINI, S. C. A. **CABRIÃO: O debate político no segundo reinado por meio das caricaturas de Angelo Agostini**. In: **Fronteiras: Revista de História**, Dourados, MS, v. 20, n. 35, p. 46 - 67, Jan. / Jun. 2018.

<sup>218</sup> RAMOS, Everardo. **Origens da imprensa ilustrada brasileira (1820-1850): imagens esquecidas, imagens desprezadas**. In: **Escritos II Revista Escritos**, Ano 2, nº 2, 2008, p. 285- 309. Disponível em: <[http://www.casaruibarbosa.gov.br/escritos/numero03/FCRB\\_Escritos\\_3\\_14\\_Everardo\\_Ramos.pdf](http://www.casaruibarbosa.gov.br/escritos/numero03/FCRB_Escritos_3_14_Everardo_Ramos.pdf) > Acesso em 19.abr 2020.

<sup>219</sup> SODRÉ, N. **História da imprensa no Brasil**, 1983.

Gama e Sizenato Nabuco. Posteriormente se envolveu em outro projeto intitulado *Cabrião* (1866-1867), já citado anteriormente, onde consta o caráter humorístico, ilustrado e adepto do partido Liberal. Expressava principalmente críticas mordazes à escravidão e ao recrutamento dos Voluntários da Pátria, sendo este um dos principais temas abordados nas ilustrações<sup>220</sup>.

**Imagem 5** - Capa do *Cabrião* Nº 1.



**Fonte:** *CABRIÃO*, nº 1, 1866<sup>221</sup>

<sup>220</sup> *CABRIÃO: Semanário humorístico editado por Ângelo Agostini, Américo de Campos e Antônio Manoel dos Reis: 1866- 1867/ Edição Fac-Similar. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora UNESP: Imprensa Oficial do Estado, 2000, p. XI-XLV.*

<sup>221</sup> *CABRIÃO: Semanário humorístico editado por Ângelo Agostini, Américo de Campos e Antônio Manoel dos Reis, 2000.*

Ainda sobre o *Cabrião* (1866-1867), tomamos como referência o mapeamento publicado na obra da editora UNESP<sup>222</sup>, que selecionou as representações gráficas deste periódico durante o seu tempo de circulação, entre os anos de 1866–1867, nos dando uma noção sobre algumas particularidades da imprensa do período imperial brasileiro. Há, em suas páginas iniciais, antes da apresentação em fac-similar, algumas reflexões sobre a importância e o poder de atração das imagens ilustradas por meio do humor, da sátira ou até mesmo da ironia. Tal trecho reforça a constatação acerca das dificuldades em constituir um corpo editorial com vários membros, fato que nos faz pensar em um conjunto de atividades sendo desenvolvidas por uma única pessoa. O trecho a seguir confirma esta ideia: “Cada jornal tinha, à testa, geralmente, um só desenhista; era ele o responsável; era ele o jornal; o texto, pouco lido, rara vez interessava; as páginas ilustradas eram tudo.”<sup>223</sup>.

Nesta afirmação também encontramos grande motivação para dar continuidade aos trabalhos ligados às fontes ilustradas, além de reforçar a enorme influência causada nos leitores pelas imagens. Vale ressaltar também que o *Cabrião*, diferente dos outros títulos citados, foi produzido em São Paulo e não no Rio de Janeiro, como os demais periódicos brasileiros, citados neste trabalho<sup>224</sup>.

Após a mudança de Agostini para o Rio de Janeiro ele fundou outro periódico, desta vez intitulado *A Vida Fluminense* (1868-1875), com registro de participação de Candido A. de Faria, Luis Borgomainerio e Pinheiro Guimaraes. Ressalte-se o teor crítico que caracterizava as obras criadas por Agostini.

---

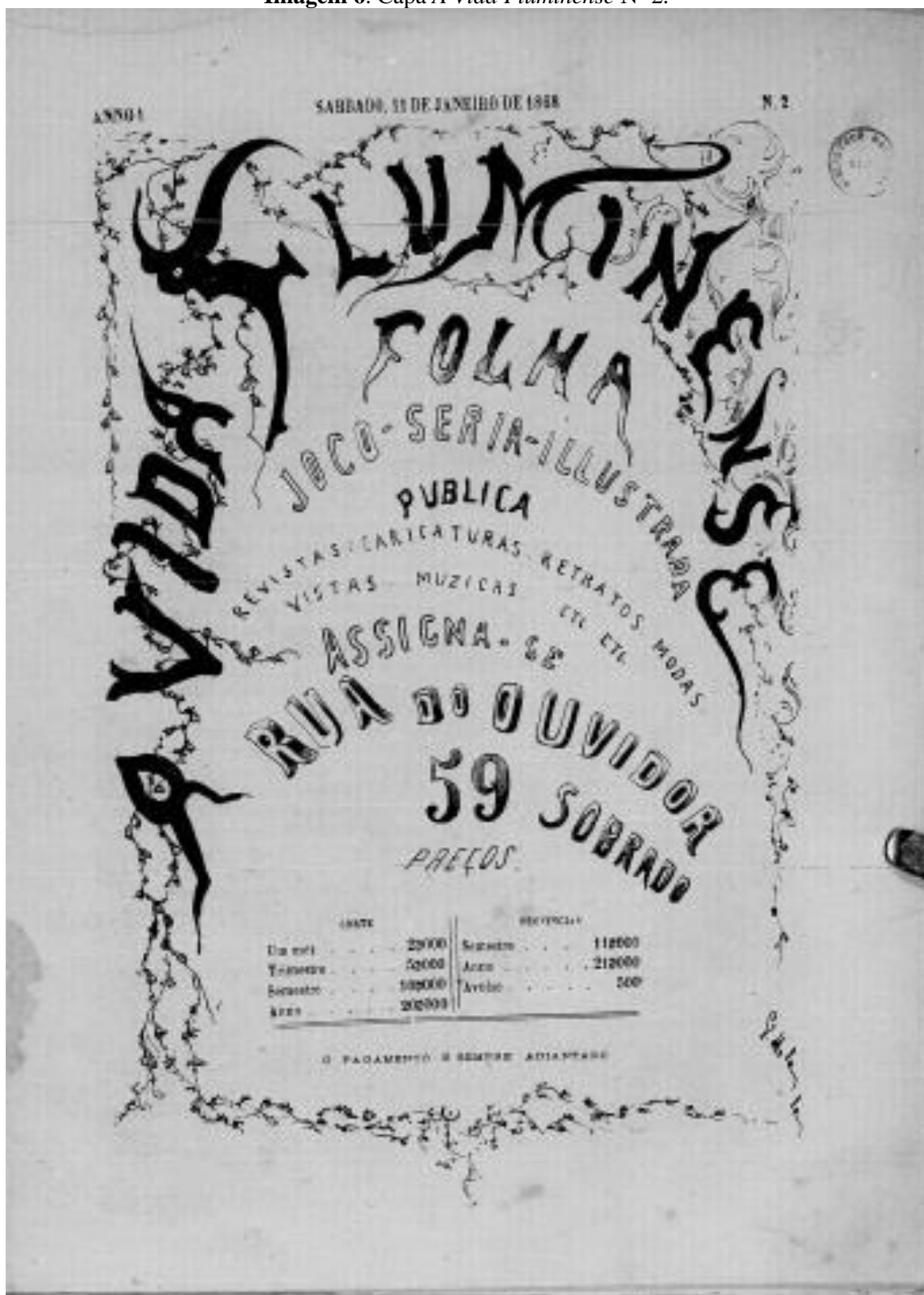
<sup>222</sup> CABRIÃO: *Semanário humorístico editado por Ângelo Agostini, Américo de Campos e Antônio Manoel dos Reis*, 2000., p. XI-XLV.

<sup>223</sup> CABRIÃO: *Semanário humorístico editado por Ângelo Agostini, Américo de Campos e Antônio Manoel dos Reis*, 2000, p., XVII.

<sup>224</sup> CABRIÃO: *Semanário humorístico editado por Ângelo Agostini, Américo de Campos e Antônio Manoel dos Reis*, 2000.



Imagem 6. Capa A Vida Fluminense Nº 2.



Fonte: *A vida Fluminense*, nº 02, 11/01/1868.<sup>225</sup>

Devido a seu posicionamento político, contrário a diversas posturas adotadas pelo Império, sobretudo em relação à escravidão como o fez durante o ano em que

<sup>225</sup> In: Hemeroteca Digital Brasileira.

trabalhou com o *Cabrião* (1866-1867), Agostini usava como arma de combate: o lápis de desenho<sup>226</sup>. Por meio de seus trabalhos relacionados à guerra constatamos, por exemplo, o envolvimento militar infantil na contenda. Contudo Agostini não foi o único ilustrador ativo da imprensa naquela época, pois encontramos os trabalhos de Henrique Fleiuss.

Personagem importante na história da imprensa ilustrada, Henrique Fleiuss foi um alemão que veio para o Brasil em 1858 como desenhista de uma expedição científica. Fundou a primeira escola-oficina de xilogravuras do país, onde foi produzido o periódico *Semana Illustrada* (1860-1875). Fleiuss possuía correspondentes no Paraguai, no período da guerra, dentre eles Alfredo de Scragnole Taunay. Ressalte-se que Fleiuss não era humorista e nem crítico ao Império, porém se instalou no Brasil para trabalhar na Imprensa imperial<sup>227</sup>.

O trabalho de Marcos Túlio Borowski Lavarda (2009) demonstra interessante exercício de análise de imagens da guerra em revistas ilustradas, evidenciando aspectos de uma competição entre algumas revistas ilustradas, e nesse sentido, justifica-se a liberdade crítica de uns frente a outros. Por não possuir vínculos políticos com o governo imperial, podemos imaginar por que uns duravam mais e outros menos sem incentivos do governo<sup>228</sup>.

A pesquisa de Lavarda (2009) advém da análise de uma iconografia produzida sobre a guerra do Paraguai, através das fontes possibilitadas a partir da revista ilustrada, de Henrique Fleiuss, a *Semana Illustrada* (1860-1875), a qual serve também como fonte para os estudos que realizamos.

---

<sup>226</sup> SODRÉ, N. **História da imprensa no Brasil**, 1983.

<sup>227</sup> SODRÉ, N. **História da imprensa no Brasil**, 1983.

<sup>228</sup> LAVARDA, Marcus Túlio Borowski. **A iconografia da guerra do Paraguai e o periódico Semana Illustrada - 1865- 1870**: um discurso visual. – Dourados, MS : UFGD, Dissertação de Mestrado, 2009.

Imagem 7. Capa da primeira edição da *Semana Illustrada*.



Fonte: *Semana Illustrada*, nº 01, xx/xx/1861<sup>229</sup>

<sup>229</sup> In: Site Hemeroteca digital Brasileira

Tanto Angelo Agostini quanto Henrique Fleiuss reproduziram, por meio de suas imagens, momentos da guerra e situações que envolviam crianças, mulheres, idosos e pessoas na condição de escravos. Havia também críticas ao clero e algumas de suas práticas. Além de paisagens e mapas também podemos apontar as disputas e comunicações entre os periódicos, por meio de suas próprias páginas, fossem referências diretas ou por meio de suas personagens. É o caso do Moleque e o Dr. Semana, que ilustravam a capa e algumas ilustrações do *Semana Ilustrada* de Henrique Fleiuss.

Como se pode ver após a leitura de obras relacionadas a seus trabalhos<sup>230</sup>, o registro dos sujeitos sociais contempla, pelo grafismo, as representações que os textos nem sempre trazem ou discutem. Observamos assim que as imagens sobre a infância indicam, sugerem ou esclarecem sobre as circunstâncias em que se inseriam as crianças no contexto da Guerra. Assim, no caso paraguaio as crianças foram alvo de estratégias de educação, pautadas e provavelmente desenvolvidas sob as circunstâncias de uma educação militarizada, que poderá ser objeto de trabalhos futuros.

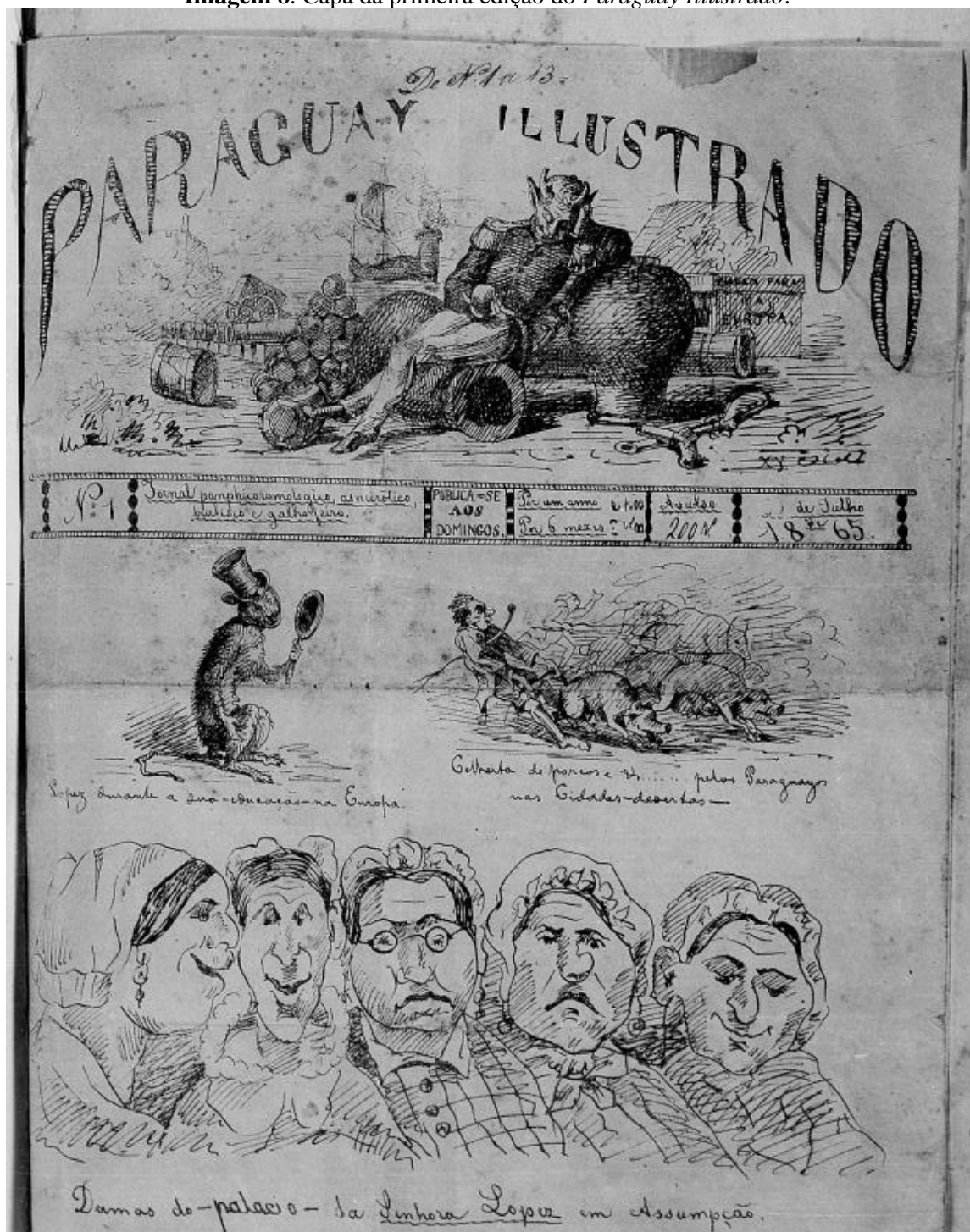
Outro periódico produzido no Rio de Janeiro durante o contexto da guerra, ainda pouco estudado, possui conteúdo rico em representações sobre o outro. Apresenta em suas páginas imagens que nos remetem a presença de crianças na guerra, o *Paraguay Ilustrado* (1865), que disseminava estereótipos em relação ao Paraguai e a seu povo<sup>231</sup>.

---

<sup>230</sup> LAVARDA, M., T. *A iconografia da guerra do Paraguai e o periódico Semana Ilustrada - 1865-1870*; CABRIÃO: *Semanário humorístico editado por Ângelo Agostini, Américo de Campos e Antônio Manoel dos Reis*, 2000, p. XI-XLV; SODRÉ, N. W. *História da imprensa no Brasil*, 1983.

<sup>231</sup> SILVEIRA, Mauro C. *As marcas do preconceito no jornalismo brasileiro e a história do Paraguay Ilustrado*. Intercom. Revista Brasileira de Ciências da Comunicação São Paulo, v.30, n.2, p. 41-66, jul./dez. 2007.

Imagem 8. Capa da primeira edição do *Paraguay Illustrado*.



Fonte: *Paraguay Illustrado* nº 1, 01/07/1865. p. 1.<sup>232</sup>.

O *Paraguay Illustrado* também é muito interessante para nosso tema, pois além de apresentar uma visão, mesmo que depreciativa e jocosa ou por vezes satírica do povo paraguaio, é possível dele extrair importantes informações, tais como aquelas que dizem respeito ao que pensavam seus ilustradores e editores sobre a questão da infância na guerra.

<sup>232</sup> In: Hemeroteca Digital Brasileira

Em análise a este periódico, destacamos a estratégia por parte dos editores visando prender a atenção de seus leitores, principalmente por meio de charadas que seriam respondidas na próxima edição. O assunto das perguntas girava em torno dos momentos da guerra, instigando o leitor a almejar a próxima publicação. Desta forma salientamos o potencial do periódico se considerado como fonte histórica que pode ser problematizada de maneira coerente<sup>233</sup>.

A imprensa ilustrada brasileira, assim, torna-se importante artefato para análise e compreensão de algumas peculiaridades culturais e simbólicas do período imperial brasileiro. No caso dos impressos produzidos no Paraguai, as imagens podem ser consideradas importantes indicativos, por meio das quais podemos supor situações e contextos podendo por vezes aumentar nossa percepção sobre assuntos que não são apresentados em outros tipos de fontes.

Face ao exposto, os capítulos seguintes evidenciam o exercício de exame das imagens produzidas na imprensa do século XIX, com base na identificação e indicação dos sujeitos que interessam a esta pesquisa: crianças e mulheres, no período entre guerra.

---

<sup>233</sup> *Paraguay Illustrado* (1865)

### CAPÍTULO 3

#### CRIANÇAS NA IMPRENSA: UM ESTUDO SOBRE AS REPRESENTAÇÕES DA INFÂNCIA ENTRE 1861 A 1870.

Passa-se, neste momento do trabalho, a caracterizar a proposta que o originou, ou seja, evidenciar a seleção das imagens nos periódicos indicados como fontes, apresentá-las e ensaiar análises, à luz do conhecimento histórico operado para este fim.

Neste sentido, mediante aos periódicos em exame, foram selecionadas vinte e uma imagens, das quais dez compõem a base para as análises apresentadas neste capítulo que envolvem, direta ou indiretamente, crianças no contexto de guerra entre 1861 à 1870. Para melhor compreensão apresentamos a Tabela 1, que possibilita antever a forma de organização proposta.

**Quadro 1.** Fontes primárias: as imagens de crianças entre 1861 e 1870.

<b>Abordagem sobre Crianças</b>					
<b>Número da Imagem</b>	<b>Data</b>	<b>Edição</b>	<b>Periódico</b>	<b>País</b>	<b>Conteúdo da imagem</b>
9	31/03/1861	16	Semana Ilustrada	Brasil	Menina conversa com menino galanteador enquanto jovens negociam empréstimo financeiro.
10	31/03/1867	329	Semana Ilustrada	Brasil	Criança brasileira arrumando a mala para fugir de um possível recrutamento
11	27/08/1865	05	Paraguay Ilustrado	Brasil	Criança paraguaia se despedindo da família para ir para a guerra
12	12/05/1867	32	Cabrião	Brasil	Crianças brasileiras soldados brincando.
13	26/05/1867	34	Cabrião	Brasil	Crianças paraguaias apresentam-se para a guerra.
14	14/07/1867	40	Cabrião	Brasil	Criança brasileira sendo recrutada a força por soldado paraguaio.
15	12/09/1867	37	Cabichuí	Paraguai	Crianças ouvem um homem falando.

16	24/04/1869	69	A Vida Fluminense	Brasil	Menino em um forte atirando com um canhão em um navio.
17	29/01/1870	109	A Vida Fluminense	Brasil	Crianças prisioneiras do exército brasileiro
18	21/05/1870	125	A Vida Fluminense	Brasil	Crianças choram e observam fiscal atirando seus pertences ao mar.

**Fonte:** Banco de dados do pesquisador, 2019.

Uma das constatações que surgem quando se tem como objeto de estudos a infância é que ela se desenvolve conforme seu meio social, reproduzindo as práticas dos seus vários ambientes de convivência, dando forma a suas identidades, que por vezes são múltiplas. Por vezes estas identidades acabam ficando sobrepostas ou não, por outras faces mais ou menos evidentes. Isso explicaria porque ao longo dos anos, algumas formas de pensamento e práticas sociais deixam de fazer sentido, dando lugar a outras: as brincadeiras, o trabalho que remete ao adulto, ao esforço que a pessoa já biologicamente é capaz de executar, como exemplos dessa sobreposição de identidade que culmina nas práticas sociais, por vezes representadas nas imagens.

Desta maneira acontece o desenvolvimento social do ser humano, baseado em seu ambiente e mediado por práticas sociais e culturais, por vezes distintas de outras localizações espaciais e temporais, que influenciam no desenvolvimento do ser criança. Assim, considerando os lugares de produção, as épocas e algumas circunstâncias já apresentadas anteriormente, é possível sugerir possibilidades de estudos sobre uma parcela infantil representada com o suporte das fontes periódicas por meio das imagens.

É possível notar, por exemplo, como se desenvolviam algumas relações entre jovens e crianças em 1861, na imagem que segue.



Imagem 9. O Progresso Infantil



Fonte: *Semana Illustrada*, nº 16, 31/03/1861:f,4, p. 132<sup>234</sup>

A imagem mostra duas situações que envolvem quatro pessoas, que consideramos estar em dois lugares distintos. Para melhor compreensão transcrevemos as legendas, que conforme Barthes (2007), servem sempre para complementar o sentido da figura:

V. Ex. ...minha Senhora, fica cada dia mais bella; se V.Excl .... atuasse, mandaria ao diabo a taboada e o Expositor. - Menino, va se criar; eu não heide ser falsa a quem me adora; ... tao pouco sou creança, como o Senhor.

Alfredo, estou prompto a emprestar-te dez tostões .... mas has de passar um vale de 2\$000 rs. a um mez; e para te servir não ha dinheiro! tu bem sabes.<sup>235</sup>

É possível inferir diferentes maneiras pelas quais os adultos compreendiam a infância ao longo de alguns séculos, porém, por meio do significado desta imagem, composta por dois quadros, podemos ter uma noção do que Henrique Fleiuss pensava sobre as crianças de sua época em 1861.

A imagem expressa para nós a noção de Fleiuss em relação a uma infância que estava em constante progresso, no sentido do desenvolvimento de suas práticas de forma

<sup>234</sup> In: Hemeroteca Digital Brasileira

<sup>235</sup> *Semana Illustrada*, nº 16, 31/03/1861:f,4, p. 132

cada vez mais semelhante às dos adultos, mesmo tendo eles ainda pouca idade. Como exemplo, consta o gesto que o menino do primeiro quadro faz para a moça, na intenção de conquistá-la. Os meninos do outro quadro por sua vez, estão em uma negociação, na qual um deles adverte ao outro sobre os juros que precisará pagar após receber um suposto empréstimo. Os dois quadros mostram a visão de Fleiuss a partir de uma infância que perpetuava tradições e costumes dos adultos.

As linhas e formas criadas por Henrique Fleiuss compõem, na imagem da esquerda em primeiro plano, uma menina de vestido escuro, cabelos amarrados com duas pontas longas, olhando para sua direita e segurando algo com a mão direita. O seu olhar demonstra estar em diálogo com a outra personagem da imagem, um menino de calça, camisa e um boné em sua mão direita acima da cabeça.

Tudo começa neste caso, com o gesto do menino em cumprimentar a menina que aparenta ser mais velha, pois a altura em relação ao menino demonstra a diferença nas idades. Além disso, ela mesma desconsidera a investida do jovem, como se pode ler na legenda. Entendemos esse gesto de cumprimentar a moça pela forma de como o desenho foi criado, neste caso, a posição inclinada para frente levantando o chapéu para uma senhorita, faz parte de um conjunto de expressões corporais que simbolizam o ato de “cumprimentar respeitosamente, cortejar a dama, e até mesmo demonstrar pertença a um grupo social que compartilha dessas práticas”. Assim entendemos seu interesse naquela moça, que por sua vez não se vê como criança, mas vê o menino como tal.

Neste ponto percebe-se o avanço do menino, pois este se expressa a uma pessoa que ele mesmo considera como senhora, ou seja uma mulher adulta, além disso, essa percepção do jovem demonstra também a sua intenção em ampliar sua rede de relações. Por meio de suas expressões corporais, e também pela oratória bem trabalhada, assim, surgem os elogios de um conquistador - *...fica cada dia mais bella...* -, essas duas formas de expressão são na verdade discursos relativos a práticas de um campo no qual os sujeitos envolvidos prezam pela educação. Assim sugere-se que o menino pertença a algum grupo com algum nível de conhecimento escolar, pois o gesto expressa educação, consideração e até mesmo respeito, a legenda ainda mostra que o menino estuda tabuada e usa um expositor.

O cenário da imagem mostra que os jovens estão em uma área urbana, as sombras que podem ser na verdade efeitos do tempo nas folhas originais que foram digitalizadas dificultam a visão. No entanto evidenciam o foco nos jovens, mas ainda

assim, pensamos que se trate de uma varanda de alguma residência, com um vaso de flores ou plantas de enfeite ao fundo.

A segunda imagem, a do quadro da direita mostra dois garotos. Alfredo é o menino da direita, e o da esquerda que não foi nomeado, sendo por nós chamado de credor, para melhor compreensão da análise. Alfredo está vestindo calças, camisa e um quepe, ele tem os braços cruzados e um olhar confiante e interessado no assunto com o credor que também veste calças, uma camisa, um colete aberto e uma gravata borboleta. Ao mesmo tempo, demonstra um olhar baixo, aparentemente cansado, demonstrando que ele está habituado com aquela prática; ele segura algo com sua mão direita, enquanto com a esquerda, manuseia o artefato, outro item interessante para esta reflexão foi desenhado na boca dos meninos, trata-se de cigarros.

O item na mão do credor contém duas interpretações que levam a entendimentos diferentes sobre aspectos da imagem. A primeira e menos provável seria a de que se trate do dinheiro que ele iria emprestar para Alfredo; a segunda mais plausível para este momento contempla o objeto como sendo um maço de cigarros. Desta forma, supomos que Alfredo esteja fumando com o credor simbolicamente, para demonstrar maturidade e práticas de algum grupo social da época, objetivando confiança da parte do credor. Isso demonstra o que Henrique Fleiuss chama no título da imagem como o progresso juvenil.

A inserção das crianças em novos grupos, por meio de expressões, ações e decisões consideradas até então resultados de iniciativas próprias, mesmo que ainda com pouca idade, desemboca na ampliação da rede de conexões destes sujeitos, ou seja, de seu capital social. Trata-se, a nosso ver de uma certa consciência que os torna então sujeitos de si, que pode ser percebida mesmo nos sujeitos com pouca idade. Essa constatação surge em vários momentos desta pesquisa.

A imagem demonstra que Alfredo, por algum motivo precisava de dinheiro, fato que nesta imagem mostra uma situação peculiar para uma criança e já constatada por Henrique Fleiuss. Para resolver a situação o menino foi até o credor que explicou as formas de empréstimo, lembrando a Alfredo sobre a forma de pagamento do empréstimo que o credor fornecerá. Entendemos essa conversa entre as crianças como um resumo rápido das regras de um campo em que Alfredo pretende participar, aproximando-se do dominante mais próximo dele, o credor<sup>236</sup>. Vale mencionar que o resumo das regras acima citadas serve como tal, pois quando a o credor diz: “e para te

---

<sup>236</sup> BOURDIEU, P., **O poder simbólico**, 2002.

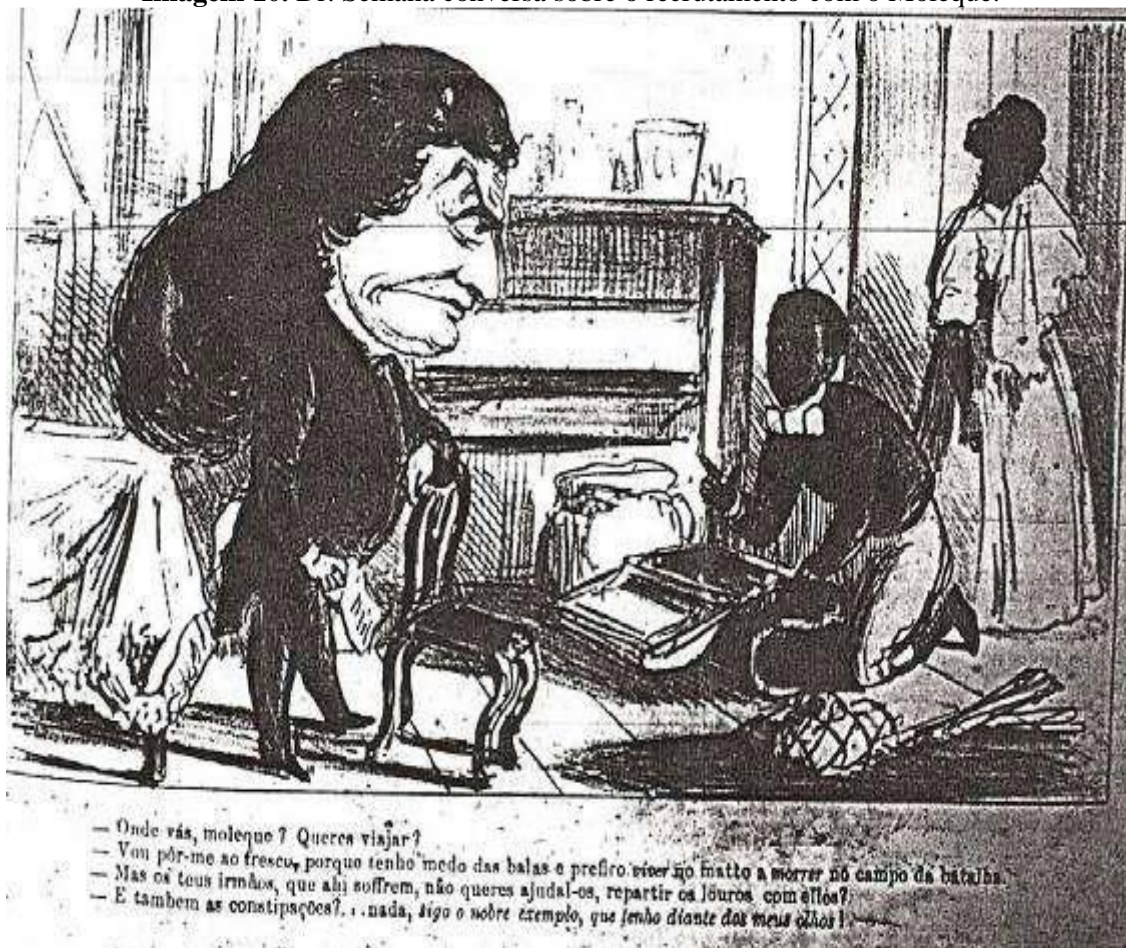
servir não há dinheiro! tu bem sabes.”, deixa claro que Alfredo já possui capital específico, ou seja, experiência com aquela situação.

A situação representada é ficção, porém Henrique Fleiuss resolveu desenhar somente o momento da advertência, no qual ambos fumam seus cigarros antes do jovem talvez receber o dinheiro. Não podemos inferir neste trabalho, se Henrique Fleiuss chegou a presenciar alguma vez cenas como as de seus desenhos, vindo a representá-los nos periódicos posteriormente, não consideramos as imagens como representações de uma realidade estática existida, como por vezes aceita por meio de outras tipologias de fonte, por exemplo quando há o uso das fotografias, porém, antes de vir a ser um desenho, sugerimos que alguma situação parecida possa ter acontecido, mesmo que não exatamente da maneira representada, gerando na episteme do autor a ideia, sendo que é dali que o desenho surge e passa a ser composto pelas mãos e lápis do artista. Desta forma, os artefatos considerados como fonte neste trabalho representam mais as ideias ou percepções de pessoas sobre uma determinada sociedade ou época do que uma suposta realidade que possa ter existido de maneira física como tal aconteceu e estaria sendo representada pelo desenho.

Até este momento, podemos perceber as crianças já inseridas e habituadas no cotidiano daquela sociedade, além disso elas já tomaram como referências algumas práticas dos mais velhos, sendo que buscam se relacionar afetivamente, demonstrar seus desejos, os quais em outro momento eram proibidos, com paqueras e até mesmo com negociações financeiras, como vimos na imagem publicada no *Semana Illustrada* (1860-1875).

Em alguns casos Henrique Fleiuss usava a principal vantagem do desenho para expressar suas ideias, a fantasia. Porém, junto a isso ele somava suas ideias baseadas na realidade da Guerra do Paraguai, como se vê a seguir:

**Imagem 10.** Dr. Semana conversa sobre o recrutamento com o Moleque.



**Fonte:** *Semana Illustrada*, nº 329, 31/03/1867, p. 2625.<sup>237</sup>

Desta forma a imagem representa um homem, uma criança e uma mulher ao fundo. O homem está com feição alterada, franzindo a testa enquanto a criança arruma um tipo de mala, enquanto aponta com a mão para o homem. Ao fundo a mulher parece estar ali despretensiosamente, tanto é que não é possível ver seu rosto que ficou coberto pela escuridão criada por Fleiuss.

Na legenda da imagem lê-se:

- Onde vás, moleque? Queres viajar?
- Vou pôr-me ao fresco, porque tenho medo das balas e prefiro viver no mato a morrer no campo de batalha.
- Mas os teus irmãos, que ahí soffrem, não queres ajudal-os, repartir os louros com elles?
- E também as constipações? ... nada, sigo o nobre exemplo, que tenho diante dos meus olhos!

<sup>237</sup> In: Hemeroteca Digital Brasileira

No sentido de expressar ideias sobre as formas de recrutamento para a guerra, podemos perceber a opinião do rapazinho, o Moleque<sup>238</sup> em seu diálogo com o Dr. Semana (ambos personagens do periódico). Notamos que o menino brasileiro acredita que ir para a guerra é ir para a morte, sendo que ele prefere tentar sobreviver no mato do que ter morte certa em combate, além disso, dá ciência sobre o fato de que o recrutamento poderia convocar crianças para a guerra.

Com isso, devemos considerar que a imagem se trata de um fato histórico, contudo aponta para a ideia de que a guerra não era importante para alguns sujeitos quanto para outros, a saber para o senhor de escravos e a criança escrava. Em relação às mulheres a imagem sugere outra leitura: de que as escravas estariam livres dessa convocação, portanto, assim explica-se a sua tranquilidade perante a atitude do Moleque e as palavras do Dr. Semana. Um símbolo importante que se relaciona ao homem é o piano desenhado ao fundo, reforçando a pertença uma determinada elite, nos fazendo crer que o Dr. Semana seria alguém detentor de posses.

É possível então considerar que a criança sabia bem do que se tratava a guerra e tinha pressa em sair de casa, passando a impressão de não ser inocente assim, a criança tem ciência da guerra e busca mudar seu destino. Como conhece que sua condição de escravo favorece sua inserção no exército naquele momento, não quer ir para a guerra tornando-o pelo menos por essa linha de pensamento, um exemplo de um sujeito histórico ainda criança, mas devemos considerar neste caso, que a ideia do Moleque na verdade traduz algo próximo ao que podemos considerar por hora como o sub-consciente de Henrique Fleuss, ou talvez se aproxime mais do que Michel de Certeau (2017) chamou de *Inconsciente Coletivo*, agindo sobre o autor, no momento de sua produção.

Henrique Fleuss deixa claro que nesta imagem são os dois personagens de seu periódico dialogando sobre o recrutamento para a guerra. Com base na pesquisa realizada por Lavarda (2009), entendemos que o moleque era a personagem que apresentava as notícias do dito segundo plano. Então, a indagação feita pelo Dr. Semana ao Moleque deixa claro que o dono da informação é o Moleque, é ele quem realiza a ação que cria a dúvida do Dr. Semana. Assim, inferimos que o medo de ser vítima de um possível recrutamento infantil e ainda forçado, era uma informação de segundo plano para aquele periódico e também a presença de crianças na contenda<sup>239</sup>.

---

<sup>238</sup> Personagem que compunha algumas páginas do periódico *Semana Illustrada* juntamente com o representante da revista o Dr. Semana.

<sup>239</sup> LAVARDA, M. T. B. **A iconografia da guerra do Paraguai e o periódico *Semana Illustrada* - 1865-1870**, 2009.

Acreditamos ainda que há questões de cunho social que podem ser levantadas, por exemplo, o fato de que escravos eram mais facilmente recrutados, ou ainda, a opinião neste caso valia menos, seguindo por essa lógica, mulher não comenta nada porque sua opinião não interessaria. Pensamos a figura da mulher escrava desta imagem também como forma de sobrepôr em quantidade um grupo social em relação a outro, para com isso dar visibilidade a esse grupo e suas ideias.

Claramente o Dr. Semana é uma figura de caráter humorístico, fantasioso; é possível notar isso por seu desenho caricatural, com ênfase na cabeça, desproporcional ao corpo, elementos de um presente, o de Henrique Fleiuss, construído por seu consciente e inconscientes, que surgem nas linhas de seus desenhos.

A criança brasileira representada no *Semana Illustrada* (1860-1875) mostra o oposto em relação a criança paraguaia representada por outros periódicos, vista como portadora de um forte patriotismo paraguaio. O Moleque, por exemplo, não quer nem saber se teria possibilidade de regressar da guerra para dividir as glórias ou toda a moral que teriam os veteranos de guerra. Na perspectiva de Lavarda (2009), o exemplo que o Moleque diz seguir na legenda, faz referência aos nobres da corte do Império que diziam apoiar a guerra, mas, não se dispunham a ir para o *Front*, fato que caracteriza a imagem como uma crítica a esse tipo de atitude<sup>240</sup>.

As formas de recrutamento notadamente derivam da postura da sociedade perante o conflito, por essa lógica a negação ou a aceitação, são entendidas como representações práticas de uma sociedade sobre determinado assunto. Na imagem em que o menino pretende fugir e ainda faz críticas a uma aristocracia imperial, notamos que ele representa a negação de pertença de indivíduos de um grupo em relação a outros, no caso a criança brasileira escrava que não quer ser soldado. A imagem seguinte reforça um sentido diferente para a criança paraguaia, permitindo ter ideia de como a participação na guerra era aceitável, até mesmo para a família do infante.

Sendo assim, para nós trata-se de outra imagem que representa ideias da época sobre uma infância, desta vez reproduzida em uma das páginas do periódico *Paraguay Illustrado* (1865), em sua edição número cinco de vinte e sete de agosto de 1865 o autor apresentava a ideia da infância paraguaia como soldado ainda no primeiro ano da guerra.

---

<sup>240</sup> LAVARDA, Marcus Túlio Borowski. **A iconografia da guerra do Paraguai e o periódico *Semana Illustrada* - 1865- 1870**: um discurso visual. – Dourados, MS: UFGD, Dissertação de Mestrado, 2009.



**Imagem 11** Para provar o patriotismo paraguaio.



**Fonte:** *Paraguay Illustrado*, Ed. nº 05, 27/08/1865, p. 18.<sup>241</sup>

Podemos ter que, na perspectiva aceita pelo seu diretor J. Riscado<sup>242</sup>, o periódico serve para nós como suporte para apresentar a situação de crianças paraguaias face a guerra, assim como Henrique Fleiuss, J. Riscado, pode não ter visto ou ouvido falar dessa situação; porém a ideia de patriotismo paraguaio e o julgamento sobre essa situação ficam evidentes nestes registros imagéticos.

Vemos na imagem uma criança ao centro, com uma arma na cintura, uma espada, de braços abertos, descalço e usando uma espécie de gorro, ainda na composição da imagem vemos um homem ao lado esquerdo, duas mulheres no lado direito, uma delas aparenta ser de mais idade, , no fundo há uma cabana que aparenta ser de palha ou algo semelhante, tanto o homem quanto as mulheres estão se despedindo da criança, percebemos isso pelo gesto simbólico de estarem de braços abertos em direção ao menino, como se fossem abraçá-lo. a posição em que foram desenhadas as pernas levam crer que

<sup>241</sup> In: Hemeroteca Digital Brasileira.

<sup>242</sup> GARCIA, Gabriel, I. **As representações da guerra do paraguai por meio do periódico “paraguay illustrado”** (1865). Disponível em: [http://www.uel.br/eventos/sepech/arqtxt/ARTIGOSANAIS\\_SEPECH/gabrielgarcia.pdf](http://www.uel.br/eventos/sepech/arqtxt/ARTIGOSANAIS_SEPECH/gabrielgarcia.pdf), acessado em 16.out 2020



estão caminhando em direção a crianças para se despedirem. O cenário é composto por linhas que formam uma casa com telhado de palha, um tipo de pilão no canto direito e duas aves no chão do lado esquerdo, elementos considerados por nós caracterizando de uma área rural do Paraguai.

Após a leitura do texto da legenda que diz: “Para provar o patriotismo paraguayense oferecemos aos nossos leitores este quadro, onde um menino de 5 anos de idade marcha como voluntário e despede-se de sua família. É duro o sacrifício!”<sup>243</sup>. Consideramos duas hipóteses iniciais: a primeira é a de que por possuir um caráter jocoso e brincalhão, o periódico a cargo de J. Riscado procurou salientar a idade da criança com intenção de chocar os leitores. Pensamos isso por que nas obras que tratam desse período não encontramos informe sobre recrutamento de crianças de cinco anos para combates, nem mesmo nos anos finais. A segunda interpretação pode ser a de que existia alguém que informara J. Riscado de que havia visto realmente crianças tão pequenas indo para os quartéis. De qualquer forma, para nós fica evidente a noção dos envolvidos neste periódico e seus consumidores, sobre a presença de crianças paraguaias como soldados na guerra.

A legenda complementa a ideia de J. Riscado ao apresentar a prova do orgulho paraguaio nas páginas do *Paraguay Illustrado* (1865), o sacrifício de um menino de cinco anos de idade que se despede de sua família. A mensagem do autor é interpretada por nós da seguinte maneira: de que o povo paraguaio possuía em 1865 um fortíssimo orgulho, a tal ponto de entregar seu próprio filho para a guerra.

O menino devidamente armado com uma pistola e uma espada, que simbolizam as armas da época para uma batalha representa a infância paraguaia participando das atividades bélicas. As pessoas dispostas no desenho são de suma importância para hipótese a seguir, pois pensamos se tratar de uma família paraguaia se despedindo de um de seus membros. Para isso, tomamos como referência a criança, a mulher ao fundo que carrega em seus braços um bebê, assim, ela é apresentada como a figura materna, possivelmente seja a mãe do menino. A outra mulher é a avó da criança e o homem o avô, a ligação entre ambos se faz pelo fato de serem representados por meio dos traços de J. Riscado aparentando terem mais idade do que a mulher com bebê. Os idosos possuem, por exemplo, a postura inclinada, possivelmente pela idade avançada.

Se a família está composta por criança, mãe, avó e avô, minimamente cabe perguntar: onde está o pai? Já teria ido para a guerra? A resposta positiva é a hipótese faz

---

<sup>243</sup> *Paraguay Illustrado*, 27/08/1865. Ed. Nº 5 p. 18

muito mais sentido, pois é registrado que os mais velhos participaram da contenda na mesma condição das crianças, ou seja, em situação de emergência. No entanto, em 1865, o Paraguai ainda não se encontrava na situação de ser necessário enviar crianças mulheres e idosos para o *Front*, conforme a bibliografia estudada sobre o assunto.

Podemos também considerar que se trata de uma família camponesa pelo cenário apresentado: a casa com teto de palha, a vegetação, o mato no chão e os pássaros voando no céu passam a impressão de um ambiente ainda não explorado, com uma flora e fauna bastantes presentes. Já o posicionamento de aves no canto da casa refere-se a ter animais de criação, um hábito bastante comum nas propriedades rurais.

É inevitável olhar a imagem e não se perguntar, por que o senhor e o menino estão descalços e sem calça, inicialmente diríamos que se trata de uma questão econômica do Paraguai, pensamento que merece ser levado em consideração, pois, durante muito tempo foi comum o desuso de calçados por alguns paraguaios. Outro diz respeito a quem produziu o desenho, neste caso, a proposta do *Paraguay Illustrado* (1865) era ter em seu carro chefe o humor depreciativo e satírico. Neste caso, seria para caracterizar o país paraguaio como pobre.

O sentido da imagem se dá em meio a interpretação do orgulho paraguaio em cooperar para liquidar o inimigo, satiricamente o autor expõe sua compreensão do assunto e uma das formas pelas quais o povo paraguaio dava exemplos de patriotismo, o dever com a pátria mais forte do que as relações de família.

É possível ainda perceber que o periódico contém um julgamento entendido a medida em que expressa sua opinião por meio da legenda, dizendo: “É duro o sacrifício!”<sup>244</sup>. “É duro” para nós significa que se trata de uma situação difícil de aceitar, ainda mais seguido da palavra sacrifício. Porém a situação é entendida por J. Riscado desta forma porque ele faz parte de outro grupo social, a saber, os brasileiros. Assim, entendemos a expressão paraguaia de empolgação dos desenhados como sendo evidências de uma aceitação à guerra. Ou seja, para Riscado, os paraguaios aceitavam enviar seus filhos para a guerra inclusive com orgulho.

O sacrifício comentado é a opinião do responsável pelo periódico, e por isso inferimos que o brasileiro tentou passar a ideia de que o paraguaio que enviava seus filhos para a guerra sofria com isso. Não é possível neste trabalho medir até que ponto este ato seria considerado um sacrifício para a família paraguaia, mas é possível perceber que para o brasileiro seria considerado um grande sacrifício, se chegasse a essa situação. Isso

---

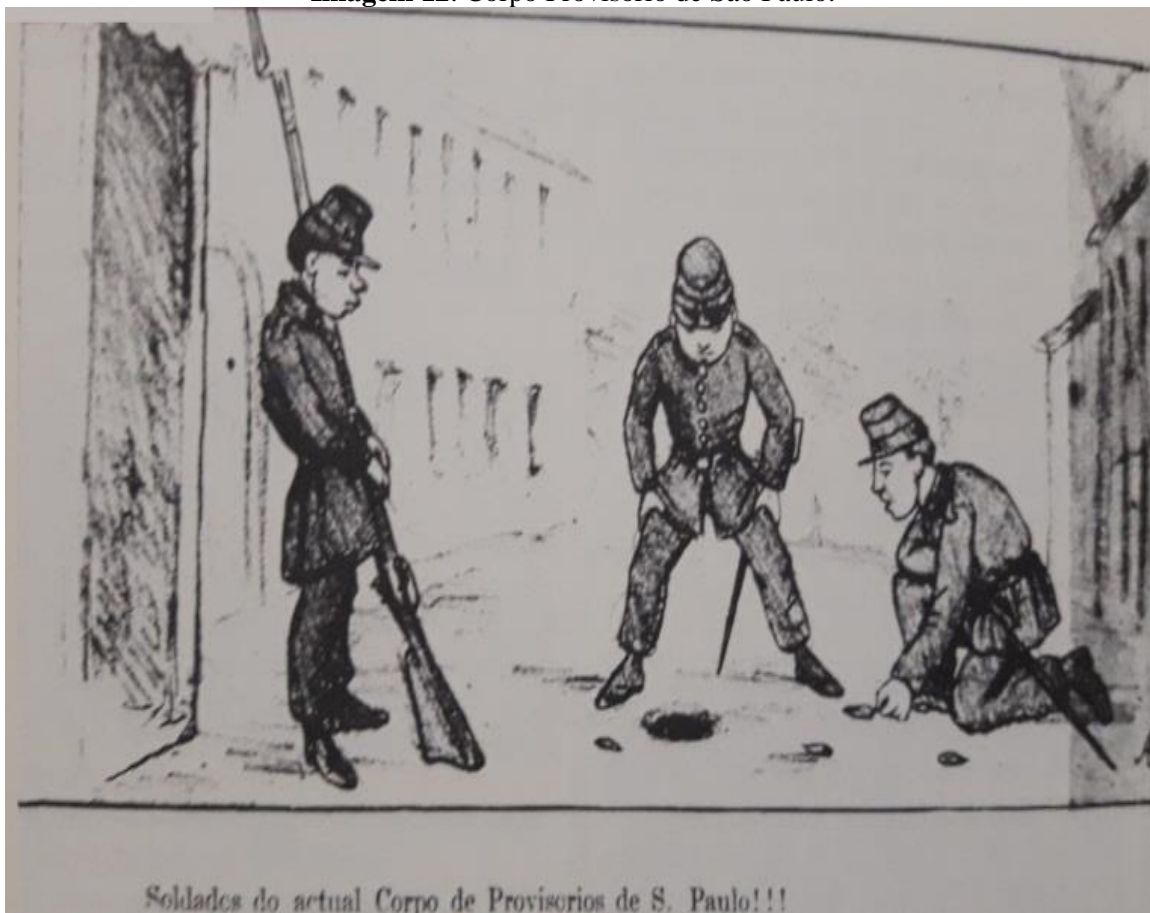
<sup>244</sup> *Paraguay Illustrado*, 27/08/1865. Ed. Nº 5 p. 18

demonstra uma clara preocupação com a participação da infância em ações belicosas por parte dos editores do *Paraguay Illustrado* em 1865.

Outra versão a ser considerada para esta imagem se dá pela contribuição do professor Dr. Leandro Baller, que acrescentou a relação desta imagem com uma crítica à pintura de D. Pedro II com 5 anos de idade, momento em que não pode assumir o trono mesmo sendo príncipe. Percebemos, assim, um paradoxo sobre a infância sul americana no século XIX, que se forma pela percepção de que uns não podem assumir cargos importantes devido à pouca idade, enquanto outros podem arriscar a vida em combates mortais durante a guerra<sup>245</sup>.

É possível imaginar a inserção da infância paraguaia como recrutas para a guerra nas páginas do *Paraguay Illustrado* (1865), o *Cabrião* (1866-1867) criado por Angelo Agostini, a partir da ideia da incorporação de crianças nos batalhões brasileiros, no entanto em circunstâncias diferentes.

**Imagem 12.** Corpo Provisório de São Paulo.



**Fonte:** *Cabrião*, Nº 32, 12/05/1867<sup>246</sup>

<sup>245</sup> Informação concedida durante o exame de qualificação da dissertação, realizados em maio de 2019.

<sup>246</sup> In: CABRIÃO: *Semanário humorístico editado por Ângelo Agostini, Américo de Campos e Antônio Manoel dos Reis*, 2000.

Trata-se de mais uma das representações da infância brasileira durante a Guerra do Paraguai. A imagem traz três crianças que mesmo na condição de soldados, ainda possuem suas características lúdicas representadas pelo fato de estarem olhando o buraco no chão, pois entendemos que se trata de alguma brincadeira infantil. Outro fato que nos faz pensar que são crianças é o tamanho da arma que o primeiro soldado porta, que tem quase o dobro do seu tamanho. Neste caso os meninos representam a infância nos quartéis do Corpo de Provisórios de São Paulo no ano de 1867.

A imagem é composta pela figura de três indivíduos, o primeiro de pé, tendo escorado em si uma baioneta maior do que ele, o segundo está de frente, porém, com uma espada na cintura e olhando para um buraco no chão, e o terceiro está agachado, e também possui uma espada na cintura além de estar observando algo no chão assim como o segundo.

A imagem também pode ser compreendida como expressão da tranquilidade de uma guerra, que para Império não avançou além da província de Mato Grosso, mas que avançou em grande medida dentro do território paraguaio. A diferença de realidade fez com que muitas vezes a despreocupação com combates, sobrevivência e dificuldades característica dessas épocas de guerra, fossem substituídas pelas brincadeiras infantis.

Além disto, a figura evidencia a verdade de que nem sempre símbolos são capazes de transformar a personalidade ou a identidade dos sujeitos. Ou seja, percebemos que mesmo tendo sido recrutados, uniformizados e armados não deixaram de ser crianças, pois no primeiro tempo de folga estavam brincando despreocupadamente.

Angelo Agostini compreendia, a seu modo, essa reflexão, por isso deixou a ideia registrada em seu trabalho de forma imagética. Além do exposto, a imagem é considerada por nós como uma crítica à participação infantil nas colunas do exército brasileiro, principalmente no que tange ao despreparo intelectual para ser soldado, apresentado por meio das brincadeiras das crianças em momento de serviço militar.

A imagem não fornece elementos suficientes para inferirmos onde se desenvolve a ação dos meninos, porém sabemos por meio do cenário criado por Angelo Agostini que se trata de uma área urbana. É possível que estivessem de serviço no quartel em alguma região de São Paulo, pois é a localização do quartel onde as crianças cumpriam o serviço militar, conforme a legenda.

Aproximadamente uma semana após apresentar aos seus leitores as crianças brasileiras, Angelo Agostini coloca em perspectiva sua concepção sobre as crianças paraguaias. Demonstrou, assim que o tema crianças ou infância na guerra se fez presente

em seus pensamentos por um tempo, sendo considerado importante ao ponto de preencher espaços de seus periódicos com imagens sobre o assunto, o que demonstra ser um tema relevante e digno de ser apresentado.

**Imagem 13.** Amostra dos Últimos defensores da Pátria.



**Fonte:** *Cabrião*, Nº 34, 26/05/1867, f. 5.<sup>247</sup>

A imagem acima, publicada em maio de 1867 no *Cabrião* (1866-1867) mostra cinco pessoas, aparentemente crianças, com uniformes desproporcionais, organizados em linha, em forma, como se posassem para uma foto ou revista. Pensamos isso por que o autor das imagens desenhou alguns personagens dessa composição com o quepe desproporcional ao corpo dos indivíduos, relacionado com o contexto histórico.

Podemos supor que sejam crianças e adolescentes. A legenda da imagem diz: “Amostra dos últimos defensores da Pátria que foram agarrados, enfardados e enviados para o teatro da guerra pra defenderem ali a honra nacional!!! Estamos Aceados”<sup>248</sup>. Frases que mostram a realidade do recrutamento forçado e de emergência.

<sup>247</sup> CABRIÃO: *Semanário humorístico editado por Ângelo Agostini, Américo de Campos e Antônio Manoel dos Reis*, 2000.

<sup>248</sup> *Cabrião*, Nº 34, 26/05/1867,

Vale reforçar a percepção sob a compreensão das linhas e formas que compõem a imagem, com caráter jocoso e ao mesmo tempo crítico referentes à prática de recrutamento infantil de seu tempo. Por isso Angelo Agostini representa as crianças paraguaias com chapéus maiores que a cabeça, um deles inclusive tem a cabeça toda coberta pelo chapéu, todos estão descalços; um deles parece ter alguma deficiência física; todos tentando manter a postura, mas estão longe de serem estereótipos de soldados. Provavelmente seria essa mesmo a intenção de Angelo Agostini ao retratá-los desta forma.

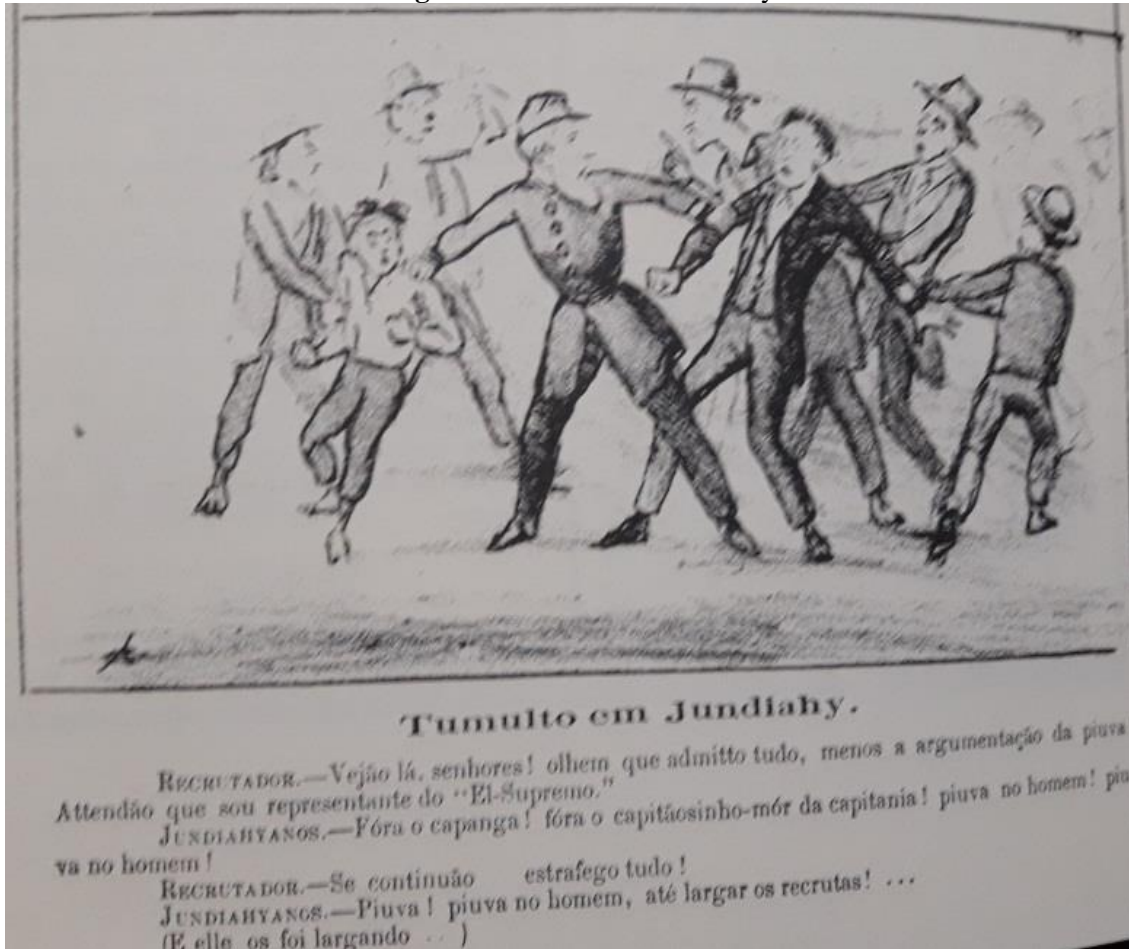
Pensamos também que na perspectiva de Agostini, já havia no lado paraguaio a urgência em recrutar crianças, e o fato de alguns uniformes não serem do tamanho das crianças demonstraria uma falta de planejamento, ou seja, seriam atitudes urgentes e impensadas. Supomos que essa imagem também sugere uma informação sobre um contexto da guerra, quando o Paraguai passa a ser invadido pelas tropas aliadas.

Inferimos por meio desta imagem que Agostini sabia de algum tipo de recrutamento infantil no Paraguai em 1867, portanto, satiricamente usou do humor para desmerecer os recrutas inimigos do Império. Notamos na legenda a denúncia sobre o caso de recrutamento forçado dos defensores da Pátria, pois segundo o autor eles foram (...) “agarrados, enfardados, e enviados para o teatro da guerra”.

Na imagem vemos a aparência do inimigo retratado com a postura inclinada, estilo físico que foge à ideia de soldado. Além dos uniformes não serem no tamanho correto, o quepe é um dos detalhes que nos faz acreditar que se tratam de crianças paraguaias pertencentes a cavalaria. Contudo, consideramos também a jocosidade contida na imagem, pensando pela perspectiva do diferente, do não ser, não fazer parte do grupo, no caso, do Império brasileiro representado por Agostini neste periódico.

Ainda sobre o recrutamento forçado de crianças no Paraguai, Angelo Agostini leva o assunto ao público novamente dois meses depois, demonstrando que sua preocupação com este tema não foi algo momentâneo.

**Imagem 14.** Tumulto em Jundiahy



**Fonte:** *Cabrião*, Nº 40, 14/07/1867.<sup>249</sup>

A imagem mostra um recrutador paraguaio em terras brasileiras buscando pessoas para compor seu exército, porém é impedido pelas outras pessoas de levar uma criança e um homem.

Contamos onze pessoas nesta imagem: três delas são vultos ao fundo direito, duas são crianças do sexo masculino, uma delas está de chapéu e a outra de camisa branca. As outras nove pessoas aparentemente são homens adultos, tendo um deles uma barba bastante parecida com a de Francisco Solano López, que é o recrutador. O representante de *El Supremo*, que segura à sua direita uma das crianças pelo ombro e com a mão esquerda segura o antebraço de um homem, que por sua vez é puxado pela outra criança de chapéu pelo outro lado. Notamos que este homem se veste diferente dos outros, as linhas do autor demonstram uma preocupação com o status do indivíduo representado pelas suas vestes. Os outros homens na imagem aparecem descalços, a criança da esquerda veste apenas calças e uma camisa de manga longa, a da direita, por estar de

<sup>249</sup>CABRIÃO: *Semanário humorístico editado por Ângelo Agostini, Américo de Campos e Antônio Manoel dos Reis*, 2000.

costas apresenta usar uma veste com mais peças, o que demonstra seu possível capital financeiro. Vale notar também que ambas estão descalças, assim como outros homens da imagem.

A criança de camisa branca, não parece estar acompanhada por alguém, haja vista que a criança de chapéu disputa com o recrutador o homem bem vestido, que pode assim, ter alguma relação, talvez familiar, com a criança da direita. Seria a indistinção social do recrutamento paraguaio? O que vemos na imagem é um tumulto, no qual Agostini privilegiou um homem, um oficial paraguaio, que estaria no Brasil para recrutar pessoas para as fileiras de López e foi barrado pela multidão de Jundiahy em 1867.

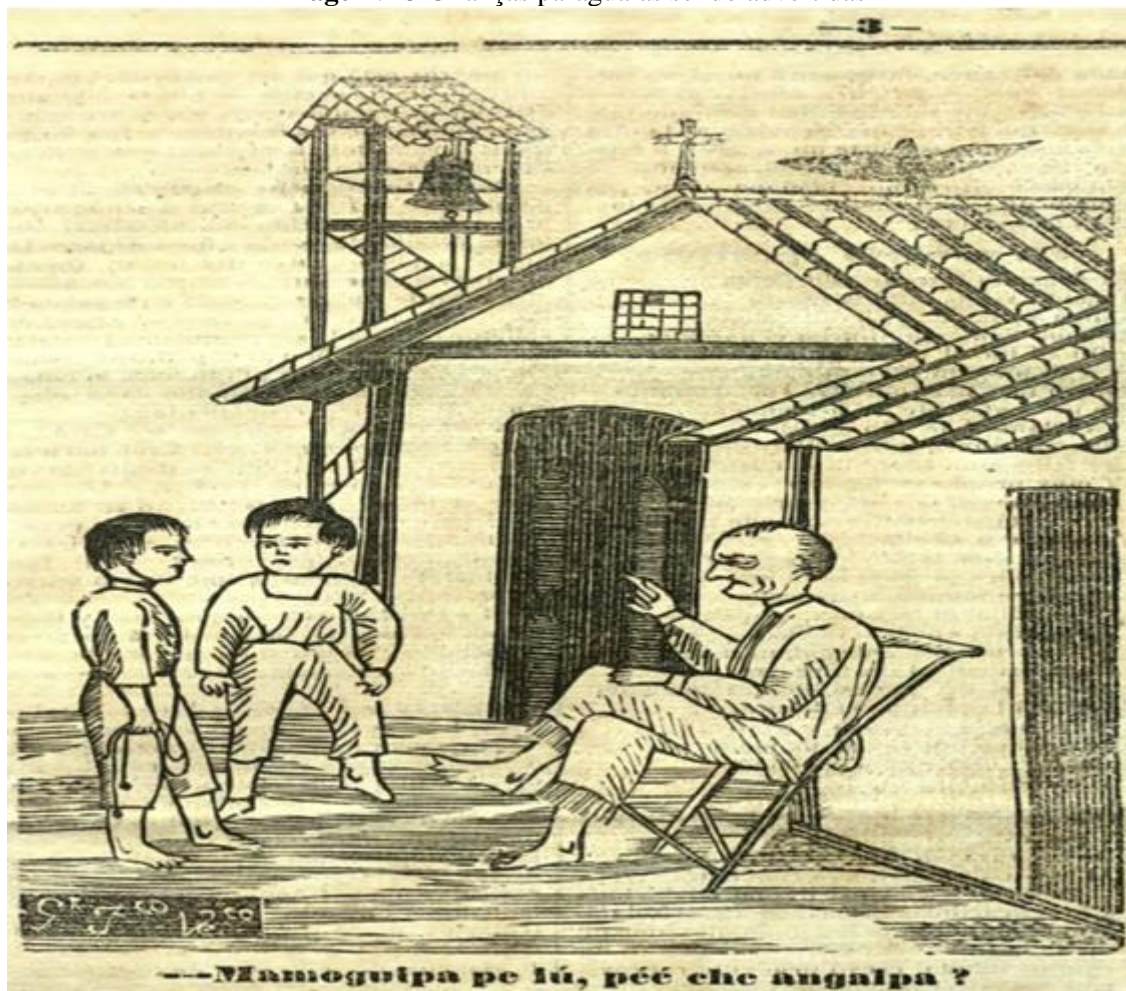
Após a leitura da legenda podemos perceber que o homem com barba é o recrutador que, conforme a legenda é representante do *El Supremo*. Os homens são cidadãos da cidade de Jundiaí, em São Paulo, e esta imagem pela demonstra a negação daquela situação de recrutamento forçado no Paraguai. Demonstra também que no Brasil não seria aceitável essa prática, pois os moradores da tal cidade representados nesta figura, mostram sua atitude de negação perante o recrutamento infantil e forçado.

Esta imagem também representa o que seria, na visão de Agostini uma das dificuldades enfrentadas pelo exército paraguaio. Devido a quantidade de baixas sofridas por aquele exército eles teriam partido para fazer um recrutamento em solo brasileiro. O sentido da imagem é irônico e mostra na verdade, a necessidade paraguaia de recrutar. No entanto, por que não recrutar os próprios paraguaios? Porque já estão mortos e frente a isso, opta-se pelo recrutamento obrigatório internacional, ou seja, uma forma de satirizar mais uma vez a situação da República Guarani, rindo do alto grau de mortandade paraguaia.

Ainda no ano de 1867, surge nas páginas do periódico paraguaio *Cabichuí* (1867-1868), uma mensagem referente uma das formas de representar a infância paraguaia. Neste caso temos a perspectiva paraguaia sobre a infância, contudo devemos também considerar as finalidades daquele periódico. Para a sociedade que consumia o periódico, naquela época, tinha também a finalidade de educar ou promover práticas de um determinado grupo. O autor dos desenhos é identificado como G<sup>A</sup>F<sup>CO</sup>Ve<sup>CO</sup>, e apresenta uma situação que serviu, ao nosso ver, como o exemplo para outras crianças e adultos que lidavam com crianças.



**Imagem. 15** Crianças paraguaias sendo advertidas



**Fonte:** *Cabichuí*, nº 37, 12/09/1867, F. 3<sup>250</sup>

A imagem mostra dois meninos de pé vestindo calças e camisas de manga cumprida, olhando um para o outro, e um homem com aparência de idoso sentado em uma cadeira e com as pernas cruzadas, apontando para os meninos a sua frente. O cenário da imagem é composto por uma edificação que possui uma cruz e um pássaro, ambos na parte mais alta do telhado. Observamos também que esta casa não tinha o telhado de palha, como era comum na época, mas feito com telhas. A esquerda da casa com a cruz existe uma torre, duas escadas e um sino no alto. Já no canto direito da imagem e da casa principal, tem outra moradia, em tamanho menor, e uma série de linhas horizontais compõem parte da imagem para representar o chão, ou piso.

No canto da imagem podemos ver as siglas referentes aos que trabalhavam com as gravuras, sendo que a letra “G” acompanhada de “A” possivelmente se refere a pessoa

<sup>250</sup> *In:* Biblioteca Nacional de Assunção

de Gregorio Baltazar Acosta; o “F<sup>CO</sup>” pode ser de Francisco e o “Ve<sup>CO</sup>” provavelmente Velasco, nos revelando Francisco Velasco que junto com Gregorio Baltazar Acosta eram os autores desta imagem. Para esta inferência, temos como base a informação apresentada por Jonansson<sup>251</sup> sobre os membros do editorial paraguaio.

Podemos inferir que se trate de uma igreja, pois a cruz é um importante símbolo cristão e disposto naquela edificação, naquele lugar, leva a crer que era um templo cristão. O sino que está na parte mais alta da torre ao lado da igreja é o símbolo do controle daquela instituição na vida dos paraguaios, pois o sino era usado para sinalizar as horas, eventos importantes, a hora da missa, etc, representando o controle social exercido pela Igreja sobre aquelas crianças da imagem.

Podemos perceber que o homem sentado está dizendo algo para os meninos e neste caso, a imagem nos indica o sentido da necessidade de reforçar as práticas de uma sociedade onde os mais jovens seriam submissos e ouviam as experiências dos mais velhos, transmitida também pela oralidade.

Sabemos que a imagem é parte da história do sacristão Don Jacinto (o homem sentado), que após ser repreendido pelo padre, estende às crianças a repressão sofrida<sup>252</sup>, mostrando que várias atitudes acabavam englobando as crianças, que por vezes não tinham parte na situação.

Desta maneira, entendemos que as crianças foram desenhadas com intuito de apresentar a reação dos meninos diante da repreensão. Um deles segura uma espécie de corda na mão direita, mostrando estar atento ao senhor ali ao lado. O outro menino, como se nota, está mais atento ao companheiro, talvez aprendendo a respeitar os mais velhos. Ambos possuem roupas que cobrem boa parte do corpo, porém estão descalços assim como o homem.

O que se desenvolve e é representado na imagem é na verdade uma conversa entre o homem e os meninos, ou pelo menos uma fala proferida em algum momento. Porém, entendemos este gesto como o ato de ensinar algo aos meninos. Com a finalidade educativa, o *Cabichuí* (1867-1868) apresentou este tipo de educação para as crianças e para os adultos paraguaios, a saber, a submissão aos mais velhos e a religião presente naquele lugar como forma de controle social.

Em se tratando de controle social, sobre as crianças, no Brasil podemos perceber outro tipo de educação, porém desta vez não tem como propulsora a imprensa, apesar do

---

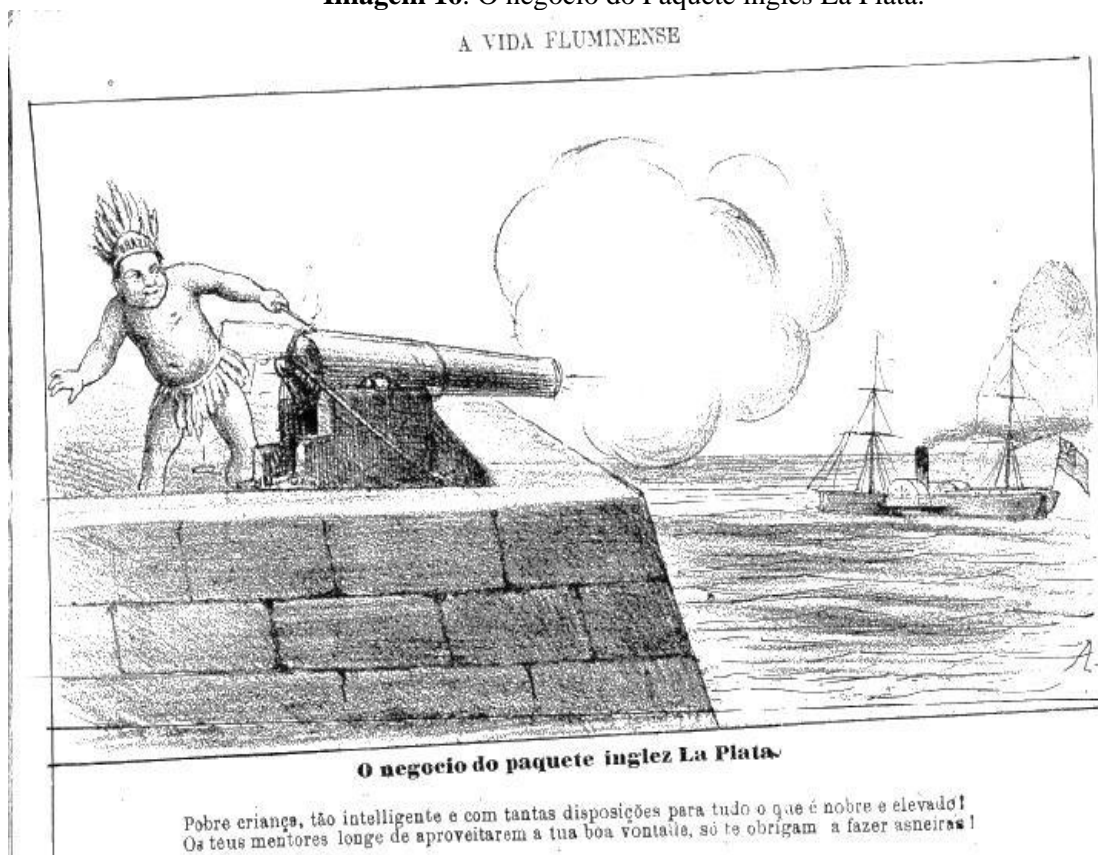
<sup>251</sup> JOHANSSON, M., L. **Soldados de papel**, 2014.

<sup>252</sup> JOHANSSON, M., L. **Soldados de papel**, 2014.

autor fazer uso dela para tratar o assunto de forma diferente em relação aos periódicos paraguaios.

A revista ilustrada *Vida Fluminense* (1868-1875), também sob a liderança de Angelo Agostini teve sua primeira edição publicada em quatro de janeiro de 1868 no Rio de Janeiro, e nos fornece indícios para a apreciação do tema em terras brasileiras. É possível perceber que em vinte e quatro de abril de 1869, portanto quatro meses antes do conflito de *Acosta Ñu*, o periódico em questão referenciou as crianças brasileiras e seu envolvimento em atividades bélicas, provavelmente as crianças que estavam nas Companhias citadas anteriormente. Mais um caso de ter a infância representada sob o comando de alguma instituição de ensino, ou controle. Vale lembrar que o episódio de *Acosta Ñu* aconteceu em agosto de 1869, época em que o periódico de Agostini já estava há mais de um ano em atividade, como um dos responsáveis pelos periódicos dedicados a apresentar para a sociedade daquela época uma visão da guerra na forma de ilustrações.

**Imagem 16.** O negócio do Pacote inglês La Plata.



**Fonte:** *A Vida Fluminense*, Nº 69, 24/04/1869.<sup>253</sup>

Nesta imagem podemos notar o posicionamento crítico de Agostini em relação a participação de crianças nos movimentos bélicos. O que vemos na composição da

<sup>253</sup> In: Hemeroteca Digital Brasileira

imagem é uma criança, atrás de um canhão, usando trajes típicos de índios. Ela está sobre uma estrutura que remonta a ideia de um forte, a imagem também é composta por uma parte que representa água, e ao fundo da imagem é possível notar um navio a vapor, com uma bandeira, mas não é possível identificar sua origem. Podemos ver a letra inicial do nome de Agostini no canto direito inferior da imagem.

Por meio da legenda da imagem que diz: “Pobre criança, tão inteligente e com tantas disposições para tudo o que é nobre e elevado! Os teus mentores longe de aproveitarem a tua boa vontade, só o obrigam a fazer asneiras!” pensamos que se trate de uma crítica ao sistema de ensino baseado na formação militar. Além de ser outra demonstração de seu posicionamento contrário à conflitos armados, notamos nas palavras da legenda, que as tais asneiras são representadas na imagem pelo menino atirando com o canhão no navio. Percebemos essa ação devido as linhas em frente ao canhão, que remetem a ideia de fumaça após um suposto disparo. Neste desenho podemos ver a letra “A” no canto inferior direito que muito provavelmente se refere a Angelo Agostini como autor do desenho.

Trata-se, assim, de mais uma expressão de repúdio de Agostini à condição de crianças soldados, contudo, não se trata de uma referência direta ao evento Guerra do Paraguai que acontecia na Bacia Platina. A imagem faz alusão ao evento que ficou conhecido como a “A Questão Christie<sup>254</sup>” que causou certos desencontros de interesses entre Brasil e Inglaterra no começo da década de trinta do século XIX.

Inferimos mediante ao texto imagético e a sua legenda que crianças brasileiras também eram treinadas para as práticas militares e usadas em determinadas atividades, que por vezes não representavam o ser criança, mas sim, uma instituição. Por exemplo, atirar em navios seria a visão do autor e um aviso para a sociedade sobre o uso de contingente infantil em ações belicosas.

Outra possibilidade seria a seguinte o julgamento do autor sobre a atitude de alguns militares perante as tensões entre Brasil e Inglaterra, uma forma de caracterizar uma suposta infantilidade neste segmento militar imperial. Constatamos isso observando símbolos importantes contidos na imagem. Ao fundo por exemplo, vemos um morro muito parecido com o famoso Pão de Açúcar que fica no Rio de Janeiro, porém, o fato que leva à Questão Christie ocorreu em águas do litoral catarinense. Consideramos

---

<sup>254</sup> Sobre o tema, ver RODRIGUES, Pedro, E. **Questão Christie** Disponível em: <<https://www.infoescola.com/historia-do-brasil/questao-christie/>> Acessado em 17.out 2020.

também outro símbolo da guerra que é o canhão, uma arma de fogo, nos remete a ideia das batalhas. Podemos então considerar, pela época de publicação que se trate de uma referência à Guerra do Paraguai que se desenrolava, porém é mais plausível a explicação de que represente o conflito diplomático entre Brasil e Inglaterra.

O lugar onde o menino está também é um símbolo interessante para essa análise, no que diz respeito à ideia de fronteira. O forte por vezes, foi considerado o limite ou até onde chega o poder do Estado, também entendemos a fronteira como lugar de atritos, sejam eles físicos ou ideológicos que reivindicam questões pertinentes ao tempo histórico de cada parte. Dessa forma estes dois itens mencionados por último (o canhão e o forte) se tratam a nosso ver, de uma referência ao conflito existente entre o Império, seus aliados contra o Paraguai. Esta constatação leva a crer que a imagem possui um duplo sentido por meio das referências mais fortes contidas em sua composição, no caso os conflitos.

Há de se considerar que o Rio de Janeiro, assim como parte de Santa Catarina acaba sendo o fim do continente. Neste caso o espaço geográfico não permite uma aproximação como acontece nas fronteiras secas, apresentando uma situação não tão conflitante. Porém mediante armamentos de longo alcance, como o canhão, essas batalhas poderiam ser travadas nos mares até certa distância.

Ainda explorando os sentidos da composição da imagem, consideramos que o Brasil enquanto Império, por vezes foi representado por Angelo Agostini através da figura de um índio, neste caso como se tratava da representação da população infantil brasileira, usou-se o indiozinho para dar visibilidade à criança brasileira. Contudo, a ideia de que o Brasil se encontrava ainda incompatível com a civilização pode ser aceita, sendo que por essa ótica, as vestes do menino são percebidas como símbolos de uma comunidade arcaica, porém inserida em um tempo histórico moderno. Considerando o canhão e o navio a vapor ao fundo, ou seja, uma comunidade representada com avanços em alguns pontos, como por exemplo, o manuseio com artefatos bélicos, e com outros aspectos primitivos, como o desenvolvimento de um pensamento contra a barbárie<sup>255</sup>.

O rosto do menino passa a ideia de que ele se diverte atirando com o canhão no navio, porém tal pensamento logo é desconstruído e justificado pelo próprio autor para representar a ideia final de repúdio a situação. A justificativa se faz de maneira interessante, pois ao mencionar as palavras “(...) tua boa vontade” e principalmente “te obrigam a fazer asneiras” demonstram submissão a educação imposta pelos adultos,

---

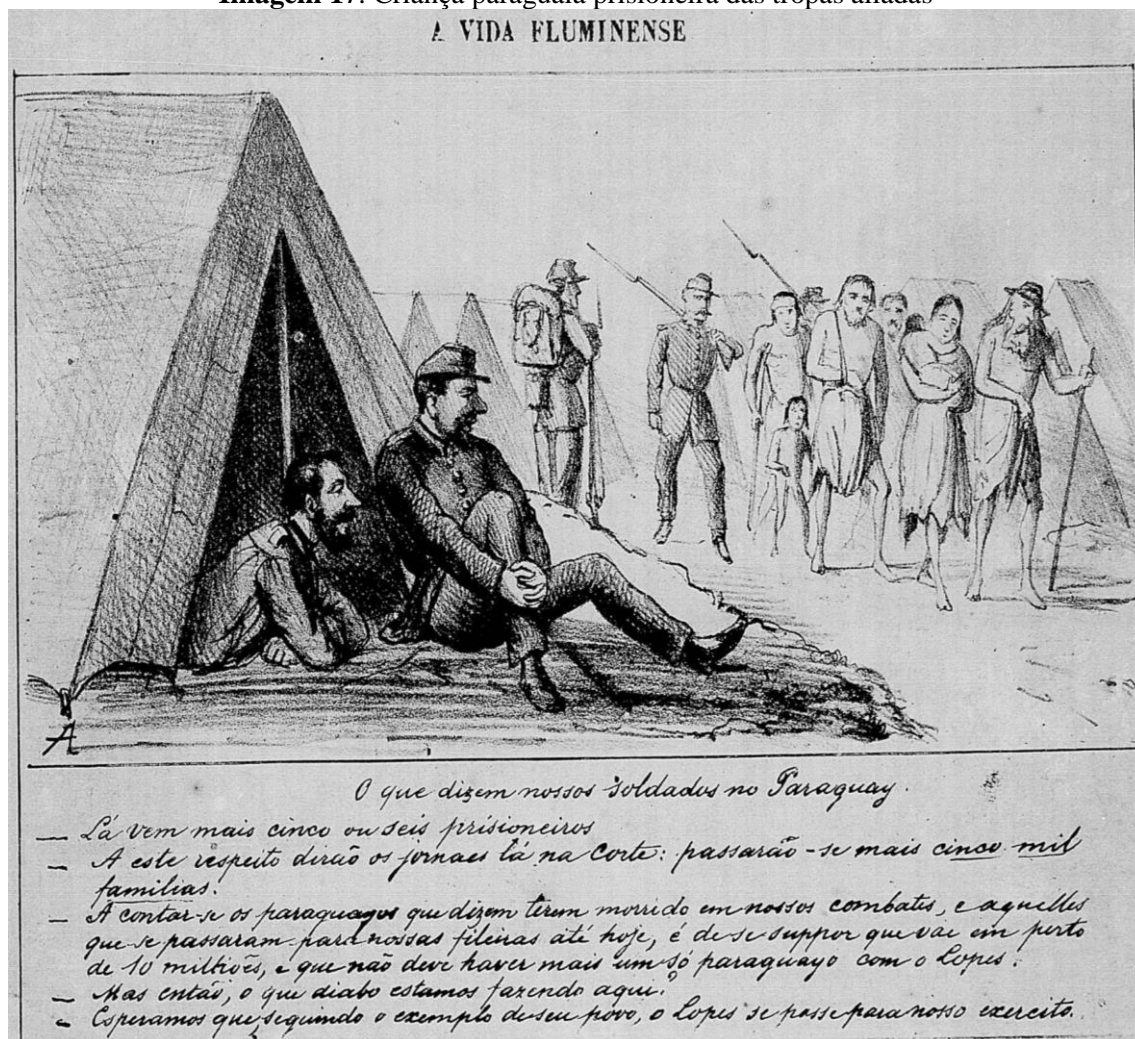
<sup>255</sup> Aqui compreendida como práticas, técnicas, meios de agressão entre os seres humanos com finalidades mortais.



demonstrando que as atitudes da criança brasileira, possivelmente derivam de um ideal militarista.

Salientamos que nos quatro periódicos sinalizados como fonte, não localizamos imagens diretamente relacionadas com *Acosta Ñu*, que está sem registros imagéticos neste trabalho, as crianças paraguaias surgem em 1870 em outra edição do *Vida Fluminense* (1868-1875), desta vez na condição de prisioneiros de guerra.

**Imagem 17.** Criança paraguaia prisioneira das tropas aliadas



**Fonte:** *A Vida Fluminense*, nº 109, 29/01/1870.<sup>256</sup>

Nesta imagem de Angelo Agostini, vemos crianças paraguaias, marchando como prisioneiras junto a outras pessoas. Contudo, as crianças não foram alvo principal da temática desta imagem, e assim foram representadas compondo o verdadeiro prisioneiro paraguaio, a instituição familiar.

O cenário é composto por sete barracas. Em um primeiro plano vemos dois soldados brasileiros, um sentado e o outro deitado com metade de seu corpo dentro da

<sup>256</sup> In: Hemeroteca Digital Brasileira

barraca. Sabemos que são soldados pelos seus trajes característicos, ambos observam com tranquilidade a passagem de um grupo de prisioneiros. O grupo é composto por quatro homens, sendo um deles um ancião, uma mulher que carrega uma criança de colo e uma criança que caminha sozinha. Atrás deles, ao fundo da imagem, vemos mais dois soldados brasileiros que escoltam os paraguaios, porém a ponta de uma lança nos leva a crer na presença de outro militar que não aparece por completo, apesar disso, podemos ver parte da sua cabeça.

A legenda é muito importante para a compreensão do sentido da imagem e neste caso, expressa:

O que dizem nossos soldados no Paraguay  
- Lá vem mais cinco ou seis prisioneiros. – A este respeito dirão os jornais lá na Corte: Passaram-se mais cinco mil famílias! - A contar-se os paraguayos que dizem terem morrido em nossos combates, e aquellos que se passaram para nossas fileiras até hoje, é de se supor que vai em perto de 10 milhões, e que não deve haver mais um só paraguayo com o Lopez. – Mas então, o que diabo estamos fazendo aqui? – Esperamos que seguindo o exemplo de seu povo, o Lopez se passe para o nosso exército.<sup>257</sup>

A intenção de Agostini seria a de apresentar ao leitor o fato de que, muitas notícias da guerra eram apresentadas de maneira equivocada, por isso, representou os soldados brasileiros na frente de guerra comentando sobre este tema enquanto passavam os paraguaios prisioneiros. Reforça a impressão de que as informações possivelmente eram exageradas, com as quantidades aumentadas para dar mais embasamento às narrativas do *front*, ou talvez ainda para fugir de algum constrangimento que tenham passado, como combater contra mulheres ou crianças. Justificadas provavelmente pela exaltação aos atos brasileiros, para dar embasamento, as mensagens passadas pelos informantes ainda passam pela episteme de Angelo Agostini. Este expressa por meio do diálogo dos soldados a opinião de que se tantos paraguaios já foram presos, desertores ou mortos, Francisco Solano López já não deveria ter mais com quem contar para continuar sua fuga, tratando mais uma vez, os assuntos sobre o Paraguai de forma jocosa, exagerando no diálogo dos militares.

Para nós a imagem mostra despreziosamente como Agostini percebia a condição da família paraguaia em 1870. O ancião segue a frente usando um chapéu e está apoiado em uma vara, parece não vestir a parte de cima das roupas, mas as de baixo são como uma espécie de vestido. Sabemos que se trata de um ancião pela barba e cabelos

---

<sup>257</sup> A *Vida Fluminense*, nº 109, 29/01/1870.

compridos e sem cor, que neste caso, é um símbolo da ação do tempo sobre o ser humano. A mulher vem logo em seguida com um vestido até os joelhos, segurando uma criança de colo. Possivelmente ela representa a figura materna daquela família, atrás dela um homem com o braço suspenso por uma tala, e suas vestes são parecidas com as do ancião. Atrás deste homem há uma criança que parece não ter roupas, tem um semblante simples de quem não sabe muito bem o que se passa, chegando a ser possível tomá-la como ponto de partida para uma reflexão sobre a ingenuidade da infância paraguaia. Ao seu lado, na composição da imagem, há outro homem, deste não podemos ter muitas impressões pois só podemos ver seu rosto que aparenta cansaço e um olhar curioso. O último prisioneiro é mais um homem com uma muleta e vestes semelhantes aos outros paraguaios já citados.

Os prisioneiros caminham sob a vigilância dos soldados brasileiros e tem em seus semblantes, por vezes um olhar de hostilidade, como é o caso do ancião. Na mulher notamos a expressão de cansaço, tristeza, que se completa com a aparência de derrota expressa nos rostos dos outros homens e da criança. Já em relação à criança de colo pouco podemos falar, pois ela foi arranjada na imagem, de costas para o leitor, impossibilitando a observação de seu rosto.

Sobre os soldados brasileiros, paira a percepção de que estão despreocupados com os combates e com a sua segurança, sendo notória a representação de que para eles os paraguaios já não ofereciam mais perigo, muito menos ali, no seu acampamento, composto nesta imagem pelas sete barracas.

Por vezes percebemos as crianças paraguaias nos periódicos brasileiros representando uma infância na Guerra do Paraguai. Além disto vemos a soldadesca brasileira despreocupada, pois há registros até de brincadeiras dentro dos quartéis. Outras imagens os mostram em suas residências ou em lugares públicos como é também o caso da próxima imagem de Angelo Agostini, outro exemplo de como as crianças estavam inseridas no contexto que circunda nosso recorte temporal (1861-1870), neste caso, buscando se relacionar por meio de negociações ou por algum tipo de trabalho.



**Imagem 18.** Crianças têm seus bens atirados ao mar



**Fonte:** *A Vida Fluminense*, Nº 125, 21/05/1870<sup>258</sup>

A imagem revela a figura de um homem no centro da imagem, de chapéu, paletó, calças e sapatos, atirando uma caixa ao mar. No local já se encontram outras caixas e objetos, que provavelmente pertenciam aos meninos que compõem a imagem. O primeiro menino veste uma camisa, paletó, calças remendadas e sapatos, com um olhar triste e desacreditado. Ele é o mais velho e estende as mãos para o homem, enquanto seu companheiro, o segundo menino está virado para o outro lado. Ele usa um chapéu, camisa apertada, paletó, calças e sapatos, e cobre o rosto com o braço direito.

Consideramos o tamanho proporcional das personagens e assim entendemos que o primeiro menino é maior que o segundo, fato que pode ser considerado como símbolo de mais idade em relação ao menino menor e símbolo de menos idade perante o homem. A observação nos remete às etapas da vida, sendo que o homem é o maior, o mais velho, já adulto. O primeiro menino é o do meio nesta escala, é representado por Angelo Agostini como um adulto pelas representações, ou seja, a criança que já busca dialogar com os mais velhos e buscando inserção em ambientes sociais das mais diversas possibilidades de existência, ou também uma criança independente, adulta por sua experiência apesar da

<sup>258</sup>In: Hemeroteca Digital Brasileira.

pouca idade. O próximo é o menino da direita, o último desta sequência representa a criança, o mais novo, uma criança que está buscando experiências no universo adulto por meio de atividades mercantis, com seu companheiro. Porém sua fisionomia mostra que ele ainda não controla suas emoções, sendo então, uma representação que remete a uma infância em transição.

Com a leitura da legenda é possível, além de confirmar as ideias apresentadas, gerar novas reflexões sobre seus significados:

O nobre, digno e caridoso fiscal de Nictheroy, sob pretexto que essas crianças não pagam impostos, atira ao mar os pertences d'onde ellas tiram os meios de subsistencia.  
Não seria justo obrigar esse Sr<sup>o</sup> fiscal a pagar uma indenização pelo prejuízo causado?<sup>259</sup>

A primeira ideia a se considerar, é a de que as coisas atiradas ao mar são mesmo das crianças, por meio disso, é possível afirmar que os meninos tiveram reações diferentes diante da situação, pois enquanto o primeiro estendia as mãos como se buscasse estabelecer um diálogo para se explicar com o fiscal, o segundo virado para o outro lado esconde as lágrimas do choro por perder suas coisas daquela maneira. Outra reflexão nos leva a perceber algumas etapas do desenvolvimento social infantil, a tentativa de concentração de novos costumes e a permanência de outros característicos de uma etapa ainda não totalmente desenvolvida.

Também podemos sugerir sobre o lugar onde estão as personagens, neste ponto, a imagem mostra que se trata de Niterói-RJ, cidade dentro das jurisdições do Império, assim faz-se se importante ressaltar essa representatividade do fiscal. Nesta cidade havia uma lei que obriga o recolhimento de algum imposto para que se comercialize mercadorias, contudo, os meninos não atenderam a exigência desta lei e tiveram sua mercadoria apreendida, na verdade, descartada, demonstrando o controle social exercido pelo Império.

Também por meio da legenda, percebemos uma tentativa de Agostini em comover o leitor do seu periódico, reforçando a expressão de desespero e choro dos meninos. A apelação do autor surge de forma mais aguda quando comenta que as coisas das crianças são: “d'onde ellas tiram os meios de subsistencia”, ou seja, precisam das vendas para sobreviver. Outro detalhe que corrobora esta ideia é o fato de terem sido desenhados com roupas esfarrapadas, mostrando que são crianças pobres.

---

<sup>259</sup> *A Vida Fluminense*, N° 125, 21/05/1870,

A partir deste ponto somos instigados refletir sobre a possibilidade de Agostini estar tentando colocar seu leitor contra o Império brasileiro logo ao fim da Guerra contra o Paraguai, pois além de toda a comoção da imagem com os meninos chorando e com feição de desespero, coloca na legenda a seguinte questão: “Não seria justo obrigar esse Srº fiscal a pagar uma indenização pelo prejuízo causado?”.

Apesar disto a palavra nobre, usada na legenda pode gerar outras interpretações, por exemplo, indicando que a atitude tomada é correta, afinal, ele é um nobre fiscal. As crianças, por essa ótica provavelmente saberiam da proibição e neste dia foram pegadas de surpresa, isso nos revela outra face de uma infância esclarecida quanto a algumas leis, porém, não praticadas.

Se é possível estabelecer que o fiscal representa a lei e até o Império, podemos considerar também que Agostini, ao lançar esta imagem na capa daquela edição, não só faz uma crítica ao Império e a sua forma de cobrar impostos, mas revela traços de uma categoria por vezes representada em desvantagem física e psicológica perante os adultos. Neste caso as crianças sofriam também consequências com ônus materiais em alguns casos advindos das instituições do Império brasileiro.

Ao fim pudemos perceber diversas representações da infância brasileira por meio dos desenhistas, e também uma visão sobre a infância paraguaia, pela perspectiva de brasileiros e paraguaios, sobretudo nos temas que envolvem instruções, por vezes advindas de instituições como o Exército ou a Igreja.

### **3.1 Aspectos da história da educação e civismo da infância paraguaia**

A discussão que segue intenciona identificar, por meio de documentação pertinente ao cenário educacional paraguaio no período durante a Guerra do Paraguai, em que medida foram criados mecanismos institucionais para estimular as práticas de civismo e patriotismo nas crianças. Tal hipótese, defendida neste estudo, favoreceu o alistamento militar na infância, bem como as formas de estímulo e divulgação na imprensa da época.

Assim a atenção recai sobre aspectos da história da educação no Paraguai, com base inicialmente, no trabalho intitulado *História de la educaion en el Paraguay 1812 – 1932* de Juan Speratti<sup>260</sup> paraguaio, militar e professor da cátedra de escola militar. Em sua pesquisa, Speratti (1996) buscou analisar os processos históricos que remontam o

---

<sup>260</sup> SPERATTI, Juan. *Historia de la educacion en el Paraguay 1812 – 1932*. Biblioteca de estudios paraguayos, V. 52 – Asunción, 1996.

estabelecimento da escola “*España*” (1869-1975), localizada em San Lorenzo no Paraguai. Ele investigou o período anterior ao governo de Carlos Antonio López, instigado a pensar na educação durante o final da ditadura do Dr. Francia<sup>261</sup>, passando pelos anos regidos pela Junta Governativa até chegar ao governo de Carlos Antonio López e, conseqüentemente até seu filho Francisco Solano López.

Embora Speratti (1996) tenha buscado compreender o processo de formação de uma escola de San Lorenzo, necessitou compreender alguns movimentos do processo histórico que antecede a criação da escola objeto de estudos, incluindo o período de governo de Carlos Antonio López<sup>262</sup>.

Após o término do Governo de José Gaspar Rodríguez de Francia, em 1841, surge um governo consular no qual foram eleitos Carlos Antonio López e D. Mariano Roque Alonso para desempenharem o cargo principal. O governo consular pretendia ser a representação da ideia de renovação e modernidade, inclusive no âmbito educacional, sendo este um dos principais temas de atenção do governo então vigente<sup>263</sup>.

Apesar dos incentivos ou esforços do governo em dar suporte, à sua maneira para os centros de ensino, as dificuldades eram grandes, destacando-se a falta de pessoas qualificadas para exercerem o cargo de professor. Já em 1842, Carlos Antonio López e Mariano Alonso enviaram uma mensagem ao congresso, dando um parecer sobre a situação em que se encontrava o planejamento para as instituições educacionais. Neste caso é possível perceber a disposição em encontrar um lugar adequado para o trabalho, além de que o governo havia proposto um plano geral de aprendizado, que poderia ter ou não itens adicionados conforme as necessidades do Estado, no entanto sem alteração nas bases fundamentais<sup>264</sup>.

Em 1844 surge a Constituição que dava atribuições ao presidente daquele país, na qual, dentre outros aspectos lê-se: “Entre las atribuciones del Presidente da República, se lê: ‘promueve y fomenta los establecimientos de la educación primaria y los de ciencias mayores’”<sup>265</sup>.

As principais finalidades desse plano de educação englobam, além de ajudar a formar novos membros para o serviço do culto religioso, aumentar a capacidade

---

<sup>261</sup> Ditador paraguaio entre os anos de 1811 e 1841.

<sup>262</sup> SPERATTI, J. **Historia de la educacion en el Paraguay 1812-1932**, 1996.

<sup>263</sup> SPERATTI, J. **Historia de la educacion en el Paraguay 1812-1932**, 1996.

<sup>264</sup> SPERATTI, J. **Historia de la educacion en el Paraguay 1812-1932**, 1996.

<sup>265</sup> Entre os poderes do Presidente da República, se lê: ‘promove e incentiva os estabelecimentos de ensino primário e os principais estabelecimentos científicos (Trad.do autor). SPERATTI, J. **Historia de la educacion en el Paraguay 1812-1932**, 1996, p. 51.

intelectual da massa civil, em busca de elevar a posição do país em relação aos mais culturalmente desenvolvidos. Para isso foi proposta a criação de uma academia literária, onde haveriam cátedras com diferentes assuntos a serem ensinados: “Uma cátedra de latinidade. Outra de idioma castellano y de bellas artes. Outra de filosofia racional em método didático. Uma cátedra de teologia dogmática em igual método. História eclesiástica y oratória sagrada”<sup>266</sup>.

Essa é uma parte do Decreto Supremo expedido em 1841 pelo Governo de Assunção. Além dos fins pretendidos por meio da educação podemos pensar, com base em Speratti (1996), nas disciplinas que fariam parte do currículo da Academia Literária. Por certo, algumas práticas que deveriam ser colocadas em ação ao longo do tempo como é o caso dos professores responsáveis pela cátedra de Latinidade e o de Belas Letras e o idioma Castelhana, que deveriam dar conferências semanais aos alunos. Dentre os temas apresentados constata-se Elementos da Religião Cristiana e Deveres e direitos de um homem social<sup>267</sup>.

Em 1849 o governo expressava que haviam sido criadas muitas escolas de primeiras letras mantidas pelo governo paraguaio, segundo documentação apresentada por Speratti (1996). Observam-se três casas de educação até aquele momento, no entanto, isso não quer dizer que não poderiam existir casos de ensino privado<sup>268</sup>. Nos dez primeiros anos após o governo de Francia, os esforços para a consolidação de uma base educacional foram provenientes do próprio Estado, e ao longo dos anos isso foi ampliado. No entanto, são perceptíveis as dificuldades para a efetiva qualidade desse processo de ensino aprendizagem.

Durante os anos da década de 1850 houve grande propagação de escolas no Paraguai e muitos interessados em aprender. Contudo, surgiam as dificuldades, sendo que muitos alunos que pretendiam seguir seus estudos logo se desviavam, pois a escola paraguaia dessa época continha práticas duras de repressão, somadas ao despreparo já comentado de grande parte dos pedagogos, resultando em uma grande evasão escolar<sup>269</sup>.

Para contornar essa situação profissionais de fora do país foram contratados, iniciando uma reação intelectual no Paraguai. Nesse período foram criadas instituições como o Instituto de Filosofia, uma escola de matemática, um curso de medicina, uma escola de direito. Os melhores alunos dessas escolas foram assim como outros

---

<sup>266</sup> SPERATTI, J. *Historia de la educacion en el Paraguay 1812-1932*, 1996, p. 49

<sup>267</sup> SPERATTI, J. *Historia de la educacion en el Paraguay 1812-1932*, 1996

<sup>268</sup> SPERATTI, J. *Historia de la educacion en el Paraguay 1812-1932*, 1996

<sup>269</sup> SPERATTI, J. *Historia de la educacion en el Paraguay 1812-1932*, 1996

anteriormente citados, enviados por conta do Estado para estudarem na Europa em 1858<sup>270</sup>.

La instrucción que se daba era rudimentaria inculcándose a los niños principios de obediencia y respecto a las autoridades establecidas, mediante un Catecismo en que se decía que después de la idea de Dios y de la Humanidad, la Patria era lo más sublime y fecunda en inspiraciones heroicas<sup>271</sup>.

Como se sabe a escola é uma instituição do Estado que se estende à sociedade, transmitindo ideias e convicções criadas e postas em prática com suas devidas finalidades. É válido também mencionar que os valores transmitidos pela escola podem ou não corroborar para a manutenção da autoridade vigente.

A escola paraguaia da década de 1850 é marcada pelo fato de que o Guarani, língua nativa do Paraguai, era ainda considerada, como já mencionamos nos capítulos anteriores, de baixo grau de erudição, sendo que nas escolas era proibida a sua reprodução. Se as crianças que fossem percebidas falando em guarani nas escolas, sofriam graves repressões. Speratti (1996) nos conta que existia até um sistema criado para medir a incidência das conversas e aplicar açoites, sendo este mais um dos motivos que dificultava a eficácia da escola paraguaia, afastando as crianças que sofriam punições.<sup>272</sup> A organização pedagógica do modelo escolar apoiava-se no Método Lancaster de ensino, com divisões de turma em mais atrasados e mais adiantados. Contudo, muitas vezes fiscais ocupavam o lugar do professor, e eram os mesmos que aplicavam os castigos à vontade nas crianças<sup>273</sup>.

Durante o governo de Carlos Antonio López na escola não era permitida também a frequência de mulheres ou meninas, evidenciando mais uma prática cultural, característica dos modelos patriarcais da época, onde a figura masculina é o centro de referências para o grupo social. Segundo Speratti (1996) essa era “una practica de efectos altamente negativos para el adelanto social y cultural del Pueblo”<sup>274</sup>.

Apesar disso, o periódico intitulado *La Regeneracion*, publicou a informação de que em primeiro de novembro de 1869 seria inaugurada a primeira escola municipal para meninas do Paraguai, com o nome de *Escuela Central de Niñas*, dirigida por Asunción

---

<sup>270</sup> SPERATTI, J. **Historia de la educacion en el Paraguay 1812-1932**, 1996

<sup>271</sup> A instrução ministrada foi rudimentar, inculcando nas crianças princípios de obediência e respeito às autoridades instituídas, através de um Catecismo em que se dizia que, depois da ideia de Deus e da Humanidade, a Pátria era a mais sublime e fecunda de inspirações heróicas (Trad. do autor). CARDOZO, E. In: SPERATTI, J. **Historia de la educacion en el Paraguay 1812-1932**, 1996, p 53.

<sup>272</sup> SPERATTI, J. **Historia de la educacion en el Paraguay 1812-1932**, 1996

<sup>273</sup> SPERATTI, J. **Historia de la educacion en el Paraguay 1812-1932**, 1996

<sup>274</sup> “uma prática com efeitos altamente negativos para o avanço social e cultural do Povo (Trad. do autor)”. SPERATTI, J. **Historia de la educacion en el Paraguay 1812-1932**, 1996

*Escalada*<sup>275</sup> que também foi uma das mulheres atuantes na imprensa paraguaia, chegando a ser integrante do grupo de redatores do “*La Regeneración*” periódico efêmero no Paraguai<sup>276</sup>.

Essa escola para meninas objetivou, segundo Speratti (1996) ensinar língua inglesa, francesa e espanhola. O periódico informou ainda que no dia de sua inauguração as comemorações estariam ao mesmo rigor que os países mais cultos davam para esse tipo de ocasião. O plano de estudo para as meninas continha aulas de castelhano, aritmética, leitura, escritura, moral, costura e trabalhos. Para Speratti (1996) a criação desta nova instituição fez com que ficasse reconhecido “el derecho de la mujer a la educación común de que hasta entonces estuviera privada”<sup>277</sup>.

O primeiro ano em que as meninas puderam freqüentar as escolas não foi tranqüilo. Aa guerra contra Tríplice Aliança já se arrastava durante quatro anos e meio, e em agosto de 1869, segundo Andrés Colmán Gutiérrez (2013) não era incomum os professores serem convocados com seus alunos para combaterem com o exército. Apesar de todo patriotismo que a escola procurava inculcar nas crianças e na sociedade, por meio da imprensa e de instituições de ensino, à medida em que solicitações como essas enviadas aos professores da região eram realizadas, percebia-se cada vez mais a degradação do exército paraguaio. Como mostra uma das reações relatadas por Dolores a seus netos: “Aquella mañana, cuando supieron por boca del propio maestro Medina que sus hijos y nietos pequeños también tenían que marchar al frente, se escucharon gritos y lamentos de pena y de dolor”<sup>278</sup>, por meio deste trecho, podemos crer que os gritos e lamentos proferidos representam a espera pelo pior, a morte seguida pela derrota paraguaia.

Gutiérrez (2013) também segue dizendo que, após estes lamentos, se pronunciaram palavras de honra e coragem, e ao final da situação, mães e companheiras dos convocados também se dispuseram a ir à luta<sup>279</sup>.

---

<sup>275</sup> Asunción Escalada (1850-1894) “llegó a poseer excelentes conocimientos de literatura, filosofía, historia, geografía, latín, inglés, francés, aritmética, astronomía, cosmografía y, hasta llegó a poseer un gran dominio sobre los primeros auxilios”. (MEC-DIGITAL, 2009, p 1). Disponível em: <https://www.mec.gov.py/cmsmec/wp-content/uploads/2009/04/asuncion-escalada.pdf>. acessado em 05.abr 2019

<sup>276</sup> SPERATTI, J. **Historia de la educacion en el Paraguay 1812-1932**, 1996

<sup>277</sup> “o direito das mulheres à educação comum que até então era privada (Trad. do autor)”. SPERATTI, J. **Historia de la educacion en el Paraguay 1812-1932**, 1996, p. 65.

<sup>278</sup> “Naquela manhã, quando souberam pelo próprio professor Medina que seus filhos e netos também deveriam marchar para a frente, gritos e lamentos de tristeza e dor foram ouvidos (Trad. do autor)”. GUTIÉRREZ, A., C. **Acosta Ñu**, 2013, p. 18.

<sup>279</sup> GUTIÉRREZ, A. C. **Acosta Ñu**, 2013.

Outro caso de alunos que foram recrutados aconteceu na escola de *Villarrica del Espiritu Santo*, onde o professor era Fermín López, e nesta ocasião, seus alunos acabaram morrendo na batalha de *Piribebuy* em doze de agosto de 1869<sup>280</sup>. Percebemos em vários momentos ao longo da história do Paraguai, que a escola foi alinhada com alguma finalidade por fazer parte do Estado paraguaio, o que torna interessante outras análises. Enquanto em um primeiro momento escola foi usada com desígnios de inculcar nas crianças o patriotismo e orgulho nacional, além dos conceitos modernizadores, em outro acaba sendo convidada pelo Estado a demonstrar seu aprendizado por meio da bárbara prática de guerra. Seria um tanto irônico dizer que mediante todos os anos e investimentos educacionais no Paraguai, finalmente a educação paraguaia foi então colocada à prova. Mas a questão que fica para nosso estudo é questionar se mediante a grande quantidade de mortos por patriotismo, a escola cumpriu seu papel?

Acreditamos mediante as leituras, que após os primeiros dias de agosto de 1869, no qual grande parte das escolas recebeu as mensagens de recrutamento, as aulas e atividades acabaram sendo drasticamente suspensas. A partir desse ponto o que se pode pensar é a situação dos alunos em marcha com suas mães e quem sabe com seus avós nos batalhões do exército paraguaio.

Até aqui colocamos em prática o exercício de análise das imagens que contemplam representações da infância, sendo possível sinalizá-las em momentos apresentados ao longo do capítulo. Fizemos ainda uma análise sobre trabalhos que têm relação direta com a infância paraguaia, contudo, tornou-se importante compreender também aspectos da realidade das mulheres neste contexto, devido às relações de afeto e também sociais, e que tem certa proximidade com a figura infantil.

---

<sup>280</sup> GUTIÉRREZ, A. C. Acosta Ñu, 2013.



## CAPÍTULO 4

### MULHERES NA HISTORIOGRAFIA SOBRE A GUERRA DO PARAGUAI

Ao examinar a produção sediada em Mato Grosso do Sul, sobre o episódio da guerra, tem-se o estudo de Maria Teresa Garritano Dourado (2014) que engajada com os movimentos da chamada *Nova História* e da *História Cultural*, levanta problemáticas acerca das doenças e a fome enfrentada pelos brasileiros durante a guerra. Dourado (2014) narra uma história que demonstra as dificuldades encontradas nos acampamentos, que não tinham nenhum tipo de saneamento básico, sem água potável, muitas vezes sem comida ou não raro, com severa escassez de alimentos<sup>281</sup>.

Um trecho interessante para nossa pesquisa diz respeito ao fato de que assim como no Paraguai, muitas mulheres acompanhavam o exército brasileiro, contudo, a história da mulher brasileira na Guerra do Paraguai ainda caminha lentamente e encontra-se em sua maioria “dissolvida na história dos homens (...), pois as armas e a Guerra têm sido associadas à masculinidade”<sup>282</sup>.

Se por um lado a obra de Dourado (2014) nos revela ecos sobre a presença de mulheres que seguiam o exército imperial, sanando diversas necessidades básicas dos combatentes, a pesquisa de historiadores vinculados ao Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul (IHGMS) também o faz. Se mostra, por isso um importante objeto de referência, e nesse sentido os historiadores Valmir Batista Corrêa e Lúcia Salsa Corrêa<sup>283</sup> apresentam três importantes fragmentos analisados que servem para a compreensão de outros olhares advindos da História Cultural sobre a contenda.

Valmir Batista Corrêa (2018) e Lúcia Salsa Corrêa (2018) apresentam fragmentos já analisados que servem para a compreensão sobre a contenda. O primeiro deles diz respeito à situação de Mme. Dorothea Duprat de Lasserre, francesa, que trabalhava com sua família em um mercado, que por certo tempo foi considerada *Destinada*, estando submetida a todos os horrores típicos dessa condição. No entanto ela sobreviveu e escreveu suas memórias 25 anos após, com incentivos de um militar o Sr. Coronel Dr. Pinheiro. Logo que foi resgatada pelas tropas imperiais comandadas pela vanguarda do Tenente-coronel Moura<sup>284</sup>. Por meio da análise realizada em suas memórias

---

<sup>281</sup> DOURADO, Maria T, Garritano. **A história esquecida da Guerra do Paraguai: Fome, doenças e penalidades**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 314, p. 2014.

<sup>282</sup> DOURADO, M., T. A história esquecida da Guerra do Paraguai, p. 69, 2014.

<sup>283</sup> CORRÊA, Valmir Batista. & CORREA, Lúcia Salsa (org.). **Memórias da Grande Guerra**. Campo Grande, Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul. 2018.

<sup>284</sup> CORRÊA, V. B. & CORRÊA L. S. **Memórias da Grande Guerra**, 2018

vemos algumas complexas situações de abuso e condições severas à que eram submetidas as mulheres, sendo feitas prisioneiras dos exércitos<sup>285</sup>.

Para o autor Lasserre “descreveu com realismo impressionante (...) perseguições, prisões e assassinatos”<sup>286</sup> a sua produção também mostra com esse mesmo realismo a situação “das mulheres, crianças e dos idosos, submetidos à exploração do trabalho forçado, ao descaso e à violência dos estupros ou execuções sumárias.”<sup>287</sup>. Por esse motivo pode ser tomada como referência para se pensar a situação dos últimos sobreviventes da guerra. No entanto, notamos que devido a sua condição de comerciante<sup>288</sup> e é claro pelo fato de ter dinheiro, teve alguns momentos que podemos chamar de vantajosos em relação a outros sujeitos que não possuíam nada, claro que isso não diminui a gravidade de sua situação.

O estudo de Ana Barreto Valinotti (2013), *Las Mujeres*, destaca que durante a Guerra do Paraguai, mulheres paraguaias ocuparam espaços de significativa importância para seu país, a exemplo, as enfermeiras, ainda constam casos de mulheres em diversas situações ao longo da guerra, muitas vezes mais complexas do que dos próprios soldados que iam para o *front*.

A autora apresenta relatos sobre mulheres que iam para Corumbá, com pretexto de ajudar os feridos da guerra, no entanto, logo regressavam com joias ou itens de valor. Para Valinotti (2013) ainda existiam diversas propriedades e estâncias propícias ao espólio das assentadas após a tomada de Corumbá pelos paraguaios em dezembro de 1864. No sul da então província de Mato Grosso que teve a parte leste do Rio Apa até Cuiabá e o sul até Nioaque e próximo Ivinhema invadida pela República paraguaia até as cidades de Nioaque e Miranda<sup>289</sup>.

Pensamos aqui em um grupo de mulheres que, assim como alguns soldados, usavam da prática do espólio, muito comum à guerra, feito sobre os itens do inimigo quando chegavam em áreas abandonadas ou tomadas em assalto.

A presença de enfermeiras é registrada por Valinotti (2013), entre 1865-1866, que estas seguiam junto aos segmentos do exército. Após a instalação de um hospital para os feridos em Assunção, enfermeiras foram contratadas para cuidar dos feridos e outras atuaram como voluntárias. Muitas vezes eram familiares dos soldados que ali estavam<sup>290</sup>.

---

<sup>285</sup> CORRÊA, V. B. & CORRÊA L. S. **Memórias da Grande Guerra**, 2018

<sup>286</sup> CORRÊA, V. B. & CORRÊA L. S. **Memórias da Grande Guerra**, 2018, p. 73.

<sup>287</sup> CORRÊA, V. B. & CORRÊA L. S. **Memórias da Grande Guerra**, 2018, p. 73.

<sup>288</sup> CORRÊA, V. B. & CORRÊA L. S. **Memórias da Grande Guerra**, 2018.

<sup>289</sup> VALINOTTI, A. B. **Las mujeres**. Asunción:El Lector. 2013.

<sup>290</sup> VALINOTTI, A. B. **Las mujeres**. 2013.

Com base no estudo de Valinotti (2013), o serviço militar seria obrigatório também para algumas mulheres, e assim algumas delas deveriam realizar tarefas como lavar roupas nos hospitais em que cumpriam seus serviços, além de ajudar com os feridos<sup>291</sup>.

As mulheres foram, assim como outros indivíduos, sujeitos ativos de um processo histórico, conforme destacado na documentação acessada pela autora, que mostra como as mulheres se dispuseram à República Paraguaia: “[...] las mujeres, vinieron a declarar su adhesión a la política y a la persona de Solano López, y su disposición de verter hasta la última gota de sangre en su defensa [...]”<sup>292</sup>.

Com base no fragmento citado nota-se o engajamento voluntário das mulheres paraguaias, no entanto, é de se questionar que esse material apresentado pela autora não contempla a opinião de todas as mulheres paraguaias. Por não ser algo que representava a vontade de todas que, assim como outros sujeitos históricos, também foram condenados por traição ou deserção mostrando uma versão contrária a apresentada por meio do texto, sendo que a deserção era comum também nos exércitos aliados. No entanto no Paraguai o total engajamento da população foi levado a cabo, pessoas de idade já avançada, por exemplo, mesmo com o peso dos anos sobre si, eram obrigados também a cumprir um papel perante as armas<sup>293</sup>.

Havia duas categorias de mulheres que estavam inseridas naquele contexto de guerra: *Las Residentas*, uma categoria que representa as mulheres que aceitaram a condição de defensoras da família e/ou de sua propriedade, de maior detentora dos valores morais e cívicos e inclusive em momentos emergenciais, ficando encarregada de perpassar esses valores aos filhos. Contudo, também faziam seus sacrifícios pelo chefe de família, seja o filho, o pai ou marido, muitas vezes submetendo-se a diversas condições propostas pelo universo masculino<sup>294</sup>.

As *residentas* surgem no momento em que todos os homens paraguaios são convocados a servir ao exército. Neste contexto como estratégia de guerra, torna-se necessário que algumas regiões sejam desocupadas para impedir que os inimigos façam prisioneiros, e assim, grande parte da população paraguaia migrou para outros grandes acampamentos do exército. Nestes locais foram criadas formas de funcionamento e organização, sobre os quais Valinotti (2013) informa: “Su estructura y funcionamiento es

---

<sup>291</sup> VALINOTTI, A., B., *Las mujeres.*, 2013.

<sup>292</sup> “[...] As mulheres vieram declarar sua adesão à política e à pessoa de Solano López, e sua disposição de derramar cada gota de sangue em sua defesa (Trad.do autor)”. VALINOTTI, A., B., *Las mujeres.*, 2013, p. 25.

<sup>293</sup> VALINOTTI, A., B., *Las mujeres.*, 2013.

<sup>294</sup> VALINOTTI, A., B., *Las mujeres.*, 2013.

militar, de grupos a cargo de um varón adulto mayor; dividido em grupos más pequeños asignados a mujeres”<sup>295</sup>.

Apesar dessa aura evocada a partir da palavra “*Residenta*”, que tem como objetivo se referir a este grupo de mulheres, Valinotti (2013) comenta que o termo pode ter sido concebido de maneira errônea. Para essa discussão a autora recorre à historiadora Beatriz Rodriguez Alcalá e afirma atribuir-se o erro a uma utilização incorreta do substantivo masculino residente.

A partir disso a autora explica que, depois de compreender o verdadeiro papel dessas mulheres, que foi além de continuar com as atividades que já exerciam, também foram pais, professoras, agricultoras, enfermeiras, comerciantes e responsáveis por um trabalho fundamental de cuidar das atividades ligadas à agricultura. Cuidavam da produção que mantinha a alimentação para os soldados, foram chamadas de *Soldados Agrícolas*<sup>296</sup>.

A outra categoria *Las Destinadas*, refere-se às mulheres que sofreram repressões pela República paraguaia, segundo Valinotti (2013) com a queda de Humaitá em fevereiro de 1868 e a livre passagem dos vapores brasileiros até Assunção, Francisco Solano López viu-se em meio a um enorme enredo de intrigas e traições. Se reais ou não elas fizeram-no instituir em seu governo uma espécie de Tribunal de Guerra<sup>297</sup>. Nesse tribunal foram julgadas e sentenciadas à morte várias mulheres acusadas de conspirar contra Francisco Solano López. Em alguns casos essas mulheres eram familiares de traidores e em outros, culpadas diretamente, em ambas as situações, acabavam sendo enviadas como destinadas a acampamentos de trabalho: “Yhú, y los más tristemente célebres, Panadero y Espadín”<sup>298</sup>.

Assim como em muitos momentos da guerra, houve casos de deserção entre as mulheres paraguaias, algumas delas não se sentiram na obrigação de defender o país paraguaio e acabaram sumindo, como no caso da viagem de um grupo de mulheres que foram mandadas para morar e trabalhar em San Joaquín e/ou em San Stanislao: de um montante de duzentas mulheres, oitenta sumiram.

Inferimos que essas mulheres não se sentiam obrigadas a cumprir o dever patriótico e tão pouco demonstravam estar ideologicamente alinhadas à razão militar, mas

---

<sup>295</sup> “Sua estrutura e função é militar, de grupos a cargo de um homem idoso; dividido em grupos menores atribuídos a mulheres (Trad.do autor)”. VALINOTTI, A. B. **Las mujeres**, 2013.

<sup>296</sup> VALINOTTI, A. B. **Las mujeres**, 2013.

<sup>297</sup> VALINOTTI, A. B. **Las mujeres**, 2013.

<sup>298</sup> “Yhú, e os mais tristemente famosos, Panadero e Espadín (Trad.do autor).” VALINOTTI, A. B. **Las mujeres**, 2013, p 74.

buscaram sobreviver a sua maneira, às vezes saqueando outras estâncias. Este fato era motivo de preocupação, conforme uma correspondência do vice-presidente Francisco Sanchez a juízes de paz, apresentada por Valinotti (2013) para embasar seu trabalho, pelo qual podemos refletir sobre o assunto<sup>299</sup>. É possível também que outros fatores possam tê-las impedido de chegarem ao destino, no entanto, não é isso o que a obra deixa evidente, mas sim, que desertaram.

O estudo de Valinotti (2013) possibilita perceber ainda diversas condições em que mulheres paraguaias estavam sujeitas durante momentos da Guerra do Paraguai. Ressaltam-se diversas situações à que foram submetidas, como por exemplo o caso de Felicia, que mesmo grávida foi submetida a interrogatório feito por Toro Pichaí, com torturas para entregar seu esposo que era acusado de traição. Toro Pichaí, segundo a autora foi responsável por fazer muitos interrogatórios e era temido por sua crueldade em busca de confissões dos acusados<sup>300</sup>. Neste caso pode-se notar durante a leitura o grau de brutalidade a que eram submetidas às mulheres e também a população geral.

É de suma importância para nosso trabalho destacar a visão sobre as mulheres que entraram diretamente em combate. Nesse assunto algo chama a atenção, em dado momento do trabalho, Valinotti (2013) revela a preocupação dos aliados ao perceberem a repercussão sobre os batalhões femininos paraguaios. Imagina-se que seria desonroso combater contra mulheres, sendo que, o duque de Caxias, responsável pelo exército brasileiro comentou que não havia visto mulheres em combate. No exterior a opinião era dividida e alguns pensavam que o fato seria um ato de bravura e honra por parte dos paraguaios. Outros pensavam se tratar de mais caso de crueldade de Francisco Solano López<sup>301</sup>.

Como já afirmamos, a mulher paraguaia teve importante função em cada momento da contenda, sendo na produção agrícola, outras como enfermeiras em hospitais, e também colaborando para ajudar com as despesas da guerra. Vale destacar o caso das doações de joias realizadas por mulheres paraguaias, este ato faz parte do conjunto de sacrifícios realizados por elas na intenção de ajudar na campanha militar paraguaia. Porém, as doações realizadas iam muito além das joias, sendo que algumas mulheres doaram gado, roupas, alimentos, dinheiro, cigarros. Segundo Valinotti (2013), esses itens eram muito mais aproveitáveis pelo exército do que as joias, pois com o país

---

<sup>299</sup> VALINOTTI, A. B. **Las mujeres**. 2013.

<sup>314</sup> VALINOTTI, A. B. **Las mujeres**. 2013.

<sup>301</sup> VALINOTTI, A. B. **Las mujeres**. 2013.

bloqueado pelos movimentos bélicos, era difícil converter essas joias em dinheiro para o exército<sup>302</sup>.

Outro momento onde consta a participação feminina com grande importância acontece no período pós-guerra, que foi o momento de reconstrução do país, pois também foi registrada a participação ativa das mulheres em reorganizar a vida e a economia naquele lugar. Apesar de nem todas terem sido capazes de continuar no Paraguai, muitas procuraram maneiras de sobrevivência por meio do comércio com Corrientes e Corumbá, no Mato Grosso. Este último usava sua política de povoamento para dar passagens gratuitas a quem quisesse ir para Corumbá<sup>303</sup>.

Em um trecho do periódico *Los Debates*, de 1875, as mulheres que foram para Mato Grosso estavam arrependidas e não podiam voltar, por causa de impedimentos das autoridades. Percebemos aí uma evidência de aversão ao Brasil. Além deste informe, em oposição a esta ideia a autora apresenta a opinião das autoridades de Corumbá que consideravam essas mulheres como pessoas que não queriam trabalhar, mulheres sem vontade de fazer serviços básicos como lavar e engomar<sup>304</sup>.

Em face disto os governos argentino e brasileiro pediam o aumento no fluxo dos barcos entre Corrientes e Assunção, assim como entre Corumbá e Assunção para facilitar o tráfego entre as pessoas que queriam ir ou voltar para ambos os destinos<sup>305</sup>.

Entendemos assim, que a presença feminina paraguaia teve um papel muito relevante para seu país no contexto entre guerra e nos anos após seu findar, já a mulher brasileira, as vezes seguia o exército brasileiro por não ter condições de ficar sozinhas em casa ou, como no caso descrito na obra de Taunay (1874), mesmo recebendo a ordem de não marchar com o exército, as mulheres brasileiras acompanharam de longe os batalhões<sup>306</sup>.

Desenvolvemos desta forma, um estudo sobre autores que apresentam em suas perspectivas, abordagens sobre a presença de mulheres nos movimentos militares da Guerra do Paraguai. Como vimos, é possível perceber como as mulheres brasileiras se relacionavam com o exército brasileiro, a forma como algumas paraguaias foram submetidas a situações extremas, como trabalho forçado, longas caminhadas, além de diversos castigos.

---

<sup>302</sup> VALINOTTI, A. B. **Las mujeres**. 2013.

<sup>303</sup> VALINOTTI, A. B. **Las mujeres**. 2013.

<sup>304</sup> VALINOTTI, A. B. **Las mujeres**. 2013.

<sup>305</sup> VALINOTTI, A. B. **Las mujeres**. 2013.

<sup>306</sup> TAUNAY, Alfredo d'Escagnole. **A retirada da Laguna**. Trad. Salvador de Mendonça. Oficial do exército brasileiro. Rio de Janeiro: Typo. Americana, 1874.

Adiante, consta a análise sobre as imagens que podem nos revelar outros momentos em que mulheres brasileiras e paraguaias podem ser vistas nas páginas dos periódicos da época do século XIX.

#### 4.1 Mulheres na imprensa periódica: estudo histórico sobre a presença de mulheres no contexto da Guerra do Paraguai (1864-1870)

Neste tópico descreveremos as análises feitas sobre as imagens que mostram a figura feminina no contexto da guerra, de forma semelhante ao que fizemos no capítulo três. Iniciamos então, com um quadro detalhando cada imagem e a fonte.

**Quadro 2.** Fontes primárias: as imagens de mulheres entre os anos de 1864-1869

<b>Abordagem sobre Mulheres e Crianças</b>					
<b>Imagem n°</b>	<b>Data</b>	<b>Edição</b>	<b>Periódico</b>	<b>Editado em:</b>	<b>Conteúdo da imagem</b>
19	-	Ano 1	Cabrião	Brasil	Mulher se despede de dois homens que fogem para a mata para não serem recrutados
20	12/06/1864	183	Semana Ilustrada	Brasil	Mulher leva criança para passear e encontra homem.
21	03/09/1865	247	Semana Ilustrada	Brasil	Mulheres brasileiras sendo voluntárias da pátria e mulheres, crianças e velhos paraguaios indo às ordens militares.
22	17/09/1865	08	Paraguay Ilustrado	Brasil	Mulher segura pela barba homem que tenta arrancar-lhe dos braços uma criança.
23	08/09/1867	21	El Centinela	Paraguai	Mulheres paraguaias doando joias em uma cerimônia.
24	10/10/1867	45	Cabichuí	Paraguai	Mulher entrega punhal para crianças paraguaias.
25	09/12/1867	63	Cabichuí	Paraguai	Mulheres paraguaias voluntárias solicitam armas para combater contra o império.
26	19/12/1867	66	Cabichuí	Paraguai	Mulheres paraguaias participam da marcha ajudando com o transporte.
27	xx/08/1868	95	Cabichuí	Paraguai	Mulheres e crianças na comemoração do

					aniversário do presidente paraguaio.
28	15/05/1869	72	A Vida Fluminense	Brasil	Mulheres paraguaias com soldados brasileiros em acampamento.
29	28/08/1869	87	A Vida Fluminense	Brasil	Alicia Lynch com seu esposo e filho, cercados pelos braços do império brasileiro.

**Fonte:** Banco de dados do pesquisador, 2019.

Como já foi mencionado antes, Angelo Agostini antes de trabalhar com o periódico *Vida Fluminense* (1868-1875) trabalhou em São Paulo com o *Cabrião* (1866-1867), periódico ilustrado que lançava críticas mordazes a algumas questões latentes no Império. Dentre estas críticas, citamos o recrutamento seguido pela noção de rejeição à guerra pela opinião pública. Na imagem a seguir podemos notar como Agostini se referia à situação na qual muitos fugiam para as matas para não precisarem se apresentar ou serem presos para ir à guerra.

**Imagem 19.** Mulher se despede do companheiro que foge para a mata



**Fonte:** *Cabrião*, sem data, Nº 1, Ano 1.<sup>307</sup>

<sup>307</sup> In: CABRIÃO: **Semanário humorístico editado por Ângelo Agostini, Américo de Campos e Antônio Manoel dos Reis: 1866- 1867.** Ed.Fac-Similar. 2. Ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora UNESP, Imprensa Oficial do Estado, 2000, Cabrião, Anno I, Nº 31, 05/05/1867.



A imagem representa o medo da obrigação em servir na campanha contra o Paraguai. Foram retratadas três pessoas na imagem, dois homens que seguram baionetas, um deles aponta com a mão para longe, provavelmente o rumo para onde eles devem seguir e a mulher. Os homens estão trajando calça, camisa, chapéu e uma capa, o outro homem também veste algo semelhante, porém, está beijando a mulher, que está de vestido. Do cenário pouco pudemos concluir, pois eles estão saindo de uma casa e todos estão descalços.

A imagem trabalha com o imaginário do leitor de forma que as linhas do desenho foram dispostas para dar ideia de velocidade, mostra a pressa em fugir daquele local, afasta os corpos do homem que beija a mulher antes de partir, mostrando a relação entre o homem e a mulher. A legenda da imagem traz informações preciosas para a compreensão e amplitude das reflexões: “- Tem paciência, mulher, em tempo de guerra é preciso fazer-se sacrifícios, deixar a família... – Vamos! Vamos! Que a escolta não tarda! Pelo teor da legenda podemos concluir que a pressa pode ser para não se atrasar ao encontrar-se com a escolta ou no sentido de fugir antes que a escolta chegue ali.

A expressão corporal da mulher demonstra a urgência em se despedir do companheiro, como se não quisesse que ele partisse, porém, a figura feminina não deve ser pensada como frágil. Por um lado, há a questão do receio de que o companheiro não retorne mais, e existe também a questão da responsabilidade pela família que ficará a cargo dela dali em diante. Certamente que pesam os deveres de manter a renda familiar, cuidar da segurança e sobrevivência dos filhos, além de todas as responsabilidades das tarefas domésticas naquele momento de rápida partida.

Porém a imagem reflete o descontentamento da mulher em saber que o homem precisa deixar a família, pois quando ele inicia a frase com as palavras: “Tem paciência, mulher, [...]”, mostra que ela está insatisfeita e por isso o homem pede que tenha paciência perante o suposto descontentamento com a partida do homem e a condição de uma vida sem a figura masculina.

A imagem ainda apresenta o outro homem com o braço estendido e apontando para longe, como um sinal de que eles precisam fugir logo. Leva à reflexão sobre a realidade da deserção, da fuga para a mata, fugindo do dever patriótico de ir para a batalha. A legenda fala da escolta, que pode se referir a outros soldados vindo garantir a apresentação ao quartel, mediante tantos desertores, assim a escolta não tardava a chegar para fazê-los cumprir seu dever com a pátria, reforçando assim, o recrutamento forçado.

Este é outro ponto no qual se faz necessário ver o invisível na imagem e pensar nas suas implicações. A escolta seria responsável por conduzir os homens para as fileiras dos batalhões, por meio da frase expressa na legenda “[...] Que a escolta não tarda!”, supomos que esta delegação já estava a caminho e poderia surpreendê-los a qualquer momento, por isso a pressa já mencionada.

A impressão mais segura neste momento toma o rumo do recrutamento obrigatório que acontecia nas terras do Império, o que ao fim das contas, reforça a ideia da fuga para a mata. Em alguns momentos da historiografia sobre a contenda, podemos perceber a presença dos desertores e as consequências que estes homens sofriam, registradas como pena de morte por meio de degola em países como a Argentina e o Paraguai.

Apesar de grande parte dos assuntos apresentados por Angelo Agostini sobre a Guerra do Paraguai serem críticos ao recrutamento desenfreado que acontecia, é possível perceber como a figura feminina aparecia neste contexto. Porém a mulher e a criança aparecem nas representações criadas também por Henrique Fleiuss, mas, nem sempre envolvidas com a peleja.

Desta forma Henrique Fleiuss apresenta em seu periódico *Semana Illustrada* (1860 - 1875) a seguinte imagem:

**Imagem 20.** A astúcia infantil frente aos assuntos proibidos  
SEMANA ILLUSTRADA.

1463



Fonte: *Semana Illustrada*, n.º. 183, 12/06/1864: f. 6, p. 1463<sup>308</sup>

<sup>308</sup> In: Hemeroteca Digital Brasileira

A imagem revela uma percepção sobre a infância feminina bem interessante, a questão da suposta ingenuidade infantil. A situação é exemplo do que entendemos por assuntos de adultos, ou seja, aqueles que as crianças não deveriam saber. Com isso notamos a intenção dos adultos em delimitar as relações sociais entre esses dois grupos, a saber, as crianças e os adultos. No entanto, percebe-se que apesar da tentativa em manter a criança fora desse círculo, a fala da menina demonstra seu conhecimento perante a situação e inclusive ciência sobre a tentativa da mulher e do homem em excluí-la daquele assunto. Conforme a legenda:

-Não faça isto que esta menina é muito esperta, e conta em casa o que se passa fora.

-Não é possível; chegando á casa, esquece-se; não é assim sinhazinha?

-Deixe-me pelo amor de Deos; olhe que ella se aproxima.

-A *menina* .- Ah ! Christina, disso tambem eu me devo esquecer chegando á casa?

Assim, se concordarmos que os assuntos de adultos são apenas para adultos, a criança então já teria uma parcela desta condição, pois pelo que se lê, ela sabia bem do que se tratava a situação. Vemos na imagem, ainda no primeiro quadro um homem, usando terno, calças, sapatos e um boné. Ele está segurando por trás, uma mulher que tem seus cabelos bem arrumados, vestido longo e com a cabeça virada tentando olhar o homem. A sua frente está uma menina de vestido, chapéu com laço e sapatos, e tem uma das mãos colocadas para trás e parece segurar algo.

O segundo quadro é composto com as mesmas personagens, porém, mudaram as posições para passar a ideia de movimento. O homem já abraçou a mulher que está encostada de lado nele, a mulher está de costas para nós leitores, de forma que sua cabeça se sobrepõe ao rosto do homem impossibilitando a visão sobre ele, e a menina vem de frente para o casal segurando algo como uma bola nas mãos.

A imagem mostra como a criada, provavelmente responsável por passear com a menina, se encontra com um homem fora de casa. O teor da mensagem não escrita, mas desenhada, leva a crer em uma espécie de relacionamento proibido entre estes dois adultos. Pelo menos naquele momento a ideia se confirma por meio do aviso dela ao rapaz, ao dizer que ela tem medo de que a menina conte o acontecido aos membros da casa quando lá chegar. Porém o homem parece não se importar com a presença da criança, além disso, devemos considerar seu olhar animado ao abraçar a mulher que ostenta por sua vez, um olhar receoso no primeiro quadro.

A imagem a princípio nos revela indícios de uma possível forma de relacionamento entre homens e mulheres de forma secreta ou talvez proibida, e a criança

foi inserida justamente para reforçar esta ideia, pois é ela quem teria a opção de relatar ou não a relação entre o homem e a mulher. Além disso a criança é o símbolo que torna o ato proibido, não podendo ter noção desses relacionamentos entre homem e mulher, apesar de já saber, pela representação de Henrique Fleiuss. Soma-se também ao sentido da imagem que Christina sabe dos seus atos e por isso adverte o homem sobre a menina. Surge a questão da inocência, porém, se por um lado o homem pensou que a menina não seria capaz de entender a ocasião, de forma que logo esqueceria, o leitor pode notar que na verdade o ingênuo é o homem.

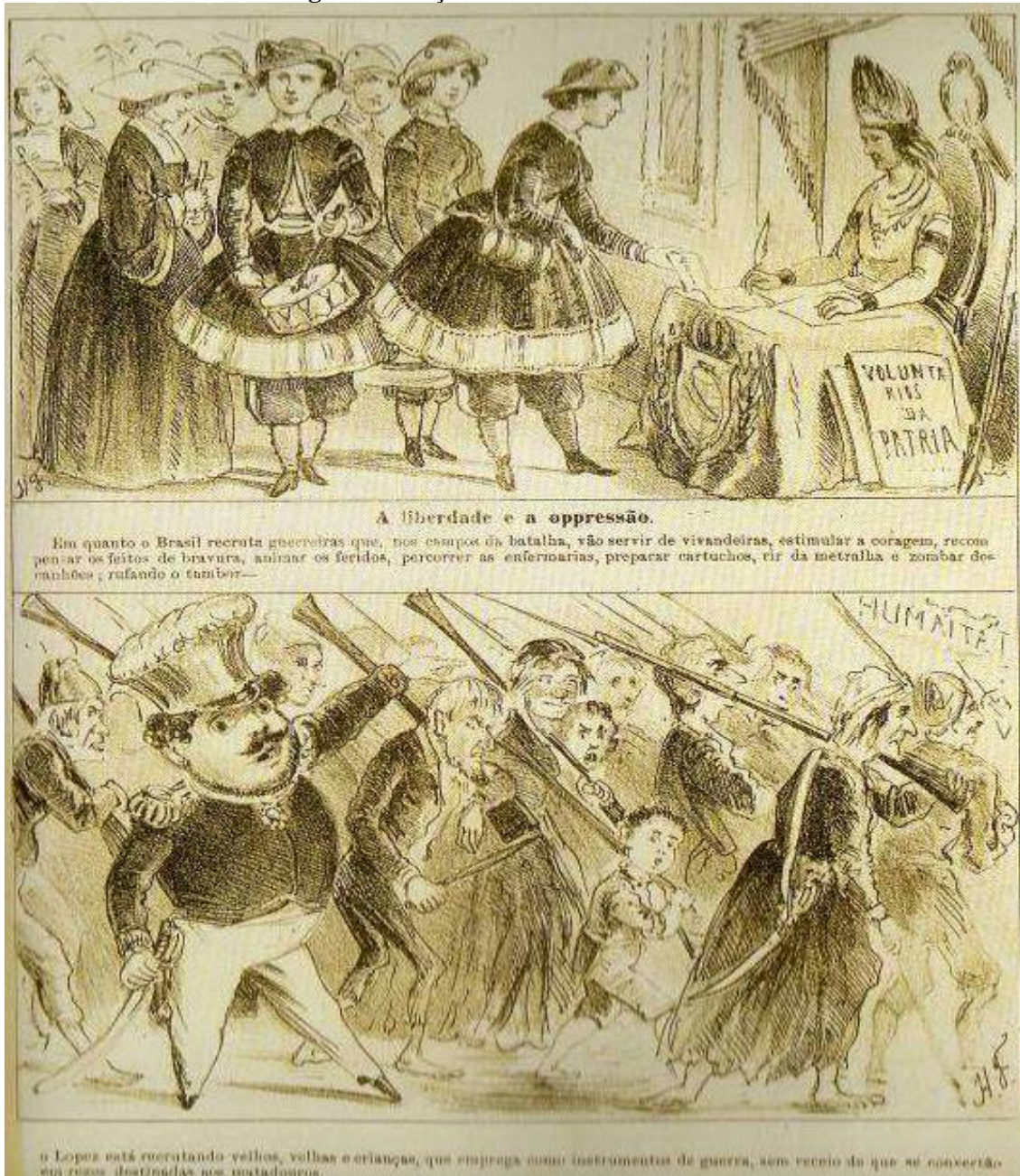
A menina demonstra que sabe exatamente do que se trata, e pergunta se é mais uma das coisas das quais ela não pode comentar em casa. Lança então uma pergunta retórica e um tanto quanto irônica para demonstrar seu entendimento sobre a situação proibida, que serve também como forma de ameaça, pois na legenda a menina é apresentada como a sinhazinha e a mulher é a criada. Além disso o medo da mulher se confirma na legenda quando ela adverte que a menina diz o que acontece na rua quando chega em casa, talvez podendo complicar sua situação como serviçal.

Além de relações afetivas, Henrique Feliuss quis apresentar uma ideia sobre a infância, a da inocência não tão inocente assim. Desta forma, a mulher a nosso ver, representa uma parcela da sociedade que entende a capacidade de associação dos fatos pelas crianças e o homem por sua vez, ignora essa possibilidade até por não querer perder o encontro. A menina é representante da infância despreendida da ingenuidade caracteristicamente estereotipada da infância.

Apesar de tudo, a relação que se estabelece nesta imagem com a guerra, além da época de sua produção, é o boné do homem, que lembra um quepe militar, o que nos faz pensar na possibilidade de ser um soldado que regressou do *Front* e logo procurou por sua companheira.

A *Semana Illustrada* (1860-1875), que já foi objeto de estudos por Marcus Túlio Borowski (2009) em sua dissertação de mestrado, apresenta em uma de suas páginas uma imagem referente ao recrutamento brasileiro feminino e paraguaio de uma maneira mais abrangente, como vemos a seguir.

**Imagem 21.** Noções de recrutamento feminino.



**Fonte:** *Semana Illustrada* n. 329, 03/09/1865, p. 1972.<sup>309</sup>.

Nela fica evidente a noção de Henrique Fleiuss sobre o recrutamento de mulheres nos dois exércitos, e crianças e idosos no exército paraguaio. A imagem foi publicada em três de setembro de 1865, demonstrando mais uma vez que o recrutamento de mulheres e crianças já eram pensados quase quatro anos antes do episódio de 16 de Agosto de 1869, a chamada Batalha de *Acosta Ñu*. Pelos desenhos de Henrique Fleiuss vemos e imaginamos algumas mensagens, como no caso da sua impressão sobre o recrutamento feminino brasileiro e o recrutamento em massa sendo desenvolvido no

<sup>309</sup> In: Hemeroteca Digital Brasileira



Paraguai já em 1865. Talvez se trate de uma crítica a densidade populacional, ou até mesmo um exagero sem noções de um horizonte futuro.

No primeiro quadro da imagem o que vemos é a representação do que seria a nação brasileira sentada atrás de uma mesa coberta pela bandeira do Império brasileiro, identificados pela placa que diz: Voluntários da PÁTRIA. A nação brasileira segura uma pena em sua mão direita, possui vestes longas e usa um cocar que remete a um índio. Sobre o encosto de sua cadeira repousa uma ave, e a sua frente estão sete mulheres, das quais quatro seguram alguns objetos, tais como crucifixo, um tambor com baquetas e uma bolsa. A expressão da nação brasileira parece ser de alguém satisfeito com o que acontece, momento em que uma das mulheres lhe entrega um papel.

Supomos que alguns dos elementos que compõem esta imagem podem ser compreendidos à luz da História, como símbolos e pontos de partida para algumas reflexões. Iniciando com a representação do índio na figura da nação brasileira, que naquele momento, está recrutando as mulheres. A pena por sua vez, é na verdade o objeto usado para assinar acordos, demonstrando clara do que Carlos Antonio López tentou passar para Francisco Solano López, sendo que esta seria sempre a melhor arma a ser usada<sup>310</sup>.

Apesar de considerar a nação brasileira, nosso foco recai principalmente na figura feminina, e neste caso os símbolos mais caros para este momento e que estão próximos a elas são os dois crucifixos, representando o papel da mulher na religião e sua importância para a guerra. Este objeto indica a fé em um Deus que conduziria o exército à vitória. Mas dentre as quatro mulheres somente duas estão com o crucifixo nas mãos.

Desta forma Henrique Fleiuss passou a mensagem de que para elas tudo estaria sob controle no Império, e que a participação feminina brasileira se dava de forma pacífica e se desenvolvia com finalidades de entretenimentos, limitando a capacidade feminina em ações bélicas. Na segunda imagem vemos um homem apontando na direção da inscrição “Humaitá” com um de seus braços, enquanto segura uma espada em outra mão. Também compõem a imagem um grupo maior de pessoas, onde podemos contar até onze pessoas incluindo homens, mulheres, idosos e crianças. Como nosso foco neste momento recai sobre a figura feminina, constata-se duas mulheres, uma delas está com uma baioneta nos ombros e uma espada pendura na cintura, vestes longas e escuras, possui um olhar baixo e um dos pés virados ao contrário. A outra mulher é a quarta personagem da esquerda para a direita.

---

<sup>310</sup> Informação cedida pelo professor Dr. Leandro Baller no exame de qualificação em: 31/05/2019.

A primeira mulher representa uma senhora e neste caso, um grupo pouco comentado que são as anciãs. Na perspectiva criada por Fleiuss estas também se envolviam em conflitos armados, mesmo que forçadamente. A segunda mulher também segura um armamento, e seu olhar é percebido como o de alguém conformado com a situação. Próximo a esta mulher conformada vemos a criança, com uma arma desproporcional e olhando para o lado. Seu olhar é o de alguém que não entende a situação, neste caso, é apresentada junto à população paraguaia como submissa as vontades do presidente, caracterizando-o ao mesmo tempo como um tirano.

Após análise das imagens, percebemos que Henrique Fleiuss tentou lançar aos leitores uma comparação ente a situação de recrutamento brasileiro com a do Paraguai, apontando em seu periódico sua opinião sobre este tema então presente na sociedade brasileira. Além disso mostra o grau de satisfação dos recrutas, no caso brasileiro, passando a ideia de que havia um voluntarismo para a Guerra do Paraguai.

Alguns autores desconsideram a boa vontade do povo brasileiro e chegam dizer que os Voluntários da Pátria não eram tão voluntários assim. Além disso, outras imagens apresentadas neste trabalho mostram a fuga de voluntários que preferiam arriscar a vida na selva do que no *front* de batalha em 1866.

Outra reflexão de grande importância deve ser feita ainda levando em consideração a pena na mão da nação brasileira. Naquele contexto, em que acabavam as colônias e os países da América do Sul ganhavam reconhecimento e autonomia política, a pena servia como instrumento que representava a civilização moderna, a resolução das questões de forma diplomática, tendo como arma “*la pluma*”. Assim, acreditamos que houve a tentativa de Fleiuss em apresentar a ideia de que o Brasil era uma nação civilizada, mesmo estando envolvido em um ato que remete à barbárie, termo este considerado por nós como oposto ao processo civilizatório pacífico, onde não haveria agressões simbólicas e nem físicas.

Se por meio da primeira imagem, podemos imaginar essa forma de recrutamento voluntário, é na segunda que a ideia de recrutamento forçado surge, após observarmos as expressões de descontentamento na face dos recrutas. Eles marcham com espadas e baionetas, descalças e algumas vestidas com roupas rasgadas, para demonstrar a situação econômica do país ou se não, pelo menos jogar a culpa de uma suposta miséria, nas costas de Francisco Solano López, que por sua vez, é representado como bem vestido, usando sapatos, dando as ordens, bem nutrido, inclusive obeso, contrastando com seu povo.

Todas as expressões contidas nas duas imagens têm por finalidade dar conhecimento sobre a situação de recrutamento forçado no Paraguai, e também inculcar nos leitores um julgamento sobre a pessoa de Francisco Solano López. Além disso o fator econômico que pode ser percebido pelas vestes, falta de sapatos pelos paraguaios também é entendido nesta linha de pensamento, como sendo culpa de Francisco Solano López. Por ser ele é o único que usa sapatos na imagem, provavelmente uma forma de insinuar que enquanto a população é obrigada a ir para o *Front*, seu líder supremo não perde o luxo de usar seus sapatos.

Interessante é observar a data das publicações, pois quando lemos as referências bibliográficas, alguns eventos apresentados como sendo característicos do final da guerra, eram apresentados pela imprensa anos antes. É o exemplo que temos sobre o recrutamento de idosos, crianças e mulheres, era uma prática de emergência característica do final da guerra, ou pelo menos dá-se a entender isso. Porém, a imagem em questão por exemplo, mostra que pelo menos em tese (apresentada por meio da fonte), havia o recrutamento feminino, infantil e de idosos já em 1865.

É possível considerar que Henrique Fleiuss tentou com esta imagem, depreciar Francisco Solano López, considerando-o um tirano, que por sua culpa há uma população subjugada, esfarrapada. Do lado brasileiro, porém, existe a burguesia que representa uma sociedade que participa e colabora mutuamente para os interesses do Império, um lugar onde não se precisa usar a espada símbolo da barbárie, mas sim a pena, símbolo dos países civilizados.

Outra imagem muito simbólica a respeito da figura feminina na guerra é apresentada no *Paraguay Illustrado* (1865) de J. Riscado, seu poder na figura feminina paraguaia sobre o recrutamento de crianças para a guerra ainda nos primeiros anos da contenda.



**Imagem 22.** O Herodes de “nosso” tempo



**Fonte:** *Paraguay Illustrado*, 17/09/1865. Ed. Nº 8 p. 31.<sup>311</sup>

A imagem mostra uma mulher disputando uma criança com um homem. A mulher usa um vestido longo segura a criança com o braço direito, enquanto que, com a esquerda, puxa o homem pela barba. Este por sua vez tenta arrancar a criança dos braços da mulher. Ele veste somente uma espécie de saio e segura algo com a mão esquerda. A legenda diz: “Degolação dos inocentes em nossos dias e a maldade do herodes – Solano”<sup>312</sup>. O homem seria a representação de Francisco Solano López e a mulher se trata da representação das mães que possivelmente tentaram todos os meios para não terem que entregarem seus filhos para os quartéis, ficando subtendido pela analogia à Bíblia, que seria morte certa para as crianças. O fato de a data da publicação da imagem ser de

<sup>311</sup> In: Hemeroteca Digital Brasileira.

<sup>312</sup> *Paraguay Illustrado*, 17/09/1865. Ed. Nº 8 p. 31.

1865 e conter esta informação nos leva a crer que J. Riscado considerava o recrutamento com idade mínima desde o primeiro ano da Guerra, além disso, passou a ideia de que havia resistência e nem tudo se resumia a patriotismo e boa vontade no Paraguai.

Ainda no sentido de Barthes (2007) sobre a legenda, a palavra “degolamento” também pode se referir a essa prática comum nos exércitos da Guerra do Paraguai, sendo que diversos prisioneiros foram executados por meio dessa forma. Assim notamos o sentido apurado da analogia e passando a ideia de que a criança estaria sujeita a esse tipo de situação.

A imagem é uma releitura da obra de Guido Reni intitulada *Massacre dos Inocentes* (1611), que representa uma passagem bíblica, descrita em Mateus, capítulo dois, versículos treze ao dezoito, que versa sobre a história do nascimento de Jesus. Nesse contexto, Herodes ficou furioso por ter sido enganado pelos reis magos e com medo de perder seu trono para o recém-nascido Rei dos Judeus, manda matar todos os meninos menores de dois anos de idade. O desenhista do *Paraguay Ilustrado* provavelmente conheceu a imagem em outros tempos e a reinterpretou em sua ilustração usando o mesmo contexto, mostrando a mensagem de crueldade de um tirano que estaria sacrificando crianças inocentes, da mesma forma que Herodes, pela manutenção de seu poder na Bacia Platina.

Provavelmente pelo tempo de produção, as necessidades e prazos, o autor usou somente alguns elementos da obra de Reni (1611), porém foram os principais e mais simbólicos, a saber, a mãe segurando a criança e o homem com um punhal na mão. J. Riscado não se preocupou em apresentar um cenário, fato este que deixa a ideia mais abstrata, porém evidencia o significado da mensagem geral, de forma que não há nada mais a se notar além da mensagem da violência em tirar as crianças do colo das mães para sacrificá-las.

Interessante notar nesta imagem que a figura masculina representada se assemelha a pessoa de Francisco Solano López, apresentado como o tirano que rouba a criança. A mulher representa a figura materna paraguaia tentando impedi-lo, que apesar de estar sendo atacada, revida a agressão como pode, segurando a barba do homem, sua expressão demonstra que ela pretende resistir.

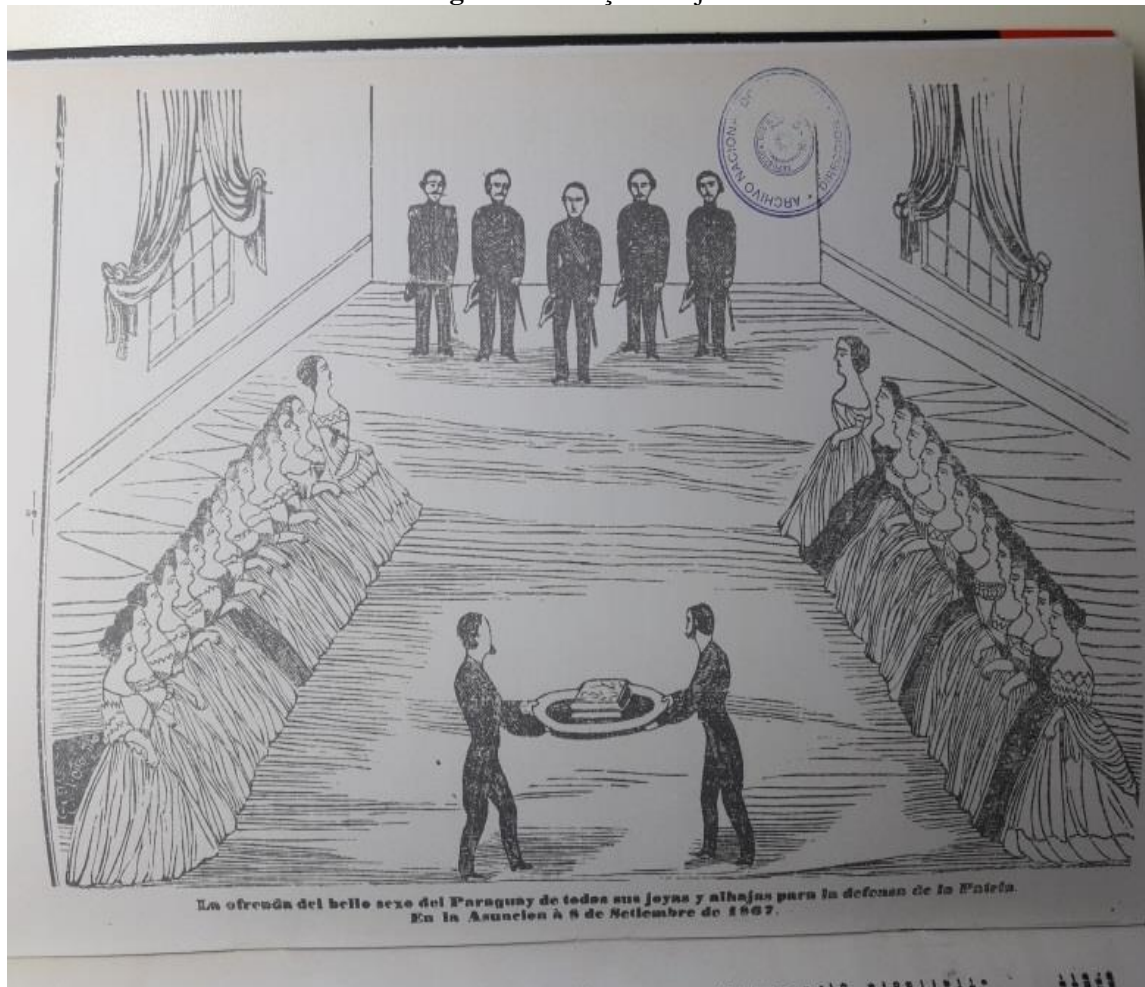
Apesar de não ser possível ver claramente uma arma, supomos que o homem esteja empunhando uma adaga ou punhal, pois na figura vemos o que seria a ponta final do cabo, e é este objeto que remete a ideia de morte disfarçada de sacrifício.

Tal analogia nos mostra como o autor pensou a situação da guerra, e a impressão que se tem mais uma vez é a do recrutamento infantil precoce e forçado. A analogia não se limita apenas a reprodução da imagem com menos elementos, a ideia, no entanto vai além, pois no contexto do cristianismo o menino Jesus o bem precisava viver, e só conseguiu indo para longe de Herodes. O mau que nesta imagem é caracterizado por um homem barbudo, bastante semelhante a outras representações de Francisco Solano López, dá a entender que o mau naqueles dias para o povo paraguaio era seu próprio presidente. Assim, a opinião do autor sobre a presença de crianças e sua inquietude perpassam por um certo julgamento, que faz bastante sentido quando pensado pela ótica cristã. Além disso, a imagem mostra como se fazia presente também no Brasil a questão da religião, neste caso usada para dar visibilidade aos maus, ao anti-cristo.

Diferente da obra de Guido Reni (1611), a mulher paraguaia nessa figura expressa outra ação ao invés de correr e se esconder. Ela reage com toda a sua força, o rosto demonstra medo e expressa a incapacidade da figura feminina à perda de seu filho. A imagem de Reni é reinterpretado por J. Riscado na imagem do *Paraguay Illustrado* (1865) e passa impressão de que a mulher paraguaia vai fazer o possível para impedir que o tirano leve sua prole. Outra questão a ser considerada diz respeito ao título usado nas imagens. Guido Reni (1611) nomeou sua obra como *Massacre dos inocentes*, e J. Riscado em 1865, *Degolação dos inocentes*. Salientamos a prática da degola muito utilizada nos exércitos sul-americanos no século XIX como uma espécie de sentença usada no final da guerra contra crimes de traição e deserção paraguaia. A imagem, além disso, demonstra a força na luta pelos seus ideais, para manter a vida da infância paraguaia que estaria sob a égide da mulher paraguaia, caracterizando-as como sujeitos históricos.

Outra imagem importante para se pensar sobre a representação da mulher paraguaia e sua importância para o país, surge desta vez nas páginas do *El Centinela* (1867-1868), um dos periódicos de trincheira apresentados anteriormente. Na edição de setembro de 1867 pulicou-se a imagem que segue:

**Imagem 23.** Doação das joias



**Fonte:** *El Centinela*, 08/09/1867 N° 21<sup>313</sup>

A imagem é composta por várias mulheres dispostas e alinhadas lado a lado em duas colunas, uma de frente para a outra, em um salão consideravelmente grande e com capacidade para acolher todos os envolvidos e ainda sobrando espaço. Possui ainda duas janelas amplas, com cortinas requintadas e semiabertas. Entre as duas colunas estão dois homens segurando juntos uma bandeja com uma caixa sobre ela, e ao fundo vemos outros cinco homens.

Sobre as mulheres podemos inferir, com base nas suas vestimentas e cabelos arrumados que se tratam de mulheres que representariam posições de elite econômica, fato que colabora para a compreensão de estarem doando suas joias. Outro item que pode ser exemplo da pomposidade desta cerimônia são as cortinas usadas nas janelas, que remetem a ambientes de luxo.

<sup>313</sup> In: *El Centinela*, Periódico de la Guerra de la Triple Alianza. Cópias fac-similares sob a direção editorial de Vidalia Sánchez, 2016.

Quanto aos homens que aparecem na imagem, privilegiamos a simbologia contida nos que estão ao fundo do ambiente, pois entendemos que são homens da guerra, mediante a espada na cintura, e que ocupem posição no Exército. Por estarem com os quepes nas mãos simbolicamente demonstram seu respeito pela ocasião e pela atitude das mulheres de doar as joias, na cerimônia em que participam. Ainda sobre a figura masculina, percebemos que com as mãos esquerdas, eles se apoiam nas suas armas, entendemos esse gesto como uma sinalização de alguém pronto para o combate, representando os militares paraguaios em 1867. Consideramos que esta forma séria e formal de levar informação aos leitores, se distingue dos periódicos brasileiros, pelo menos em sua concepção. A imagem também pode ser considerada como um aviso.

Após a leitura da legenda que diz “La ofrenda del bello sexo del Paraguay de todas sus joyas y alhajas para la defensa de la Patria. En la Asunción à 8 de Setiembre de 1867”<sup>314</sup>, confirmamos que se trata de uma representação sobre um dos momentos em que as mulheres da elite paraguaia, simbolicamente doaram suas joias para ajudar com os custos da Guerra.

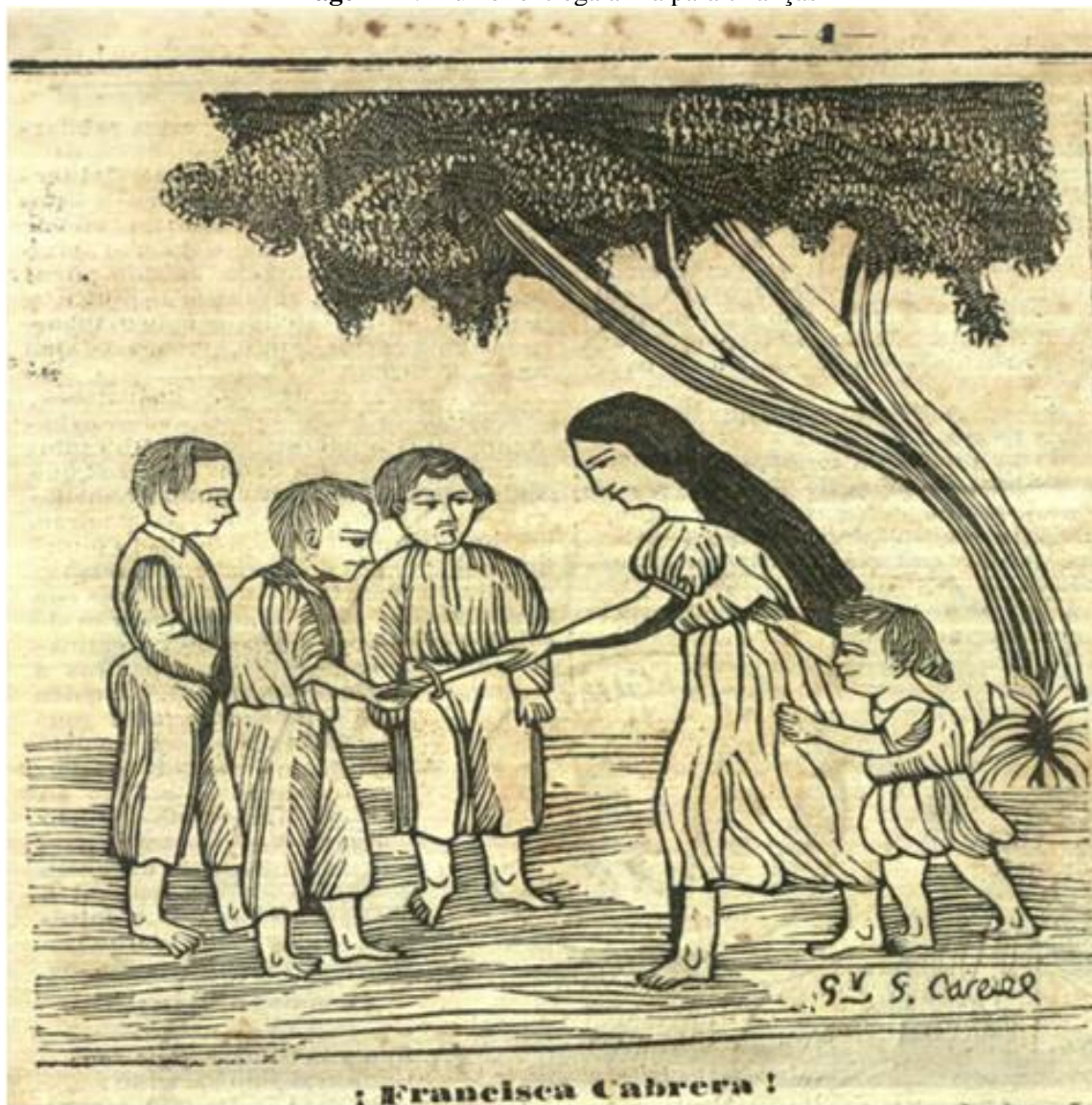
É possível entender essa mensagem pelo exemplo que as mulheres nobres deveriam seguir, demonstrando assim a sua contribuição para o Estado paraguaio. Dificilmente alguém poderá concluir qual a importância desses objetos para as mulheres paraguaias de 1867, porém a imprensa teve aval de Francisco Solano López para publicar este feito, possivelmente a ser tomado como referência pelas demais. Ainda podemos mencionar que neste caso, a informação imagética poderia também ser a de que todos estavam fazendo a sua parte para ajudar a causa paraguaia.

---

<sup>314</sup> “A oferta do belo sexo do Paraguai com todas as suas joias e bugigangas para a defesa da Pátria. Na Assunção em 8 de setembro de 1867 (Trad.do autor)”. *El Centinela*, 08/09/1867 N° 21. In: *El Centinela*, Periódico de la Guerra de la Triple Alianza. Cópias fac-similares sob a direção editorial de Vidalia Sánchez, 2016.



**Imagem 24.** Mulher entrega arma para crianças



**Fonte:** *Cabichuí*, nº 45, 10/10/1867, f.4.<sup>315</sup>

A imagem publicada no periódico paraguaio *Cabichuí* (1867-1868) mostra uma cena que se passa em um lugar aberto, embaixo de uma árvore, com uma mulher identificada como Francisca Cabrera, entregando uma arma nas mãos de um menino que a recebe, as demais crianças, uma menina e dois meninos, observam atentamente o que acontece.

Francisca possui cabelos longos, usa um vestido, porém diferente dos apresentados na imagem anterior. Está com um de seus pés adiantados em relação ao outro, fato que para nós demonstra um movimento em direção aos meninos. Atrás dela está uma menina, provavelmente a mais nova do grupo, pois foi desenhada em tamanho

<sup>315</sup> *In:* Biblioteca Nacional de Assunção

menor que os demais. Ela segura na cintura de Francisca enquanto a arma é entregue, e demonstra sua proximidade com a mulher.

Dos três meninos da imagem, o do meio recebe a arma, demonstrando seu consentimento em fazer a sua parte na guerra. Porém entende-se que Francisca entrega a arma simbolizando que, na ausência da figura masculina adulta, os meninos seriam os próximos na tarefa de defender a família e a nação paraguaia.

A menina, a nosso ver é poupada da tarefa, não somente por ser do sexo feminino, mas também por ser a menor, fato que nos leva a crer que mesmo que a tarefa passasse para as crianças ainda havia uma idade considerada tolerável para isso. Até certo ponto esta imagem pode ser considerada mais um exemplo que a sociedade paraguaia tinha a seguir, além disso, demonstra uma linha que poderia desenrolar-se por fim em *Acosta Ñu*, pois foi lá que efetivamente os meninos e meninas participaram do combate.

Percebemos ao longo das análises, que mais uma vez os paraguaios são representados descalços, o que nos leva a acreditar que essa condição não desmerecia o povo paraguaio. No entanto, na imagem da doação das joias, os oficiais usam sapatos e provavelmente as mulheres também, demonstrando que os calçados caracterizam um grupo social mais elevado economicamente falando.

Outra representação que é tomada por nós como um modelo social para os paraguaios é apresentada nas páginas do *Cabichuí* (1867-1868). Neste caso percebemos como a mulher paraguaia se dispôs ao combate militar, demonstrando outro momento de cooperação.



**Imagem 25.** Mulheres paraguaias solicitam armas



**Fonte:** *Cabichuí*, nº 63, 09/12/1867, F.2.<sup>316</sup>

A imagem mostra o momento em que dez mulheres da elite chegam a um edifício oficial, onde são recebidas por um homem que lhes estende uma das mãos. O homem está na varanda do prédio que é coberto com telhas, que se sustentam sob duas colunas. A legenda da imagem proporciona entender a situação, quando diz: “Las hijas de la Patria, podiendo armas para esgrimirias contra el impio y cobarde invasor.”<sup>317</sup> Assim, entendemos que se trata mesmo das mulheres que mais uma vez se comprometiam a ajudar a pátria paraguaia. As mulheres representadas nesta imagem, lembram aquelas da imagem 23, publicada no *El Centinela* (1867-1868), principalmente se considerarmos os vestidos longos e os penteados de cabelo, as mulheres representantes de uma elite econômica local paraguaia. O homem que estende as mãos como se desse as boas vindas as mulheres, supõe-se que ocupe posição política ou seja chefe de alguma jurisdição pública, pois não representa um militar devidamente fardado e armado. Outro ponto

<sup>316</sup> In: Biblioteca Nacional de Assunção

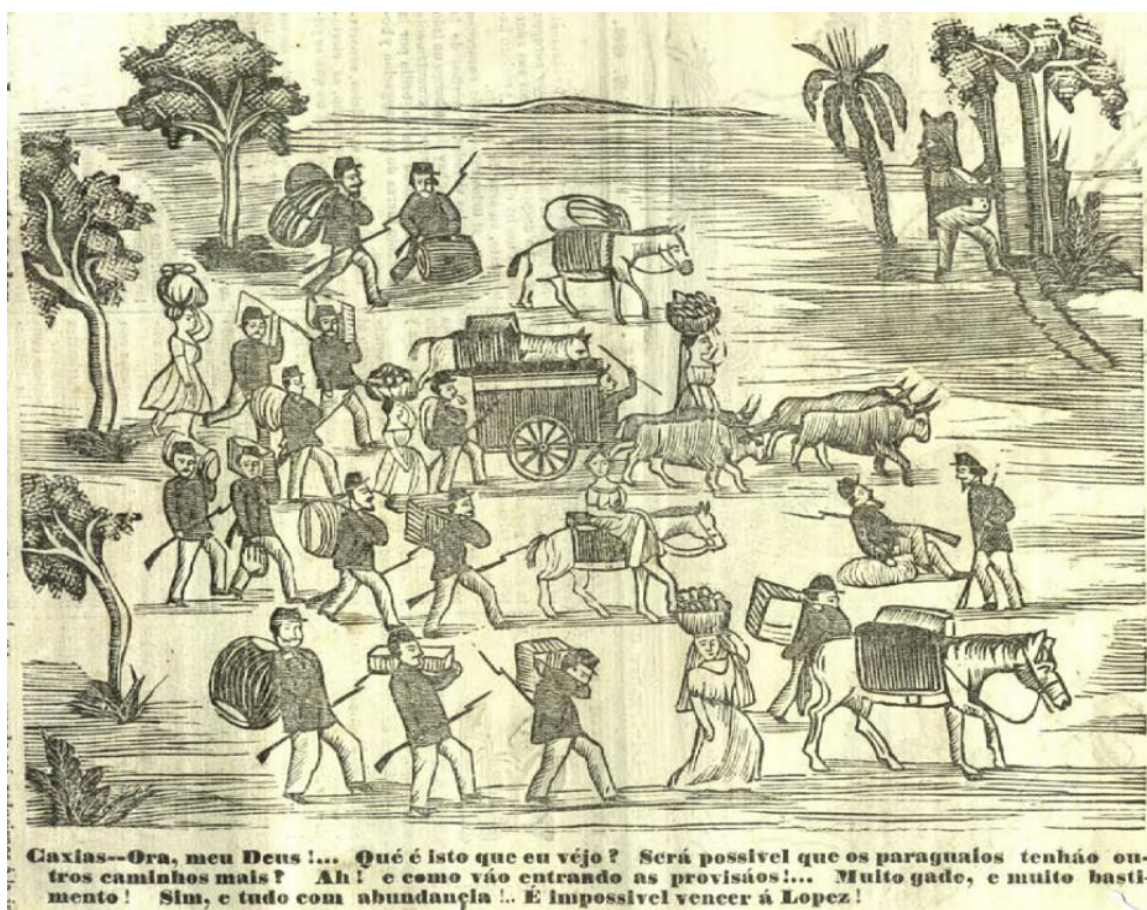
<sup>317</sup> “As filhas da Pátria, podendo usar armas de esgrima contra o ímpio e covarde invasor (Trad.do autor)”. *Cabichuí*, nº 63, 09/12/1867, F.2.



interessante além disso, são as colunas que sustentam a varanda e que podem ser compreendidas como símbolos de um prédio que enseja elegância baseada na cultura grega, civilizada aos seus moldes.

No sentido atribuído, como dito anteriormente, pensamos mais uma vez na representação feminina nos periódicos paraguaios como modelos de uma educação para as mulheres, que neste caso estão solicitando o manuseio de armas contra o inimigo, sendo atendidas pela autoridade pertinente. Duas semanas depois surgem outras mulheres nas páginas do *Cabichuí* (1867-1868), sendo que nesta edição vemos a representação de como se dava uma das formas de ajuda exercida por mulheres paraguaias aos exércitos paraguaios.

**Imagem 26.** Mulheres paraguaias seguem a marcha do exército



**Fonte:** *Cabichuí*, nº 66, 19/12/1867, f. 2.<sup>318</sup>

A composição da imagem conta com vinte e três pessoas, das quais cinco são mulheres que exercem papéis semelhantes, estão carregando cestas e embrulhos que podem ser alimento ou vestes. As outras dezoito personagens carregam objetos variados, e um que se distingue tanto pela distância do grupo, quanto por suas características

<sup>318</sup> *In:* Biblioteca Nacional de Assunção

representadas. Completam a imagem outros dezesseis homens, todos vestindo uma roupa semelhante, porém que vai servir também para diferenciar o homem afastado do grupo, este na verdade foi gravado como um homem gordo com cabeça de raposa, ele observa os paraguaios de longe, como se fosse um espião.

Os soldados carregavam caixas e conduziam carros de boi, bem como animais que levavam coisas no lombo, nos fazendo crer que se trate de um momento de logística, pois nota-se a postura dos soldados como as de quem caminha sem a pretensão de combater. Bem ao fundo da imagem, como se fosse a sentinela do grupo, para nós se trata de uma escolta ou pelo menos vigia do grupo.

A legenda diz:

Caxias-Ora, meu Deus!... Qué é isto que eu véjo? Será possível que os paraguaios tenham outros caminhos mais ? Ah! E como vão entrando as provisões!... Muito gado, e muito bastimento! Sim, e tudo com abundância!... É impossível vencer a Lopez !"<sup>319</sup>.

Pelos dizeres da legenda percebemos que o centro da atenção recai sobre o homem com cabeça de raposa, lobo ou até mesmo cachorro do mato, que representa Duque de Caxias, comandante das forças militares brasileiras. Caxias foi flagrado enquanto observava a marcha paraguaia, e abismado com as providências do exército inimigo, chegando a considerar ser impossível vencer López.

Ainda sobre a legenda consideramos interessante observar que foi escrita em português, o que nos impele a considerar dois pontos: o primeiro vai no sentido de perceber que o periódico era também lido pelas tropas aliadas, especialmente as brasileiras, então a mensagem para esse grupo teria o intuito de causar medo e desânimo nos brasileiros, pois teriam a impressão que os paraguaios sabiam das espionagens, além do engajamento voluntário das mulheres. O segundo ponto pode ser compreendido como a tentativa de reforçar ao leitor paraguaio a soberania do exército paraguaio, até mesmo frente as técnicas de espionagem utilizadas.

Caxias ser representado de maneira zoomórfica nesta situação nos leva a crer que os editores do *Cabichuí* (1867-1868) o consideravam como um homem astuto e perspicaz. Porém ao mesmo tempo, a mensagem para os paraguaios era a de que, mesmo o Duque reconheceria a força do governante e desanimaria. Seria mais uma mensagem que eleva o espírito do povo paraguaio, e também que desacredita o Duque, considerando a sátira sobre a figura atribuída a Caxias, como um homem gordo, provavelmente

---

<sup>319</sup> *Cabichuí*, nº 66, 19/12/1867, f.. 2.

expressando que essa condição física não era a mais indicada para um militar, desmerecendo-o no final.

Entendemos também a evidência de uma possível distinção social em relação às quatro mulheres, que estão carregando itens e caminhando; uma delas não carrega nada e ainda vai montada em um dos animais, desta forma é de se supor que se trate de uma mulher que tem como critério de diferenciação face as outras, talvez pelo seu poder financeiro.

Para os paraguaios a ideia que ficava era a de que o exército possuía todos os homens armados, ao mesmo tempo que possuíam bastante suprimentos e gado, além de contar com diversas rotas para qualquer emergência. A participação das mulheres se efetivou por meio desta representação, na prática do transporte de providências, reforçando a ciência dos brasileiros sobre essa condição e evidente preocupação, conforme a

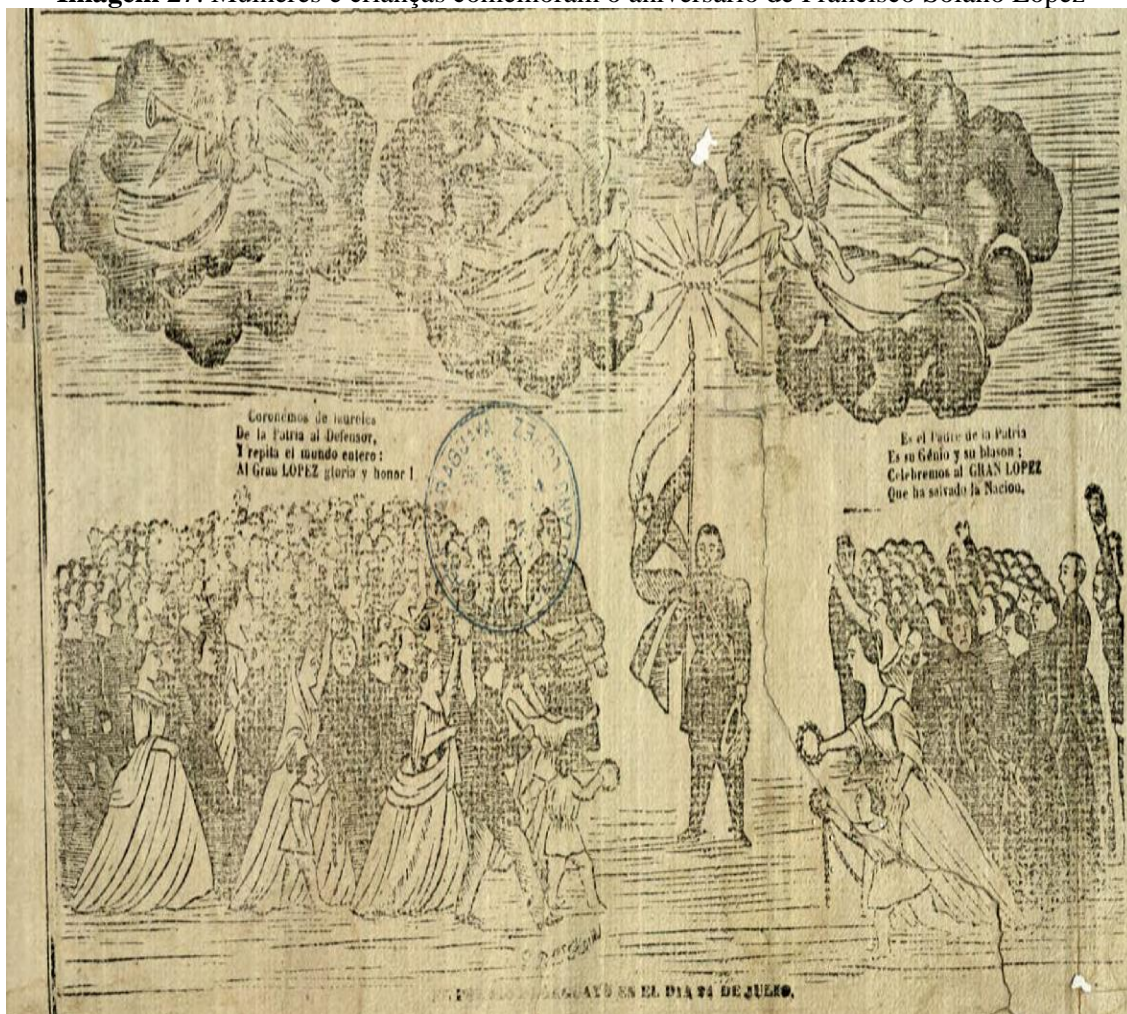


fala de Caxias sinalizada na legenda “Oh, meu Deus”, significante uma aclamação advinda de preocupação com o que viu.

Apesar de a maior parte das imagens selecionadas para este trabalho evidenciarem a presença feminina paraguaia como participantes dos eventos bélicos, na próxima imagem a ser analisada percebemos uma situação que diverge das anteriores.

Nesta última edição do *Cabichuí* a mulher paraguaia aparece junto com outras crianças, em uma importante comemoração, que é o aniversário de Francisco Solano López.

**Imagem 27.** Mulheres e crianças comemoram o aniversário de Francisco Solano López



**Fonte:** *Cabichuí*, nº 95, xx/08/1868, f. 3.<sup>320</sup>

A imagem mostra Francisco Solano López com uma bandeira do Paraguai no centro, entre dois grupos de pessoas. Do lado direito constam duas mulheres e uma criança, uma menina, que está segurando a mão de uma das mulheres, provavelmente sua mãe, simbolizando a proteção e cuidado com sua criança. Elas estendem as mãos levando

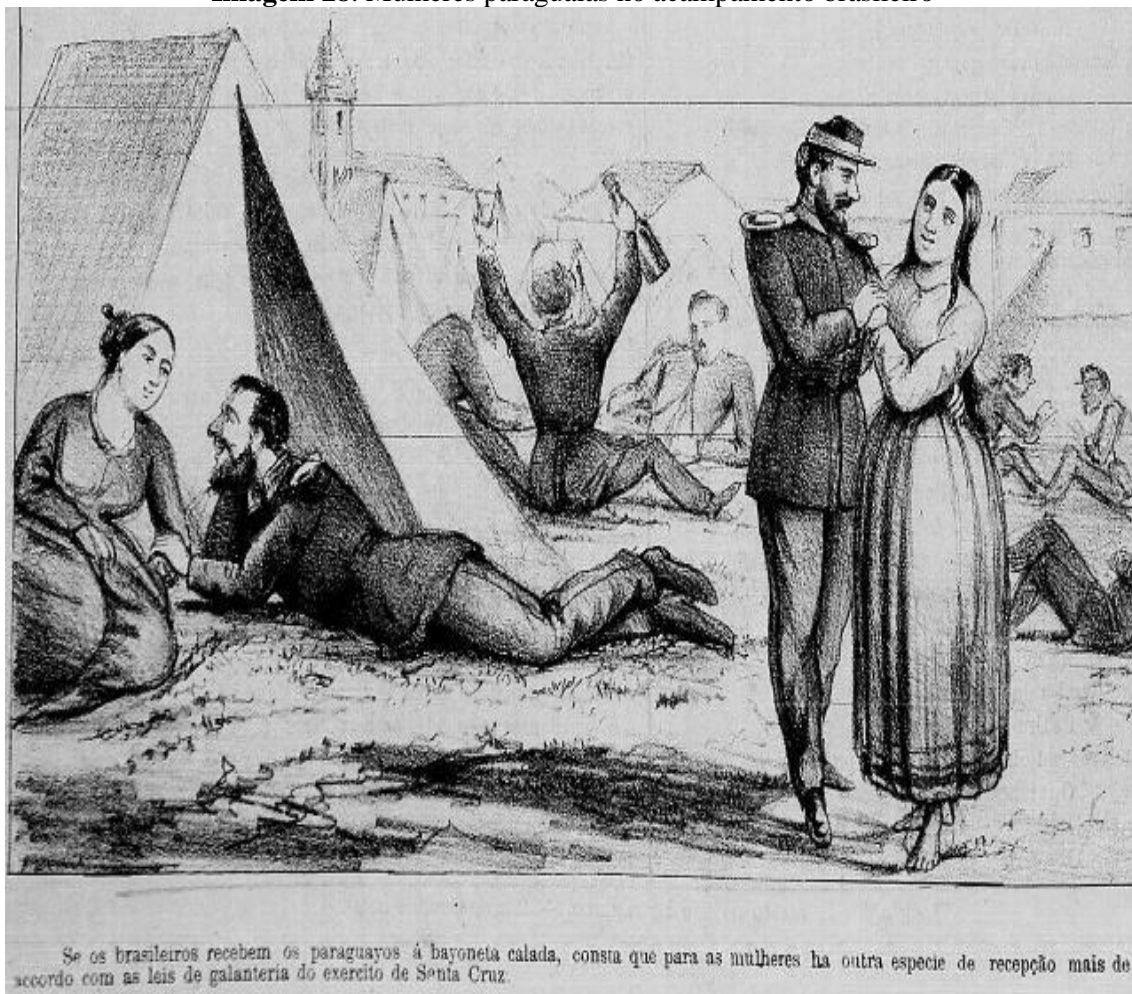
<sup>320</sup> In: Biblioteca Nacional de Assunção

uma coroa com fitas na direção do aniversariante. Do outro lado da imagem, vemos duas crianças desacompanhadas pulando com coroas nas mãos e de braços abertos, uma outra criança sendo segurada pela mão por uma mulher que estende o outro braço para cima levantando outra coroa com fitas. Ela ainda possui um véu sobre a cabeça, a criança com a mulher parece não estar tão empolgada com a comemoração em relação as outras duas que de braços abertos se dispõem diante do presidente. As mulheres que aparecem na imagem se assemelham novamente as já descritas em outras imagens, pertencentes à elite da sociedade. Estas mulheres provavelmente não são as que carregam mantimentos na marcha outras atividades, mas sim as que comparecem à eventos importantes, como a comemoração do aniversário do presidente.

A imagem tem um sentido claro, o de caracterizar para os leitores, a figura de Francisco Solano López como alguém muito querido pelos paraguaios, merecedor de felicitações, mesmo diante do quadro de guerra que assolava o Paraguai. A bandeira que Solano López porta, também é importante, pois revela que não é somente a figura pessoal que é merecedora das aclamações, mas, sim Solano López representante da nação paraguaia. Entendemos assim que López tinha sua fama baseada no seu patriotismo e nas suas convicções como presidente.

A mulher paraguaia ainda surge em outros lugares, inclusive nos acampamentos brasileiros, porém a situação se desenvolve de uma maneira diferente da costumeira em situações de guerra, demonstrando até certo ponto, respeito pela figura feminina paraguaia. Desta vez nas páginas do *Vida Fluminense* (1868-1874) em 1869.

**Imagem 28.** Mulheres paraguaias no acampamento brasileiro



**Fonte:** *Vida Fluminense*, nº 72, 15/05/1869: f, 7.<sup>321</sup>

Nesta imagem Angelo Agostini apresenta formas de socialização em meio aos exércitos brasileiros, neste caso, apresentando mulheres paraguaias relacionando-se com os soldados brasileiros. Podemos notar como mulheres e homens, mesmo em meio a guerra, encontravam tempo para realizar outras atividades mais pacíficas. Para esta análise partimos da premissa de que a vida no teatro da guerra, pode ser bem curta e em meio a este cenário de incertezas, medos, angústias e saudades de algo, a socialização torna-se um meio de contornar esses sentimentos.

Este conteúdo é o tema principal da imagem, tendo seu expoente na relação apresentada entre mulheres e homens que estão em primeira perspectiva. Trata-se de dois casais, os da esquerda de pé e os da direita estão semi deitados em frente à barraca. Esta evidência ressalta o sentido da imagem sobre as relações sociais, porém está longe de ser a única representada na imagem. Ao fundo constam três sujeitos envolvidos em uma conversa, um deles segura uma garrafa em uma das mãos, mais ao fundo à direita, dois

<sup>321</sup> In: Hemeroteca Digital Brasileira

sujeitos sentados de frente um para o outro, um de braços aparentemente cruzados atentos à ação do companheiro. Embora todos estejam contidos em um mesmo quadro, um mesmo cenário, a única relação social que a legenda confirma é a de homens brasileiros com mulheres paraguaias, conforme se lê: “Se os brasileiros recebem os paraguayos à bayoneta calada, consta que para as mulheres há outra espécie de recepção mais de acordo com as leis de galanteria do exército de Santa Cruz.”<sup>322</sup>.

Além desta informação, a legenda evidencia traços de uma sociedade masculinizada, ou dita patriarcal, pois demonstra a diferença na recepção entre paraguaios e paraguaias e que a guerra está associada ainda ao universo masculino, ao que levantamos a questão da diferença no trato entre homens e mulheres paraguaias se ambos são paraguaios ou melhor, inimigos do Império. A diferença na forma de tratamento entre homens e mulheres em uma sociedade dita civilizada varia de acordo com as posições sociais,

Porém a mais perceptível aflora entre homens e mulheres, os usos das palavras, os gestos corporais são diferentes na maior parte das relações heterogêneas. Tomando esse referencial como base, notamos que a barbárie expressada pela recepção à baioneta em contrapeso com as leis de galantearia vigentes à época, deixa entender que se forem homens paraguaios há conflito, porém se surgem mulheres paraguaias surgem oportunidades de acúmulo de capital social. Este fator reforça assim, a hipótese de uma sociedade masculinizada ou de caráter patriarcal, na qual o homem deve cuidar e proteger a figura feminina.

Não se trata de tomar como modelo de relação entre homens e mulheres ou generalizar a situação, pois há de se considerar relatos de violência sexual, torturas e execuções envolvendo homens e mulheres, tanto pelo Império quanto pelo Paraguai, porém trata-se de refletir através dessas imagens e assim, podemos enunciar algumas observações sobre ela.

Em um primeiro instante, podemos considerar que se trate de uma ironia que se converte em duas saídas, uma primeira que seria uma piada para privilegiar os brasileiros em detrimento dos paraguaios que estariam perdendo inclusive suas mulheres, e tal ironia então se converte em piada.

Uma segunda via segue para o sentido de uma possível denúncia contra crimes sofridos por mulheres em meio à guerra, em ambos os casos, a presença feminina no acampamento do exército pode ser constatada.

---

<sup>322</sup> *Vida Fluminense*, n° 72, 15/05/1869: f. 7.

É comum nas imagens litografadas e até mesmo em algumas fotografias a falta de sapatos pelos paraguaios, sendo uma característica de uma sociedade menos privilegiada no quesito financeiro no Paraguai durante boa parte da segunda metade do século XIX. Outra forma de socialização foi apresentada na imagem por meio dos sujeitos que compõem o centro da imagem, um homem de costas para o espectador, segurando para cima uma garrafa em uma mão e um copo na outra, seu amigo de frente e com o corpo quase deitado parece atento a seu gesto.

Do terceiro homem pouco podemos falar, mas ele está sentado com a cabeça inclinada e arranjado para compor este trio, a euforia e ânimo expressos pelo gesto de estar com as mãos para cima fornecem elementos para a compreensão do conteúdo da garrafa, que seria a representação de alguma bebida alcoólica, que certamente esteve presente durante vários momentos da guerra de forma a animar as tropas e servir como anestesia em alguns casos de ferimentos graves.

Elementos para uma resposta podem ser encontrados nos dois soldados à direita e no fundo da imagem, o ato que representam além de seguir no sentido do compartilhamento de ideias por meio da fala, traz vários outros significados, principalmente no tocante ao objeto nas mãos do homem da esquerda. Entendemos que se trata de uma carta, revista, jornal, livro ou qualquer outro objeto impresso ou manuscrito. Independente da natureza deste, o que inferimos apesar disto, é que há algo escrito, talvez uma carta, e por meio disto é possível afirmar a presença de leitores nos batalhões imperiais.

Entendemos que o material onde foi inserida a mensagem possui forte relação com o passado, basta pensar que foi elaborado e produzido em um passado, assim, este objeto funciona como um elo entre aquele passado e o presente daquele que lê. Pode ser uma mensagem, uma notícia, uma história, vultos de um passado no qual a mensagem escrita ou impressa compreendida pela hermenêutica, age assim, como gatilho para a memória do leitor. Porém nem sempre ele é o único a compreendê-la sendo que por meio da leitura coletiva pode-se ampliar o alcance da mensagem. Seria um indicador, pois confirmaria a convivência entre alfabetizados e analfabetos nos exércitos brasileiros. Entretanto, com a ajuda do zoom<sup>323</sup> proporcionado pelo computador, podemos notar que mesmo com traços

---

<sup>323</sup> Recurso metodológico utilizado por meio de computadores, smartphones e outros aparelhos eletrônicos, tem a função de ampliar a perspectiva sobre dado objeto, como uma lupa, neste trabalho, utilizamo-nos desta ferramenta digital para visualizar os detalhes das imagens.



bem fracos, há o que seria um objeto semelhante ao do outro homem, desta forma, a interpretação desta cena se faz com dois leitores em potencial de um total de nove pessoas.

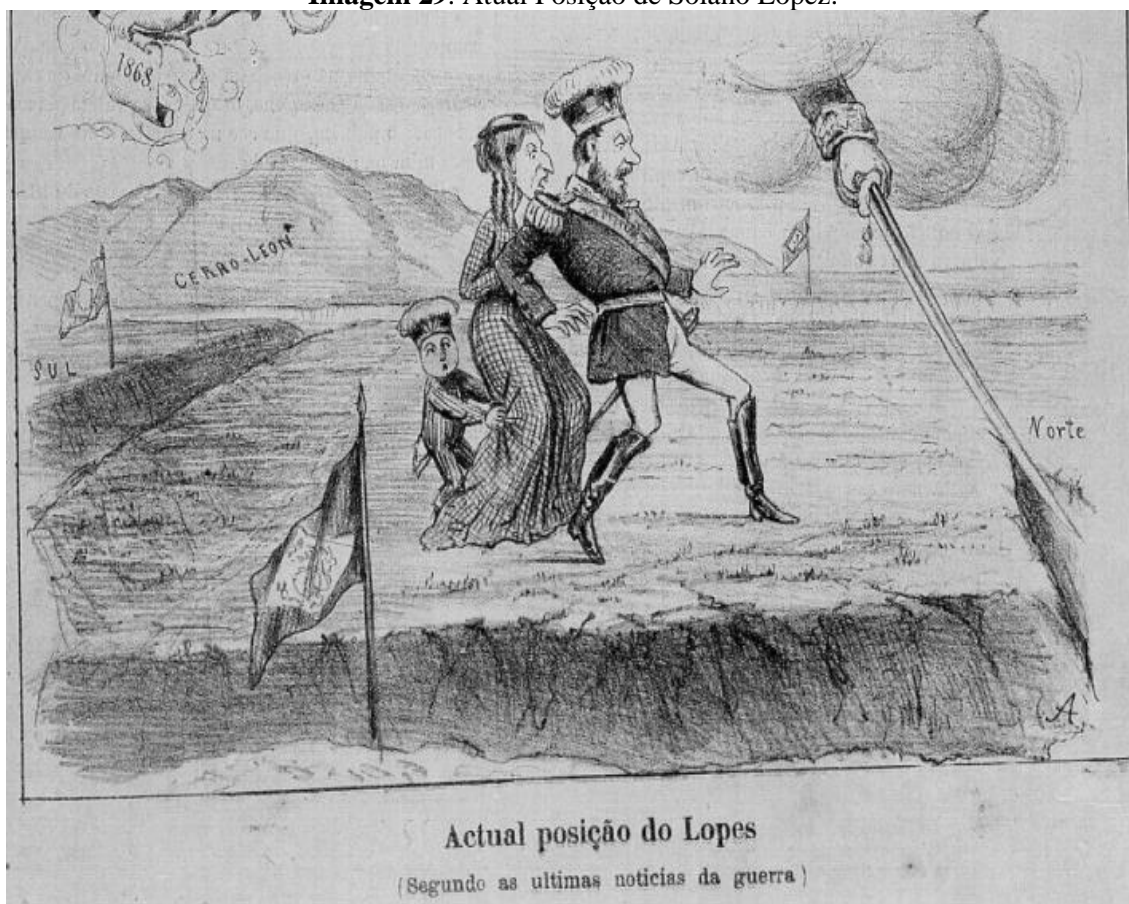
Ainda há de se considerar o lugar ao qual o desenho se remete, a legenda informa que se trata do Exército de Santa Cruz, mas não é possível inferir se de fato estão em Santa Cruz. Sabemos que estão próximos a algum núcleo urbano, pois há uma torre com alguma construção ao fundo esquerdo, além disto, a paisagem é composta por pelo menos seis barracas, demonstrando se tratar de um acampamento. Há neste caso uma certa contradição, porém podemos considerar a falta de alojamento para os soldados e assim, justifica-se as barracas em meio a um núcleo urbano. Outra possibilidade seria a de que o acampamento brasileiro foi levantado em meio a alguma cidade já conquistada pelas pelo exército aliado em batalha.

De fato, nota-se que nem só de combates se faz a guerra, há espaço para relacionamentos, conversas, bebidas e até mesmo leituras e é claro, o descanso depois da campanha. Além disto, podemos supor que o envolvimento em grandes guerras ou conflitos, poderia abalar o psicológico de mulheres e dos soldados sendo que ambos buscavam ampliar seu capital social, talvez como forma de contornar esse abalo psicológico, distraíndo-se.

Ao analisar as fontes é perceptível o pensamento do autor sobre o envolvimento daquela sociedade na contenda, algumas imagens deixam claro o esforço realizado para não ir para o *Front*.

A imagem a seguir representa a situação de Francisco Solano López diante do círculo que se fechava em torno de si nos momentos finais da Guerra do Paraguai. Nota-se que existe uma mulher e uma criança na situação de protegidos por Solano López.

**Imagem 29.** Atual Posição de Solano Lopez.



**Fonte:** *A Vida Fluminense*, Nº 87, 28/08/1869.<sup>324</sup>

Vemos um homem, identificado como sendo Francisco Solano López, uma mulher, Alicia Lynch e uma criança, um dos filhos de López, representados de forma jocosa por Angelo Agostini. Trata-se da situação da esposa de López frente ao cerco criado pelo Império, em que se abriram duas grandes trincheiras ao sul e ao leste de López, sendo que o braço do Império brasileiro com sua espada delimita o terreno ao norte, restando apenas as montanhas de Cerro Leon ao fundo.

O que podemos entender nessa imagem é a situação complicada em que se encontrava a esposa de Solano López nos últimos anos da Guerra, sendo cercada por todos os lados e tendo que fugir com seu esposo e filho. Vale considerar que o periódico não mostra os aliados (Argentina e Uruguai) colaborando para o cerco sobre a família paraguaia, possivelmente com intenção de salientar que o Império teria resolvido a questão no Prata.

A legenda nos informa sobre o período que se passa a imagem, sendo últimas notícias da guerra, e levando em consideração a data da publicação vinte e oito de agosto

<sup>324</sup> *In:* Hemeroteca Digital Brasileira.

de 1869, mostrando a situação da família López ao fugir do cerco criado pelo Império, tendo apenas Cerro Leon com caminho ainda desimpedido.

Nesta imagem a representação que se pode ter é considerarmos que a criança, aparentemente sem saber o que realmente está acontecendo, está se segurando em sua mãe, podendo ser visto como um gesto de confiança na proteção da figura materna, e está atrás dos braços da figura paterna, que se deparou com os braços do Império brasileiro.

A espada, uma arma de guerra, deixa mais uma vez em evidência o conflito existente entre o Império, seus aliados e o Paraguai, apesar de que nesta imagem só representam o Império. A imagem mostra o que alguns autores consideram o terceiro momento da guerra, que seria quando Francisco Solano López já não contava mais com contingente militar para combate, forçando-o a realizar fugas. Observa-se, na capa do periódico, o desespero no rosto dos paraguaios, as três bandeiras representando o Império cercando-os somado ao braço que limita o espaço. Tal situação nos mostra uma suposta superioridade do Império brasileiro sobre o líder paraguaio, que está sendo encurralado com a mulher e criança.

Como visto, as mulheres surgem em vários momentos ao longo dos anos da guerra, as paraguaias sempre prontas a servir a pátria, além de responsáveis por postular costumes e prática culturais, se envolvem com brasileiros, cuidam das crianças e apesar de tudo são percebidas pela visão brasileira da época como submissas aos homens paraguaios, porém merecedoras de respeito e cavalheirismo.

Neste sentido as fontes reforçam a ideia da participação das crianças e mulheres na contenda e instiga a busca por novas fontes que podem surgir, por exemplo, do acervo de fotografias da *Bate & Cia*, empresa uruguaia que foi enviada para realizar a cobertura fotográfica das batalhas. Existe certo número de fotografias digitalizadas, no entanto caberia uma busca pelos acervos uruguaios em busca de novas imagens que não foram publicadas no Brasil.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos ao longo do período de desenvolvimento desta pesquisa, apresentar como crianças e mulheres, brasileiras e paraguaias foram representadas no período de guerra por meio de um discurso visual nas páginas de alguns periódicos ilustrados do Brasil e do Paraguai, cujas edições e impressões remontam ao período da Guerra do Paraguai (1864-1870).

Para tal empreitada, consideramos inicialmente a necessidade da compreensão sobre a história produzida sobre o Paraguai e no Paraguai, movimento este que culminou no que temos no capítulo um. Porém como é possível notar, essa história por vezes teve sentidos, olhares e intenções de registros direcionados, que resultaram em vários discursos sobre a contenda.

Assim, de início tornou-se necessário apresentar ao leitor, algumas teorias sobre o desenvolvimento do processo que culminou na guerra, por meio de alguns desses discursos. Além disso, demonstrar como a historiografia sobre o conflito se desenvolveu inicialmente de maneira controversa, essa situação pode ser percebida pelos trabalhos sobre alguns dos primeiros escritores sobre o Paraguai e do Paraguai, principalmente no final do século XIX.

Por outro lado, consideramos que além das fronteiras paraguaias o pensamento que se desenvolvia sobre a contenda partia no sentido oposto, buscando assim, denominar algum culpado para o conflito. Frente a isso, surgem algumas vertentes históricas, inclusive já superadas com evidências comprovadas, de que a responsabilidade pelo envolvimento paraguaio naquele conflito se deu em grande parte pelas decisões de Solano López. É possível também perceber essa situação no Paraguai ainda em finais do século XIX, porém não foi suficiente para desbancar a história gloriosa.

Assim, compreendemos que a escrita histórica feita por paraguaios sobre a peleja, foi embasada principalmente a partir do começo do século XX com intenção de afirmar e reafirmar uma identidade nacional, que chegou próxima de ser erradicada, haja vista que mais de noventa e cinco por cento da população sucumbiu ao longo dos anos do entreguerra. Ressalta-se que neste processo de compreensão do assunto, consideramos importantes os debates que aconteceram nos primeiros anos da década de 1900 levados a ao público pela imprensa da época.

O assunto também versa sobre a presença de outros sujeitos que também compunham o contexto da guerra e foram contemplados em trabalhos a partir de 1950 utilizados por nós ao longo do texto, a exemplo, as mulheres, as crianças, os idosos e os

escravos, em uma escrita realizada por historiadores paraguaios e não paraguaios. Nota-se também o alinhamento entre os pesquisadores e algumas referências metodológicas da época, tornam perceptíveis, por exemplo, os usos de objetos impressos, como é o caso dos periódicos ilustrados e fontes orais em algumas pesquisas publicadas a partir de 1970.

Apesar de já citados nas narrativas históricas, as minorias acima mencionadas só passam a ser objeto de estudos com mais ênfase pelos pesquisadores no final do século XX, onde notamos uma narrativa que desvia o foco dos assuntos para as causas da guerra e suas figuras oficiais, como por exemplo, a de Solano López ou do imperador Dom Pedro II.

Desta forma, consideramos que o capítulo primeiro serve como introdução ao leitor interessado em compreender aspectos do Paraguai, desde a constituição da República Paraguaia em 1841 presidida por Carlos Antonio López que foi sucedido por seu filho Francisco Solano López. Mostramos também como se deram alguns processos sociais e adventos tecnológicos adquiridos por ambos no Paraguai, além de demonstrar que a Guerra do Paraguai tem sido um dos temas mais trabalhados na história deste país pelos historiadores e outros escritores. Percebe-se esse movimento historiográfico a medida em que se desenvolvem os estudos de várias obras sobre a guerra ao longo dos quase cento e cinquenta e seis anos desde então.

Também é importante considerar neste momento, as variações da suposta verdade sobre a guerra, vista por diferentes objetos com suporte das reflexões teóricas sobre a prática historiográfica.

No segundo capítulo consta uma reflexão que gira em torno da presença da infância no contexto da Guerra do Paraguai, objetivando dar a conhecer nosso objeto de estudos. Para isso apresentamos ao leitor as possibilidades do trabalho que tem como suporte algumas fontes ilustradas da imprensa periódica. Imaginamos que desta forma, seja importante conhecer algumas maneiras pelas quais a infância foi percebida ao longo dos séculos. Por ser parte importante deste estudo analisamos esse período da vida como um conceito ou categoria, e como era definido desde a Idade Média até as sociedades europeias. Contudo há também versões importantes sobre história da infância brasileira tratando de temas como por exemplo, as variações das palavras, demonstrando que a ideia que temos sobre a infância deriva de um longo processo de aceitação do termo. Algumas instituições também foram consideradas importantes para a infância brasileira, como a Marinha e a Roda dos Expostos, questões estas que sinalizam a percepção do Estado sobre a infância em determinados momentos da história, assim como a imprensa também o fez.

Outro ponto importante para este estudo é o fato de que a criança está em constante processo de aprendizado, com seus entes, com a sociedade em que está inserida e com as instituições então criadas para atendê-las de diversas maneiras. Destacamos as escolas, os orfanatos, a Marinha, o Exército, abrigos, acrescentando ainda que muito da documentação que pode ser tomada como fonte para estudos históricos sobre a infância vem destas instituições.

Também consideramos importante a compreensão da história sobre as crianças paraguaias combatentes na guerra, especialmente na batalha de *Acosta Ñu* considerada nosso marco histórico. Outro ponto importante para o trabalho foi compreender como se deu a constituição da imprensa no Paraguai e seus usos durante os anos que circundam o confronto entre Paraguai e os países da Tríplice Aliança (Argentina, Brasil e Uruguai). Os registros da imprensa analisados constam principalmente por meio dos periódicos de trincheira, que foram importantes para a transmissão de informações e ideias que consideramos em determinados momentos da pesquisa, modelos para a sociedade paraguaia da época.

Ainda neste capítulo, reservamos espaço para a apresentação de dois periódicos paraguaios e outros quatro brasileiros, que foram as fontes históricas para esta pesquisa. O leitor pode neste momento, contar com um histórico sobre cada um dos registros em questão, além de outros que também constam no contexto entre 1850 a 1870. Ainda neste capítulo é possível considerar as imagens como recursos textuais que facilitam a associação de ideias, onde buscamos as representações visuais sobre crianças e mulheres publicadas nos impressos periódicos indicados, considerando estes dois pontos como filtro para a seleção das fontes apresentadas. Consideramos que se trata de um movimento de apresentação sobre as fontes e os objetos de estudo, ou seja, os periódicos e as crianças e mulheres representadas por eles.

Após a apresentação das fontes no capítulo dois, partimos para a análise das imagens, formulando o capítulo três como uma maneira de expor de maneira sistemática a disposição das fontes ao longo do texto e seus conteúdos prévios. Neste ponto podemos inferir que as crianças brasileiras foram apresentadas ao longo da década de 1860 realizando diversas atividades que carecem de uma experiência de vida, por exemplo, negociando, paquerando, fugindo da guerra, cumprindo hora no quartel, tendo prejuízos financeiros, e outros. Enquanto que a criança paraguaia é vista nas páginas brasileiras como prisioneiros, despreparados para o conflito, porém, símbolo de orgulho paraguaio, mas com intenção de criticar tal situação. Ao longo do capítulo três estão várias

constatações de crianças ligadas às questões educacionais, principalmente no Paraguai, por meio da escola e da Igreja.

Nos periódicos paraguaios encontramos as crianças sob a educação de um representante da Igreja, o que reforça nossa consideração de que o ensino e aprendizagem da criança paraguaia estava associada aos dogmas da Igreja, demonstrando a influência da Igreja nas questões educacionais da infância. Em outro caso algumas crianças foram representadas recebendo uma arma de uma mulher, mesmo sendo duas imagens sobre crianças publicadas no Paraguai, consideramos de grande importância para nosso trabalho, pois se trata de um discurso que convida a sociedade feminina paraguaia, a considerar as crianças como defensoras da casa, ou aptas a tal responsabilidade.

As análises realizadas sobre as imagens contidas nos periódicos selecionados como fonte para esta pesquisa, nos levam a crer na inserção da figura infantil brasileira como tentativa de transpor algumas fronteiras de pensamento, em especial aquelas referentes às práticas de um grupo em relação a outros, que aparecem envolvidas com práticas mercantis e relações sociais diversas. Algumas revelando fator de influência no círculo social militar acabam sendo representadas algumas vezes por Henrique Fleiuss e Angelo Agostini, ainda que com certa incapacidade intelectual para participar de tais atividades. No caso da infância paraguaia, devido a limitação quantitativa dos textos imagéticos, nos leva a crer na presença do controle e culto ao sagrado presente na vida das crianças, além de uma educação que se perpetua de forma oral.

Parte de nossa análise somada ao trabalho de Speratti (1996) que versa sobre a educação paraguaia, nos faz pensar que a infância paraguaia assim como a brasileira não passou sem a notoriedade da imprensa, que reproduziu por vezes suas condições perante as sociedades do século XIX. A diferença que se constata a partir da seleção das fontes usadas é a de que a criança paraguaia estaria submissa a tradição oral dos mais velhos e a Igreja; já no caso brasileiro a criança por vezes é representada buscando realizar atitudes adultas, demonstrando uma impressão de emancipação, mesmo que a realidade seja a submissão aos mais velhos ou ao Estado.

O envolvimento de mulheres no contexto da guerra pode ser percebido com mais ênfase no capítulo quatro, onde consideramos importante comentar as situações e as tarefas por elas desempenhadas, e também no período do pós-guerra. Nos periódicos brasileiros analisados, a mulher brasileira é vista tendo que ficar sozinha com os filhos, devido à fuga do marido para não ser recrutado, ou pelo seu alistamento, resultando em uma sobrecarga nos deveres da casa. Aparece também tentando esconder segredos das

crianças, demonstrando mais uma vez a percepção sobre elas e suas astúcias. Em outros casos as mulheres são voluntárias para a guerra, conforme mostrado nas páginas brasileiras. A mulher paraguaia, mesmo que com certa ironia, é vista como conivente com a guerra, representada como uma figura forte, que combate a atitude de López em convocar crianças, mas em alguns casos elas também enviam crianças para combater.

Por outro lado, os periódicos paraguaios que versam sobre a mulher paraguaia, servem de exemplo para a sociedade, mostrando que elas estão prontas para a guerra, como por exemplo, por meio da apresentação para o serviço militar. Por serem submissas a uma tradição, a defesa da família se fazia pela figura masculina, mesmo que por uma criança, mas em outros casos já são percebidas nos exércitos em plena marcha, demonstrando sua efetiva participação. Já no final da contenda, as informações sobre as mulheres paraguaias nos periódicos brasileiros, mostram-na de forma esfarrapada, derrotada, assim como outros membros da sociedade paraguaia presentes nas imagens, tais como homens idosos e crianças.

Consideramos que os periódicos brasileiros tinham a função de informar, deixando suas opiniões bem expressas por meio das imagens jocosas, que são o grande trunfo daquela época, no sentido de seu alcance frente a texto escrito. Os periódicos paraguaios por sua vez, foram compreendidos por nós como objetos criados a partir de claros interesses do Estado, representado por López. Neste caso, sua finalidade se dava em função de disseminar ideias, conteúdos oficiais e modelos que consideramos importantes no âmbito da educação, principalmente, considerando ser o periódico plenamente capaz de tal tarefa.

É também importante mencionar que levamos em consideração as intenções dos desenhistas em promover tais discursos visuais. Os paraguaios, claramente sob o olhar de Solano López, jamais fariam uma imagem jocosa de qualquer um dos López. Mas no Brasil a situação se mostrava um pouco diferente, como mostra Henrique Fleiuss do *Semana Illustrada* que veio para trabalhar na imprensa, para o Império, o que pode de alguma forma explicar a grande periodicidade nas edições, e até mesmo demonstrar sua relação com o Império. Já Angelo Agostini que não possuía tal condição teria uma maior liberdade para seus trabalhos, sendo que por vezes é possível compreender as críticas feitas por ele, principalmente as relacionadas a infância brasileira e paraguaia.



## REFERÊNCIAS

### Fontes:

**CABRIÃO:** Semanário humorístico editado por Ângelo Agostini, Américo de Campos e Antônio Manoel dos Reis: 1866- 1867/ Introdução de Délio Freire dos Santos. Edição Fac-Similar. 2. ed. rev. e ampl. – São Paulo: Editora UNESP: Imprensa Oficial do Estado, 2000. Ed. 01, 32, 34, 40.

**SEMANA ILLUSTRADA.** Rio de Janeiro: Tipografia de Pinheiro e Comp. [Tipografia de Brito & Braga; Diário do Rio de Janeiro], 1860-1876. Semanal. Pesquisados os n. 212-485 (jan. 1865/mar. 1870). Microfilmes. Biblioteca Nacional, Divisão de Periódicos Raros. Ed. 16, 183, 247, 329.

**A VIDA FLUMINENSE.** Rio de Janeiro, RJ: Typ. e Lith. de Ed. Rensburg, 1868-1875. il. (alg. color.), retr.; 33x25 cm. Ed. 69, 72, 87, 109, 125. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/vida-fluminense/709662>>. Acesso em: 5.nov 2018.

**PARAGUAY ILLUSTRADO.** Rio de Janeiro, RJ. Imp na Lith de J. Riscado. Largo de S. Francisco de Paula. Nº 1. Ed. 05, 08.

**EL CENTINELA** In: El Centinela, Periódico de la Guerra de la Triple Alianza. Cópias fac-similares sob a direção editorial de Vidalia Sánchez, 2016. Ed. 21

**CABICHUÍ,** Coleção digitalizada pela Biblioteca Nacional de Asunción. Ed. 37, 45, 63, 66, 95.

### Referências Bibliográficas:

AGUIRRE, Andres. **Acosta Ñu, epopeya de los siglos.** Asunción: Patria, 1979.

ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de. **História da fotorreportagem no Brasil: a fotografia na imprensa do Rio de Janeiro de 1839 a 1900.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

ARIÈS, Philipe. **História social da criança e da família.** Trad. Dora Flaksman; 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

BARTHES, Roland. **Elementos de semiologia.** 21.ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2007.

BEVERINA, Juan. **La Guerra del Paraguay (1865-1870): resumen historico.** Buenos Aires: Círculo Militar, 1973.

BLOCH, March. **Apologia da história,** ou, O ofício do historiador. Trad. André Telles.- Rio de Janeiro: Zahar, 2001

BOSIO, Beatriz, G.: **Periodismo escrito paraguayo 1845-2001:** De la afición a la profesión. Centro de Publicaciones Universidad Católica “Ntra. Sra. de la Asunción”- Editora: Intercontinental, Asunción, 2ª Edición, 2008.

BOURDIEU, Pierre. A identidade e a representação. Elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de região In: BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. p. 107-131

\_\_\_\_\_. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. Trad. Denice Barbara Catani. São Paulo: Editora UNESP, 2004

BOTO, Carlota. O desencantamento da criança: entre a Renascença e o Século das Luzes. In: FREITAS, Marcos Cezar; KUHLMANN JR, Moysés. **Os intelectuais na história da infância**. São Paulo: Cortez, 2002. P. 11-60.

BREZZO, Liliana, M. En el mundo de Ariadna y Penélope: Hilos, tejidos y urdimbre del nacimiento de la Historia en el Paraguai. In: YEGROS, Ricardo, S. & YEGROS, Sebastián S.(Org.), **Polémica sobre la historia del Paraguay**. 2. ed. Asunción: Tiempo de Historia, 2011

\_\_\_\_\_. La historiografía paraguaya: del aislamiento a la superación de la mediterraneidad. In: **Diálogos**, DHI/UEM, v. 7. p. 157-175. 2003.

BURKE, Peter. **História e teoria social**. Trad. Klauss Brandini Gerharat, Roneide Verâncio Majer. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

\_\_\_\_\_. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

\_\_\_\_\_. **Testemunha ocular**: história e imagem. Trad. Vera Maria Xavier dos Santos. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

CARDOZO, E. In: SPERATTI, J. **Historia de la educacion en el Paraguay 1812-1932**, 1996, p 53.

CASTRO, Adler, H.F. Os aprendizes menores do arsenal de Guerra. In: SQUINELO, Ana Paula. **150 anos após - A guerra do Paraguai**: entreolhares do Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai. Campo Grande: Editora da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, 2016.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Trad. Maria de Lourdes Menezes. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2017

CHIAVENATTO, Julio José: **Genocídio Americano**: A Guerra do Paraguai. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1979.

CORRÊA, V. B.; CORRÊA L. S (org.). **Memórias da Grande Guerra**. Campo Grande, Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2018.

DEL PRIORE, Mary (org). **História das Crianças no Brasil**. 5.ed. São Paulo: Contexto, 2006.

DORATIOTO, Francisco. **Maldita Guerra**: nova história da guerra do Paraguai. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

DOURADO, Maria T, Garritano. **A história esquecida da Guerra do Paraguai**: Fome, doenças e penalidades. Campo Grande, MS: Editora da UFMS, 2014.

EXPILLY, Charles, 1997, p. 401-5 APUD. In: FREITAS, Marcos Cezar de (org.). **História Social da Infância no Brasil**. 6.ed. São Paulo: Cortez, 2006, p. 42.

FARINA, Bernardo, N. **El periodismo de guerra**. El Lector. Asunción. 2013.

FERNANDES, Luiz E.; MORAIS, Marcus V.: A “casa dividida” e a Guerra de Secessão. In: KARNAL, Leandro [et al] **História dos Estados Unidos**, das origens ao século XXI. São Paulo: Contexto, 2007.

FREITAS, Marcos Cezar de (org.). **História Social da Infância no Brasil**. 6.ed. São Paulo: Cortez, 2006.

\_\_\_\_\_. **História Social da Infância no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1997.

GARCIA, Gabriel, I. **As representações da guerra do paraguai por meio do periódico “paraguay ilustrado” (1865)**. Disponível em: [http://www.uel.br/eventos/sepech/arqtxt/ARTIGOSANAIS\\_SEPECH/gabrielgarcia.pdf](http://www.uel.br/eventos/sepech/arqtxt/ARTIGOSANAIS_SEPECH/gabrielgarcia.pdf), acessado em 16.out 2020

GUTIÉRREZ, Andrés, C. **Acosta Ñu**. Le Lector. Asunción, 2013.

HANSEN, João Adolfo. Educando príncipes no espelho. In: FREITAS, Marcos Cezar; KUHLMANN JR, Moysés. **Os intelectuais na história da infância**. São Paulo: Cortez, 2002. Cap. 2, p. 61-97.

HEYWOOD, Colin. **Uma história da infância**: da Idade Média à época contemporânea no Ocidente. Trad. Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2004.

JOHANSSON, Maria, L. **Soldados de papel**. La propaganda en la prensa paraguaya durante la guerra de la Triple Alianza (1864-1870). Cádiz: fundación Municipal de Cultura de Cádiz, 2014. CEADUC V. 109, Asunción Paraguay.

KUHLMANN JR, Moysés. A circulação de ideias sobre a educação das crianças; Brasil, início do século XX. In: FREITAS, Marcos Cezar; KUHLMANN JR, Moysés. **Os intelectuais na história da infância**. São Paulo: Cortez, 2002. (p. 459-503).

LAUNAY, Michel. Introdução. In: ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou Da Educação**. Trad. Roberto Leal Ferreira. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

LAVARDA, Marcus Túlio Borowiski. **A iconografia da guerra do Paraguai e o periódico Semana Ilustrada - 1865- 1870**: um discurso visual. Dourados, MS. UFGD, Dissertação de Mestrado, 2009.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. A infância no século XIX segundo memórias e livros de viagem In: FREITAS, Marcos Cezar de (org.). **História Social da Infância no Brasil**. 6.ed. São Paulo: Cortez, 2006.

LUCA, Tania Regina. Fontes impressas. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla B. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

MARCILIO, Maria Luiza. A roda dos expostos e a criança abandonada na história do Brasil, 1726-1950. In: FREITAS, Marcos Cezar de (org.). **História Social da Infância no Brasil**. 6.ed. São Paulo: Cortez, 2006.

MARTINS, Ana, L. & LUCA, Tania, R.(org): **História da imprensa no Brasil**. 2. Ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2002.

MELLO, Saulo Álvaro. **O arsenal da marinha em Mato Grosso**: projeto político e defesa nacional e de disciplinarização do trabalho: do planalto à planície pantaneira (1719 1873). Dourados, MS: UFGD, 2009.

PANOFSKY, Erwin. **Significado nas artes visuais**. Trad. Maria Clara F. Kneese e J. Guinsburg. 3.ed. São Paulo-SP: Perspectiva S.A, 1991.

PINTO, Adriana Aparecida. **Imprensa e Ensino**: catálogo de fontes para o estudo da história da educação mato-grossense. Dourados: Editora da UFGD, 2017.

\_\_\_\_\_. **Nas páginas da imprensa**: a instrução/educação nos jornais em Mato Grosso: 1880-1910. 249 p. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras. Campus de Araraquara, 2013.

\_\_\_\_\_. **Relatório de Estágio de Pós-Doutorado em História**. UNESP, Assis. 2018. (Mimeo).

POMER, Léon. **A Guerra do Paraguai**, a grande tragédia Rio-platense. São Paulo: Global, 1985.

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

RAMOS, Everardo. Origens da imprensa ilustrada brasileira (1820-1850): imagens esquecidas, imagens desprezadas. In: **Escritos II Revista Escritos**, Ano 2, nº 2, 2008, p. 285- 309. Disponível em: <[http://www.casaruibarbosa.gov.br/escritos/numero03/FCRB\\_Escritos\\_3\\_14\\_verardo\\_Ramos.pdf](http://www.casaruibarbosa.gov.br/escritos/numero03/FCRB_Escritos_3_14_verardo_Ramos.pdf)> Acesso em 19.abr 2020.

RODRIGUES, Marcelo S. Participação de jovens e crianças na Guerra do Paraguai (1864-1870). In: RISCAROLI, Eliseu (org.). **Epistemologia da infância**. Curitiba: Appris, 2017.

SEIFERHELD, V, David. In.. **Mas allá de La Guerra**: Aportes para el debate contemporâneo. Asunción, 2016. p. 95.

SILVEIRA, Mauro C. As marcas do preconceito no jornalismo brasileiro e a história do *Paraguay Ilustrado*. **Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação** São Paulo, v.30, n.2, p. 41-66, jul./dez. 2007.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

SPERATTI, Juan. **História de la educacion en el Paraguay 1812 – 1932**. Biblioteca de estudios paraguayos, V. 52 – Asunción, 1996

SQUINELO, Ana Paula. **150 anos após A guerra do Paraguai**: entreolhares do Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai. Campo Grande: Editora da UFMS, 2016.

TAUNAY, Alfredo d'Escragno: **A retirada da Laguna**. Trad. Salvador de Mendonça. Oficial do exército brasileiro. Rio de Janeiro: Typo, Americana, 1874.

TORAL, André Amaral de. **Imagens em Desordem: A Iconografia da Guerra do Paraguai**. São Paulo: Humanitas FFLCH / USP, 2001.

VALINOTTI, A. B. **Las mujeres**. Asunción:El Lector. 2013.

VENANCIO, Renato Pinto. **Os aprendizes da guerra**. In: DEL PRIORI, Mary. **História das crianças no Brasil**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2007. p. 192-209.

VEZZANI, Iriana Nunes. **Jornal Quinze de Novembro**: forças educativas entre espaços de experiências e horizontes de expectativas (Curitiba, 1889-1890). Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação, linha de história e historiografia da educação, setor de Educação, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2018.

ZAPIOLA, Maria Carolina. Estado e infancia en Argentina: reflexiones sobre um recorrido historiográfico. In: LIONETTI, Lucía. **La história de las infâncias en América Latina**. Tandil: Universidad Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires, 2018. p. 91 – 110.